UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Ana Carolina Soliva Soria

Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia (*Phantasie*) em Sigmund Freud

São Paulo
2010

ANA CAROLINA SOLIVA SORIA

Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia (*Phantasie*) em Sigmund Freud

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção de título de Doutor em Filosofia

Área de Concentração: História da Filosofia

Orientador: Profa. Dra. Maria Lúcia Cacciola

São Paulo
2010

Nome: SORIA, Ana Carolina Soliva

Título: Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia (*Phantasie*) em Sigmund Freud

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção de título de Doutor em Filosofia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao Luís

AGRADECIMENTOS

Às agências de fomento CAPES e CNPq, que financiaram a pesquisa.

Aos meus pais Antonio Soria e Ariane Soliva, e aos meus irmãos Arthur, Ana Luisa e André.

Aos meus avôs Augustin Soliva e Helena Vaz de Lima Soliva (*in memoriam*), Nicola Soria e Rosa Pisano Soria (*in memoriam*).

Aos meus tios Domingos e Erika Fasanella. À D. Lili, Edna Nascimento, Fátima Paris e Geraldo Carlos do Nascimento.

Às amigas Janaína Namba, Ivanilde Fracalossi e Marília Cota.

Aos professores Marcio Suzuki, Pedro Paulo Garrido Pimenta e Thelma Lessa da Fonseca.

À Marie, Maria Helena, Verônica, Geni, Luciana, Roseli, Ruben e aos demais funcionários do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Aos colegas Flamarion Caldeira Ramos, José de Medeiros Machado Junior, Valter José Maria Filho e aos demais membros do grupo de Filosofia Clássica Alemã do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Ao professor Luiz Eduardo Prado de Oliveira.

E especialmente à professora Maria Lúcia Cacciola, orientadora deste trabalho.

RESUMO

SORIA, A. C. S. **Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia (*Phantasie*) em Sigmund Freud.** 2010. 199 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

O presente estudo tem como propósito analisar, na obra freudiana, como a fantasia encontra-se na encruzilhada entre o que o ser humano possui de mais essencial e universal, e o que deste nos aparece de modo particularizado. Para demonstrar esta tese, buscamos expor, primeiramente, a concepção de fantasia e a sua relação com os termos interpretação (*Deutung*), sentido (*Sinn*) e jogo (*Spiel*). Em seguida, mostramos que a fantasia não é apenas um universo à parte, cuja existência está subtraída do exame de realidade, mas a condição de possibilidade da verdade e da efetividade do mundo. Na sequência do texto, traçamos uma analogia entre as criações fantásticas das crianças, dos enfermos e dos poetas, para em seguida mostrar como estas evidenciam a relação simbólica estabelecida entre o que há de comum e de particular nos homens. Em nosso último capítulo, analisamos a importância da fantasia na construção do saber científico e como este se revela como arte.

Palavras-chave: Freud. Fantasia. Interpretação. Sentido. Jogo.

ABSTRACT

SORIA, A. C. S. **Interpretation, sense and play: the conception of fantasy (*Phantasie*) in Sigmund Freud.** 2010. 199 f. Thesis (PhD) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

The present study has the purpose of analyzing, in Freud´s work, how fantasy is placed in an intersection between what the human being possess of most essential and universal, and in which it is shown in a particular way. To show this thesis we researched firstly to expose the conception of fantasy and its relation with concepts such as interpretation (*Deutung*), sense (*Sinn*) and play (*Spiel*). Then we show that fantasy is not only a separate universe, which existence relays on the exam of reality, but the condition of the possibility of truth and the effectiveness in the world. In the sequence, we traced an analogy between the fantastic creation of children, sick people and poets, and then demonstrate how those highlight the symbolic relation established between what there is in common and peculiar in people. In our last chapter, we analyzed the importance of fantasy in the building of scientific knowledge and how it is revealed as an art (*Kunst*).

Keywords: Freud. Fantasy. Interpretation. Sense. Play.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
CAPÍTULO 1 19
A origem do conceito de fantasia: da hipnose à fala livre 23
A fantasia e os seus jogos de sentido 30
O fantasiar e suas relações com o interpretar 37
1. Interpretar como construir fantasias 39
2. A fantasia e a sua interpretação na clínica analítica 46
3. A estrutura psíquica do sujeito como uma interpretação 53
CAPÍTULO 2 62
Uma memória feita de cacos 63
Recordação de infância: mentira ou verdade? 67
1. Realidade e representabilidade 73
2. As diversas possibilidades de associação de traços mnêmicos: do alucinar à ação 76
3. Os juízos imparciais e exame de realidade 85
4. O exame de realidade na normalidade e na patologia 91
CAPÍTULO 3 103
O jogo, a criação literária e a recriação da vida 104
O jogo, a patologia e a encenação do sem sentido 112
A relação simbólica e o jogo 116
1. O jogo entre forma e ação na comparação simbólica 118
2. A vivência coletiva e a vivência individual na formação do símbolo 121
Fixação e fluxo na constituição psíquica 126
1. Fixação do fluxo e fluxo pela fixação 127
2. Passar pela fixação e fixar-se ao passado 130
3. A memória individual e os esquemas filogenéticos 135
4. As raízes arcaicas da palavra 139
O poeta, o jogo e a ideia de um homem universal 141
CAPÍTULO 4 145
O médico-paciente 148
1. O sonho e a chave para o conhecimento de si 151
2. Autoanálise e análise das enfermidades 156

A construção de um delírio, de um romance, de um caso clínico 160
Édipo: a ideia de um homem universal e o modelo para a reconstrução da vida 169
A universalidade e a reconstrução do particular: Freud e a escritura de caso clínico 178
CONSIDERAÇÕES FINAIS 189
REFERÊNCIAS 191

INTRODUÇÃO

A questão que move esse trabalho pode ser encontrada em meio à origem mesma da psicanálise, tal como foi elaborada por Sigmund Freud, a saber: as fantasias dos enfermos diriam respeito a acontecimentos reais vividos pelos enfermos ou seriam meras ficções? A importância que uma tal questão tem para a formulação do pensamento psicanalítico, bem como o estatuto que se confere à noção de fantasia (*Phantasie*) a partir dela, é o tema desse estudo. Tendo isso em vista, dividimos nosso trabalho em quatro capítulos.

No primeiro deles, é nossa intenção examinar o conceito geral de fantasia (*Phantasie*). Para isso, seguiremos o seguinte caminho: tomaremos inicialmente a análise de uma recordação de infância descrita em *Sobre as recordações encobridoras* (1899), para, a partir daí, mostrar a origem da concepção de fantasia e a relação desta com os conceitos de sentido (*Sinn*), de jogo (*Spiel*) e de interpretação (*Deutung*). Entendemos o primeiro (*Sinn*) como ir em direção à, como fazer sentido, como aparição aos sentidos; o segundo, como a possibilidade de por em movimento elementos psíquicos pontuais distintos e contrários; o terceiro como o processo de construção de uma imagem, como a análise dessa imagem pela psicanálise e como o trabalho de construção da doutrina psicanalítica acerca dos processos inconscientes. Como podemos constatar a partir de trechos da obra freudiana, o inconsciente designa o que não tem acesso à consciência. Isto é, o que não pode ser representado diretamente na consciência e permanece inapreensível para ela. No entanto, mesmo se não pode se tornar visível, ainda assim exerce uma influência sobre a consciência, pois é fortemente investido de energia pulsional atraindo para si a sua atenção. Desperta o interesse da consciência e ganha expressão mediante a associação com uma série de outras representações ou, como nos diz o próprio Freud, por "apresentações indiretas" (*indirekten Darstellungen*), já que não pode aparecer tal como é. O termo *fantasia* designa uma atividade criativa que permite reproduzir na consciência o que está no inconsciente. Para isso, ela tem de proceder de maneira indireta, metafórica, valendo-se de representações que têm fácil acesso à consciência. A reprodução promovida pela fantasia não deve ser entendida como uma simples cópia de um certo original, mas como uma reinvenção a partir de um modelo que não pode ser posto em cena. Ao que nos parece, este conceito de fantasia como uma adulteração criativa nos permite entender tanto as construções diárias de sonhos ou devaneios patológicos, ou se quisermos, o exercício natural desta atividade, em que os mais diversos desejos inconscientes ganham figuração numa mesma cena, quanto o seu exercício artificial

durante a prática analítica, onde se busca refazer pelo avesso o caminho da construção da cena fantasiada e, com isso, dar expressão pela fala àquilo que não pode ser exposto diretamente na consciência. Para expor as relações entre o latente e o manifesto, Freud toma os mais diferentes relatos de seus pacientes como a matéria-prima que lhe permitirá erigir um modelo de aparelho psíquico. Segundo este procedimento, construir (*bauen*[1], *konstruieren*[2]), teorizar, especular e fantasiar unem-se em um só ato.

O propósito do segundo capítulo é o de examinar o conceito de fantasia à luz do problema da realidade (*Realität*). Para isso, tomamos como ponto de partida o texto *Uma recordação de infância em "Dichtung und Wahrheit"* (1917a), em que Freud, tomando por base um texto autobiográfico de Goethe, questiona-se acerca da veracidade e da realidade das lembranças infantis do adulto. Os resultados deste exame são estendidos para as patologias psíquicas, o que nos permite pôr, lado a lado, a genialidade do poeta e a loucura dos pacientes de Freud. Mas o que nos autoriza passar do gênio ao louco? Para responder a esta questão analisaremos a concepção freudiana de memória: sua formação, seu lugar no psiquismo e sua função na determinação da veracidade das representações. A realidade de uma representação só poderá ser estabelecida, como veremos, no interior dos sistemas de memória. Estes, por sua vez, estão submetidos a dois tipos de ordenação: um mais antigo, que segue os processos primários do psiquismo, segundo o princípio de prazer; outro atual, regido pelo processo secundário e pelo princípio de realidade. Enquanto este determina nossos juízos acerca da realidade material do mundo, o primeiro nos oferece um outro tipo, a saber: a realidade psíquica, presente nas produções patológicas, nos sonhos e nas recordações de infância de todos os indivíduos. A realidade, como veremos, será um construto que dependerá do jogo de forças que regem o psiquismo, seja ele submetido às regras do princípio do prazer, seja às do princípio de realidade, as quais apresentam diferentes modos de interpretação e maneiras de se sentir o mundo.

No que diz respeito ao terceiro capítulo, trata-se inicialmente de traçar uma analogia entre a fantasia, o jogo infantil, a neurose e a criação literária. Enquanto esta última prescinde da comunicação a um público, a criança e o enfermo não comunicam nada com as suas criações. Estas pertencem ao ambiente privado das produções anímicas e estão destituídas de palavra e de julgamento de realidade. Se a psicanálise pretende alcançar o estatuto de ciência, deve procurar seu objeto não apenas nas expressões particulares da vida humana, mas também no que os seres humanos podem compartilhar, isto é, deve buscar os traços universais entre os

[1] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 515.
[2] FREUD, S. **Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose** (1924b), p. 366.

homens. O poeta é, assim, o único modelo capaz de oferecer modelos gerais como base peara o pensamento psicanalítico. É na figura de Édipo que Freud encontra o fundamento universal da vida imaginária do sujeito, bem como o de qualquer sociedade, isto é, tem um valor universal. Freud põe em cena esse núcleo fundador da espécie humana segundo um exemplo dado pela própria cultura. É o caso da peça de Sófocles, "Édipo Rei". Nas palavras do autor de *A interpretação dos sonhos*:

> Em apoio a esse conhecimento, a antiguidade transmite-nos uma lenda cuja virtude decisiva e válida universalmente só é inteligível por uma semelhante validade universal da pressuposição da psicologia infantil. Refiro-me à lenda do rei *Édipo* e no drama homônimo de *Sófocles*[3].

Este problema se esclarece de maneira indubitável quando examinamos o texto "Totem e tabu". Freud expõe nesta obra um "mito científico" capaz de traduzir, mediante a suposição de uma série de eventos reais incorporados ao núcleo do inconsciente, as exigências impostas pelo complexo de Édipo. Contudo, esses eventos, uma vez que se referem ao passado mais remoto da humanidade, devem ser reconstruídos assim como os eventos do início da infância do homem adulto: os mitos, sagas e expressões populares nos oferecem a ocasião para a observação indireta, tal como o faziam as recordações encobridoras. Aquelas, como estas, são construções fantasísticas que nos permitem recriar tanto a história do indivíduo quanto a história da espécie mediante uma forma simbólica de expressão.

Como todo fundamento, a história de Édipo não pode ser reduzida a um acontecimento efetivo, mas deve fazer referência a algo além da história e das variações da vivência cotidiana. Freud, ao falar da origem, seja ontogenética, seja filogenética, não se refere a um passado remoto, o que ele tem em vista é algo perpétuo, que se repete a cada instante, isto é, que é ao mesmo tempo passado, presente e futuro. Como fundamento, o Édipo tem de estar pressuposto antes da história e acompanhá-la em cada momento do processo no qual ela se desenvolve. Freud cunha a ideia de um homem original e prototípico, um *proto-homem* (*Urmensch*[4]), arraigado ao mais profundo de nosso inconsciente, capaz de dar forma a toda individualidade existente ou passível de existir. Por meio dos símbolos que constituem a protofantasia, cada indivíduo se torna o representante do universal. Segundo Freud, o destino

---

[3] "Das Altertum hat uns zur Unterstützung dieser Erkenntnis einen Sagenstoff überliefert, dessen durchgreifende und allgemeingültige Wirksamkeit nur durch eine ähnliche Allgemeingültigkeit der besprochenen Voraussetzung aus der Kinderpsychologie verständlich wird. Ich meine die Sage vom König *Ödipus* und das gleichnamige Drama des *Sophokles*. FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 267.

[4] FREUD, S. **Das Unbehagen in der Kultur** (1930 [1929]), p. 474. (Ver também: FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 169.)

de Édipo (seu homem universal) nos comove porque é também o nosso, porque quando se refere às origens o indivíduo não pode ser dissociado do que há de comum entre os homens.

Em nosso quarto capítulo, pretendemos mostrar que a construção da fantasia, seja ela no sonho, na patologia ou na criação poética, caminha na mesma direção do processo de elaboração dos textos de Freud. Trata-se de investigar a relação entre o conteúdo que Freud expõe em suas obras e a própria maneira com que ele as redige, ou seja, perguntar-se pela relação entre forma e conteúdo na sua obra, ou ainda, em que medida o próprio modo escolhido por Freud para expor seus textos revela algo próprio da sua maneira de pensar os temas ali apresentados. Responder a tal problema será bastante importante para entender a noção de ciência em Freud. Como se sabe, suas exposições clínicas e teóricas eram consideradas por muitos médicos da época como obras que põem em cena personagens reais travestidas pelo autor, isto é, como *roman à clef* (*Schlüsselroman*), muito mais para a diversão do leitor do que para o esclarecimento científico. Seu modo de conduzir a análise, bem como a sua maneira de escrever estavam bastante distantes daquilo que certos pesquisadores de renome entendiam por ciência. Mas, será que o seu modo de pesquisar e escrever indica um descompromisso com a ciência? Por que Freud não usa a mesma forma de prosa científica dos pesquisadores de sua época e opta por algo que parece muito mais literatura? Responder a essa questão passa pela compreensão de seu estilo de escrita e de que, se a psicanálise tem um objeto universalizável de investigação, a ciência que ela pretende fundar não pode ser separada da arte (*Kunst*).

Para levar a cabo nosso trabalho, não pudemos deixar de lado uma dificuldade encontrada no interior da própria obra freudiana. Como sabemos, costuma-se dividi-la em três grandes blocos: o pré-psicanalítico, anterior a 1900; o referente à primeira teoria pulsional, anterior à publicação de *Além do princípio do prazer* (1920), que diferencia os impulsos autoconservativos dos sexuais; e referente à segunda teoria pulsional, em que a luta entre Eros e Tânatos move tanto o psiquismo quanto o destino dos viventes. Além disso, temos de considerar que Freud trabalhou ao longo de sua obra com duas tópicas psíquicas: a do inconsciente, pré-consciente e consciente, anterior a *O Eu e o Isso* (1923); e a do Eu, Isso e Sobre-eu. Privilegiar um dos lados em detrimento do outro, ou ainda, expor as modificações conceituais em uma ordem cronológica e progressiva seria, em nosso entender, dissolver as peculiaridades da obra do autor. Encontrar um ponto que exponha a particularidade dos textos sem perder de vista a totalidade da obra não é tarefa fácil. Contudo, se não tivermos esse problema em vista, certamente perderemos a riqueza de seus textos.

Nosso estudo nos mostrou que em nenhum de seus escritos Freud tencionava dar uma versão definitiva acerca dos assuntos neles tratados. Se tomarmos, por exemplo, o capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, cuja primeira edição data de 1900 e que foi revisto até 1929, vemos que a organização dos sistemas psíquicos (perceptivo-consciente, mnêmico pré-consciente e inconsciente, motor etc.) não é modificada nas últimas edições para privilegiar as instâncias propostas a partir de 1923. O mesmo acontece com os *Três ensaios sobre teoria sexual*, escrito em 1905; nele, vemos que acréscimos foram realizados até 1924, sem, contudo, invalidar as antigas ideias em favor das mais recentes. Apesar de Freud apresentar na primeira edição desse texto apenas as sexualidades oral e anal, e acrescentar a fálica na edição de 1915, continua a afirmar a dualidade entre as pulsões de autoconservação e sexual mesmo após as revisões publicadas depois de *Além do princípio do prazer*. Essa dualidade coincide com a divisão tópica do aparelho psíquico: o conflito pulsional entre autoconservação e sexual está em acordo com o conflito entre as instâncias recalcante e recalcada, ou melhor, entre o Eu consciente e o inconsciente. Após 1920, a contraposição entre as pulsões de vida e de morte não permite mais identificá-las ao conflito entre as diferentes instâncias psíquicas, pois, se os motivos do recalcamento não são evidentes para os enfermos, uma parte do próprio Eu não pode ser consciente. O Isso, fonte das pulsões no psiquismo, não coincide mais com a instância reprimida, inacessível para a consciência, mas também com a instância repressora, igualmente inacessível.

Tendo isso em vista, uma das dificuldades para a análise das obras de Freud foi a de desconsiderar qualquer hierarquia no interior da obra freudiana, a qual poderia nos impelir a tentar encontrar pontos em que Freud corrigiria erros anteriores com escritos posteriores. Sendo assim, não julgamos que a segunda tópica corrige ou aprimora a primeira, o mesmo valendo para a teoria pulsional. Tomemos o exemplo de *A interpretação dos sonhos*: Freud a publicou em 1900, data a partir da qual foi revista e ampliada 8 vezes, sem que ali as concepções fundamentais fossem *corrigidas* frente *às novas descobertas*. O que defenderemos em nosso trabalho é que Freud repensa, a cada momento de sua escritura, a relação de proporção entre os elementos psíquicos, de modo que, no texto em que acentua certas características, por exemplo, de uma instância psíquica ou de uma pulsão em particular, imediatamente diminui a ênfase em fatores secundários para o esclarecimento do assunto tratado. O psicanalista dá, assim, a cada novo texto, um jogo particular de forças que, ao mesmo tempo, preserva intacto o espírito geral de sua obra. Essa maneira peculiar de pensar a dinâmica e proporção entre os elementos do texto pode dar ao leitor de sua obra a impressão

de possíveis incongruências e até mesmo contradições. A fim de dissolver esse problema, tomamos cada texto como um todo coerente para, em seguida, refletir acerca da passagem de um texto a outro.

Nosso estudo pretende se afastar de qualquer tentativa de completar o pensamento de Freud, seja pela adição de novas informações clínicas, seja pela tentativa de rever os textos deste autor através de propostas defendidas por outros autores. Acreditamos que se há uma verdade no pensamento de Freud e que essa verdade só pode ser encontrada no interior do próprio texto do autor. Deste modo, o estudo teórico da obra freudiana não nos obriga a um conhecimento prático da técnica analítica, ou melhor, a possibilidade de conhecimento teórico da psicanálise não deve estar subordinado à prática clínica, principalmente se levarmos em conta que toda exposição do conhecimento desta prática é, em primeiro lugar, um conhecimento teórico dos próprios textos. Defenderemos a coerência e a validade do saber psicanalítico no interior dos textos de Freud, e não a sua extrapolação para outras áreas. Naturalmente reconhecemos a importância do pensamento freudiano para a elaboração do pensamento de outros autores, mas nosso trabalho não colocará isso em questão.

Nosso projeto inicialmente se propunha a investigar o conceito de *Urphantasie*. Sendo assim, um dos problemas que tivemos de enfrentar antes mesmo da redação desse trabalho foi o da tradução desse termo. “Fantasias primordiais”, “fantasias originárias”, “fantasias primitivas” são alguns exemplos do que comumente encontramos em comentários ou traduções de textos de Freud. Apesar de alguns comentadores, guiados pela semelhança com o termo francês *fantasme*, optarem pela palavra *fantasma* para traduzir o alemão *Phantasie*, a maioria deles concorda com o uso de *fantasia* para a tradução portuguesa; o problema estaria na versão do prefixo *Ur-* para o português, o qual não forma apenas a palavra *Urphantasie*, mas também *Urszene, Urmensch, Urworte, Urvater, Urhorde, Urgeschichte, Ursache, Urzeit*, entre outros. A edição argentina Amorrortu opta pelo termo *primordial* para traduzir esse prefixo, guardando o termo *primitivo* para, por exemplo, *Primitive Völker*. A edição francesa publicada pela PUF e coordenada por Laplanche prefere não unificar a terminologia ao longo da obra freudiana, utilizando ora o termo *originaire* ora o termo *primitive*. A tradução inglesa opta por *primal*. E se levarmos em conta o fato de em janeiro de 2010 a obra freudiana tornou-se domínio público, possibilitando aos tradutores expressar suas diferentes interpretações, vemos que as variações terminológicas não estão condicionadas à diferença da língua. Paulo César Souza, em sua recente tradução de *O Homem dos Lobos*, pela Cia. das Letras, opta ora por traduzir o prefixo *Ur-* por primário (Cf. *cena primária* como equivalente

de *Urszene*), ora por primordial (Cf. *período primordial* como equivalente de *Urzeit*). Luiz Hanns, coordenador da nova tradução pela editora Imago, opta por utilizar o termo originário[5], enquanto a antiga tradução optava ora por primeva (*horda primeva*[6]), ora por primitivo (*homem primitivo* ou *fantasias primitivas*[7]), ora por primordial (*palavras primordiais*[8]). Além disso, a pluralidade de termos usados nas traduções de língua portuguesa não se restringem aos termos *Ur-* e *Phantasie*: a nova tradução de Hanns para os termos *Ich, Es* e *Überich* mescla a solução encontrada em língua inglesa, usada já na antiga tradução da Imago (que opta pelos termos latinos *ego, id e superego*) com os seus correspondentes em língua portuguesa, resultando daí *eu, id e supereu*. Semelhante solução é encontrada pela edição organizada pela editora L&PM Pocket, sob a supervisão de Renato Zwick, exceto pelo uso do pronome demonstrativo *isso* para traduzir o termo *Es*. A tradução organizada pela Folha de São Paulo, sob a responsabilidade de Oliveira, opta pelos termos latinos *ego* e *superego*. (Quanto ao nosso texto, acreditamos permanecer mais rente a letra de Freud utilizando os termos não latinizados *Eu, Isso e Sobre-eu* em maiúsculo, a fim de não confundir a instância psíquica *Isso* com o uso ordinário do pronome demonstrativo.) Já o termo *Trieb* é traduzido por Hanns e por Oliveira como *pulsão* (termo adotado em nosso trabalho), por Souza como *instinto* e por Zwick como *impulso*.

Tendo em vista a multiplicidade de interpretações dos termos originais, as quais muitas vezes não compartilhadas por nós, traduzimos os trechos que foram citados no corpo do texto e os cotejamos com a tradução argentina da Amorrortu editores. O cuidado com o texto original e com a reconstrução da problemática teórica ao longo dos 40 anos de exercício da psicanálise abrangem, de modo geral, nossa preocupação com o arranjo conceitual desenvolvido nesse trabalho. Nossa preocupação é a de tomar o autor austríaco como um pensador. E é nesse sentido que acreditamos legitimar o fato desse ser um trabalho de filosofia. Num primeiro momento, não se trata de estabelecer a relação imediata com outros autores que possivelmente possam ter influenciado Freud, tais como Aristóteles, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, Goethe, Schiller, entre outros. Certamente é possível encontrar sob a pena de Freud o ambiente cultural no qual os mais diversos escritores estão imersos e que possam tê-lo influenciado mesmo que tenha tomado conhecimento tardiamente de seus escritos, ou que tenha voluntariamente deixado de lado para desenvolver um trabalho

---

[5] Acerca do termo, ver também HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**, p. 99.
[6] FREUD, S. **Totem e tabu**, E.S.B., vol. 13, p. 15.
[7] FREUD, S. **Totem e tabu**, E.S.B., vol. 13, p. 63-64 e Freud, S. **Alguns tipos de caráter encontrados pelo trabalho psicanalítico**, E.S.B., vol. 14, p. 303, respectivamente.
[8] FREUD, S. **Totem e tabu**, E.S.B., vol. 13, p. 89.

autônomo e original. Contudo, nosso primeiro intento foi o de tomar Freud como um pensador e não como um leitor de outros pensadores. Filósofo? Nosso trabalho pretende entender em que sentido Freud pode ser visto como um autor dentro da história da filosofia. Para isso, manteremos como diretriz de nosso trabalho o que Lebrun nos ensina no prefácio de *Kant e o fim da metafísica*, a saber: que em filosofia é necessário *retornar constantemente* aos textos do autor em questão a fim de, pela investigação das palavras, resgatar o núcleo de sentido de sua obra[9]. Interrogar o autor pela economia interna de seus próprios textos: eis o método adotado para o desenvolvimento do trabalho em questão. E por que privilegiar esse tipo de análise para a compreensão da obra freudiana? A esse respeito, escreve Ricoeur no início de seu livro *Da interpretação*:

> Em primeiro lugar, a psicanálise pertence ao nosso tempo pela obra escrita de Freud; é assim que ela se endereça aos não-analistas e aos não analisados; sei bem que sem a prática uma leitura de Freud é truncada e corre o risco de não dar relevo senão a um fetiche; mas se essa aproximação da psicanálise pelos textos tem limites que só a prática poderia afastar, ela tem, por outro lado, a vantagem de tornar-se atento a todo um aspecto da obra de Freud que a prática pode mascarar e que corre o risco de omitir uma ciência cuidadosa apenas por dar-se conta do que se passa na relação analítica.[10]

Vale lembrar também as palavras de Rubens Rodrigues Torres Filho: o que a análise de texto faz é "pôr em evidência a operatividade do próprio texto, a eficácia dessa filosofia como filosofia realizada e formulada."[11] Desse modo, nosso trabalho, antes de ser um estudo inserido no campo da "filosofia da psicanálise", é sobretudo de "filosofia". Nossa proposta não é, assim, a de completar um pensamento deixado em aberto pelo próprio autor, bem como não acreditamos que os seus escritos possam ser melhorados por descobertas em outras áreas do saber. Por isso, as evidências do pensamento freudiano serão retiradas do interior do seu próprio texto, e acreditamos que qualquer crítica que tente encontrar falhas no pensamento de Freud tem de se colocar externa à lógica dos seus escritos e corromper o seu propósito original.

O retorno aos textos originais e a tentativa de compreender, *no interior do pensamento do próprio autor*, como os seus conceitos foram tecidos e como dissolver as aparentes contradições apontadas por alguns comentadores nos guiarão rumo ao possível sentido para o

---

[9] Cf. LEBRUN, G. **Kant e o fim da metafísica**, p. 3 et seqs.

[10] « D'abord, la psychanalyse appartient à notre temps par l'oeuvre écrite de Freud ; c'est ainsi qu'elle s'adresse aux non-analystes et aux non-analysés ; je sais bien que sans la pratique une lecture de Freud est tronquée et risque de n'étreindre qu'un fétiche ; mais si cette approche de la psychanalyse par les textes a des limites que seule la pratique pourrait lever, elle a par contre l'avantage de rendre attentif à tout un aspect de l'oeuvre de freud que la pratique peut masquer et que risque d'omettre une science soucieuse seulement de rendre compte de ce qui se passe dans la relation analytique. » RICOEUR, P. **De l'interprétation**, p. 14.

[11] TORRES FILHO, R. R. **O espírito e a letra**, p. 13.

qual aponta a obra freudiana. Parece-nos que a investigação pela palavra é aqui especialmente relevante, pois a imbricação da psicanálise com as concepções de fantasia, sentido, interpretação, protótipo, homem, símbolo, realidade, jogo, escritura, permite ao pesquisador da área de filosofia *interrogar-se sobre a natureza desse saber que é a psicanálise*. Não um saber fechado e sem lacunas, tal como aquele rebatido por Freud na conferência acerca da *visão de mundo* (*Weltanschauung*, 35ª conferência das *Novas conferências de introdução à psicanálise*), mas um saber que, construído sobre o olhar atento da fantasia e sobre a busca do sentido, está sempre disposto a pôr em questão o próprio cerne do saber que inaugura. A qualidade de filósofo que aqui lhe atribuímos é por "considerar que a filosofia não é somente uma exclusividade desse competente e titulado técnico chamado filósofo."[12]

[12] TORRES FILHO, R. R. Abertura da Biblioteca Pólen. In: LEBRUN, G. **Sobre Kant**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CAPÍTULO 1

O termo *fantasia* aparece na obra freudiana em um artigo intitulado *Sobre as recordações encobridoras*, de 1899[13]. Neste texto, Freud nos narra a lembrança infantil de um homem de 38 anos[14], de consolidada formação acadêmica e que gozava de boa saúde anímica, com quem havia travado uma conversa bastante instrutiva. A referida recordação diz respeito a um período em que o interlocutor ainda vivia em seu vilarejo natal, de onde se mudou com cerca de 3 anos.

> Permita-me que eu vos retrate [a cena]: Vejo um prado quadrangular, um pouco íngreme, verde e densamente coberto; no verde, muitas flores amarelas, evidentemente dentes-de-leão comum. No alto do prado, uma choupana em cuja porta estão duas mulheres que papeiam ardentemente entre si: a camponesa de lenço na cabeça e uma babá. No prado brincam três crianças, uma delas sou eu (entre dois e três anos de idade), as outras duas são o meu primo, que é cerca de um ano mais velho, e minha prima de quase a minha idade, sua irmã. Apanhamos as flores amarelas e cada um tem em mãos um número já colhido. O ramalhete mais bonito o tem a pequena menina; mas nós, os rapazes, como de combinado, caímos sobre ela e lhe arrancamos as flores. Ela corre prado acima chorando e recebe como consolo um grande pedaço de pão preto da camponesa. Logo que nós o vemos, atiramos fora as flores, apressamo-nos também para a casa e igualmente pedimos pão. Nós também o recebemos, a camponesa corta o pão com uma faca longa. Em minha recordação, esse pão sabe magnífico e com isso a cena se interrompe.[15]

Esse relato faz parte de um conjunto de recordações das vivências prematuras do interlocutor de Freud, constituído de cenas breves (*kurze Szene*) e descontínuas. Ao contrário das lembranças da maturidade, explica-nos o autor austríaco, cujo elemento visual (*visuelle Element*) são pouco proeminentes e que podem ser ordenadas em uma corrente contínua, as

---

[13] Não consideramos o emprego feito em 1896 do termo *freie Phantasien* (fantasias livres), em *Zur Ätiologie der Hysterie* (1896c, p. 440), visto que nesse momento a *fantasia* não é empregada no sentido que posteriormente Freud utilizará, a saber: como uma criação determinada pelo jogo de forças pulsionais, tal como veremos adiante.

[14] Segundo a introdução de Strachey ao texto, trata-se de uma recordação autobiográfica dissimulada. Cf. FREUD, S. **Obras completas**, A.E., vol. III, 294.

[15] „Erlauben Sie, daβ ich sie Ihren schildere: Ich sehe eine viereckige, etwas abschüssige Wiese, grün und dicht bewachsen; in dem Grün sehr viele gelbe Blumen, offenbar der gemeine Löwenzahn. Oberhalb der Wiese ein Bauernhaus, von dessen Tür zwei Frauen stehen, die miteinander angelegentlich plaudern, die Bäuerin im Kopftuch und eine Kinderfrau. Auf der Wiese spielen drei Kinder, eines davon bin ich (zwischen zwei und drei Jahren alt), die beiden anderen mein Vetter, der um ein Jahr älter ist, und meine fast genau gleichaltrige Cousine, seine Schwester. Wir pflücken die gelben Blumen ab und halten jedes eine Anzahl von bereits gepflückten in den Händen. Den schönsten Strauβ hat das kleine Mädchen; wir Buben aber fallen wie auf Verabredung über sie her und entreiβen ihr die Blumen. Sie läuft weinend die Wiese hinauf und bekommt zum Trost von der Bäuerin ein groβes Stück Schwarzbrot. Kaum daβ wir das gesehen haben, werfen wir die Blumen weg, eilen auch zum Haus und verlangen gleichfalls Brot. Wir bekommen es auch, die Bäuerin schneidet den Laib mit einem langen Messer. Dieses Brot schmeckt mir in der Erinnerung so köstlich und damit bricht die Szene ab“. FREUD, S. **Über Deckerinnerungen** (1899), p. 540-41.

dos 2 ou 3 anos conservam cenas sem importância, porém, muito bem nítidas em todos os detalhes da percepção dos sentidos (*Sinneswahrnehmung*). O restante do texto concentra-se na análise de dois elementos que se ressaltam do conjunto dessa recordação. São eles: o amarelo das flores e o sabor do pão, ambos muito nítidos. Freud destaca cada um desses fragmentos da cena recordada e persegue as suas origens isoladamente. Para que a análise possa ser realizada é necessário que seu interlocutor forneça alguns esclarecimentos acerca de sua vida. À medida que os esclarecimentos são feitos, a análise revela a origem da cena recordada. A lembrança narrada acima aflorou mais ou menos aos 17 anos de idade, quando pela primeira vez o homem resolveu visitar uma família amiga que não via desde a sua primeira infância e que ainda morava no vilarejo em que nascera e que há anos, juntamente com sua família, abandonara. Aqueles que lhe hospedavam haviam progredido bastante. Ao contrário destes, sua própria família levava uma vida bastante humilde. Durante sua estada no vilarejo, apaixonou-se pela menina da casa, uma garota de 15 anos. Na ocasião em que se conheceram, ela usava um vestido amarelo que o marcou profundamente. Três anos mais tarde, seu tio e seu pai começaram a traçar planos para que ele direcionasse seus estudos para algo de maior rentabilidade financeira e que se casasse com uma outra jovem, a saber: a prima que aparece ainda pequena na recordação acima narrada. Nesta época, voltava-se com bastante afinco para os estudos e travava duras lutas para garantir o "pão" de seu futuro sustento. A única forma de diversão que se permitia eram excursões aos Alpes e a observação da vida silvestre. Imaginava nessas caminhadas como seria a vida que levaria junto com a prima (representada na recordação pelas flores amarelas – tipicamente alpinas – que são arrancadas da prima; não nos esqueçamos que tirar as flores significava *deflorar*[16]) e como tudo teria sido mais fácil se seu pai tivesse progredido como o de seus amigos que ficaram no vilarejo.

Na continuação do texto, o interlocutor de Freud lhe pergunta: "Então, teria eu combinado ambas as séries de fantasias (*Phantasien*) entre si, de como minha vida poderia ter tomado uma forma mais cômoda: o 'amarelo' e o 'pão camponês', por um lado, o atirar fora as flores e as pessoas inferidas, por outro?" Freud, então, responde-lhe: "Assim é; projetou-se ambas as fantasias uma sobre a outra e produziu-se daí uma recordação infantil. O trecho com as flores dos Alpes é, por assim dizer, a marca do tempo dessa fabricação (*Fabrikation*). Posso lhe assegurar que tal coisa produz-se muito frequentemente de modo inconsciente, como que inventada (composta - *dichtet*)."[17] Apesar do sentimento (*Gefühl*) de autenticidade

[16] „Hier ist es das Deflorieren, die Blume wegnehmen". FREUD, S. **Über Deckerinnerungen** (1899), p. 549.
[17] „So hätte ich also die beiden Reihen von Phantasien, wie sich mein Leben behaglicher hätte gestalten können, miteinander verschmolzen, das ‚Gelb' und das ‚Landbrot' aus der einen, das Wegwerfen der Blumen und die

que acompanhava a rememoração da cena e a vividez apresentada aos *sentidos* (*Sinne*), para espanto do interlocutor de Freud, sua recordação não correspondia a nenhum evento efetivo de seus 3 anos, mas aos motivos de prazer atuais. Ao contrário do que ele acreditava, a lembrança não se referia a um evento inocente (*harmlose*) e sem importância de sua infância, mas aos impulsos (*Antrieb*) mais importantes de sua *história de vida* (*Lebensgeschichte*): a fome (ligada à sua pobreza e à necessidade de superá-la) e o amor (nutridos pela menina de vestido amarelo e pela prima).

A partir da análise de Freud, vemos que as palavras *fantasia* (*Phantasie*), *fabricação* (*Fabrikation*) e *invenção* ou *composição* (*Dichtung*[18]) expressam um só ato: o de produzir (*machen*) uma representação a partir de condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*) de diferentes desejos inconscientes. Neste texto, Freud nos apresenta a fantasia como um ato de criação involuntária: impulsionados por processos cuja percepção interna consciente (*bewußten inneren Wahrnehmung*) não tem notícia, os anseios da fome e do amor combinam-se de tal modo que o efeito produzido na consciência é o de uma inocente recordação de infância. Freud não se refere a uma cópia mal feita das recordações de um menino de três anos, mas à produção de algo novo a partir de elementos dispares dados pela combinação do passado com o presente, revivida pelos sentidos com um frescor quase alucinatório. Isto é, não se trata de uma simples recordação, mas de uma nova aparição aos sentidos. A fantasia não significa uma simples volta a uma cena passada, mas a criação dessa cena impelida por moções de desejo inconscientes e a sua inserção em um ponto preciso da cadeia mnêmica.

Para entender a relação entre o desejo inconsciente e a sua aparição na recordação consciente, Freud compara o ato de recordar às transformações sofridas por certas personagens míticas ao longo da trama em que estão inseridas. Escreve ele que, tal como a mudança exagerada dos homens que, com a ajuda dos deuses, "revestem-se de beleza como com um invólucro, onde apenas conhecemos a transfiguração pela mudança do *jogo mímico* (*Mienenspiel*)"[19], isto é, sua beleza só pode ser reconhecida pela ampliação das expressões

---

Personen aus der anderen entnommen?" e em resposta: „So ist es; die beiden Phantasien aufeinander projiziert und eine kindheitserinnerung daraus gemacht. Der Zug mit den Alpenblumen ist denn gleichsam die Marke für die Zeit dieser Fabrikation. Ich kann Ihnen versichern, daβ man solche Dinge sehr häufig unbewuβt macht, gleichsam dichtet." FREUD, S. **Über Deckerinnerungen** (1899), p. 545-46.

[18] De acordo com o dicionário Michaelis Alemão-Português, as possíveis traduções para *Dichtung* são: poesia, poema, composição; ficção, fingimento; condensação. E para *dichten*: tornar compacto, condensar, calafetar, juntar, fazer as juntas; poetar, poetizar, fazer versos, cultivar a poesia, meditar, pensar em alguma coisa, inventar, fingir, forjar.

[19] „[...] mit Schönheit wie mit einer Hülle überkleiden, wo wir nur die Verklärung durch verändertes Mienenspiel kennen." FREUD, S. **Über Deckerinnerungen** (1899), p. 538 (Grifo nosso).

faciais da personagem para além das dimensões humanas[20], assim também, nas composições psíquicas movidas pelas grandes moções inconscientes, o papel psicológico (*psychologische Rolle*) de uma representação é deslocado sobre outra representação ou conjunto de representações, que, ao mesmo tempo em que escondem (*verbergen*) uma abundância inesperada de significado (*eine ungeahnte Fülle von Bedeutung*), revelam-na mediante sua transfiguração e exagero de vivificação sensorial. A fantasia opera de tal modo que, ao mesmo tempo em que encobre os sentidos (*Sinne*) ou significados de uma representação inconsciente, recria-a na consciência de tal modo que possa fazer com que apareça em toda a sua significação e sentido. No texto sobre as recordações encobridoras, Freud nos apresenta uma dinâmica entre encobrimento e descobrimento que escapa completamente de qualquer controle ou regra voluntária, pois é comandado por forças inconscientes: a fantasia age sobre a consciência, de tal modo que esta aceita suas criações sem suspeitar de sua atuação.

Ora, seriam todas as recordações infantis recordações encobridoras? Questionar-se acerca da composição da memória e da veracidade de uma lembrança é, para Freud, algo bastante recente em 1899. Antes desta data, ou melhor, antes de 1897, entendia o relato de seus pacientes como a expressão de um evento real: o trauma. Até então não encontramos na obra freudiana termos como fantasia, fabricação e composição; os devaneios (*Träumerei*), os fantasmas (*Phantasme*) ou as invenções intencionais (*absichtlichte Erfindungen*) eram pensados como cópias de situações reais desprazerosas, relegadas a uma segunda consciência, desligada da normal. Nos *Estudos sobre histeria*, escritos entre 1893-95, ao tratar do duplo estado de consciência que identifica em Anna O. (a saber: um normal e outro patológico, que a faz reviver sem modificações aos acontecimentos do ano anterior), Breuer dá-nos um bom exemplo disso:

> Ambos os estados de consciência que se alternavam consistiam sempre em que do amanhecer ao avançar do dia as ausências, isto é, o levantar da *condition seconde*, tornavam-se sempre mais frequentes e ao anoitecer consistia apenas nisso – ambos os estados diferiam-se não só como antes, em que era em um (no primeiro) normal e no segundo alienado, mas também vivia no primeiro como os outros no inverno de 1881-82, mas, no segundo estado, no inverno de 1880-81, e todos os acontecimentos posteriores eram inteiramente esquecidos.[21]

---

[20] Podemos citar o exemplo de *Faón*, herói da ilha de Lesbos. Ele foi um barqueiro velho e pobre até o dia em que levou em sua barca Afrodite disfarçada de velha. Por não lhe cobrar a travessia, ganhou da deusa um frasco contendo um bálsamo de beleza, com o qual ungia todos os dias seu corpo. Tornou-se um homem tão belo quanto os deuses e todas as mulheres da ilha se apaixonaram por ele. Safo, uma das moças desdenhadas por Faón, cometeu suicídio. (Cf. GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**, verbete *Faón.*)

[21] „Die beiden Bewuβtseinszustände, die alternierend bestanden, immer so, daβ vom Morgen an mit vorschreitendem Tage die Absencen, d.h. das Auftreten der condition seconde immer häufiger ward und abends

Neste trecho, vemos que num estado alterado de consciência os traços mnêmicos são revividos, trecho por trecho, sem nenhuma modificação. Anna O., paciente de Breuer acometida pelo mal acima citado, no estado de "consciência alienada" esquecia-se dos acontecimentos presentes (inverno de 1881-82) e revivia fielmente os eventos marcados em sua memória um ano antes. No caso Anna O., a prova de realidade dos fatos sobre os quais as alucinações da paciente eram renovadas havia sido dada por um diário que sua mãe manteve durante o ano de 1881. Este permitiu a Breuer comparar os eventos ocorridos durante o ano em questão e os relatos da paciente e, a partir daí, constatar que seu *valor objetivo* era incontestável. Tanto Freud, que acompanhou o caso, quanto Breuer não duvidavam da efetividade do relato dos pacientes.

A fim de melhor compreender o passo definitivo dado por Freud para a compreensão da importância da fantasia na constituição psíquica do indivíduo e no nascimento da psicanálise, tomaremos a seguir alguns exemplos do exame das lembranças dos enfermos tal como foram expostos nos *Estudos sobre histeria* e o contrastaremos com a análise da lembrança apresentada em *Sobre as recordações encobridoras*.

A origem do conceito de fantasia: da hipnose à fala livre

A leitura do caso Anna O., primeiro a ser tratado nos *Estudos*, já nos permite diferenciar o funcionamento natural da consciência alienada (o estado hipnóide) da sua reaparição artificial (a hipnose). Quando a situação traumática não encontra o seu alívio na abreação, a representação do trauma é rechaçada da consciência normal e o afeto, livre da representação que originariamente o acompanha, expressa-se como sintoma. A consciência anormal (hipnóide), alienada das vivências presentes, permanece presa ao passado, domina a consciência normal e repete a situação traumática. Segundo o relato dos *Estudos*, a situação traumática revivida por Anna O., seu devaneio (*Träumerei*), não é entendido como uma composição original a partir de elementos inconscientes, mas como a evocação de vivências efetivas (as do inverno de 1880-81) reordenadas de modo autônomo na consciência alienada. Para os *Estudos sobre histeria*, o desaparecimento dos sintomas só pode ser feito por meio de um procedimento artificial: a hipnose, pois essa técnica seria capaz de acessar o conteúdo relegado à clandestinidade (fonte dos sintomas), forçá-lo a se associar ao afeto que

---

nur diese allein bestand – die beiden Zustände differierten nicht bloβ wie früher darin, daβ sie in dem einen (ersten) normal und im zweiten alieniert war, sondern sie lebte im erten wie wir anderen im Winter 1881-82, im zweiten Zustand aber in Winter 1880-81, und alles später Vorgefallene war darin völlig vergessen." BREUER, J. **Studien über Hysterie** (Nachtragsband), p. 231.

originalmente o acompanha, e conduzir o evento traumático ao seu destino natural. Só assim o enfermo se livraria do fantasma de seu passado.

Contudo, mesmo Breuer já percebe certos problemas na técnica que defende: era muito difícil acabar definitivamente com os sintomas, pois cada um destes, ao serem eliminados em hipnose, eram substituídos em seguida por outros novos. Assim, conforme avançamos na leitura que faz Freud do histórico clínico de Anna O., percebemos que a técnica de Breuer é como o "trabalho das Danaides" (*Danaidenarbeit*)[22], personagens mitológicas que foram condenadas a tentar eternamente encher com água um recipiente furado.

> No campo, onde não podia visitar a doente diariamente, o fato desenvolveu-se do seguinte modo: eu ia a noite, quando sabia que ela estaria em sua hipnose, e a livrava de toda provisão de fantasmas (*Phantasmen*) que ela havia acumulado desde a minha última visita. Isso tinha de dar-se por completo se se quisesse alcançar o bom resultado. Então ela ficava totalmente tranquila, no dia seguinte amável, dócil, aplicada, até mesmo serena; no segundo, cada vez mais caprichosa, teimosa, desagradável, o que, no terceiro, aumentava ainda mais.[23]

Se a hipnose não se mostra eficaz já na eliminação dos sintomas da paciente de Breuer, pois, como ele mesmo nota, ela só ataca as consequências do trauma psíquico e suspende o desenvolvimento da afecção nervosa, sem, contudo, eliminar as causas dos sintomas, entre os casos Emmy von N. e Elisabeth von R. (respectivamente primeiro e último históricos clínicos de Freud narrados nos *Estudos*), vemos o psicanalista restringir ainda mais os benefícios da hipnose e progressivamente afastar-se dela. Enquanto Emmy cai facilmente em sonambulismo e pode ser submetida à técnica de Breuer, Miss Lucy R. (seu segundo histórico clínico) não demonstra nenhuma aptidão para ser hipnotizada[24]. O autor depara com

---

[22] FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 262.

[23] „Auf dem Lande, wo ich die Kranke nicht täglich besuchen konnte, entwikkelte sich die Sache in folgender Weise: Ich kam abends, wenn ich sie in ihrer Hypnose wuβte, und nahm ihr den ganzen Vorrat von Phantasmen ab, den sie seit meinem lezten Besuch angehäuft hatte. Das muβte ganz vollständig geschehen, wenn der gute Erfolg erreicht werden sollte. Dann war sie ganz beruhigt, den nächsten Tag liebenwürdig, fügsam, fleiβig, selbst heiter; den zweiten immer mehr launisch, störrig, unangenehm, was am dritten noch weiter zunahm." BREUER, J. **Studien über Hysterie** (Nachtragsband), p. 229.

[24] "Na clínica de Bernheim quase parecia que havia efetivamente uma tal arte e que poder-se-ia aprendê-la com Bernheim. Mas logo que tentei exercer esta arte em meus próprios pacientes, notei que pelo menos os *meus* poderes a esse respeito estavam compreendidos em estreitos limites e que, se um paciente não se tornasse sonâmbulo da primeira à terceira tentativa, eu também não possuía nenhum meio de fazer-lhe. A porcentagem de sonâmbulos ficava, na minha experiência, muito atrás da relatada por Bernheim" („Auf der Klinik Bernheims schien es fast, als gäbe es wirklich eine solche Kunst und als könnte man sie von Bernheim lernen. Sobald ich aber diese kunst an meinen eigenen Kranken zu üben versuchte, merkte ich, daβ weingstens *meinen* Kräften in dieser Hinsicht enge Schranken gezogen seien und daβ, wo ein Patient nicht nach ein bis drei Versuchen somnambul wurde, ich auch kein Mittel besaβ, ihn dazu zu machen. Der Prozentsatz der Somnambulen blieb aber in meiner Erfahrung weit hinter dem von Bernheim angegebenen zurück"). FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 165.

a dificuldade de aplicar o método de Breuer a seus pacientes e aos seus olhos a hipnose passa a ser visto como não um procedimento que não pode ser universalizado.

Freud vê-se assim frente à necessidade de criar um novo método que supra uma dupla exigência: alcançar a catarse (isto é, a reação adequada) das emoções ligadas aos eventos traumáticos e ser aplicado fora do sonambulismo. Cansado de proferir confiantemente a ordem "você vai dormir, durma!" (*Sie werden schlafen, schlafen Sie!*) e ouvir como resposta um convicto "mas senhor doutor, eu não durmo" (*Aber, Herr Doktor, ich schlafe ja nicht*), em tais casos:

> se na primeira tentativa não se deu sonambulismo ou um grau de hipnose com pronunciadas alterações corporais, então aparentemente desistia da hipnose, pedia apenas 'concentração' e ordenava o decúbito e o fechamento voluntário dos olhos como meio de obtenção desta 'concentração'. Com isso, podia alcançar sem trabalho graus de hipnose tão profundos como em geral era atingível.[25]

Apesar de Freud ainda pretender encontrar um método que complemente o alcance da hipnose e possibilite a abreação do afeto traumático, dá aqui um grande passo em direção à descoberta da fantasia. Passa a fazer uso de uma nova técnica, a saber: a de pressionar com a mão a testa do enfermo e pedir para que o paciente se concentre no primeiro pensamento que passar por sua mente no instante em que deixar de pressioná-la. Ele adverte o enfermo que haverá apenas a súbita aparição de uma *imagem* (*Bild*) ou a *irrupção de pensamentos* (*Einfall in Gedanken*), que deve capturá-la com rapidez, seja qual for a sua índole, e, em seguida, comunicá-la ao analista. O tratamento teria como ponto de partida o esforço voluntário de capturar a imagem ou o pensamento que aflorariam de modo involuntário e expô-lo em palavras. Escreve Freud:

> O não-saber dos histéricos era, pois, propriamente um não-querer-saber mais ou menos consciente, e a tarefa do terapeuta consistiu em superar essa *resistência de associação* pelo trabalho psíquico. Tal obra realiza-se primeiramente pelo 'esforço', emprego de uma compulsão psíquica, para guiar a atenção do doente para os traços de representação procurados.[26]

---

[25] „Wo also der erste Versuch nicht Somnambulismus oder einen Grad von Hypnose mit ausgesprochenen körperlichen Veränderungen ergab, da lieβ ich die Hypnose scheinbar fallen, verlangte nur ‚Konzentration' und ordnete die Rückenlage und willkürlichen Verschluβ der Augen als Mittel zur Erreichung dieser ‚Konzentration' an. Ich mag dabei mit leichter Mühe zu so tiefen Granden der Hypnose gelangt sein, als es überhaupt erreichbar war." FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 166-67.

[26] „Das Nichtwissen der Hysterischen war also eigentlich ein – mehr oder minder bewuβtes–Nichtwissenwollen, und die Aufgabe des Therapeuten bestand darin, diesen *Associationswiderstand* durch psychische Arbeit zu überwinden. Solche Leistung erfolgt zuerst durch ‚Drängen', Anwendung eines psychischen Zwanges, um die Aufmerksamkeit der Kranken auf die gesuchten Vorstellungsspuren zu lenken." FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 269-70.

Desde a primeira vez que utilizou a técnica da "mão sobre a testa" (*die Hand auf die Stirne*), artifício criado com o intuito de afastar momentaneamente a resistência de associação consciente, foi-lhe possível conduzir todas as análises até o fim sem utilizar o sonambulismo. Pôde, assim, assenhorear-se de um método único, universal, capaz de dar conta dos casos passíveis ou não à hipnose.

Essa maneira de alargar a consciência normal, estreitada pelo estado hipnóide, deu-lhe a oportunidade de afastar-se da hipnose e investigar, mediante o conteúdo da consciência normal (imagens e irrupções de pensamentos que chegam até ela), as causas decisivas para o esquecimento do evento traumático. Chega então à conclusão de que "esse esquecimento é muitas vezes uma intenção, um desejo. Dá bons resultados sempre apenas na aparência"[27], pois deixa atrás de si a enfermidade. O enfermo quer esquecer as lembranças porque estas lhe são desagradáveis, isto é, aptas a provocar os afetos de vergonha e repreensão da consciência normal. Ele se defende destas recordações dissociando-as do seu Eu e mantendo-as afastadas do resto das associações. Depreende-se disso a ideia de defesa (*Abwehr*): de que a admissão de uma certa representação na consciência normal ou a sua remoção para a consciência alienada depende do sentido das representações reunidas no Eu, mais especificamente, de sua índole e direção. Se uma representação inconciliável (*unverträglich*[28]) se apresenta à consciência ordinária, o Eu convocará uma força de derribamento (*Abstoβung*) a fim de defender-se da representação contrária a ela. Tal representação é expulsa da consciência e da lembrança do paciente, permanece alienada e aparentemente impossível de ser rastreada. Contudo, ela se manifesta como sintoma e permite a Freud seguir a direção do traço (*Spur*) mnêmico a partir do que aparece na consciência normal.

Com o método da "mão sobre a testa", o enfermo, ao tentar dirigir a sua atenção para a representação desprazerosa, sentiria a mesma resistência (*Widerstand*) que na gênese do sintoma o impeliu para a consciência alienada. A repugnância do Eu age segundo duas forças (*Kräfte*) de *direções* complementares: a primeira expulsa (*ausstoβen*) a lembrança em questão, reprime-a (*verdrängen*); a segunda impede, por meio da supressão do trânsito associativo, o seu retorno. O médico, ao pedir um esforço (*Drang*) da atenção do enfermo, tenta vencer, mediante um artifício, a resistência da consciência e trazer à tona o conteúdo reprimido.

---

[27] „[...] dieses Vergessen ist oft ein beabsichtigtes, gewünschtes. Es ist immer ein nur scheinbar gelungenes." FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 169.

[28] Devemos notar que *Vertrag* significa "contrato" e que as representações em questão têm seu pacto com a consciência quebrado, são banidas para além das fronteiras do mundo conhecido, tornam-se forasteiras (*Fremd*), sinistras (*unheimlich*).

A nova técnica proposta por Freud pretende remover o obstáculo imposto pela vontade do enfermo, permitindo assim que a representação inconciliável seja alcançada por uma associação de fácil trânsito[29]. A recordação que se obtém com o método da "mão sobre a testa" não é, em geral, aquela que ocasionou a patologia, mas certamente liga-se a ela e, por um encadeamento associativo, é possível seguir os seus passos. A representação que emerge subitamente serve de mediadora para se alcançar a recordação patogênica. Devido à força de resistência, o afeto é subtraído da representação, de tal modo que desaparece do campo da consciência e torna-se ininteligível (*unverständlich*). Contudo, as recordações que a circundam (de valor muito inferior em relação à recordação reprimida) *apontam o caminho* para ela e preparam a consciência para a sua aparição. Freud compara a aparição de uma representação na recordação do paciente ao surgimento de uma personagem teatral em cena: para Freud, assim como os príncipes disfarçados de mendigos nas óperas[30], a recordação inconciliável vem anunciada com um adorno supérfluo[31]. Isso porque o processo de defesa arranca-lhe o afeto e torna-a débil, transferindo para outras representações o seu valor.

Mas, se nos *Estudos* Freud já formulara as bases do que futuramente constituirá sua teoria e prática clínica, está ainda muito preso à ideia segundo a qual a causa das perturbações anímicas seria uma vivência objetiva e de que tal vivência teria ocorrido em um estado de dissociação mental. Em nenhuma parte dos *Estudos* a lembrança do evento traumático é apresentada como uma *produção* ou *composição* a partir de elementos do passado e do presente; ao contrário, nessa fase da obra freudiana, rememorar um evento passado é trazê-lo à consciência em toda a sua efetividade, é *re-produzi-lo* em sua inteireza, a fim de que a catarse suprimida no passado possa finalmente ocorrer[32]. Escreve Freud:

> A recordação patogênica discerne-se em meio a outros traços distintivos pelo fato de que os enfermos lhe designam de não essencial e o pronunciam só com resistência. [...] Em todos estes casos eu me mantenho inabalável, não entro em nenhuma dessas distinções [feitas pelo enfermo, de que a

---

[29] FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 271.
[30] FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 281-82.
[31] Um exemplo de tal disfarce ocorre na ópera de Claudio Monteverdi, intitulada *O retorno de Ulisses à Pátria* (1640). Na peça, Ulisses, vestido como um mendigo, é reconhecido ao ser lavado por sua ama, Ericlea, por sua cicatriz na perna.
[32] Frisamos neste momento as diferenças entre os *Estudos* e *Sobre as recordações encobridoras*, contudo, é curioso notar que já no texto de 1895 podemos encontrar termos que ganharão relevo na teoria freudiana e passarão para o primeiro plano. As ideias de que na patologia uma imagem (*Bild*) involuntária deve ser apreendida voluntariamente pelo enfermo, que a exposição dessa imagem tem o poder de cura, que há duas forças (*Kräfte*) que agem no psiquismo em sentidos (*Sinne*) contrários e que o trabalho terapêutico exige um esforço (*Drang*) do médico e do paciente. Além disso, nos *Estudos* Freud afirma que a memória tem uma importância fundamental no restabelecimento do enfermo, que o funcionamento psíquico da patologia pode ser comparado a uma encenação teatral (*Spiel*) que revelaria o principal pelo ínfimo e que seu método terapêutico e sua teoria só alcançariam o estatuto de ciência quando encontrarem validade universal.

> ocorrência foi insinuada pelo analista, que já era esperada ou de que foi agregada arbitrariamente], senão que esclareço o enfermo de que essas não sejam mais que formas e pretextos da resistência contra a *reprodução* de uma recordação que, apesar disso, temos de reconhecer.[33]

Ao paciente é dada a possibilidade de falar livremente para que o analista descubra o ínfimo e as falhas da sua argumentação. À sua narrativa é atribuído um valor efetivo: os eventos traumáticos realmente ocorreram e foram relegados a uma outra consciência que continua a *reproduzi-los*. Quando essas recordações patogênicas são trazidas à consciência normal, escreve Freud, "colocam-se com a vividez não diminuída de acontecimentos frescos."[34] Vividez que em *Sobre as recordações encobridoras* será vista com desconfiança por ele, pois nesse texto a clareza em demasia de uma lembrança é o traço de sua fabricação.

Apesar de pressupor a hipótese da consciência dissociada, as recordações agrupam-se de modo organizado, mesmo que essa organização difira da da consciência normal. No capítulo final de *Estudos sobre histeria*, intitulado "Sobre a psicoterapia da histeria", Freud enumera três tipos de ordenamento mnêmico: 1. segundo a cronologia linear, tal como vimos com Anna O., que afloram de modo investido, isto é, as vivências mais recentes aparecem como primeiras; 2. segundo uma estratificação concêntrica, no qual as camadas periféricas contém as recordações de fácil trânsito e à medida que nos aproximamos do núcleo as recordações afloram com mais dificuldade; 3. mediante associação segundo o conteúdo de pensamento, em que as recordações formam um sistema de linhas convergentes com diversos pontos nodais, ramificadas em zigue-zague. O analisando deve comunicar o que lhe chega novamente à percepção para que as recordações traumáticas de fresca vividez possam ser encontradas. A tarefa do psicoterapeuta (*Aufgabe des Psychotherapeuten*) é a de reunir (pôr novamente junto – *wieder zusammenzusetzen*) os fragmentos (*Stücke*) que chegam à consciência a partir do que Freud denomina *organização conjecturada* (*vermutete Organisation*). A ordenação mnêmica própria da consciência alienada será ordenada pelo analista segundo o fio da consciência normal, tal como em um *jogo de paciência* (*Geduldspiel*)[35]. Essa organização depende, entretanto, do analista: se, por um lado, Freud afirma que não se pode sobrestimar a "inteligência" inconsciente (*seine unbewußte*

---

[33] „Die pathogene Erinnerung erkennt man also unter anderen Merkmalen daran, daβ sie vom Kranken als unwesentlich bezeichnet und doch nur mit Widerstand ausgesprochen wird. [...] Ich bleibe in all diesen Fällen unerschütterlich fest, ich gehe auf keine dieser Distinktionen ein, sondern erkläre dem Kranken, das seien nur Formen und Vorwände des Widerstandes gegen die Reproduktion der einen Erinnerung, die wir trotzdem anerkennen müβten." , S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 282 (Grifo nosso).

[34] „[...] stellen sich diese Erinnerungen mit der unverminderten Lebhaftigkeit frischer Geschehnisse ein." FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 88.

[35] FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 296.

"Intelligenz" nicht überschätzen) de suas pacientes, por outro, não pode lhes "confiar a condução de todo o trabalho" (*die Leitung der ganzen Arbeit überlassen*)[36] terapêutico. Uma vez que a enfermidade *joga* (*spielen*) com o paciente e produz nele devaneios de modo involuntário, o analista tem de participar do jogo (*Spiel*) como o organizador das peças desarranjadas. A enfermidade impossibilitaria o doente de encontrar por si só o fio que rearranja a sua memória; o analista, distante da enfermidade, conduziria o seu paciente nesse processo até o evento real traumático.

Se compararmos o exame da lembrança infantil exposta em *Sobre as recordações encobridoras* com os das apresentadas nos *Estudos sobre histeria*, vemos que nesta obra falta a Freud a compreensão de que o ato de recordar não é o de consultar um arquivo (*Archiv*)[37] mantido à parte da consciência e o de pô-lo em ordem, mas o de escavar as camadas que compõem a recordação e reconstruir, a partir dos fragmentos passados, a história de vida presente. A veracidade dos relatos dos pacientes de Freud não é posta em dúvida até 1897. Em uma conhecida carta datada de 21 de setembro deste mesmo ano, Freud confidencia ao amigo W. Fliess a sua decepção: "E já quero agora confidenciar-te o grande segredo que lentamente raiou para mim nos últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica."[38] Com a mudança de técnica (da hipnose para a "mão sobre a testa"), Freud percebe que a fala livre do paciente, sem o constrangimento e exame de preceitos morais revela o jogo que ocorre no interior do psiquismo: abre-se assim espaço para a compreensão de que a *invenção ou composição* deve ser levada em conta no encadeamento mnêmico normal e no relato clínico, tal como exposto em *Sobre as recordações encobridoras*.

Dentre os motivos que o levaram a suspeitar da precisão e da veracidade do discurso de seus pacientes está "a certa intelecção de que no inconsciente não existe um signo de realidade, de modo não se pode distinguir a verdade da ficção investida com afeto."[39] Ao reconhecer que o inconsciente funciona segundo regras diferentes das da consciência, abre-se um novo campo de exploração: o da fantasia. Freud não pensa que as fantasias dos neuróticos são destituídas de realidade, mas que "*no mundo da neurose, a realidade psíquica é a*

---

[36] FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 297.
[37] FREUD, S.; BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 292.
[38] "Und nun will ich Dir sofort das groβe Geheimnis anvertrauen, das mir in den letzten Monaten langsam gedämmert hat. Ich glaube an meine Neurotica nicht mehr". FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ** (1887-1904), carta 139, datada de Viena, 21 de setembro de 1897, p. 283.
[39] "[...] daβ es im Unbewuβten ein Realitätszeichen nicht gibt, so daβ man die Wahrheit und die mit Affekt besetzte Fiktion nicht unterscheiden kann. (Demnach blieb die Lösung übrig, daβ die sexuelle Phantasie sich regelmäβig des Themas der Ertern bemächtigt.)." FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ** (1887-1904), carta 139, datada de Viena, 21 de setembro de 1897, p. 284.

determinante."[40] O ponto de apoio do saber psicanalítico é então subvertido; a partir de então, "o fato de ser ou não 'puramente' ou 'unicamente' imaginado não é o critério mais importante na compreensão do psiquismo humano."[41] A fantasia deve estar diretamente ligada à etiologia da neurose e a ela subordinar-se a experiência efetiva do sujeito. O relato de uma lembrança é a composição de traços de memória do passado com a memória do presente, contudo, não sem motivo: a construção de qualquer ficção é impulsionada por um desejo que quer vencer a censura moral e ganhar representação na consciência, a fim de esgotar-se na ação. Um poderoso impulso age assim por detrás da consciência e joga (*spielen*) com ela sem que ela própria se dê conta disso. Freud percebe que a análise é um jogo (*Spiel*) e que a cura não provém da organização empreendida nas representações patológicas dos enfermos pelo jogador solitário, pois ele próprio está subordinado às mesmas forças que regem tal jogo. cabe assim ao analista vencer a censura que ofusca, nele próprio, a compreensão do jogo a que está submetido e, com isso, desempenhar, voluntariamente, seu papel na análise. Essa conquista não será fácil para Freud e exigirá a criação de um método próprio, que aponte em direção ao fundo constitucional dos seres humanos, àquilo que impele à criação das fantasias. Esse método basear-se-á no exame das recordações e terá como ponto de partida as recordações daquele que se submete à análise.

A fantasia e os seus jogos de sentido

Em um artigo de 1898, intitulado *Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento*, Freud trata de um problema similar ao exposto em *Sobre as recordações encobridoras*, porém (como os títulos das obras nos mostram) não mais do ponto de vista da recordação (*Erinnerung*) infantil, mas do esquecimento (*Vergesslichkeit*) de uma vivência da maturidade. O tema dessa obra é o penoso empenho de Freud em reencontrar um nome que tinha a sensação (*Gefühl*) de dispor momentos antes de esquecê-lo. Nessa impotente busca, Freud acaba por cair em uma cilada: quanto mais obriga a sua atenção a recuperar o nome perdido, mais distante se encontra do cumprimento de sua tarefa. Em seu lugar aparecem nomes substitutivos que imediatamente reconhece como falsos ou letras que pensa serem integrantes do nome verdadeiro. Assim como no texto das recordações encobridoras, os *acontecimentos biográficos* são trazidos à cena para compor o quadro analítico.

---

[40] „[...] *in der Welt der Neurosen die psychische Realität die maßgebende ist*" (Grifo do autor). FREUD, S. **Vorlegungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 383.

[41] "[...] le fait d'être ou non 'purement' ou 'seulement' imaginé n'est pas le critère le plus important dans la compréhension du psychisme humain". ISAACS, S. Nature et fonction du phantasme. In: KLEIN, M et al. **Développements de la psychanalyse**, p. 78.

Freud estava em férias na região de Ragusa (localizada atualmente na Croácia) e parte em direção à Herzegóvina em companhia de um amigo. Durante a viagem, a conversa recai sobre a Itália e ele lhe recomenda que vá a Orvieto para contemplar os afrescos do fim do mundo e do juízo final adornados por um grande pintor cujo nome escapa à sua memória. Podia refazer com enorme vividez todo o percurso do dia passado em Orvieto e mesmo visualizar os traços faciais do pintor com extrema nitidez sem, contudo, recordar-se do nome. Duas palavras vieram-lhe à mente: *Botticelli* e *Boltraffio*, as quais identificou como falsas. O grupo fonético *Bo* fez-lhe imediatamente pensar que pertencia ao nome do artista. O martírio, revivido por dias, durou até que encontrou um italiano muito culto que lhe comunicou o nome: *Signorelli*. Ao ouvi-lo, reconheceu que de fato era aquele que procurava. Algo curioso aconteceu então com a nitidez de sua lembrança de Orvieto: o dia passado ali e os traços faciais do pintor, representados momentos antes com clareza quase alucinatória, empalideceram assim que o nome foi reintroduzido na série mnêmica[42].

Mas por que ligar a sílaba *Bo* ao nome do pintor do juízo final? A resposta virá do desmembramento das palavras *Botticelli* e *Boltraffio* e da interpretação (*Deutung*) dirigida a cada um de seus fragmentos mediante associação livre. Ao contrário do que imaginava antes da comunicação do nome do pintor, *Bo* não se justifica por pertencer a *Signorelli*, mas por pertencer à *Bósnia* que, assim como *Herzegóvina* (local onde Freud se encontrava), foi parte do império austro-húngaro até 1914. Nesta primeira cadeia de associações ligam-se *Bo*, *Bósnia* e *Herzegóvina*. Por outro lado, *Signorelli* conecta-se também a *Bo* por conter as mesmas sílabas finais de *Botticelli* e as sílabas iniciais de *Herzegóvina*, segundo a conexão: *Signor*, em italiano, e o seu equivalente germânico *Herr*. Nesta segunda cadeia, ligam-se *Bo*, *Botticelli*, *Signorelli*, *Signor* e *Herr*. Um esclarecimento bastante importante para a compreensão do papel de *Bo* nos é dado em seguida: antes de iniciarem o assunto dos adornos do juízo final, seu amigo e ele falavam de dois caracteres do povo bósnio que parecem se conectar intimamente, a saber: a resignação diante da morte, expressa muitas vezes pela frase: "Senhor (*Herr*), o que dizer, então? Sei que se pudesse salvá-lo, teria lhe socorrido", e a importância dada ao gozo sexual: "Sabes, senhor (*Herr*), quando isso não funciona mais, a vida não tem nenhum valor."[43] Um outro esclarecimento nos leva então ao motivo do grupo fonético *Bo*: a *Boltraffio* liga-se o de *Trafoi*, uma aldeia no Tirol. Contudo, a associação de

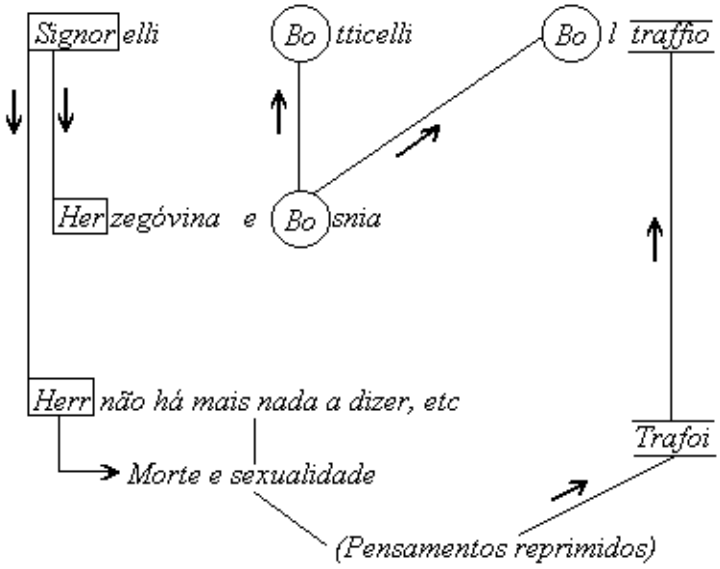
---

[42] A mesma vividez alucinatória ocorre com a recordação já narrada de *Lembranças encobridoras*, em que o amarelo e o sabor do pão são expostos na memória de forma exagerada.

[43] Respectivamente: „*Herr*, was ist da zu sagen? Ich weiss, wenn er zu retten wäre, würdest du ihm helfen" e „Du weiss ja, Herr, wenn das nicht mehr geht, dann hat das Leben keinen Wert." FREUD, S. **Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit** (1898), p. 522.

ideias traçada até aqui não basta para justificar o esquecimento de Freud. Ela deve ligar-se a fatos de sua história de vida que quer manter esquecidos. Segue então o seguinte esclarecimento: o Tirol conecta-se a pensamentos de morte, desprazerosos para Freud e reprimidos por ele, já que foi ali que um de seus pacientes, portador de uma incurável perturbação sexual, suicidou-se. Uma vez que todos os seus pacientes usam as palavras *Herr* para dirigirem-se ao médico, e que *Herr* equivale a *Signor*, as palavras *Botticelli* e *Boltraffio* servem de substitutas para o nome *Signorelli* e participam do encobrimento da recordação do nome do pintor do juízo final e dos pensamentos de morte e gozo sexual.

Para melhor ilustrar as séries de associações e suas conexões, Freud apresenta o seguinte esquema na sequência do texto:



Segundo o autor, o quadro permite visualizar o *jogo de forças* (*Kräftespiel*) que atua no esquecimento: uma corrente de pensamentos reprimida (*verdrängter Gedankengang*) – de morte e gozo sexual – apodera-se de uma representação recente inofensiva – o nome *Signorelli*. Essa ligação puxa para baixo (*hinausziehen*) o nome do pintor que, capturado pela corrente de pensamentos reprimida, desaparece do campo de visão da consciência. Em seu lugar emergem os substitutos *Botticelli* e *Boltraffio*, segundo os enlaces já expostos. Ambos servem como representantes na consciência do nome esquecido e dos pensamentos reprimidos. O jogo (*Spiel*) de forças a que Freud se refere é uma tentativa de encontrar um equilíbrio entre o que está na consciência e o reprimido inconsciente: uma representação carregada fortemente de afeto desliga-se deste, que permanece livre para ligar-se a outras representações e destacá-las na consciência. As representações carregadas com a carga extra de afeto ganham o mesmo valor da reprimida e exercem na consciência a mesma função

(*Funktion*) dela. As novas conexões entre as representações não são, contudo, estáveis; suas associações superficiais (*oberflächlicher Assoziationen*) podem ser desfeitas com a reintrodução da representação a que pertence originariamente o afeto deslocado.

O jogo de forças assemelha-se ao jogo mímico (*Mienenspiel*) das personagens mitológicas a que Freud se refere em *Sobre as recordações encobridoras*. Ali, as características exaltadas e sobre-humanas são a marca de reconhecimento da transformação operada pelos deuses na personagem. Aqui também o esquecimento de um nome e a demasiada nitidez de outros é a marca de reconhecimento: de acordo com o quadro de Freud, que reproduzimos acima, os nomes *Botticelli* e *Boltraffio* são impulsionados para o alto por forças subterrâneas alheias a eles, ao passo que *Signorelli* liga-se aos pensamentos reprimidos (morte e gozo sexual) e submerge (ou ainda, sai de cena). As representações de exagerada nitidez nada mais são do que pensamentos reprimidos sob um novo invólucro ou roupagem. O jogo (*Spiel*) de forças que opera entre o inconsciente e a consciência é o de elevar-se e rebaixar-se, onde o primeiro significa evidenciar-se na consciência e o segundo, desaparecer de seu campo de visão.

O esforço de recordar (*erinnern*) é o de adentrar em si mesmo, de ir ao íntimo ou ao coração (*innern*)[44] para que, ao mesmo tempo, algo possa vir à tona na consciência. A única direção possível da análise é aquela de entrar em si mesmo e confrontar-se com suas próprias resistências e representações de desprazer a fim de trazer o reprimido inconsciente à percepção dos sentidos (*Sinneswahrnemung*). O percurso rumo ao que há de mais profundo abrirá caminho para que Freud reconheça em *A interpretação dos sonhos* (1900) a consciência como um órgão sensorial (*Sinnesorgan*) posicionado na fronteira entre o interior e o exterior, capaz não apenas de alongar-se para fora e perceber as excitações externas dos *sentidos*, mas também de adentrar e perceber as excitações internas que impelem o indivíduo a partir de dentro. O exame do psíquico realizado por Freud tem a consciência como ponto único de referência: ir ao fundo tem como limite o campo de visão da consciência, campo estreito, incapaz de abarcar o psiquismo como um todo. Caso contrário, mediante a análise dos pensamentos reprimidos, o inconsciente poderia esgotar-se na consciência. Não é isso o que encontramos em seus textos. Se a fantasia intermedeia a passagem entre inconsciente e

---

[44] A aproximação entre os termos *Erinnerung* e *innern* foi feita pela profa. Giorgia Cecchinato (Universidade de Padova), em conferência apresentada na Universidade de São Paulo, em 13/11/2009, intitulada "Recordação e traição. Reflexões sobre a experiência artística a partir da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel". A mesma aproximação é encontrada também em CERTEAU, M. A ficção da história: a escrita de "Moisés e o monoteísmo". In: ____. **A escrita da história**, p. 309: "*Erinnerung* segundo o trocadilho hegeliano, ao mesmo tempo lembrança e interiorização (*Er-Innerung*)". Em nota Certeau indica sua fonte: HEGEL, G. W. **Phänomenologie des Geistes**. Ed. J. Hoffmeister, Leipzig: F. Meiner, 1949, p. 524, 563-564.

consciência, os pensamentos inconscientes têm de ser recriados de modo original na superfície do aparelho psíquico.

Certamente Freud não desconhecia o vínculo entre os termos recordar (*erinnern*), o seu sinônimo *lembrar* (*entsinnen*), e a palavra *sentido* (*Sinn*). Em suas *Conferências de introdução a psicanálise*[45], ao analisar as recordações de uma de suas pacientes, a palavra sentido (*Sinn*) é entendida de diversas maneiras, a saber: 1) como ir de um lugar (*Woher*) para outro (*Wohin*), isto é, como deslocar-se espacialmente (nos sistema psíquico ou no mundo exterior) e temporalmente (entre passado e presente); 2) em conexão intrínseca com o primeiro, como ir mais ao fundo, adentrar, encontrar o núcleo (*Kern*), o motivo (*Wozu*) ou significado (*Bedeutung*); 3) apresentar (*darstellen*) aos sentidos (*Sinne*) a cena significativa (*Bedeutungsvoll*), tornar algo sensualmente apreensível (*etwas sinnlich Greifbarem*), fazer ver o que não pode mais ser visto; 4) não apenas repetir (*widerholen*) na consciência a cena que está no núcleo, mas continuá-la (*fortsetzen*), corrigi-la (*korrigieren*), retificá-la (*Richtigen gewenden*), de tal modo que sua aparição consciente faça sentido; 5) substituir ou agir (*agieren*) no papel (*Rolle*) de outro, exercer a função (*Funktion*) de outro, simbolizar.

Os diferentes sentidos da palavra *sentido* não são elaborados tardiamente, mas aparecem já desde o nascimento da psicanálise. Nos textos sobre as recordações encobridoras e sobre o esquecimento, anteriores à *Interpretação dos sonhos*, Freud nos mostra que o ato de lembrar (*entsinnen*) equivale à produção involuntária de percepções dos sentidos (*Sinneswahrnemungen*). O desejo inconsciente impulsiona o psiquismo a partir das profundezas, combina as representações segundo um jogo (*Spiel*) de forças e as impõe à consciência como parte integrante da cadeia dos eventos biográficos do indivíduo. Desta combinação, o primeiro resultado é um convite aos sentidos (*Sinne*): a cena relatada pelo interlocutor de Freud no texto sobre as recordações encobridoras (o prado retangular densamente verde e coberto por flores amarelas, os ramalhetes que ele e os primos têm nas mãos, o sabor do pão, etc.) é de vividez sensorial inusual, assim como a rememoração do dia em Orvieto e dos quadros pintados por Signorelli no texto sobre o esquecimento. Uma vez que apresenta cenas de uma vividez quase alucinatória, a fantasia está em *analogia com os sentidos*. Seja no caso da recordação encobridora, seja no do nome esquecido, o que aparece à consciência não é o desejo inconsciente em sua nudez, mas disfarçado (*dichtet*) sob a forma de uma lembrança sensorial trazida à consciência de forma quase alucinatória. A fantasia inconsciente faz-se consciente sob a forma de lembrança e joga (*spielt*) com os nossos

[45] FREUD, S. **Vorlegungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 264 et seqs.

sentidos: ela destaca certas representações em detrimento do desaparecimento de outras. Essa composição, que traz aos sentidos uma lembrança tão viva, *atua* de tal modo sobre a consciência que esta a toma como efetiva (como vinda de fora) e a insere num ponto preciso da cadeia mnêmica.

O sentido (*Sinn*) da composição fantasística pode ser também entendido como a intenção (*Absicht*) inconsciente que move a composição de uma cena na consciência e a busca desta instância pelo propósito que está no fundo das representações fantasísticas. No ato de recordar encontramos não apenas a aparição sensorial de uma cena, mas também a dos estímulos internos ao psiquismo (os desejos ou intenções inconscientes), que estão reprimidos e impelem à ordenação das representações a partir de uma lógica interna (*innere*). A consciência julga que as cenas produzidas pelos impulsos subterrâneos são parte de um evento externo passado, tornado interno (*innere*), portanto, componente da recordação (*Erinnerung*), ao passo que a cena que se mistura à trama da memória não advém das percepções dos sentidos externos, mas projetado de dentro para fora. O jogo (*Spiel*) a que se refere Freud não é apenas o de ampliar a percepção de um conjunto de representações e diminuir o de outras, mas também o de trazer à tona e o de submergir, o de projetar e o de introjetar, o de transitar entre passado e presente. Um conjunto de representações segue *em direção à* consciência, ou, ao contrário, da consciência volta-se para dentro, para as profundezas a fim de fazer aparecer o que escapa ao seu olhar.

Além disso, o conjunto representado *faz sentido* (*Sinn*), pois é *significativo* para a consciência. Seu significado (*Bedeutung*) depende de uma organização fundamental, estranha à consciência, revelado pela associação livre de pensamentos. Se, a partir dos fragmentos que compõem a produção fantasística Freud pode chegar à intenção que move as produções fantasísticas, a saber: a de realizar um desejo (*Wunsch*), suas composições têm de ser algo único, completo em si mesmas. O desejo não aparece em estado bruto na consciência, porque sem uma elaboração prévia ele não faz sentido, e portanto, não tem significado para a consciência. Esta instância exige que o material inconsciente seja previamente trabalhado e agrupado em um conjunto, para só assim poder fazer parte de seu campo de visão. A intenção que se esconde por traz de uma cena fantasiada só pode aparecer se cumprir a exigência de elaboração secundária. À medida que algo é trazido aos sentidos (*Sinne*), ele deve também fazer sentido (*Sinn*). O jogo (*Spiel*) a que a fantasia submete a consciência não é apenas o de aumentar ou diminuir as qualidades sensoriais de uma representação, ou o de emergir ou

submergir no psiquismo, mas também o de pôr em conjunto diferentes representações para compor a cena da realização do desejo.

Nos textos *Sobre as recordações encobridoras* e *Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento* encontramos algo ausente nos textos de Freud anteriores a 1897, a saber: que há uma tendência da vontade (*Willenstendenz*)[46] para modificar as representações desprazerosas, a encobri-las e falseá-las, a criar uma *Dichtung*, uma "composição" ou "invenção". Se nos *Estudos sobre histeria* Freud fala de uma segunda consciência para onde são enviados os materiais desprazerosos das vivências reais dos enfermos, aqui, temos um material que pode ser manipulado e recriado pela vontade do sujeito, que pode ganhar outros invólucros e apresentar-se para a consciência sem que ela suspeite de sua roupagem original. A inovação de *Sobre as recordações encobridoras* e de *Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento* em relação aos textos anteriores não está na reelaboração de conceitos como resistência, defesa, repressão, princípio de constância etc., mas na compreensão de que o inconsciente não pode ser sentido e de que em si mesmo não faz sentido, de que para realizar suas moções de desejo, tem de ir no sentido da consciência e criar diferentes sentidos frente a essa instância. A fantasia, como uma manifestação psíquica plena de sentido, é assim a recriação do submundo inconsciente nas alturas; ela não se sustenta unicamente na consciência ou no inconsciente, pois a primeira não é capaz de alcançar as profundezas diretamente, assim como o segundo não pode chegar à superfície sem ser destruído. Ela está na ligação entre os dois sistemas e é somente na passagem de um meio ao outro que pode ganhar representação.

A análise dos enfermos de Freud não terá como propósito eliminar o jogo (*Spiel*) psíquico dos sentidos, mas modificar o papel (*Rolle*) do paciente frente às suas criações fantasísticas. Ela permitirá ao paciente trocar sua posição *passiva* no jogo (a de ser afetado, por exemplo, pelas grandes impressões da vida – a fome, o amor e a morte – e repeti-las em seus sintomas sem consciência) pela posição *ativa* (a de lembrar-se de tais impressões e elaborar o que nelas há de desprazeroso). O reposicionamento do paciente só se dará mediante uma técnica específica, a saber: a interpretação (*Deutung*) em análise. *Interpretação, jogo* e *sentido* ligam-se assim de modo indissociável ao conceito de *fantasia*. A *biografia* do indivíduo torna-se indispensável para esse processo, pois revela o que o afetou no passado (suas paixões ou desejos), mas que se tornaram incompatíveis com a sua *vida* (*Leben*) presente. Para renunciar à sua posição de origem, o paciente terá de adotar uma posição tão ativa quanto a da fantasia, a saber: a de criador de seu próprio destino. Não queremos dizer

---

[46] FREUD, S. **Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit** (1898), p. 526.

que o paciente deixará de ser *afetado* pelos desejos que subjazem no que ele tem de mais profundo, ou melhor, que deixará de ser *paciente*, mas que aprenderá a *jogar* (*spielen*) com o que involuntariamente ganha figuração em seu interior. Nesse sentido, sem abandonar por completo a condição que o torna *paciente*, ele passa a desempenhar um papel mais ativo frente àquilo que o afeta.

O problema da recordação de infância não é esclarecido apenas pela dinâmica psíquica do esquecimento, mas também pela análise empreendida por Freud dos sonhos. Por meio desta, podemos compreender melhor como a memória da infância se forma, como é exposta a um interlocutor e como revela a estrutura psíquica do sujeito. Passemos ao exame da interpretação que o psicanalista austríaco faz dos sonhos e de como ela se liga às concepções de jogo e de sentido acima expostas.

O fantasiar e suas relações com o interpretar

Em 1900, Freud publica *A interpretação dos sonhos*, texto em que encontramos uma exposição bastante madura do funcionamento anímico na construção da fantasia e que consolidará a conjunção desse conceito com o de interpretação (*Deutung*). O termo interpretação não é novo nos escritos de Freud. Já nos *Estudos sobre Histeria* é usado para expressar duas diferentes ideias, a saber: ora a construção metapsicológica do funcionamento psíquico, ora o rearranjo das representações fora de ordem em uma ordem coerente, que lhe permitiria apontar corretamente o evento traumático. Quanto ao primeiro, é o que nos permite construir um saber acerca da histeria, ou melhor, é um instrumento que permite a elaboração de uma teoria capaz de oferecer uma explicação para o funcionamento geral da patologia. Nas palavras de Freud:

> Os fenômenos motores do ataque histéricos podem ser *interpretados* em parte como formas de reação geral para o afeto que acompanham a recordação (como o agitar todos os membros, do qual já se serve a criança de peito), em parte como os movimentos diretos de expressão dessa recordação, em outra parte esquivam-se dessa explicação assim como os estigmas[47] histéricos nos sintomas permanentes.[48]

Quanto ao segundo sentido, interpretar seria encontrar as premissas do trauma que jazem na consciência alienada, ou melhor, a lacuna que faltava para completar o fio da

[47] Segundo a tradução argentina, os estigmas foram "definidos por Charcot como 'os sintomas permanentes da histeria'." FREUD, S. **La etiología de la histeria**, A.E., vol. III, p. 192

[48] „Die motorischen Phänomene des hysterischen Anfalles lassen sich zum Teil als allgemeine Reaktionsformen des die Erinnerung begleitenden Affektes (wie das Zappeln mit allen Gliedern, dessen sich bereits der Säugling bedient), zum Teil als direkte Ausdrucksbewegungen dieser Erinnerung deuten, zum andern Teil entziehen sie sich ebenso wie die hysterischen Stigmata bei den Dauersymptomen dieser Erklärung." FREUD, S. BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 95. (Grifo Nosso)

argumentação do enfermo e o motivo suficientemente potente para ocasionar a patologia. Desse ponto de vista, interpretar seria proceder tal como em um jogo de paciência, no qual apenas o médico (o jogador solitário) poderia reordenar corretamente as peças postas fora de ordem. Freud nos diz:

> Entre os pressupostos daquele trauma [de Miss Lucy], tinha de haver um que ela quisesse de propósito deixar obscuro, que ela se esforçou por esquecer. Tomei em conjunto o carinho pelas crianças e o sentimento contra as outras pessoas da casa, então isso tudo só admitia uma *interpretação* [a de que estava amando o seu patrão].[49]

O termo interpretação já é usado nos textos anteriores a 1900 tanto para dar a explicação da formação dos sintomas, como para revelar a recordação traumática que jaz na consciência dissociada. Em ambos os usos, o que vigora é a seguinte ideia: que há algo que não pode ser observado diretamente e que só pode ser concebido mediante uma interpretação. Assim, a causa dos fenômenos motores dos ataques histéricos só pode ser revelada por meio da decifração do que ocorre no interior do psiquismo: de que afeto e representação estão dissociados e que aquele é conduzido às inervações motoras, única via pela qual pode descarregar-se. A reminiscência traumática tem o seu direito à palavra recusado e a sua única forma de expressão passa a ser a linguagem não verbal: mediante um longo caminho associativo, o corpo se encarrega de falar pelo trauma. O evento traumático, oculto pela repressão, só pode ser apreendido mediante as lacunas na fala do paciente. O que não pode ser expresso verbalmente se furta à visão da consciência e a interpretação é o único meio de alcançá-lo.

É em 1900 que Freud remanejará o conceito de interpretação a partir da compreensão do papel da fantasia para a formação das psiconeuroses. Os usos feitos anteriormente por ele não desaparecem, contudo são precisados frente à ideia da *criação psíquica*, sob três aspectos bastante marcados: em primeiro lugar, o de que a construção da fantasia figurada no sonho ou na patologia pressupõe um trabalho prévio de interpretação da consciência, que faz emergir no Eu consciente algo inconsciente e dá figuração àquilo que não pode ser diretamente apresentado; em segundo lugar, o de que o trabalho analítico de chegar à causa das construções fantasísticas (de desvendar as bases inalcançáveis que estão no inconsciente) exige uma nova interpretação que traduz a figuração (não verbal) da fantasia em linguagem verbal e, por meio de tal tradução, encontra a intenção que subjaz à figuração; e em terceiro

---

[49] „unter den Voraussetzungen jenes Traumas eine sein müsse, die sie absichtlich im unklaren lassen wolle, die sie sich bemühe zu vergessen. Nahm ich die Zärtlichkeit für die Kinder und die Empindlichkeit gegen die anderen Personen des Haushaltes zusammen, so lieβ dies alles nur eine Deutung zu.“ FREUD, S. BREUER, J. **Studien über Hysterie** (1895b), p. 74. (Grifo nosso)

lugar, o de que a elaboração de uma teoria acerca do aparelho psíquico, não observável diretamente na experiência clínica mas que é concomitante a esta, é fruto de um trabalho de interpretação.

Em seu livro dos sonhos, Freud não dá um novo sentido ao termo "interpretação"[50], mas o reformula frente às modificações que sua própria teoria sofreu. Interpretar pressuporá, a partir de então, a seguinte pergunta: "quem pôs a interpretação" (*qui a posé l'interprétation*)[51]. Este "quem?" será não só aquele que interpreta, mas também ele próprio uma interpretação. Ou melhor, ele será o autor das criações fantasísticas que, nos sonhos ou na patologia, traz o que não pode se mostrar diretamente; será também o autor das explicações do sentido de tais fantasias; e ao mesmo tempo, ele próprio uma criação metapsicológica. Vejamos mais de perto cada uma dessas três compreensões da palavra interpretação e suas relações com o fantasiar.

1. Interpretar como construir fantasias

No capítulo 5 de *A interpretação dos sonhos*, intitulado "O material e as fontes do sonho", Freud nos mostra um sentido bastante importante para a compreensão do termo "interpretação". Ele nos diz:

> *O desejo de dormir, ao qual se adaptou o Eu consciente e que juntamente com a censura onírica e o 'trabalho secundário', que faremos menção mais tarde, que contribui para a apresentação dos sonhos, tem então de ser incluído todas as vezes como motivo da formação de sonho, e cada sonho bem sucedido é um cumprimento do mesmo.* [...] Mas, no desejo de dormir descobrimos aquele motivo que pode preencher o vácuo da teoria de Strümpell-Wundt, que é capaz de esclarecer a obliquidade e o capricho na interpretação dos estímulos externos. A interpretação correta, que a alma que dorme é muito bem capaz de dar, reivindicaria um interesse ativo, exigiria pôr um fim no sono; por isso, de todas as interpretações possíveis só são admitidas aquelas aliadas com a censura do desejo de dormir exercida de modo absolutista. Algo como: é o rouxinol e não a cotovia. Pois se fosse a cotovia, então a noite de amor teria encontrado o seu fim. Então, dentre as interpretações admissíveis do estímulo é escolhida aquela que pode adquirir o melhor enlace com as moções de desejo que espreitam na alma. Assim, tudo se dispõe inequivocamente, nada está entregue ao gosto. A falsa interpretação não é ilusão, senão – por assim dizer – pretexto. Mas aqui, por sua vez, como no substituto pelo deslocamento a serviço da censura onírica, presenciamos um ato de dobra do processo psíquico normal.[52]

---

[50] FOUCAULT, M. Nietzsche, Freud, Marx . In: **Dits et écrits**, vol. I, p. 592-607.
[51] FOUCAULT, M. Nietzsche, Freud, Marx . In: **Dits et écrits**, vol. I, p. 601.
[52] „*Der Wunsch zu schlafen, auf den sich das bewußte Ich eingestellt hat und der nebst der Traumzensur und der später zu erwähnenden ‚sekundären Bearbeitung' dessen Beitrag zum Träumen darstellt, muß so als Motiv der Traumbildung jedesmal eingerechnet werden, und jeder gelungene Traum ist eine Erfüllung desselben*. [...] In dem Schlafwunsch haben wir aber jenes Moment aufgedeckt, welches die Lücke in der *Strumpell-Wundt*schen

Neste trecho, Freud escreve que todo sonho realiza um desejo, a saber: o desejo de dormir. O impulso para dormir é universalmente o motor do sonho, e este realiza-o na medida em que preserva aquele que sonha dormindo. O sonho que nos desperta, como o pesadelo, por exemplo, fracassa em seu propósito. E para preservar a situação desejada, a atenção do sujeito muda de sentido: volta-se do mundo exterior para o interior, e serve, ela também, para o cumprimento do desejo universal de dormir. Se a atenção permanecesse voltada aos estímulos externos, o interesse por eles continuaria ativo e impossibilitaria o sujeito de dormir. Contudo, os estímulos externos não cessam de chegar aos nossos órgãos perceptivos. Para que sensações de frio, barulho, etc. não despertem o indivíduo, sua atenção afasta-se dos estímulos externos, cujo desconforto ganha uma figuração que possibilita ao sujeito realizar o seu desejo de dormir. O sonho é assim a *interpretação* dos estímulos que chegam até nós, de modo que possa oferecer-lhe uma feição compatível com o dormir, isto é, que os acomode ao desejo que gera o sonho, e crie uma situação de comodidade que propiciará o dormir.

Enquanto dorme, a alma não perde a capacidade que, quando acordada, tem de discernir os estímulos. Mas somente um tipo de figuração destes estímulos pode ser apresentada para a consciência, a saber: a compatível com o estado de dormir. Não queremos com isso dizer que a alma se fixa em uma única representação para realizar o desejo de dormir. Uma vez que no sonho a alma não está mais presa à realidade externa, torna-se capaz de oferecer um sentido original aos estímulos que chegam até ela. Enquanto a alma acordada fixa-se a uma leitura da realidade que deve se acomodar às relações lógico-causais e às espaciotemporais (ao princípio de realidade), a alma que dorme está livre para oferecer uma interpretação ao que chega até ela. Vejamos um exemplo:

> O mesmo sonho de preguiça, em forma particularmente chistosa, conheço de um dos jovens colegas que parece compartilhar minha inclinação a dormir. A hospedeira, em cuja casa habitava perto do hospital, tinha o estrito encargo de despertá-lo pontualmente a cada manhã, mas também muito trabalho lhe dava se quisesse executá-lo. Uma manhã o sono era particularmente doce. A mulher chamou no quarto: Senhor Pepi levante-se, tem de [ir] ao hospital. Sobre isso, sonhou o dormente com um quarto no

---

Theorie auszufüllen, die Schiefheit und Launenhaftigkeit in der Deutung des äuβeren Reizes aufzuklären vermag. Die richtige Deutung, deren die schlafende Seele sehr wohl fähig ist, nähme ein tätiges Interesse in Anspruch, stellte die Anforderung, dem Schlaf ein Ende zu machen; es werden darum von den überhaupt möglichen Deutungen nur solche zugelassen, die mit der absolutistisch geübten Zensur des Schlafwunsches vereinbart sind. Etwa: Die Nachtigall ist's und nicht die Lerche. Denn wenn's die Lerche ist, so hat die Liebesnacht ihr Ende gefunden. Unter den nun zulässigen Deutungen des Reizes wird dann jene ausgewählt, welche die beste Verknüpfung mit den in der Seele lauernden Wunschregungen erwerben kann. So ist alles eindeutung bestimmt und nichts der Willkür überlassen. Die Miβdeutung ist nicht Illusion, sondern – wenn man so will – Ausrede. Hier ist aber wiederum, wie bei dem Ersatz durch Verschiebung zu Diensten der Traumzensur, ein Akt der Beugung des normalen psychischen Vorganges zuzugegen." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 240-41. (Grifo do autor)

> hospital, uma cama na qual ele jazia, e uma mesa de cabeceira sobre a qual se lia: Pepi H. ... *cand. med.*, vinte e oito anos. Diz-se sonhando: se já estou no hospital, não necessito correr para lá, vire-se e continue dormindo. Com isso, tinha respondido com franqueza o motivo de seu sonho.[53]

Este sonho nos mostra que, para continuar dormindo, o chamado da hospedeira é recriado de modo que possa se tornar compatível com o desejo de dormir. Ao invés de despertar, a ação no mundo real é substituída pelo sonho que cria, de modo fantasiado, uma situação que acomode o estímulo externo ao impulso para dormir. No sonho, o Eu consciente interpreta o chamado da hospedeira de tal modo que possa acomodá-lo às suas moções de desejo. O que motiva esta produção fantasiosa é a urgência para satisfazer o desejo de dormir, e o conteúdo da fantasia possibilita o cumprimento deste desejo.

Contudo, os estímulos externos não são os únicos que chegam à alma durante o sonho. Freud se refere a outra fonte onírica advinda do interior do psiquismo: as moções inconscientes. Na vida anímica existem desejos reprimidos (*verdrängte*) que pertencem ao sistema inconsciente e cujo cumprimento o pré-consciente se opõe. Este sistema regula a entrada de certas representações na consciência, é portanto o órgão censor da alma. A censura não consegue eliminar do psiquismo o desejo recusado, mas apenas da consciência. O material subtraído desta continua existindo no inconsciente e deve permanentemente ser submetido à inibição (*Hemmung*).

As únicas representações dotadas de grandes investimentos afetivos e, ao mesmo tempo, desprazerosas para a consciência são as dos desejos infantis. Durante o sono, a fim de não despertar o interesse ativo da consciência, e com ela o desprazer de vencer a barreira da censura, esta exerce uma força contra tais desejos e impede que eles ganhem representação na consciência. Quando dormimos, os desejos infantis iniciam sua marcha em direção à consciência (que tem a chave para a motilidade, capaz de realizá-los). E como são dotados de uma quantidade de energia suficientemente capaz de despertar um interesse ativo da consciência, o psiquismo acomoda o desejo infantil ao desejo de dormir, e cria uma situação

---

[53] „Denselben Trägheitstraum in besonderes witziger Form kenne ich von einem jungen Kollegen, der meine Schlafneigung wohnte, hatte den strengen Auftrag, ihn jeden Morgen rechtzeitig zu wecken, aber auch ihre liebe Not, wenn sie den Auftrag ausführen wollte. Eines Morgens war der Schaf besonders süβ. Die Frau rief ins Zimmer: Herr Pepi, stehen S'auf, Sie müssen ins Spital. Daraufhin träumte der Schläfer ein Zimmer im Spital, ein Bett, in dem er lag, und eine Kopftafel, auf der zu lesen stand: Pepi H... *cand. med.*, zweiundzwanzig Jahre. Er sagte sich träumend: Wenn ich also schon im Spital bin, brauche ich nicht erst hinzugehen, wendete sich um und schlief weiter. Er hat sich dabei das Motiv seines Träumens unverhohlen eingestanden." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 130. (Grifo do autor)

que satisfaça tanto um quanto o outro. Neste caso, assim como com os estímulos externos, "*o sonho é o guardião do sono, não o seu perturbador*."[54]

No sono, duas forças entram em jogo (*Spiel*) no psiquismo, a saber: o desejo de dormir, ao qual o Eu consciente se acomoda, e o desejo inconsciente. Do equilíbrio entre elas temos o sonho como resultado: o material reprimido não se representa diretamente na consciência, mas indiretamente, após sofrer um trabalho de elaboração secundária que gera o conteúdo manifesto na consciência. Assim como as recordações encobridoras, as peças que compõem o jogo onírico são representações do passado remoto, do passado recente e do presente, que se combinam para dar sentido ao que não podia ser sentido. O conteúdo inconsciente ganha figuração na consciência por meio das reminiscências diurnas e das sensações que chegam até nós durante o sono. Assim, os desejos infantis representam-se na consciência somente através de dois materiais distintos: a memória da véspera e os estímulos somáticos. Tal como na recordação de infância, o elemento infantil não se dá a conhecer por imagens próprias, mas empresta representações de outras épocas para compor o seu retrato. A memória do dia anterior e os estímulos vindos do corpo somados às moções de desejo inconscientes não resultam na produção de uma duplicação do conteúdo inconsciente ou das condições secundárias que a possibilitam. Eles não são uma mera sombra do inconsciente que chega à consciência, mas uma nova forma de expressão daquele. "Não negarei", escreve Freud, "que também o trabalho do pensamento crítico participa na formação do sonho, que *não repete simplesmente* o material dos pensamentos oníricos."[55] Ao contrário, o trabalho de formação dos sonhos é uma adulteração criativa: na fantasia, produz-se algo original que concilia os diferentes interesses (o consciente e o inconsciente) e, ao mesmo tempo, os realiza. O sonho é um produto fantasiado que dá prazer para as duas extremidades do aparelho psíquico.

Os desejos infantis recusados na consciência pela censura formam um conjunto de moções que por si só são incognoscíveis. As representações recusadas pela censura são subtraídas do Eu consciente e a elas é vedada qualquer possibilidade de se tornarem visíveis. Não têm mais acesso à consciência, contudo, continuam exercendo pressão sobre ela. E como não podem ser representadas diretamente, passam por uma elaboração que lhes apresenta de uma maneira bastante peculiar: o desejo inconsciente é recriado de tal modo que possa entrar

---

[54] "Der Traum ist der Wächter des Schlafes, nicht sein Störer." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 239. (Grifo do autor)

[55] „werde ich nicht bestreiten, daβ auch kritische Dankarbeit, die nicht einfach material aus den Traumgedanken wiederholt, ihren Anteil an der Traumbildung nimmt." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 318. (Grifo nosso)

na consciência sem deixar de ser irrepresentável. Não queremos com isso dizer que o material exterior possa ser apreendido em sua realidade. Para Freud, tanto realidade externa quanto interna, ou melhor, os dois pontos entre os quais a consciência se situa não podem ser conhecidos senão de modo fragmentado e requerem interpretação. Esta recai sobre aquilo que o Eu consciente não pode alcançar de modo completo. Nas palavras de Freud:

> O inconsciente é o psíquico propriamente real, *em sua natureza interna é-nos tão desconhecido quanto o real do mundo exterior, e é-nos dado pelos dados da consciência de modo tão incompleto como o é o mundo exterior pelas indicações de nossos órgãos dos sentidos.*[56]

O trabalho de interpretação que ocorre na formação do sonho é infinito. Ele surge na alma por mais de um motivo ou incitação e admite muitas interpretações, sendo assim, os sonhos são suscetíveis de sobre-interpretação (*Überdeutung*[57]), isto é, remetem-se a uma pluralidade de fatores determinantes (por exemplo: as vivências do dia anterior, os estímulos somáticos, os impulsos infantis) que dão à interpretação inúmeros graus. Jamais se pode chegar ao conhecimento do material inconsciente em sua completude. Ele só é dado de maneira fragmentada e distorcida. Sendo assim, não é uma mera cópia da moção de desejo que se inscreve na consciência, ou ainda ela mesma que se revela para nós, mas algo que, ao mesmo tempo em que a oculta, pode expor mais do que apenas uma máscara oca: a fantasia traz o desejo inconsciente em toda a sua realidade e o representa em todo o seu valor.

Sem dar a ele um só traço de linguagem verbal, o sonho permite figurar o que não pode ser representado em nossa consciência. Para melhor explicá-lo, Freud compara-o com o trabalho de um artista, pintor ou escultor. Assim como o pintor, por exemplo, consegue expor numa só cena as intenções das diferentes pessoas retratadas sem recorrer à verbalização, assim também o sonho apresenta as relações entre os diferentes pensamentos oníricos por meio de uma recriação do conteúdo latente do sonho. As moções inconscientes podem ser comparadas ao material em estado bruto a ser trabalhado por um artista. O pintor e o escultor estão presos à natureza do material com que trabalham, sem poderem modificá-la, e, por outro lado, é a própria natureza do material, o mármore ou a tela e a tinta, que conduz o artista a imprimir-lhe certa forma. Ora, de acordo com a comparação de Freud, os pensamentos oníricos são a matéria bruta do sonho, e o que lhe permitirá ganhar uma figuração na consciência são as reminiscências do dia anterior e os estímulos externos que chegam até nós

---

[56] „Das Unbewuβte ist das eigentlich reale Psychische, *uns nach seiner inneren Natur so unbekannt wie das Reale der Außenwelt, und uns duch die Daten des Bewuβtseins ebenso unvollständig gegeben wie die Außenwelt durch die Angaben unserer Sinnesorgane.*“ FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 618. (Grifo do autor)

[57] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 272.

durante o sono. Mas, estes dois instrumentos de trabalho da fantasia não podem violentar a natureza do material ao qual imprimem sua forma[58]. O inconsciente não ganha voz diretamente na consciência, ou melhor, a natureza desta última instância não lhe permite discursar sobre o que está fora do campo discursivo. Ao incognoscível está vedada qualquer possibilidade de ganhar figuração por representações verbais. Sendo assim, toda exposição possível de seu conteúdo na consciência, mesmo que mediado pelos estímulos externos e pelas recordações do dia anterior, tem de ser por meio de uma representação capaz de figurar o jogo entre o cognoscível e o incognoscível. Nas palavras de Freud:

> Tem-se de responder, em primeiro lugar, que o sonho não tem nenhum meio de apresentação da ordem dessas relações lógicas entre os pensamentos oníricos. Sobretudo, não toma em consideração todas essas preposições[59] e aceita apenas o conteúdo substantivo dos pensamentos oníricos para elaborá-lo. Deixa para a interpretação de sonho restabelecer uma vez mais a conexão que a elaboração do sonho aniquilou. A perda dessa capacidade de expressão tem de estar no material psíquico com o que o sonho é elaborado. Encontra-se em uma restrição semelhante à das artes plásticas, a pintura e a escultura em comparação à poesia que pode servir-se da fala, e aqui também o fundamento da incapacidade está no material por cuja elaboração ambas as artes esforçam-se por dar alguma expressão. Antes que a pintura tivesse chegado ao conhecimento das leis da expressão que valessem para ela, empenhou-se por compensar esse prejuízo. Em quadros antigos, deixava-se na boca das personagens pintadas etiquetas penduradas para fora, que traziam a fala como escrita, que o pintor desesperadamente apresentava no quadro. [...] Mas, assim como finalmente a pintura chegou de outro modo a exprimir (que não por etiquetas oscilantes) ao menos a intenção da fala das personagens apresentadas, delicadeza, ameaça, advertência, e assim por diante, assim deu-se também no sonho a possibilidade de voltar a atenção às isoladas relações lógicas entre seus pensamentos oníricos por uma modificação pertencente à apresentação do sonho que lhe é própria.[60]

---

[58] Não podemos deixar de notar a semelhança entre essas palavras e as de um outro autor de língua alemã, tão citado por Freud ao longo de seus anos de exercício da psicanálise. Em *O material da arte plástica*, Goethe nos diz: "Parece-me muito provável que os egípcios foram levados a erguer tantos obeliscos devido à própria forma do granito. Em um estudo bastante preciso das formas muito variadas nas quais se encontra o granito, eu percebi uma concordância geralmente universal: os paralelepípedos, no qual o encontramos, são muitas vezes divididos em diagonal, donde surgem imediatamente dois obeliscos em estado bruto. É provável que esse fenômeno da natureza surge colossal no Alto Egito, nas montanhas sieníticas; e assim como se ergueu qualquer pedra para designar um lugar digno de atenção, ali se procurou e se privilegiou, para monumentos públicos, os maiores blocos de granito, talvez mesmo raros naquelas montanhas. Ainda ficou muito trabalho para dar-lhes uma forma regular, para elaborar com cuidado os hieróglifos e para suavizar o todo, mas não tanto, caso toda a figura, sem nenhuma ajuda da natureza, tivesse de ser esculpida a partir de uma enorme massa de pedra". GOETHE, W. **Escritos sobre arte**, p. 56.

[59] No parágrafo anterior ao citado, Freud refere-se às seguintes preposições: "Qual apresentação experimenta no sonho o 'se, porque, como, apesar de, ou – ou', e todas as outras preposições sem as quais não podemos entender a frase ou fala?" („Welche Darstellung erfahren im Traum das 'Wenn, weil, gleichwie, obgleich, entweder – oder' und alle anderen Präpositionen, ohne die wir Satz und Rede nicht verstehen können?"). FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 317.

[60] „Man muβ zunächst darauf antworten, der Traum hat für diese logischen Relation unter den Traumgedanken keine Mittel der Darstellung zur Verfügung. Zumeist läβt er all diese Präpositionen unberücksichtig und übernimmt nur der sachlichen Inhalt der Traumgedanken zur Bearbeitung. Der Traumdeutung bleibt es

As moções de desejo que movem interiormente o indivíduo na produção fantasística têm de sofrer uma transformação para acessar à consciência e realizarem-se, mesmo que de modo desfigurado e indireto. Contudo, o trabalho pelo qual se submetem antes de chegarem à luz não modifica a sua natureza. Assim como o escultor não consegue mudar a natureza da pedra que remodela, assim também o trabalho do sonho, por mais que modifique as relações entre os pensamentos oníricos, não tem a propriedade de destruir o caráter essencial das moções: mesmo ao ganharem figuração na consciência, elas não deixam de ser ímpetos que impelem à busca de prazer, mesmo que este remonte a um passado há muito tempo abandonado. É da natureza do material inconsciente mover-nos à criação no estado de sono, e, para isso, a pedra bruta, não representável por si só na consciência, é trabalhada de tal modo que possa ganhar uma forma inteiramente nova e passível de ser conhecida. A matéria-prima da fantasia subsiste por si mesma, sem que a ela seja necessário voltar a atenção consciente. Ela não existe para a consciência, pois não existe para ser conhecida. O Eu consciente não pode apreendê-la por inteiro, já que apenas chega até ele após ter sido reformulada. É dotada de uma força que nos mantém em um perpétuo movimento – mesmo que não tenhamos notícia dela. Pode tocar os estímulos externos e as recordações recentes em infinitos pontos e criar uma rede infindável de analogias com eles. Suas formas de entrada na consciência são inúmeras, sem que se deixe esfacelar e aniquilar pela censura. Mesmo após atravessar a censura, o material inconsciente apresentado pela fantasia não deixa de ser incognoscível e, portanto, pode chegar até a consciência somente como uma interpretação. Neste sentido, a recordação infantil nada mais é do que um sonhar que invade a cadeia mnêmica durante a vigília e à qual, ao contrário do sonho, atribuímos realidade objetiva. Ora, não seria a recordação encobridora, narrada no início do capítulo, a expressão plástica da matéria bruta inconsciente? A cena infantil pintada pelo interlocutor de Freud seria, assim como o sonho, a

---

überlassen, den Zusammenhang wieder herzustellen, den die Traumarbeit vernichtet hat. Es muβ am psychischen Material liegen, in dem der Traum gearbeitet ist, wenn ihm diese Ausdrucksfähigkeit abgeht. In einer ähnlichen Beschränkung befinden sich ja die darstellenden Künste, Malerei und Plastik im Vergleich zur Poesie, die sich der Rede bedienen kann, und auch hier liegt der Grund des Unvermögens in dem Material, durch dessen Bearbeitung die beiden Künste etwas zum Ausdruck zu bringen streben. Ehe die Malerei zur Kenntnis der für sie gültigen Gesetze des Ausdrucks gekommen war. Bemühte sie sich noch, diesen Nachteil auszugleichen. Aus dem Munde der gemalten Personen lieβ man auf alten Bildern Zettelchen heraushängen, welche als Schrift die Rede Brachten, die im Bilde darzustellen der Maler verzweifelte. [...] Wie es aber endlich der Malerei gelungen ist, wenigstens die Redeabsicht der dargestellten Personen, Zärtlichkeit, Drohung, Verwarnung u. dgl., anders zum Ausdruck zu bringen als durch den flatternden Zettel, so hat sich auch für den Traum die Möglichkeit ergeben, einzelnen der logischen Relationen zwischen seinen Traumgedanken durch eine zugehörige Modifikation der eigentümlichen Traumdarstellung Rücksicht zuzuwenden.“ FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 317-18.

expressão na consciência de algo inexprimível. Tal como na recordação encobridora, a invenção que o indivíduo cria para si e a introduz na cadeia mnêmica é interpretação.

2. A fantasia e a sua interpretação na clínica analítica

Se não é da natureza do material inconsciente ganhar expressão verbal, isso somente pode ocorrer em uma segunda etapa da interpretação: a que recai sobre as representações que já estão dadas na consciência. Como nos adverte Monzani em seu artigo *A teoria freudiana do sonho*, "o sonho, essencialmente, não é uma estrutura comunicativa, e muito menos uma espécie qualquer e particular de linguagem."[61] As figurações que se mostram à nossa consciência não são produzidas com a finalidade de fazer falar o inconsciente. O discurso é peculiar à consciência e exige uma atividade voluntária do sujeito. Na análise que Freud empreende de seus sonhos e de suas lembranças, o que lhe permite partir do conteúdo manifesto e chegar ao conteúdo latente é a renúncia intencional e deliberada à passividade necessária para a formação do sonho. Sua atenção deve mover-se agora em outro sentido: ela se dirigirá voluntariamente para as profundezas.

Deste modo, na clínica psicanalítica a interpretação ganha um segundo *sentido*: diferente daquela que ocorre no adormecimento, aqui a interpretação faz das representações involuntárias representações voluntárias. E como a ação voluntária é própria da consciência, bem como a exploração de certo material mediante a linguagem verbal, essa segunda interpretação se dará no nível do discurso e pressuporá a escuta do outro (mesmo que este não seja mais do que um desmembramento de si próprio, como ocorre no relato das *Recordações encobridoras*).

A interpretação analítica, ao dar uma representação verbal ao conteúdo inconsciente, só se dá num estado artificial, contrário ao da formação da cena fantasiada, a saber: entre o interlocutor e o ouvinte, ou ainda, entre o analista e o enfermo. Ela pressuporá uma técnica (*Technik*[62]) que consistirá em fazer com que da matéria bruta inconsciente, escavada no que há de mais profundo em si mesmo, possa ser construído algo que torne as profundezas visíveis para a consciência, ou ainda, segundo Foucault:

> Se o intérprete deve ele próprio ir até o fundo, como um escavador, o movimento da interpretação é, ao contrário, aquele de uma construção, de

[61] MONZANI, L. R. A teoria freudiana do sonho. In: SIMANKE, R. T., **Freud na filosofia brasileira**, p. 139.
[62] As palavras "Kunst" e "Technik" encontram-se em FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 247.

> uma construção cada vez mais elevada, que sempre mostra acima dela, de uma maneira cada vez mais visível, a profundidade.[63]

O movimento da atenção que desce até as profundezas não pode se dar aos moldes do que Freud denomina reflexão. Ao contrário do que poderíamos pensar, a ação de refletir não significa para Freud simplesmente olhar para si mesmo, mas olhar-se de maneira crítica, de modo que afugente os pensamentos aparentemente disparatados que emergem[64] das profundezas. É necessário que a atenção durante a análise rebaixe a crítica repressora e se mova da maneira mais neutra possível, assim como acontece quando dormimos. Escreve ele:

> Além disso, aquele que reflete exerce uma crítica em consequência da qual rejeita uma parte das ideias que ascendem até ele depois que as percebeu, outras, interrompe rapidamente, de modo que não segue os caminhos de pensamento que elas teriam aberto, e ainda com relação a outros pensamentos sabe impedir que se tornem de todo conscientes, então os suprime antes de sua percepção[65].

A percepção do que há de mais íntimo exige uma inteira honestidade consigo mesmo, como nos dirá Freud em uma carta endereçada a Fliess[66]. Tudo o que passar pelo espírito deve ser notado: as tendências pessoais, os preconceitos, os pensamentos desprazerosos etc. A observação voluntária de si tem de produzir um estado análogo ao adormecimento no que se refere à distribuição da energia psíquica. Isto é, tanto no sonho quanto na análise a atenção não pode se fixar em um ponto e tentar chegar até ele como se caminhasse em linha reta. Este seria o caminho da reflexão que privilegia um elemento determinado. A atenção necessária para a interpretação analítica deve ser tão desinteressada quanto a da formação onírica, pois somente assim conseguirá seguir o caminho dos investimentos associativos entre o núcleo formador do sonho e a sua manifestação na consciência. O caminho percorrido entre o conteúdo latente e o manifesto passa por múltiplas associações e reformulações. Traçar o caminho às avessas (do manifesto ao latente) é refazer – ao nível do discurso – os zigue-zagues que vão desde à superfície até as profundezas. Se o trabalho do sonho "não pensa, não

---

[63] "si l'interprète doit aller lui-même jusqu'au fond, comme un fouilleur, le mouvement de l'interprétation est au contraire celui d'un surplomb, d'un surplomb de plus en plus élevé, qui laisse toujours au-dessus de lui s'étaler une manière de plus en plus visible la profondeur." FOUCAULT, M. Nietzsche, Freud, Marx . In: **Dits et écrits**, vol. I, p. 596.

[64] „Auftauchenden Gedanken". FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 105.

[65] "der Nachdenke übt auβerdem eine Kritik aus, infolge deren er einen Teil der ihm aufsteigenden Einfälle verwirft, nachdem er sie wahrgenommen hat, andere kurz abbricht, so daβ er den Gedankenwegen nicht folgt, welche sie eröffnen würden, und gegen noch andere Gedanken weiβ er sich so zu benehmen , daβ sie überhaupt bewuβt, also vor ihrer Wahrnehmung unterdrückt werden." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 106.

[66] "Ser completamente honesto consigo mesmo é um bom exercício" (*Ganz ehrlich mit sich sein ist eine gute Übung*). FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ** (1887-1904), carta 142, datada de 15 de outubro de 1897, p. 293.

calcula e, por regra geral, não julga, e limita-se a transformar"[67], também a interpretação analítica não pode proceder pelo pensamento normal – mas pela atenção flutuante, sem a ação da censura.

Ora, se os estados psíquicos necessários para a interpretação (no sonho ou fora dele) encontram-se alinhados, devemos notar que, no sonho, essa atenção móvel que acompanha as representações involuntárias aparece como consequência do relaxamento da ação deliberada e da crítica que recai sobre o curso de nossas representações. A causa desse relaxamento é a fadiga, que nos leva a renunciar voluntariamente à atividade e se entregar à profusão de representações involuntárias. Ao contrário, o estado em que se dá a interpretação em análise exige que o sujeito renuncie voluntariamente à passividade e que se entregue à perseguição das representações involuntárias. "*Assim, faz-se das representações 'involuntárias' representações 'voluntárias'*."[68] Para explicar a arte psicanalítica, Freud recorre à criação poética:

> Os 'pensamentos involuntários' tratam de desencadear a mais violenta resistência que quer impedir que eles cheguem à superfície. Mas se damos crédito ao nosso grande poeta e filósofo Fr. *Schiller*, também a condição da produção poética tem de compreender um emprego bastante semelhante. Em uma de suas correspondências com *Körner*[69], cuja pista devo a Otto *Rank*, *Schiller* responde à queixa de seu amigo sobre sua falta de produtividade: o fundamento de tua queixa está, me parece, na coação que teu entendimento impõe à tua imaginação. Devo aqui esboçar um pensamento e ilustrá-lo com uma metáfora. Não parece bom, e ainda é prejudicial para a obra criadora da alma, que o entendimento examine com demasiado rigor as ideias que lhe aflorem, e o faça nas portas mesmas, por assim dizer. Se se a considera isolada, uma ideia pode ser muito insignificante e ousada, mas talvez, em uma certa união com outras, que acaso pareçam também desdenháveis, pode entregar-nos a um elo seguro se não a retém por tempo bastante para contemplá-la em sua união com essas outras. E em uma mente criadora, me parece, o entendimento retirou sua guarda das portas; assim as ideias se precipitam por elas *pêle-mêle*, e então – só então – pode aquele dominar com a vista o grande acúmulo e modelá-lo. Vós, senhores críticos, ou como quer que os chameis, sentis vergonha ou temor frente a esse delírio momentâneo, passageiro, que sobrevém a todos os criadores genuínos e cuja duração maior ou menor distingue o artista do sonhador. Daí vossas queixas de infecundidade, porque desestimais demasiado rápido e recusais com excessivo rigor.[70]

---

[67] MONZANI, L. R. A teoria freudiana do sonho. In: SIMANKE, R. T., **Freud na filosofia brasileira**, p. 70.

[68] „*Man macht so die ‚ungewollten' Vorstellungen zu ‚gewollten'.*" FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 107. (Grifo do autor)

[69] Freud refere-se a uma carta de Friedrich Schiller a Gottfried Körner, que data de 1º de dezembro de 1788.

[70] „Die ‚ungewollten Gedanken' pflegen den heftigsten Widerstand, der sie am Auftauchen hindern will, zu entfesseln. Wenn wir aber unserem groβen Dichterphilosophen Fr. *Schiller* Glauben schenken, muβ eine ganz ähnliche Einstellung auch die Bedingung der dichterischen Produktion enthalten. An einer Stelle seines Briefwechsels mit *Körner*, deren Aufspürung Otto *Rank* zu danken ist, antwortet *Schiller* auf die Klage seines Freundes über seine mangelnde Produktivität: ‚Der Grund deiner Klage liegt, wie mir scheint, in dem Zwange,

Horrorizado diante das representações involuntárias que podem ferir os ideais morais e causar desprazer, a censura fecha para tais representações as portas de acesso ao Eu consciente. Ela as constrange a tal ponto que chega até mesmo a causar uma paralisia de nossa faculdade criadora. Ora, se é esta a faculdade que permitirá aos pensamentos inconscientes ganhar uma interpretação (plástica e verbal), a censura tem de ser rebaixada, a fim de não coibir esse trabalho. O intérprete tem de se entregar sem amarras à fantasia e contemplar ao máximo os seus produtos. Uma vez que a censura foi suprimida e que as representações involuntárias configuram-se em um conjunto, o sujeito pode então trabalhá-las. A própria expressão utilizada por Freud – tornar "voluntário" o "involuntário" – diz-nos muito acerca do trabalho analítico. Ele é fruto de um querer consciente. O querer não nos move apenas a partir do inconsciente, mas é também peculiar ao Eu, que, para completar o trabalho da análise, tem de esforçar-se em rebaixar a censura que existe nele mesmo. A condição da auto-observação é, portanto, suprimir momentaneamente uma poderosa força que age contra o material inconsciente.

Se a matéria bruta que será trabalhada pelo sonho é, como vimos, o conteúdo inconsciente que dribla a censura e consegue se apresentar de modo fragmentado na consciência, na observação de si, por sua vez, esta primeira interpretação é tomada como a matéria bruta que se submete a um trabalho que nos levará aos confins do inconsciente. Para chegar a essa interpretação a partir de alguns fragmentos, Freud tem de reconhecer ao intérprete:

> o direito e a necessidade [...] de 'adivinhar o que foi esquecido a partir dos indícios (*Anzeichen*) deixados ou, expresso de modo mais exato, de *construir*'. Ali onde é possível 'adivinhar' (*erraten*), tem-se o direito de reconhecer o trabalho do *Phantasieren*: a 'construção' é, pois, a forma de 'fantasiar' necessária no processo analítico, e é permissível considerar a *Konstruktion* como a forma adequada de *Fiktion*. O analista 'construtor' é apresentado igualmente como o 'polo ativo' da relação.[71]

---

den dein Verstand deiner Imagination auflegt. Ich muβ hier einen Gedanken hinwerfen und ihn durch ein Gleichnis versinnlichen. Es scheint nicht gut und dem Schöpfungswerke der Seele nachteilig zu sein, wenn der Vestand die zuströmenden Ideen, gleichsam an den Toren schon, zu scharf mustert. Eine Idee kann, isoliert betrachtet, sehr unbeträchtlich und sehr abenteuerlich sein, aber vielleicht wird sie durch eine, die nach ihr kommt, wichtig, vielleicht kann sie in einer gewissen Verbindung mit anderen, die vielleicht ebenso abgeschmackt scheinen, ein sehr zweckmäβiges Glied abgeben: – Alles das kann der Verstand nicht beurteilen, wenn er sie nicht so lange gesthält, bis er sie in Verbindung mit diesen anderen angeschaut hat Bei einem schöpferischen Kopfe hingegen, deucht mir, hat der Verstand seine Wache von den Toren zurückgezogen, die Ideen stürzen *pêle-mêle* herein, und alsdann erst übersieht und mustert er den groβen Haufen. – Ihr Herren Kritiker, und wie Ihr Euch sonst nennt, schämt oder fürchtet Euch vor dem augenblicklichen, vorübergehenden Wahnwitze, der sich bei allen eigenen Schöpfern findet und dessen längere oder kürzere Dauer den denkenden Künstler von dem Träumer unterscheidet. Daher Eure Klagen der Unfruchtberkeit weil Ihr zu früh verwerft und zu strenge sondert." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 107-108. (Grifo do autor)

[71] ASSOUN, P.-L. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**, p. 70. (Grifo do autor)

Aqui, a interpretação recai sobre um material que já foi previamente interpretado: é, portanto, uma reinterpretação. E como procede tal reinterpretação? Se a auto-observação é denominada por Freud autoanálise, então o primeiro passo em sua aplicação tem de ser o de separar o conjunto de representações que nos são dadas no sonho ou nas recordações de infância como fragmentos singulares. O intérprete deve desmembrar a cena, analisá-la e oferecer para cada parte uma série de ocorrências que podem revelar as intenções (*Absichten*[72]) que jazem por trás de cada parte da criação (as suas *Hintergedanken*[73]). Para Freud, apesar de a cena fantasiada formar um todo, sua reinterpretação em análise não pode levar em conta a cena apenas de modo geral, mas deve percorrer cada um dos seus detalhes. Vejamos um exemplo de interpretação em que Freud divide e analisa os elementos de um sonho que tivera:

> *I. ... O amigo R. é meu tio. – Inspira-me grande carinho.*
> *II. Vejo diante de mim seu rosto um pouco mudado. Está como esticado, uma barba amarela que o emoldura se acentua com particular clareza.*[74]

A interpretação deste sonho é análoga à análise empreendida no texto sobre a lembrança infantil, em que o todo é dividido e para cada parte é preciso buscar o acontecimento biográfico de seu criador. O sonho foi relatado pela primeira vez por Freud em uma carta a Fliess de 15 de março de 1898. Cerca de um ano antes, soube que dois professores haviam indicado seu nome para o cargo de professor adjunto (*Prof. extraord.*), mas tinha consciência de que não podia nutrir esperanças a esse respeito, pois nos últimos anos o ministro, que deveria aprovar a indicação, havia deixado de considerar propostas deste tipo. Na tarde do sonho, recebeu a visita de seu amigo R., que esperava a promoção para o cargo de professor (*Professor*). Menos resignado que Freud, ia de tempos em tempos ao gabinete do ministro adiantar seu expediente. Disse ao encarregado que sua nomeação não saia porque era judeu e que agora, pelo menos, sabia em meio a quem estava. Como judeu, Freud encontrava-se na mesma situação. O primeiro passo para a análise do sonho é, como vimos, vencer a resistência:

> Quando ocorreu-me o sonho no curso da manhã, desatei a rir e disse: O sonho é um disparate. Mas ele não se deixou abandonar e seguiu-me o dia todo, até que finalmente ao anoitecer censurei-me: 'se algum de teus pacientes não soubesse dizer da interpretação de sonho outra coisa que: é um

---

[72] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 123.
[73] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 108.
[74] „*I...Freund R. Ist mein Onkel. – Ich empfinde große Zärtlichkeit für ihn*
II. Ich sehe sein Gesicht etwas verändert vor mir. Es ist wie in die Länge gezogen, ein gelber Bart, der es umrahmt, ist besonders deutlich hervorgehoben." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 143. (Grifo do autor)

> disparate, então o repreenderia e suporia que por trás do sonho se esconde uma história desagradável, de cujo conhecimento quer se poupar. Engana-se você do mesmo modo; sua opinião de que o sonho é um disparate significa apenas uma resistência interna contra a interpretação. Não se deixe deter'. Pus-me então a interpretar[75].

A censura exerce uma força sobre o conteúdo que quer manter na obscuridade, e, para isso, tenta convencer a consciência a não lhe dar atenção. Onde há uma representação que se quer reprimir, ali a censura se arma de juízos depreciativos que diminuem a sua importância. Além disso, devemos notar que a repressão imposta pela instância censora ao conteúdo inconsciente age em defesa do próprio Eu, pois:

> É evidente que as moções de desejo inconscientes aspiram a reger também durante o dia, e tanto o fato da transferência como as psicoses nos ensinam que queriam irromper pelo caminho que através do sistema pré-consciente leva até à consciência e até ao governo da motilidade. Na censura entre *Ics* e *Pcs*, que precisamente o sonho nos obrigou a supor, reconhecemos e honramos então ao guardião de nossa saúde mental.[76]

Ao vencer as resistências contra o material inconsciente, o Eu consciente extravasa sua atenção para além dos limites permitidos pelo pré-consciente e espalha-se sobre uma superfície que já não pode mais lhe dar uma forma definida. Como bem nos mostra Freud, a partir de uma comparação entre a arte de Schiller e a arte analítica, a condição terapêutica é a de que o Eu experimente um "delírio momentâneo", que o recoloca na mesma conformação dos sonhos e das psicoses. Deste delírio, tira-se então o material para a análise. Tentemos entender isso seguindo o exemplo dado por Freud:

Quanto à primeira parte de seu sonho – "R. é meu tio": Freud teve apenas um tio, cujo afã pelo lucro levou-o a ações condenadas pela lei. Seu pai muitas vezes lhe disse que o tio não era mau, que era apenas um cabeça fraca (*Schwachkopf*). Mas se associa o seu amigo R. à imagem do tio, então é porque pensa que também ele é um cabeça fraca. E assim aparece figurado no sonho: ao rosto de seu tio sobrepõe-se o seu rosto oval alargado e sua barba amarela. Quando jovem, R. tinha cabelos negro-intensos que, com a idade, começaram a se

---

[75] Als mir der Traum im Laufe des Vormittags einfiel, lachte ich auf und sagte: Der traum ist ein Unsinn. Er lieβ sich aber nicht abtun und ging mir den ganzen Tag nach, bis ich mir endlich am Abend Vorwürfe machte: ‚Wenn einer deiner Patienten zur Traumdeutung nichts zu sagen wüβte als: Das ist ein Unsinn, so würdest du es ihm verweisen und vermuten, daβ sich hinter dem Traum eine unangenehme Geschichte vesteckt, welche zu Kenntnis zu nehmen er sich ersparen will. Verfahr' mir dir selbst ebenso; deine Meinung, der Traum sei ein Unsinn, bedeutet nur einen inneren Widerstand gegen die Traumdeutung. Laβ dich nicht abhalten'. Ich machte mich als an die Deutung." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 143.

[76] „Die unbewuβten Wunschregungen streben offenbar auch bei Tag sich geltend zu machen, und die Tatsache der Übertragung sowie die Psychosen belehren uns, daβ sie auf dem Wege durch das System des Vorbewuβten zum Bewuβtsein und zur Beherrschung der Motilität durchdringen möchten. In der Zensur zwischen *Ubw* und *Vbw*, deren Annahme uns der Traum geradezu aufnötig, haben wir also den Wächter unserer geistigen Gesundheit zu erkennen und zu ehren." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 573. (Grifo do autor)

acinzentar e perderam a suntuosidade dos anos de juventude. Sua linda barba passou, pelo por pelo, por uma rude metamorfose de cores: do negro-intenso ficou castanho, em seguida amarelo escuro e, finalmente, cinza. É neste estágio que se encontra a barba de seu amigo e, para o desagrado de Freud, também a sua. O sonho figura ao mesmo tempo o rosto de R., o de seu tio, e, não resta dúvida, também o do próprio psicanalista.

Mas se seu tio era um delinquente e R. um homem honesto, por que considerá-lo um cabeça fraca? Esta pergunta traz-lhe à mente uma conversa com N., um outro colega judeu que também recebera a indicação para professor e que lhe contou que havia sido denunciado por tentativa de extorsão. O caso foi arquivado, mas N. temia que pudesse ser usado contra ele e impedisse sua nomeação. Ao contrário de N., Freud julga-se um homem honesto. Encontra-se aqui a referência à ideia de delinquência, presente no sonho. A interpretação desse sonho conduz Freud a uma primeira conclusão: se N. e R. corriam o risco de não serem nomeados por serem judeus, o mesmo ocorreria com ele. Porém, se esse risco estivesse baseado no fato de um deles ser um cabeça fraca e o outro um delinquente, então Freud poderia ficar tranquilo quanto à sua nomeação. Seria esse conflito ou receio em não ser nomeado que dera origem ao sonho.

Este primeiro nível de interpretação ainda não satisfaz Freud, pois há algo que resta obscuro: a ternura que sentiu por R. jamais experimentou pelo tio. Esse sentimento parece falso e exagerado e não pertence ao conteúdo latente do sonho. Está mesmo em oposição a esse conteúdo e apto a ocultar a interpretação que nos leva aos pensamentos latentes. Freud opunha-se à interpretação do sonho e depreciava o seu conteúdo porque resistia à afirmação de que R. era um cabeça fraca. O carinho que sente por R. é-lhe atribuído pela resistência, que deseja encobrir esse pensamento. Ora, se seu sonho desfigura o conteúdo latente até o ponto de chegar ao seu contrário, então a ternura manifesta serve também a esse tipo de desfiguração: é um meio premeditado de dissimulação dos pensamentos oníricos que contém as injúrias contra R. Neste caso, o sonho procurou uma representação contrária, um sentimento terno pelo seu amigo, mas deixa escapar sua intenção ao compará-lo ao tio.

Freud não vai muito além dessas afirmações, e para a interpretação sem que tenha chegado a um ponto satisfatório, ou melhor, ao "umbigo do sonho" (*Nabel des Traumes*[77]). A incompletude da interpretação está em analogia com a construção da recordação de infância: estas são cenas breves e descontínuas que não nos permitem apreender de imediato o desejo que as impulsiona. Assim como na produção literária, a análise chega a um ponto em que a

[77] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 116.

interpretação se extingue, ao ponto máximo do "delírio momentâneo", no qual a resistência tem de ser retomada e as portas para o inconsciente novamente fechadas. Para além desse ponto, dissolvem-se intérprete e interpretação, assim como a fronteira entre o Eu consciente e o conteúdo inconsciente. O trabalho analítico pressupõe sempre um resto que não pode ser exposto em linguagem verbal, e para além do qual não pode mais haver nem sujeito, nem objeto. Nas palavras de Foucault:

> O inacabamento da interpretação, o fato de ela ser sempre despedaçada, e de ela ficar em suspense à margem dela mesma, acha-se, creio, de uma maneira bastante análoga em Marx, Nietzsche e Freud, sob a forma da recusa do começo. Recusa da 'jornada de Robinson', disse Marx; distinção, tão importante em Nietzsche, entre o começo e a origem; e caráter sempre inacabado da marcha regressiva e analítica em Freud. Alias, é sobretudo em Nietzsche e Freud, em um grau mínimo em Marx, que se vê desenhar essa experiência que creio ser tão importante para hermenêutica moderna, que quanto mais adentramos na interpretação, mais, ao mesmo tempo, aproximamo-nos de uma região absolutamente perigosa, onde não apenas a interpretação encontrará seu ponto de retorno, mas onde ela própria vai desaparecer como interpretação, encadeando talvez a desaparição do próprio intérprete. A existência sempre aproximada do ponto absoluto da interpretação seria ao mesmo tempo aquela de um ponto de ruptura. Em Freud, sabe-se bem como se faz progressivamente a descoberta desse caráter estruturalmente aberto da interpretação, estruturalmente escancarado. Ela foi feita primeiramente de uma maneira muito alusiva, muito velada a ela mesma na *Traumdeutung*, onde Freud analisa seus próprios sonhos e invoca as razões de pudor, ou de não-divulgação de um segredo pessoal para interromper-se. [...] Não há nada de absolutamente primeiro ao interpretar, pois no fundo tudo já é interpretação, cada signo não é nele mesmo a coisa que se oferece à interpretação, mas interpretação de outros signos[78].

3. A estrutura psíquica do sujeito como uma interpretação

Como vimos até aqui, o termo interpretação pode ser entendido nos textos freudianos tanto como a entrada de um conteúdo inconsciente na consciência (o qual deve passar pela

---

[78] "L'inachevé de l'interprétation, le fait qu'elle soit toujours déchiquetée, et qu'elle reste en suspens au bord d'elle-même, se retrouve, je crois, d'une façon assez analogue chez Marx, Nietzsche et Freud, sous la forme du refus du commencemant. Refus de la 'robinsonade', disait Marx; distinction, si importante chez Nietzsche, entre le commencement et l'origine; et caractère toujours inachevé de la démarche régressive et analytique chez Freud. C'est surtout chez Nietzsche et Freud, d'ailleurs, à un moindre degré chez Marx, que l'on voit se dessiner cette expérience, je crois si importante pour l'herméneutique moderne, que plus on va loin dans l'interprétation, plus en même temps on s'approche d'une région absolument dangereuse, où non seulement l'interprétation va trouver son point de rebroussement, mais où elle va distaraître elle-même comme interpétation, entraînant peut-être la disparition de l'interprète lui-même. L'existence toujours approchée du point absolu de l'interprétation serait en même temps celle d'un point de rupture. Chez Freud, on sait bien comme s'est fait progressivement la découverte de ce caractére struturalement ouverte de l'interprétation, struturalement béant. Elle fut faite d'abord d'une manière très allusive, très voilée à elle-même dans la *Traumdeutung*, lorsque Freud analyse ses propres rêves, et qu'il invoque des raisons de pudeurs, ou de non-divulgation d'un secret personnel pour s'interrompre. [...] Il n'y a rien d'absolument premier à interpréter, car au fond, tout est déjà interprétation, chaque signe est en lui-même non pas la chose Qui s'offre à l'interprétation, mais interprétation d'autre signes". FOUCAULT, M. Nietzsche, Freud, Marx . In: **Dits et écrits**, vol. I, p. 597-99.

instância censora), como o movimento de "aprofundamento" da consciência, que parte do material fragmentado que chega até ela e submerge até as profundezas do inconsciente. Para haver uma interpretação é preciso que um certo conteúdo atravesse diferentes instâncias psíquicas. Assim como um feixe de luz muda de direção ao passar por meios materiais distintos, assim também os conteúdos anímicos que se dirigem do inconsciente para a consciência submetem-se à interpretação. Ora, o conceito de interpretação pressupõe pensar também uma disposição dos diferentes sistemas psíquicos, a ação de cada um destes sistemas sobre os demais, e a circulação energética entre eles, isto é, pressupõe pensar uma metapsicologia – uma tópica, dinâmica e economia do lugar de "quem interpreta". Mas como formular uma explicação coerente acerca de um aparelho psíquico que não pode ser apreendido em sua totalidade? No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, intitulado "Sobre a psicologia dos processos oníricos", Freud nos apresenta o problema:

> [...] desde o momento em que queremos penetrar mais a fundo nos processos anímicos dos sonhos, todas as vias deságuam na obscuridade. É-nos impossível *esclarecer* o sonho como processo psíquico, pois esclarecer quer dizer reconduzir ao conhecido, e não há por agora nenhum conhecimento psicológico que pudéssemos subordinar, que se pudesse concluir como razão de esclarecimento a partir do exame psicológico do sonho. Seremos, ao contrário, obrigados a erigir uma série de novas suposições que roçam, por meio de conjecturas (*Vermutungen*), na construção (*Bau*) do aparelho anímico e no jogo (*Spiel*) das forças que nele atuam, e temos de ponderar para não tecer muito além da primeira associação lógica, porque senão seu valor se perderia no indeterminável[79].

Na parte final do seu livro, Freud nos diz que a investigação dos sonhos até então realizada por ele é insuficiente para nos levar para além de certas fronteiras: para desvendar a estrutura do psiquismo e as forças que nele atuam, o exame onírico não basta. É preciso "procurar outro 'fundamento explicativo', não disponível no 'armazém' científico. *É necessário*, portanto, *inventar*"[80], isto é, formular, a partir de um material recém apresentado, um conjunto de suposições acerca de um saber inédito, aos moldes de um *como se fosse assim*

---

[79] „[...] von dem Moment an, da wir in die seelischen Vorgänge beim Träume tiefer eindringen wollen, werden alle Pfade ins Dunkel münden. Wir können es unmöglich dahin bringen, den Traum als psychischen Vorgang *aufzuklären*, denn erklären heiβt auf Bekanntes zurückführen, und es gibt derzeit keine psychologische Kenntnis, der wir unterordnen könnten, was sich aus der psychologischen Prüfung der Träume als Erklärungsgrund erschlieβen läβt. Wir werden im Gegenteil genötigt sein, eine Reihe von neuen Annahmen aufzustellen, die den Bau des seelischen Apparats und das Spiel der in ihm tätigen Kräfte mit Vermutungen streifen, und die wir bedacht sein müssen, nicht zu weit über die erste logische Angliederung auszuspinnen, weil sonst ihr Wert sich ins Unbestimmbare verläuft." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 515. (Grifo do autor)

[80] ASSOUN, P.-L. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**, p. 59. (Grifo do autor)

(*als ob*)[81]. Ou ainda, é necessário interpretar os dados fornecidos pela análise dos sonhos, e a partir dela formular uma "ficção metapsicológica por excelência"[82] do aparelho psíquico.

A apresentação de uma teoria sobre o deslocamento de certas quantidades de energia psíquica, acompanhada de uma tópica do aparelho anímico, é desenvolvida alguns anos antes da publicação de *A interpretação dos sonhos*. Em *Projeto para uma psicologia científica*, redigido em 1895 e jamais publicado em vida por Freud, encontramos um escrito tópico-econômico, no qual os "conceitos, ideias, teoremas e princípios vão sendo colocados ou deduzidos nesse afã de construir uma máquina psíquica que se mova por si mesma, regulada por leis e princípios automáticos, cujo modelo elementar está dado no esquema do arco-reflexo."[83] Neste escrito, a partir de dois elementos fundamentais, a saber: a quantidade de energia que põe o aparelho psíquico em movimento e as células nervosas, no interior das quais flui tal energia, vemos Freud construir, passo a passo, toda uma variedade de funções psíquicas: consciência, memória, percepção, juízos de valor, experiências de prazer e desprazer etc. E para fundamentar o seu edifício, norteia-se por pressupostos da neurofisiologia. Logo no início de seu texto, o autor nos adverte:

> A intenção é fornecer uma psicologia natural-científica, isto é, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais indicáveis e, com isso, fazê-los explicáveis e livres de contradição. Aí contidas duas ideias principais: [1.)] a que distingue atividade e repouso, a ser entendida como Q, sujeito à lei geral do movimento, 2.) a que toma como partículas materiais os neurônios.[84]

Nesse escrito, Freud parece ainda estar procurando no "armazém científico" da neurofisiologia um "fundamento explicativo" para os fenômenos encontrados na clínica. Mas não nos deixemos enganar pelo seu vocabulário: Freud não pretende encontrar uma localização cerebral efetiva para as diferentes funções do psiquismo. Como nos mostra Nassif, o aparelho apresentado por Freud "é uma construção ou um 'modelo' preliminar que não recorta necessariamente a realidade anatômico-fisiológica."[85] O autor, embora emoldure a sua

---

[81] Não podemos deixar de nos lembrar aqui da obra *A filosofia do como se* (*Die Philosophie des Als-ob*, 1911), de Hans Vaihinger, combatida por Freud por ser uma das duas tentativas para fugir do problema da impossibilidade de provar a verdade das doutrinas religiosas (Cf. capítulo V de *O futuro de uma ilusão*, de 1927).

[82] ASSOUN, P.-L. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**, p. 59.

[83] MONZANI, L. R. A teoria freudiana do sonho. In: SIMANKE, R. T., **Freud na filosofia brasileira**, p. 83.

[84] „[Es ist die] Absicht, eine naturwissenschaftliche Psychologie zu liefern, d. h. psyschische Vorgänge darzustellen als quantitativ bestimmt Zustände aufzeigbarer materieller Teile [und sie] damit anschaulich und widerspruchsfrei zu machen. Enthalten [sind] zwei Hauptideen: [1.)] das, was Tätigkeit und Ruhe unterscheidet, als Q aufzufassen, die dem allgemeinen Bewegungsgesetz unterworfen [ist], 2.) als materielle Teilchen die Neurone zu nehmen." FREUD, S. **Entwurf einer Psychologie**, (1950a [1895]), p. 387.

[85] NASSIF apud MONZANI, L. R. A teoria freudiana do sonho. In: SIMANKE, R. T., **Freud na filosofia brasileira**, p. 135.

teoria em uma variedade de sistemas de neurônios (permeáveis - ϕ, impermeáveis - ψ, e perceptuais - ω) pressupostos como partículas materiais, esquiva-se ao longo de todo o *Projeto* dessa identificação. A memória, o Eu, a consciência, a percepção etc. são desenhados a partir do traçado da quantidade de energia no interior do aparelho, e a composição final que encontramos é, não uma cópia fiel do arranjo fisiológico do indivíduo, mas pontos traçados num espaço psíquico. Há já no *Projeto* uma hermenêutica. A esse respeito, nos esclarece Ricoeur:

> O *Projeto* é um adeus à anatomia sob a forma de uma anatomia fantástica. Certamente, a tópica se enunciará sempre na linguagem de uma quase-anatomia; a consciência concebida como órgão sensorial, como órgão 'superficial', permanecerá um quase-córtex; mas nenhuma localização jamais será a realização das funções e dos papéis atribuídos às 'instâncias' da tópica ulterior. É preciso ainda ir mais longe: esta última tentativa é também o primeiro ato de emancipação da 'psicologia'; a ponta do texto é psicologia e não neurologia. Na mesma época em que Freud escreveu o *Projeto*, a base anatômica de seu sistema era minada por baixo.[86]

A leitura acima apresentada é confirmada pelos textos publicados na época da redação do *Projeto*, tal como *Contribuição à concepção das afasias* (de 1891), no qual Freud ataca a explicação de Wernicke-Lichtheim que atribuíam às localizações cerebrais a causa de tal doença e propõe a ideia de uma alteração da propriedade funcional da linguagem sem lesão orgânica concomitante. O mesmo é defendido por ele em 1893, em *Estudo comparativo das paralisias motrizes orgânicas e histéricas*.

> Afirmo, por outro lado, que a lesão das paralisias histéricas deve ser inteiramente independente da anatomia do sistema nervoso, já que *a histeria se comporta nessas paralisias e outras manifestações como se a anatomia não existisse, ou como se ela não tivesse nenhum conhecimento dela*. [...] A paralisia do braço consiste no fato de que a concepção do braço não pode entrar em associação com as outras ideias que constituem o Eu, do qual o corpo forma uma parte importante. A lesão seria portanto *a abolição da acessibilidade associativa da concepção do braço*. O braço se comporta como se ele não existisse para o jogo das associações[87].

---

[86] « [...] l'*Esquisse* est un adieu à l'anatomie sous la forme d'une anatomie fantastique. Certes, la topique s'énoncera toujours dans le langage d'une quasi-anatomie ; la conscience conçue comme organe sensoriel, comme organe 'superficiel', restera un quasi-cortex ; mais aucune localisation ne sera plus jamais tentée des fonctions et des rôles attribués aux 'instances' de la topique ultérieure. Il faut même aller plus loin : cette dernière tentative est aussi le premier acte d'émancipation de la 'psychologie' ; la pointe du texte est psychologique et non neurologique. A l'époque même où Freud écrivait l'*Esquisse*, la base anatomique de son système était minée par en dessous. » RICOEUR, P. **De l'interpretation: essai sur Freud**, p. 94.

[87] « J'affirme par contre que la lésion des paralysies hystériques doit être tout à fait indépendante de l'anatomie du système nerveux, puisque *l'hystérie se comporte dans ses paralysies et autres manifestations comme si l'anatomie n'existait pas, ou comme si elle n'en avait nulle connaissance.* [...] La paralysie du bras consiste dans le fait que la conception du bras ne peut pas entrer en association avec les autres idées qui constituent le moi dont le corps de l'individu forme une partie importante. La lésion serait donc *l'abolition de l'accessibilité associative de la conception du bras*. Le bras se comporte comme s'il n'existait pas pour le jeu des associations. » FREUD,

Outro escrito que defende uma leitura interpretativa da causa das perturbações psíquicas é *Estudos sobre histeria* (1895*d*). Neste texto, Freud continua a rebater toda explicação orgânica prematura da histeria e, munido do método catártico de Breuer e do seu complemento, o método da "mão sobre a testa", desenvolve outros argumentos que confirmam a gênese psíquica dos sintomas. Contudo, devemos notar que também nos *Estudos* Freud busca no "armazém científico" da neurologia os meios de expressar o funcionamento psíquico. Logo na introdução de seu livro, intitulada "Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar", o autor nos diz que a abreação permite eliminar o excesso de excitação *intercerebral*, espaço tão fantástico quanto aquele proposto no *Projeto*. Prova disto é o capítulo final dos *Estudos*, intitulado "Sobre a psicoterapia da histeria", onde Freud nos apresenta o conjunto de mecanismos patológicos em analogia com os processos fisiológicos. Para o autor dos *Estudos*, a fronteira entre a organização patológica e o Eu normal é traçada pela análise de maneira puramente convencional, e em alguns pontos sequer se pode indicá-la. Seus estratos internos se alheiam progressivamente do Eu sem que a fronteira visível entre o normal e o patológico tenha início em uma parte específica. Freud recorre à analogia, a fim de mostrar ao leitor algo que não pode ser visualizado diretamente: a organização patológica comporta-se *como se* fosse a infiltração (*Infiltrat*) de material enfermo em certos tecidos do corpo. Devemos supor que o que se infiltra é a resistência que bloqueia a circulação em uma área sem que possamos determinar o seu limite preciso. O material doente não entra em nenhum tipo de conexão com os tecidos que o rodeiam, mas altera-os mediante uma inflamação reativa. O grupo psíquico patológico não pode ser simplesmente extirpado do Eu; o trabalho da terapia consiste em dissolver a resistência e facilitar a circulação por caminhos antes bloqueados.

O capítulo final de *A interpretação dos sonhos* é sem dúvida herdeiro do *Projeto* e dos *Estudos*. Mas em que difere dos escritos que o precedem? Em ao menos dois aspectos: primeiro, Freud procura estabelecer a localização tópica e dinâmica das diferentes partes do aparelho psíquico sem recorrer à anatomia. Sua hipótese é a de que o anímico se apoia sobre o somático, de modo que este sirva de base e modelo para a constituição daquele. Mas isso não o autoriza a localizar os diferentes sistemas psíquicos no corpo. Ao descrever as diferentes partes do aparelho psíquico, o autor não se refere a elas como localizadas no córtex cerebral ou em alguma camada da massa encefálica, assim não encontramos aqui neurônios investidos

---

S. **Étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques** (1893), p. 50 et seqs. (Grifo do autor)

ou excitação intercerebral; o que temos é um desenho traçado no interior do aparelho psíquico, apreensível apenas mediante analogias. Diz-nos Freud:

> Vamos deixar de lado o fato de que o aparelho anímico de que se trata aqui nos é conhecido também como preparado anatômico, e vamos tomar o cuidado de não cair em tentação de determinar a localidade (*Lokalität*) psíquica como algo anatômico. Ficamos no solo psicológico e pensamos somente seguir a exigência de representar (*vorstellen*) o instrumento de que se servem os trabalhos anímicos como um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo semelhante. A localidade (*Lokalität*) psíquica corresponde então a um lugar (*Orte*) no interior do aparelho, no qual se efetivam os primeiros níveis da imagem[88].

Está desautorizada qualquer confusão entre a localidade psíquica (*psychischen Lokalität*) e as localizações (*Örtlichkeiten*) anatômicas[89]. Quando Freud se interroga sobre a natureza desse lugar psíquico em que se formam as imagens oníricas e mnêmicas, este lugar é desde o início descrito analogicamente. O aparelho psíquico funciona *como se fosse* um microscópio composto ou um aparelho fotográfico – o lugar psíquico é *como se fosse* o lugar de um aparelho onde se forma uma imagem, é um ponto ideal ao qual não encontramos correspondente algum na experiência sensível, que é apreensível apenas por comparação. Este aparelho é montado segundo os dados trazidos pela interpretação dos sonhos e é ele próprio também uma interpretação. O desenho final dessa máquina de produzir imagens é, antes de tudo, o da ordenação regular entre as suas partes. Para Freud, basta apenas que exista uma sucessão constante entre os diferentes sistemas psíquicos que serão percorridos pela excitação em uma ordem temporal determinada. A espacialidade é apenas uma ideia auxiliar que nos permite representar não a disposição verdadeira entre os sistemas, mas o sentido do funcionamento psíquico.

Chegamos então ao segundo ponto que diferencia o funcionamento psíquico em *A interpretação dos sonhos* dos demais textos precedentes, a saber: a análise do sonho nos dá acesso ao processo de formação da fantasia e da formação dos sintomas, e o seu exame nos mostra que o funcionamento psíquico do neurótico é o mesmo do normal, pois em ambos vigoram os mesmos processos. O sonho e os sintomas são a expressão de um funcionamento regressivo do psiquismo, entendido não apenas em seu aspecto cronológico (do presente ao

---

[88] "Wir wollen ganz beiseite lassen, daβ der seelische Apparat, um den es sich hier handelt, uns auch als anatomisches Präparat bekannt ist, und wollen der Versuchung sorgfältig aus dem Wege gehen, die psychiche Lokalität etwa anatomisch zu bestimmen. Wir bleiben auf psychologischem Boden und gedenken nur der Aufforderung zu folgen, daβ wir uns Instrument, welches den Seelenleistungen dient, vorstellen wie etwa ein zusammengesetztes Mikroskop, einen photographischen Apparat u. dgl. Die psychische Lokalität entspricht dann einem Orte innerhalb eines Apparats, an dem eine der Vorstufen des Bildes zustande kommt." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 541.

[89] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 541.

infantil reprimido), mas também em seus aspectos tópico e dinâmico. E é nessa passagem entre o inconsciente e o consciente, entre o infantil e o presente, entre o processo primário e o secundário que se forma a fantasia.

A interpretação permite a aparição incognoscível na consciência, tanto no sono como na vigília, de modo involuntário ou voluntário, tanto para trazer o que vem das profundezas quanto para ir até o mais profundo[90]. Interpretar é também construir um modo de apresentação que "oscila entre uma representação *real*, como era a máquina do *Projeto*, e uma representação *figurada*, como serão os esquemas ulteriores da tópica"[91] – é construir uma *fantasia metapsicológica* que nos permita visualizar o que não tem nenhuma visibilidade para a consciência, a saber: o jogo entre as pulsões. Na metapsicologia freudiana, o teorizar, o especular e o fantasiar foram postos lado a lado, sem que entre eles seja possível traçar uma delimitação clara.

> Em *Análise terminável e interminável*, Freud evoca esse momento em que o próprio 'material' se esgota. Momento faustiano em que 'é preciso pedir auxílio à feiticeira: a feiticeira metapsicologia. Sem uma especulação e uma teorização, quase digo, sem um fantasiar (*Phantasieren*) metapsicológico, não se avança um passo aqui.[92]

O *Projeto*, com a criação de uma *anatomia fantástica*, e *A Interpretação dos sonhos*, com sua *fantasia metapsicológica*, nos mostram duas faces distintas da intervenção fantástica na construção da ciência. O elemento interpretativo que se encontrava em segundo plano nos textos iniciais de Freud ganha relevo a partir de 1900, ao passo que os elementos anatômicos são colocados em segundo plano. Há também na própria construção da psicanálise um jogo entre os mesmos elementos dispostos ora segundo uma certa proporção ora segundo outra. Também as reconstruções subsequentes do aparelho psíquico (tal como encontramos em *O Eu e o Isso*) levam em conta a mesma dinâmica que ditou a regra para as primeiras criações, a saber: os componentes postos em destaque no primeiro momento devem ceder o lugar para que outros possam apresentar-se. O jogo, o sentido e a interpretação criam a cada

---

[90] "A interpretação não pode ser identificada apenas com a decifração do trabalho do sonho. Ela é o movimento do consciente ao inconsciente, do manifesto ao latente, da versão ao original, do decifrado ao cifrado, mas não apenas isso. "[...] Já neste primeiro nível, não é mais possível tomar a *Deutung* por uma relação simples entre discurso cifrado e decifrado; não se pode mais contentar-se em dizer que o inconsciente é um discurso, um discurso ininteligível; a 'transposição' ou 'distorção' (*Verstellung*), que opera a interpretação do conteúdo manifesto em conteúdo latente, descobre uma outra *transposição*, aquela mesma do desejo em imagens, e à qual Freud consagra o capítulo IV. Para empregar uma expressão dos *Ensaios de metapsicologia*, o sonho é já uma 'vicissitude da pulsão'." RICOEUR, P. **De l'interpretation: essai sur Freud**,p. 103-04.

[91] « [...] oscile entre une représentation *réelle*, comme l'était la machine de l'*Esquisse*, et une représentation *figurée*, comme le seront les schémas ultérieurs de la topique ». RICOUER, P. **De l'interpretation: essai sur Freud**, p. 100. (Grifo do autor)

[92] ASSOUN, P.-L. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**, p. 68.

reconstrução teórica uma nova imagem, com a finalidade de fazer ver o que se encontrava anteriormente fora do foco da visão. Cada uma dessas etapas deve expor, de modo harmônico e não fragmentado, aquilo que não se pode ver diretamente. Para ilustrar esse modo dinâmico de escrita, escreve Freud em *Autoapresentação* (1925c [1924]): "Assim como os químicos, declaramos que as grandes diferenças qualitativas dos produtos reconduzem a mudanças quantitativas *na proporção da combinação dos mesmos elementos*."[93]

Alguns leitores desavisados poderiam tomar as modificações dos elementos que constituem a doutrina psicanalítica como signo de sua inconstância e apontar até mesmo contradições entre os diferentes escritos freudianos. Contudo, há uma lei que vigora na construção de cada texto: assim como os químicos que chegam a elementos distintos unicamente pela modificação da quantidade dos elementos combinados, também Freud opera da mesma maneira: ele combina os mesmos elementos em quantidades diferentes a fim de obter, em cada um de seus escritos um desenho diferente do psiquismo e de seu motor: as pulsões. Sendo assim, a primeira teoria pulsional formulada por ele põe inicialmente em relevo o reprimido, o processo repressivo e, em seguida, o repressor. Na segunda teoria pulsional, os mesmos elementos são recombinados para trazer à luz a elasticidade orgânica e a natureza conservadora do vivo. Escreve Freud:

> Diz-se que a repressão é posta em obra pelas pulsões de autoconservação ativas no Eu ("pulsões do Eu") e executada sobre as pulsões libidinosas. Agora, eis que se conhece as pulsões de autoconservação também como de natureza libidinosa, como libido narcisista, o evento repressivo aparece como um processo no interior da própria libido; libido narcisista contrapôs-se ao objeto da libido, o interesse da autoconservação defende-se da exigência do amor de objeto, assim também da sexualidade propriamente dita. [...] Nos trabalhos de meus últimos anos ("Além do princípio do prazer", "Psicologia de massas e análise do Eu", "O Eu e o Isso") dei livre curso à inclinação para a especulação, por muito tempo oprimida e, além disso, cravei os olhos em uma nova solução para o problema da pulsão. Incluí a conservação de si e da espécie no conceito de Eros e o confrontei com a *pulsão de morte ou de destruição*, que trabalha sem ruído. A pulsão é compreendida em toda parte como um modo de elasticidade do vivente, como um impulso para o estabelecimento de uma situação que tinha existido uma vez e foi extinta por uma perturbação externa.[94]

---

[93] „Es war uns ebenso ergangen wie den Chemikern; die groβen qualitativen Verschiedenheiten der Produkte führten sich auf quantitative Abänderungen in den Kombinationsverhältnissen der nämlichen Elemente zurück." FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 82. (Grifo nosso.)

[94] „Man hatte gesagt, die Verdrängung werde von den im Ich wirksamen Selbsterhaltungstrieben (‚Ichtrieben') ins Werk gesetzt und an den libidinösen Trieben vollzogen. Nun, da man die Selbsterhaltungstriebe auch als libidinöser Natur, als narziβtische Libido, erkannte, erschien der Verdrängungsvorgang als ein Prozeβ innerhalb der Libido selbst; narziβtische Libido stand gegen Objektlibido, das Interesse der Selbsterhaltung wehrte sich gegen den Anspruch der Objektliebe, also auch gegen den der engeren Sexualität. [...] In den Arbeit meiner letzten Jahre (‚Jenseits des Lustprinzips', ‚Massenpsychologie und Ich-Analyse', ‚Das Ich und das Es') habe ich

Há um processo econômico interno aos textos de Freud: eles reconstroem a imagem do psiquismo recombinando à medida que vigora em seus elementos. Sendo assim, quando Freud fala de pulsões autoconservativas e libidinais quer reconstruir o psiquismo de modo a trazer para o primeiro plano a atuação do processo repressivo, ao passo que quando fala em pulsões objetais e narcisista, quer por em relevo o repressor. Eros e Tânatos entram em jogo quando o que está em jogo é a repetição contida na natureza da pulsão. Esta variedade de modos de expressão e o recurso a proporções diferentes entre os mesmos elementos tenta dar conta de uma incompatibilidade entre a palavra e as manifestações psíquicas em todas as suas dimensões. Mediante uma economia de forças que traz ora um ora outro componente à superfície, a linguagem pode expor aquilo que não apreende de uma só vez. A psicanálise é assim um saber[95] em busca de uma constante recomposição de seus elementos, e sua realidade e objetividade não podem estar dissociadas de tal reconfiguração.

---

der lange niedergealtenen Neinung zur Spekulation freien Lauf gelassen und dort auch eine neue Lösung des Triebproblems ins Auge gefaβt. Ich habe Selbst- und Arterhaltung unter den Begriff des Eros zusammengefaβt und ihm den geräuschlos arbeitenden *Todes*- oder *Destruktionstrieb* gegenübergestellt. Der Treib wird ganz allgemein erfaβt als eine Art Elastizität des Lebenden, als ein Drang nach Wiederherstellung einer Situation, die einmal bestanden hatte und durch eine äuβere Störung aufgehoben worden war.“ FREUD, S. **„Selbstdarstellung“** (1925c [1924]), p. 83. (Grifo do autor)

[95] Um saber que visa não apenas uma exposição teórica do seu objeto, mas também, tal como revela Freud em seus textos sobre a clínica psicanalítica, uma prática do homem no mundo. Deste modo, não são raras as vezes que Freud faz menção ao sem pensamento mediante a palavra *doutrina* (*Lehre*).

CAPÍTULO 2

No capítulo anterior, vimos que ao inventar um novo método para auxiliar seus pacientes a rememorar os eventos traumáticos, o da "mão sobre a testa", Freud percebe aos poucos que não apenas o relato dos enfermos depende de um jogo que subjaz à consciência, que forja figurações de modo involuntário e as impõe à consciência como efetivas, mas que o analista bem como a análise que empreende em seu paciente estão submetidos a tal jogo. O desejo inconsciente, na tentativa de realizar-se (de pôr-se em ato), segue em direção à consciência e lá se apresenta como uma composição de vividez sensorial. A cena criada na consciência traz à luz o desejo inconsciente, isto é, o desejo que por sua própria natureza não poderia tornar-se consciente sem violar sua incognoscibilidade. O trabalho de composição ou criação da fantasia é denominado por Freud *interpretação* (*Deutung*), e deve ser realizado todas as vezes que passamos de um extrato psíquico a outro. O trabalho de interpretação não seria requerido caso o aparelho psíquico fosse unicamente inconsciente ou totalmente transparente para a consciência. Mas, uma vez que o ele está dividido em camadas, e que essas camadas não podem ser alcançadas diretamente pelo olhar da consciência, é apenas por meio da invenção ou composição (*Dichtung*), da construção (*Aufbau, Konstruktion*), da ficção (*Fiktion*), ou ainda, do ato de interpretar (*deuten*) que podemos transpor a dificuldade de olhar nitidamente para o que se situa nas camadas mais distantes da consciência. Quando nos referimos à construção das fantasias, interpretar é compor os desejos infantis que jazem nos confins do psiquismo em uma totalidade abarcável pela consciência, para que ganhem nitidez sensorial e possam ser apreendidos pela consciência. O trabalho de interpretação joga com as forças psíquicas conscientes e inconscientes: os conteúdos mais íntimos e profundos do psiquismo são levados à superfície com uma nova feição. Algo deve vir à tona para que o restante submerja. Nesse jogo de afundar e trazer a tona, a fantasia preserva a visibilidade do consciente e a invisibilidade do inconsciente. A esse primeiro sentido de interpretação soma-se um segundo: o de "re-interpretação". Ele refaz o caminho da formação da fantasia às avessas: toma o conteúdo que elevou-se até a consciência para a construção de algo que atinja as profundezas. O que se manifestou como uma composição de nitidez sensorial é desmembrado e, para cada parte que a compõe, alcança-se, mediante representações verbais, a intenção ou o sentido latente da cena. Se num primeiro momento interpretação é um jogo interno ao psiquismo, a "re-interpretação" extrapola as fronteira da individualidade e o jogo se dá no diálogo entre analisando e analista. A comunicação da intenção ou sentido profundo da

fantasia leva-nos a um terceiro sentido da palavra *interpretação*: o da construção de um edifício psíquico, comum a todos os indivíduos (enfermos ou normais) e do conjunto de princípios usados para criar tal espaço. O trabalho de interpretação, ou se quisermos, de uma nova "re-interpretação", é realizado não mais pelo jogo de comunicação entre paciente e analista, mas pelo próprio teórico da psicanálise que, através da interpretação e re-interpretação prévias, pode elaborar suas construções metapsicológicas e comunicá-las mediante seus textos. O material da análise das fantasias permite a Freud construir, com imagens e palavras, uma fantasia metapsicológica: a organização tópica, dinâmica e econômica dos processos psíquicos mais universais.

A fantasia está presente como matéria bruta e como elaboração final do pensamento freudiano. Mas se os relatos da infância são compostos (*dichten*) no jogo psíquico do indivíduo, se a análise deve refazer o caminho da criação da fantasia e reinventá-la mediante representações verbais, e se a própria metapsicologia é uma invenção teórica, como Freud pode manter-se seguro acerca dos resultados de sua investigação e garantir a realidade de todo o processo? O presente capítulo pretende examinar a relação complementar (*Ergänzungsverhältnisse*)[96] entre a fantasia e a realidade, na qual há uma determinação recíproca entre a criação da primeira e o material com o qual é construída.

Uma memória feita de cacos

Ao longo das quatro décadas de exercício da psicanálise, Freud relatou diversas vezes um paradoxo da memória no que se refere aos acontecimentos da infância, a saber: os fatos mais importantes da vida da criança não se conservavam na lembrança do indivíduo adulto, ao passo que os acontecimentos aparentemente insignificantes mantinham-se excepcionalmente nítidos. Tomemos um texto de 1917 em que Freud trata dessa qualidade peculiar da memória do adulto, intitulado *Uma recordação infantil em "Dichtung und Wahrheit"*. O relato é retirado das primeiras páginas da biografia que Goethe escreveu por volta de seus 60 anos, onde se refere muito sucintamente à sua infância. Freud relata que após o poeta contar as circunstâncias especiais em que se deu o seu nascimento (o quão favorável lhe foram as constelações dos astros, ao possibilitar que sobrevivesse, pois o haviam dado como morto após ter vindo ao mundo), descreve brevemente a casa em que morava e os lugares em que ele e sua irmã mais nova gostavam de passar o tempo. Apenas um único episódio de sua infância

[96] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 378.

mais remota é relatado, aquele que parece ter sido o que se conservou com mais clareza, circunstância que não escapa à atenta leitura de Freud:

> E os três irmãos von Ochsenstein, que viviam em frente, filhos do falecido alcaide, ganharam meu carinho e minha atenção, e aprontavam comigo de diversas maneiras. Os meus gostavam de contar todo tipo de travessura a que me encorajavam esses homens, tão comumente sérios e retraídos. Só contarei uma destas loucuras. Acabava de se celebrar a feira de potes, e não só se fez provisão de tais objetos para a cozinha, senão que se adquiriu também para os meninos algumas vasilhinhas do mesmo tipo, que usaríamos em nossos jogos. Quando todos dormiam na casa, eu brincava na saleta (o já mencionado lugar, sobre a rua) com uma bela cesta com meus pratos e panelas e, vendo que já não obtinha nada mais deles, joguei uma peça na rua, regozijando-me com a linda maneira de lhes fazer em cacos. Os von Ochsenstein, vendo o quanto me regozijava e como batia palmas de alegria, exclamaram: Mais um!. Não me fiz insistir e joguei outro, e com isso seguiam exclamando: Mais um!, um por um fui atirando ao chão todos os pratinhos, tachinhos, jarrinhos. Meus vizinhos continuavam mostrando sua aprovação e eu estava radiante de poder proporcionar-lhes esse contento. Mas minha provisão havia acabado, e eles continuavam exclamando: Mais um! [97]

Para contentar os vizinhos, o pequeno Goethe correu até a cozinha e trouxe um dos pratos de terracota recém adquirido por sua família, arremessando-o ao chão. Seus espectadores, contudo, nunca se davam por satisfeitos e continuavam pedindo mais. Foi, assim, transformando toda a louça que conseguia alcançar em um maravilhoso espetáculo de cacos.

Em seguida à citação, Freud se questiona acerca do motivo de se começar o relato de uma vida tão rica como a de Goethe com um acontecimento aparentemente insignificante e sem conexão com o restante de sua história. Por que esse episódio se manteria com tanta clareza e relevância na memória de um homem consagrado e maduro? Antes da descoberta do papel fundamental da fantasia para a elaboração da recordação de infância, esse relato de Goethe teria passado desapercebido aos olhos do psicanalista. Após a publicação de *Sobre as*

---

[97] „und mich gewannen drei gegenüber wohnende Brüder von Ochsenstein, hinterlassene Söhne des verstorbenen Schultheiβen, ger lieb, und beschäftigten und neckten sich mit mir auf mancherlei Weise. Die Meinigen erzählten gern allerlei Eulenspiegeleien, zu denen mich jene sonst ernsten und einsamen Männer angereizt. Ich führe nur einen von diesen Streichen an. Es war eben Topfmarkt gewesen und man hatte nicht allein die Küche Für die nächste Zeit mit solchen Waren versorgt, sondern auch uns Kindern dergleichen Geschirr im kleinen zu spielender Beschäftigung eingekauft. An einem schönen Nachmittag, da alles ruhig im Hause war, trieb ich im Geräms (der erwähnten gegen die Straβe gerichteten Örtlichkeit) mit meinen Schüsseln und Töpfen mein Wesen und da weiter nichts dabei herauskommen wollte, warf ich ein Geschirr auf die Straβe und freute mich, daβ es so lustig zerbrach. Die von Ochsenstein, welche sahen, wie ich mich daran ergötzte, daβ ich do gar fröhlich in die Händchen patschte, riefen: Noch mehr! Ich säumte nicht, sogleich einen Topf und aug immer fortwährendes Rufen: Noch mehr! nach und nach sämtliche Schüsselchen, Tiegelchen, Kännchen gegen das Pflaster su schleudern. Meine Nachbarn fuhren fort, ihren Beifall zu bezeigen und ich war höchlich froh, ihnen Vergnügen zu machen. Mein Vorrat aber war aufgezehrt, und sie riefen immer: Noch mehr!“. FREUD, S. **Eine Kindheitserinnerung aus „Dichtung und Wahrheit“** (1917a), p. 16.

recordações encobridoras (1899), o fato de as lembranças infantis do adulto, mesmo as mais ingênuas, possuírem uma importância e um sentido para a vida presente alcançou o primeiro plano nos escritos de Freud. Assim como a recordação de infância do interlocutor de Freud no texto sobre a recordação encobridora estava conectada aos seus anseios vitais (à fome e ao amor), a lembrança que introduz a autobiografia de Goethe deveria ser, também, uma das mais importantes ou mesmo aquela que guardava um nexo vital com todo o restante de sua história. A interpretação psicanalítica poderia encontrar o sentido subjacente da lembrança de Goethe. Mas, um único fragmento da história infantil de um homem não poderia dar a Freud os elementos necessários para realizar o seu trabalho analítico. Durante muito tempo deixou de lado a análise da recordação infantil do poeta a fim de "não exagerar em suas pretensões psicanalíticas, nem trazer a psicanálise para um lugar impróprio."[98]

A compreensão das causas que levaram o pequeno Goethe a realizar tamanha façanha só começou a se esclarecer quando comparadas ao relato de um paciente que jamais lera as memórias do poeta alemão. Tratava-se de um jovem de 26 anos que travava um conflito com sua mãe. Esse conflito estendia-se por quase todos os interesses de sua vida presente e havia privado o jovem de sua capacidade de amar, bem como de sua independência. Iniciou-se pouco antes de seu quarto ano de vida, época em que nasceu o seu irmão. Antes disso, havia sido um menino de saúde muito frágil que contava com a ternura irrestrita de sua mãe. Como reação ao nascimento do irmão, transformou-se em um menino rebelde, que continuamente provocava contra si a rigidez de sua mãe.

Quando iniciou o tratamento com Freud, o enfermo já não se recordava mais do ciúme do irmão. De sua prematura infância, mantinha com clareza a recordação do fragmento de uma cena em que arremessara na rua as vasilhas e os pratos de sua casa. Foi apenas durante a análise que se pôde, por meio da recordação de infância, trazer novamente à consciência do rapaz o ciúme e a aspereza no trato com o irmão, que incluíam um atentado contra a vida do bebê. O desejo de dar cabo do irmão possibilitou uma nova interpretação para a recordação, aparentemente inocente, do arremesso das vasilhas: jogar fora potes, panelas, pratos e tudo mais que a criança pode alcançar é uma ação simbólica (*symbolische Handlung*), ou ainda, mágica (*magische*) contra o intruso que estorva a sua relação com a mãe. A ação expressa, de modo disfarçado, o desejo de eliminar o irmão. Jogar fora as vasilhas substitui a ação de jogar fora o irmão.

---

[98] „[...] die Anforderungen der Psychoanalyse nicht zu überspannen oder am ungeeigneten Orte vorzubringen". FREUD, S. **Eine Kindheitserinnerung aus „Dichtung und Wahrheit"** (1917a), p. 18.

A análise do jovem paciente é confirmada por outras análises, como a relatada na sequência do texto, de um paciente que, na idade de 3 anos e 3 meses, arremessou pela janela escovas, sapatos e outros objetos da casa por ocasião da chegada de seu irmão mais novo. O "mandar para fora" (*Hinausbeförderung*) seria assim o principal na ação, enquanto que fazer os objetos em pedaços seria o secundário. Mas, o que persiste na recordação do paciente de Freud antes de iniciar sua análise é o secundário, enquanto que o essencial permanece obscurecido. Pela análise da recordação desse homem foi possível dar o devido valor a cada uma das lembranças infantis e remanejar a intensidade da segunda lembrança para a primeira.

O próximo passo dado por Freud é então voltar à recordação infantil de Goethe e analisá-la tendo como modelo (*Muster*) o material da análise de seus pacientes. Além de sua irmã Cornélia, Goethe teve outros 4 irmãos, todos mortos ainda na primeira infância. Os 15 meses que separavam o seu nascimento do de sua irmã são insuficientes para fazer dela objeto de seu ciúme[99]. Além disso, a cena do arremesso da louça não concorda com a pouca idade de Goethe no nascimento de Cornélia. Segundo Freud, a recordação concilia-se bem com a época do nascimento de seu irmão Hermann Jakob, quando Goethe contava com 3 anos e 3 meses. Ao contrário dos irmãos que vieram depois (Katharina Elisabetha, Johanna Maria e Georg Adolph, que morreram respectivamente com 1 ano e 4 meses, 2 anos e 4 meses, e 8 meses), Hermann Jakob viveu até o seu 6º ano (época em que Goethe tinha 10 anos), mas muito poucas palavras são dedicadas a ele na biografia do poeta. Freud cita o relato de Bettina Brentano[100], segundo o qual a mãe de Goethe achou incomum que ele não se comovesse com a morte de seu companheiro de jogos e que mais parecia irritado com os lamentos dos pais e da irmã. Para concluir a análise da recordação de infância em *Dichtung und Wahrheit*, Freud completa o sentido dado ao material da análise de outros indivíduos com o sentido da ação do pequeno Goethe, e obtém o que seria, por si só, impossível de se descobrir: a importância do relato aparentemente inocente das memórias de Goethe é interpretada por Freud da seguinte maneira:

> [...] o destino me conservou com vida, ainda que [dado] por morto ao chegar ao mundo. Mas pôs à parte meu irmão, de modo que não precisei dividir o amor de minha mãe com ele. [...] / Ora, já o disse em outro lugar: Quando

[99] Alguns autores afirmam, ao contrário de Freud, que os 15 meses do pequeno Goethe já seriam suficientes para despertar o ciúme da irmã. Entretanto, o exame que pretendemos empreender (não apenas nesse capítulo mas em toda a tese) deve levar em consideração a inteireza da composição do texto de Freud. Uma vez que não queremos dar às informações do texto uma realidade clínica incontestável, e sim analisar a escrita de Freud a partir da sua articulação interna, acreditamos que as possíveis objeções levantadas nesse sentido ao texto de Freud são irrelevantes.

[100] Bettina von Arnim-Brentano foi amiga de Goethe. O relato citado por Freud encontra-se em *Goethes Briefwechsel mit einem Kinde*, em uma carta de Bettina para Goethe, datada de 24 de novembro de 1810.

> alguém foi o predileto incontestado da mãe, então guarda para a vida aquela sensação de conquistador, aquela certeza no sucesso que não raras vezes atrai para si efetivamente o sucesso. *Goethe* podia antepor com direito à sua história de vida uma observação de tal tipo: Minha força enraíza-se em minha relação com a mãe.[101]

Freud estende os resultados da interpretação de seus pacientes à recordação de Goethe e conecta os acontecimentos posteriores da vida do poeta (o seu espírito conquistador e a confiança no êxito que o acompanham por toda a vida) à sua ligação afetiva com a mãe, à predileção que gozou durante a sua infância. Mas, afinal, o que permite Freud supor um acordo (*Übereinstimmung*)[102] entre a memória do poeta alemão e as "recordações infantis de alguns outros homens que não chegaram em nada a ser particularmente grandes"[103]? Por que Freud se sente autorizado a completar a análise do texto de Goethe com a análise de seus pacientes? Como ele pôde vincular o relato do grande poeta, para muitos um gênio, ao dos seus pacientes comumente tomados por loucos?

Encontrar o ponto de intersecção entre o gênio e o louco impõe à investigação freudiana a seguinte pergunta: *O que é o homem?* Para responder a esse enigma (*Rätsel*), temos de entender como Freud, a partir da reconstrução da história infantil de seus pacientes, erige um modelo universal e prototípico para a reconstrução de qualquer história particular. Para isso, seguiremos os seguintes passos: investigaremos como são formados os traços mnêmicos e qual é o critério para julgá-los como sendo verdadeiros ou falsos; em seguida, veremos como verdade e falsidade são construções da consciência; e, finalmente, examinaremos como o que há de mais comum entre os homens é composto tanto por elementos julgados pela consciência como verdadeiros e reais quanto por elementos julgados como falsos e irreais.

Recordação de infância: mentira ou verdade?

Freud inicia a análise do relato de infância de Goethe com a seguinte citação tirada de *Dichtung und Wahrheit*: "quando se quer recordar o que nos sucedeu no tempo mais precoce da infância, então vê-se muitas vezes forçado a confundir aquilo que ouvimos de outros com o

---

[101] „[...] das Schicksal hat mich am Leben erhalten, obwohl ich für tot zur Welt gekommen bin. Meiner Bruder aber hat es beseitigt, so daβ ich die Liebe der Mutter nicht mit ihm zu teilen brauchte. [...] / Ich habe es aber schon an anderer Stelle ausgesprochen: Wenn man der unbestrittene Liebling der Mutter gewesen ist, so behält man fürs Leben jenes Eroberergefühl, jene Zuversicht des Erfolges, welche nicht selten wirklich den Erfolg nach sich zieht. Und eine Bemerking solcher Art wie: Meine Stärke wurzelt in meinem Verhältnis zur Mutter, hätte *Goethe* seiner Lebensgeschichte mit Recht voranstellen dürfen." FREUD, S. **Eine Kindheitserinnerung aus „Dichtung und Wahrheit"** (1917a), p. 26. (Grifo do autor)

[102] Cf. FREUD, S. **Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci** (1910a), p. 153.

[103] „[...] Kindheitserinnerungen einiger anderer Menschenkinder, die nichts besonders Groβes geworden sind". FREUD, S. **Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci** (1910a), p. 153.

que efetivamente possuímos por experiência visual própria."[104] Essas palavras do poeta alemão expressam um problema muito caro à psicanálise, a saber: quando nos lembramos de nossas primeiras vivências e impressões, seria possível distinguir claramente "*Dichtung*" de "*Wahrheit*"? Em nossa vida psíquica, teria a composição de traços mnêmicos oriundos das mais diferentes fontes e épocas o mesmo valor de verdade que atribuímos ao que experimentamos efetivamente? O que nos permite distinguir entre um fato real e uma criação fantasiosa?

A definição do lugar da fantasia no interior do pensamento de Freud e sua relação com a realidade efetiva é concomitante ao nascimento da psicanálise. Nos textos anteriores a 1897, verdade e fantasia eram tomadas em sentidos opostos. Em *Estudos sobre histeria* (1895b), a substituição do sonambulismo pela técnica da "mão sobre a testa" abriu espaço para que o paciente relatasse livremente as vivências dolorosas de épocas cada vez mais antigas. A escuta do pesar de seus pacientes permitiu a Freud atribuir, em textos como *A hereditariedade e a etiologia das neuroses* (1896a), *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896b) e *Sobre a etiologia da histeria* (1896c), a causa das neuroses a um trauma sexual infantil, empreendido na criança por um adulto perverso, em geral o pai, que despertaria sua sexualidade prematuramente[105]. Duas eram as consequências do trauma: se a experiência da criança fosse passiva (isto é, se sofresse a ação de outro indivíduo), tornar-se-ia histérica em sua vida adulta; se fosse ativa (se a criança repetisse o abuso sofrido sobre outra criança), quando adulta, tornar-se-ia obsessiva. Toda experiência sexual ativa pressuporia, assim, uma experiência passiva. Se nos *Estudos sobre histeria* Freud propunha a ocorrência do evento traumático num estado de dissociação mental do adulto, aqui, tal evento acontece no estado de amoralismo infantil. Posteriormente, tais experiências tornar-se-iam incompatíveis com os ideais morais incorporados ao longo do desenvolvimento infantil e seriam expulsas da consciência como dolorosas. Apesar de afastadas do olhar consciente, elas não deixariam de existir. Sobreviveriam na obscuridade a espera de um evento posterior que pudesse evocá-las retroativamente[106] e agiriam sobre o indivíduo sem que ele tivesse controle algum sobre elas. Nos textos anteriores a 1897, o sintoma não seria parte de uma atividade produtiva do

---

[104] „Wenn man sich erinnern will, was uns in der frühesten Zeit der Kindheit begegnet ist, so kommt man oft in den Fall, dasjenige, was wir von anderen gehört, mit dem zu verwechseln, was wir wirklich aus eigener anschauender Erfahrung besitzen." FREUD, S. **Eine Kindheitserinnerung aus „Dichtung und Wahrheit"** (1917a), p. 15.

[105] Nesta época, acreditava-se que a puberdade era a idade em que a sexualidade naturalmente seria despertada.

[106] Nos textos de 1896, Freud propunha a existência de *dois tempos do trauma* na gênese da patologia psíquica: um na tenra infância, de natureza sexual irritativa, e outro na vida adulta, que serviria para reativar a recordação traumática esquecida.

enfermo, mas da *reprodução* (*Reproduktion*) involuntária de vivências *efetivas* da infância e só poderia ser interrompido pela recordação (*Erinnerung*) consciente das lembranças rechaçadas. Acerca da realidade das cenas infantis, escreve Freud em *Sobre a etiologia da histeria*:

> Os enfermos não sabem nada dessas cenas antes do emprego da análise, costumam se escandalizar quando por ventura lhes anunciamos a emergência delas; podem ser movidos a se empenhar em sua *reprodução* (*Reproduktion*) apenas pela mais forte coação do tratamento, sofrem das sensações mais violentas que têm vergonha e esforçam-se por esconder quando trazem à consciência essas vivências infantis e, além disso, depois de terem passado pelas mesmas de modo tão convincente, buscam não conceder-lhe crença, na qual acentuam que para isso não sobreveio, como em outras esquecidas, uma sensação de recordação. / Ora, esse último estado de coisas parece ser absolutamente demonstrativo. Para que os enfermos deveriam me assegurar tão decididamente de sua incredulidade se, por um motivo qualquer, as coisas que eles querem depreciar eles próprios inventaram? [107]

Pouco tempo após publicar o texto acima citado, Freud abandona definitivamente a ideia da sedução efetiva da criança para empreender uma revolução em seu pensamento: a objetividade das recordações de infância deixaria de ser o ponto essencial da causa da patologia para privilegiar o rearranjo psíquico das representações segundo os critérios da realização do desejo. Os motivos que o fizeram repensar a relação entre os elementos que constituem a psicanálise foram, primeiramente, o fato de não conseguir consumar com êxito as análises de suas pacientes. Depois, a suspeita de que a perversão contra as crianças, causa da obsessão e da histeria, não poderia contar com tanta generalidade, pois em todos os casos o pai teria de ser tomado como o motivador do trauma. Além disso, a compreensão de que nos relatos de seus pacientes bem como nas manifestações sintomáticas não se pode distinguir verdade de ficção fortemente investida de afeto. E, por fim, a impossibilidade de tornar translúcido o segredo das vivências infantis, mesmo no delírio mais profundo, contradizendo a expectativa de que o inconsciente superasse a resistência da consciência, e de que, na cura, o inconsciente pudesse se tornar completamente translúcido a ela.

---

[107] "Die Kranken wissen vor Anwendung der Analyse nichts von diesen Szenen, sie pflegen sich zu empören, wenn man ihnen etwa das Auftauchen derselben ankündigt; sie können nur durch den stärksten Zwang der Behandlung bewogen werden, sich in deren Reproduktion einzulassen, sie leiden unter den heftigsten Sensationen, deren sie sich schämen und die sie zu verbergen trachten, während sie sich diese infantilen Erlebnisse ins Bewuβtsein rufen, und noch, nachdem sie dieselben in so überzeugender Weise wieder durchgemacht haben, versuchen sie es, ihnen den Glauben zu versagen, indem sie betonen, daβ sich hiefür nicht wie bei anderem Vergessenen ein Erinerungsgefühl eingestellt hat. / Letzteres Verhalten scheint nun absolut beweiskräftig zu sein. Wozu sollten die Kanken mich so entschieden ihres Unglaubens versichern, wenn sie aus irgend einem Motiv die Dinge, die sie entwerten wollen, selbst erfunden haben?" FREUD, S. **Zur Ätiologie der Hysterie** (1896c), p. 440-41. (Grifo nosso)

A importante consequência da admissão do fracasso de suas pistas iniciais foi a de abrir espaço, em 1897, para a concepção de *fantasia* (*Phantasie*)[108]. Freud percebeu com isso que o paciente constrói para si um mundo à parte da vivência comum a todos os homens, construção realizada a partir de conteúdos que ele jamais terá acesso direto. Na enfermidade, grandes quantidades de afeto fixam-se a certas representações da infância e o paciente as revive de acordo com o modo de funcionamento psíquico da época em que foram gerados, incompatíveis com o modo de funcionamento atual. Essa concepção percorrerá os diversos anos de seu exercício da psicanálise. Alguns exemplos: na abertura do texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911a), lemos: "Há muito tempo, notamos que toda neurose tem como resultado, por conseguinte provavelmente a tendência de empurrar o enfermo para fora da vida real, de aliená-lo da efetividade."[109] Ou ainda em *Construções em análise* (1937): "No mecanismo de uma formação delirante acentuamos em geral apenas dois momentos: o desvio do mundo real e de seus motivos, por um lado, e a influência do cumprimento de desejo sobre o conteúdo do delírio, por outro."[110] Freud não quer dizer com isso que o enfermo construa uma visão de mundo completamente à parte da realidade compartilhada por todos os homens. Em suas *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente* (1911b [1910]), texto em que analisa as memórias de Daniel Paul Schreber[111], escreve que as capacidades intelectuais de Schreber estavam preservadas, que era tido pelas pessoas com quem convivia como um homem de espírito elevado, de agudo entendimento e espírito de observação[112]. Mesmo acometido pela paranoia, sua perspicácia intelectual não desaparece; ao contrário, ela colabora para a construção de um sistema ilusório (*Wahnsystem*) dotado de coerência interna e submetido em seguida ao conhecimento coletivo (com a publicação de suas memórias). O mundo comum

---

[108] Carta 139, datada de Viena, 21 de setembro de 1897. FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ**, p. 284.

[109] "Wir haben seit langem gemerkt, daβ jede Neurose die Folge, also wahrscheinlich die Tendenz habe, den Kranken aus dem realen Leben herauszudrängen, ihn der Wirklichkeit zu entfremden." FREUD, S. **Formulierung über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens** (1911a), p. 230.

[110] "Wir betonen im Mechanismus einer Wahnbildung in der Regel nur zwei Momente, die Abwendung von der Realwelt und deren Motive einerseits und den Einfluβ der Wunscherfüllung auf den Inhalt des Wahns anderseits." FREUD, S. **Konstruktionen in der Analyse** (1937), p. 54.

[111] Daniel Paul Schreber foi presidente da corte de apelação de Saxes (1884) e promovido alguns anos depois para a de Desden (1893). Em um intervalo de sete anos, foi internado duas vezes sob os cuidados do doutor Flechsig e teve os seus bens colocados sob tutela. Schreber acreditava estar destinado a trazer de volta ao mundo a salvação perdida. Para isso, teria de ser transformado em mulher, fecundado por Deus e originar uma nova humanidade. Em julho de 1902, o rigor lógico e a agudeza de espírito do presidente da corte de apelação permitiu-lhe ganhar uma disputa judicial contra o médico que o mantinha no sanatório, não porque provava a sua sanidade, mas porque conseguia realçar a importância de seus argumentos para a vida religiosa e mostrar que a ciência da época não era capaz de invalidá-los. Um ano depois, publica suas *Memórias de um doente dos nervos.*

[112] Cf. FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 241.

aos outros homens, apesar de reconstruído segundo critérios próprios, não é desconsiderado por Schreber: situações como surpreender a si próprio em frente ao espelho, contemplando-se com a parte superior do corpo descoberta e adornada com adereços femininos, "o que aos olhos de outros homens pode ser considerado como algo irracional"[113], aconteciam unicamente na solidão, e nunca, ao menos até onde podia evitar, sob o olhar de outras pessoas. Conforme Freud relata em seu texto, o enfermo tinha consciência de que deveria comportar-se como um homem racional (*vernünftiger Mensch*)[114] no trato com os seus semelhantes. Para Schreber, todas as considerações pessoais (*persönlichen Rücksichten*) e as eventuais sentimentalidades pessoais (*etwaige persönliche Empfindlichkeiten*) contra a publicação (*Publikation*) de suas memórias (como as empreendidas pelo seu médico, Prof. Dr. Flechsig) devem se calar para dar voz ao conhecimento público (*öffentlichen Kenntnis*) de interesse científico acerca de sua transformação em mulher e de sua fecundação por Deus para a origem de uma nova humanidade[115]. A enfermidade de Schreber não o destitui de "razão" (*Vernunft*); em sua "loucura" (*Wahnsinn*), podemos encontrar um "método" (*Methode*)[116] e uma tentativa de ligar-se ao mundo comum a outros homens, mesmo que julgada por seu público como equivocada.

Mas que mundo comum é esse que liga o indivíduo à normalidade e à veracidade? Ou ainda, que realidade é essa que Freud define como paralela ao mundo privado da fantasia? A concepção de um mundo real, externo a nós e comum aos outros indivíduos, só pode ser compreendida com a intelecção da constituição e do funcionamento da memória, pois, como veremos, o julgamento de realidade, que decide a veracidade ou falsidade de uma representação, só pode ser enunciado mediante a comparação entre diferentes traços mnêmicos (*Erinnerungsspur*). Para isso, percorreremos alguns aspectos da metapsicologia acerca do problemático conceito de *realidade* (*Realität*) nos textos freudianos. Como nos mostra Guillaumin em seu artigo *Um futuro para a repetição*, se o estudo da memória como uma evocação no presente da representação de algo vivido no passado foi vastamente explorado, "com menos frequência, me parece, procuramos determinar as características sensoriais das recordações 'verdadeiras' por oposição àquelas, de um lado, das falsas

---

[113] „[...] was in den Augen anderer Menschen als etwas Unvernünftiges gelten kann." FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 253.

[114] Cf. FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 253.

[115] Os termos citados nesta frase encontram-se em: FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 240-42.

[116] Cf. FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 254.

recordações de origem familiar ou social e, de outro lado, das 'recordações encobridoras', tais como Freud as descreveu em 1900 e 1901."[117] O estudo da efetividade das recordações, seja de origem material ou encobridora, é, até onde podemos entender, bastante paradoxal. Podemos contrapor aqui as ideias de dois teóricos da psicanálise: enquanto Chartier escreve, em seu artigo *Realidade interior/realidade exterior*, que mesmo "se a noção de realidade psíquica não é mais contestada hoje e se todo analista reconhece o seu valor heurístico, divergências fundamentais existem entre as diversas concepções relativas à articulação entre as realidades interna e externa"[118]; Ricoeur, contudo, entende que a concepção de realidade psíquica está longe de ser um consenso facilmente admitido. Escreve ele em seu artigo *A questão da prova*:

> Mas as resistências à noção de realidade psíquica não provêm somente do senso comum; de certa maneira, ela está em contradição aparente com a oposição fundamental em psicanálise entre o princípio de prazer, que põe em relevo a fantasia, e o princípio de realidade. É por isso que o conceito encontra uma resistência não somente do lado do senso comum e dos hábitos formados pelas ciências de observação, mas também do lado da própria teoria psicanalítica e de sua dicotomia tenaz entre o imaginário e o real.[119]

Além da divergência acima citada, encontramos outros autores que ou tentam caçar nos fragmentos da memória mais remota o acontecimento material que determinaria a patologia e a normalidade, esquecendo-se de que o recalque originário barra o acesso a qualquer expressão direta desse fundo primeiro (seja ele material ou ideal); ou veem nas imagens do passado uma marca inautêntica da experiência que poria em questão a veracidade das vivências infantis construídas na análise do adulto. Naturalmente não podemos ignorar o que Freud escreve na 23ª das *Conferências de introdução à psicanálise*:

> Se as vivências infantis extraídas pela análise fossem todas as vezes reais, teríamos a sensação de mover-nos em solo seguro, se elas fossem com regularidade falsificadas, se se revelassem invenções, fantasias dos enfermos, teríamos de deixar este solo inconstante e pôr-nos a salvo em outro. Mas não é nem isso nem aquilo, e sim que o estado das coisas é demonstrável assim: que as vivências infantis construídas em análise ou

---

[117] « on a moins souvent, semble-t-il, cherché à déterminer les caractéristiques sensorielles des souvenirs 'veritables' par opposition à celles, d'une part, des faux souvenirs d'origine familiale ou sociale et, d'autre part, des 'souvenir-écrains', tels que freud les a décrits en 1900 et 1901 ». GUILLAUMIN, J. **Psyché.** Etudes psychanalytiques sur la réalité psychique, p. 103.

[118] CHARTIER, J.-P. *Réalité intérieure/réalité extérieure*. In : MIJOLLA, Alain de (Org). **Dictionnaire international de la psychanalyse**. Vol. 2, p. 1395.

[119] « Mais les résistances à la notion de réalité psychique ne viennent pas seulement du sens commun ; d'une certaine façon, elle est en contradiction apparente avec l'opposition fondamentale en psychanalyse entre le principe de plaisir, d'où relève le fantasme, et le principe de réalité. C'est pourquoi ce concept rencontre une résistance non seulement du côté du sens commun et des habitudes formées par les sciences d'observation, mais aussi de la part de la théorie psychanalytique elle-même et de sa dichotomie tenace entre l'imaginaire et le réel ». RICOEUR, P. **Écrits et conférences**. Vol. 1, p. 27.

> recordadas são algumas vezes incontestavelmente falsas, mas outras vezes com certeza verdadeiras, e na maioria dos casos uma mistura de verdade e falsidade. Os sintomas são, então, ora a apresentação de vivências que efetivamente aconteceram, e às quais se pode atribuir uma influência sobre a fixação da libido, ora a apresentação de fantasias do enfermo, que não são de modo algum aptas a um papel etiológico. É difícil encontrar o caminho em meio a isso. Achamos um primeiro arrimo talvez em um descobrimento parecido, a saber: as recordações infantis isoladas, que desde sempre e antes de cada análise os homens trouxeram em si com consciência, podem ser igualmente falsificadas ou, ao menos, misturar abundantemente verdadeiro com falso. A prova da inexatidão raramente põe dificuldades, e temos ao menos a tranquilidade de que nesse inesperado desapontamento a culpa não recai sobre a análise, mas, de algum modo, sobre os enfermos.[120]

Se Freud propõe duas concepções de realidade, elas não se excluem mutuamente; ao contrário, os acontecimentos materiais são interiorizados no sujeito, assim como as figurações subjetivas constroem a visão do mundo exterior. Essa relação de complementaridade e indissolubilidade entre verdade e falsidade, ou ainda, o *jogo* de determinação mútua entre elas torna-se evidente quando o adulto narra as suas vivências de infância. Se as recordações podem ser o produto do fantasiar, Freud tem de pressupor a determinação recíproca entre a realidade de um evento e a criação do traço mnêmico. Passemos assim para o exame da memória e dos critérios que determinam a verdade e a falsidade dos traços ali inscritos.

1. Realidade e representabilidade

Para Freud, o exame de realidade está baseado numa teoria representacional e no modo como as representações se inserem na cadeia de memória. Tanto a possibilidade de representação quanto a ordenação desta depende de uma teoria das localidades psíquicas. Já bastante explorada no final do século XIX, a divisão do psiquismo em diferentes partes baseava-se na localização anátomo-fisiológica das representações, armazenadas em um certo lugar do córtex cerebral. A influência do corpo sobre a alma (*Seele*) tomou primeiro plano na

---

[120] „Wenn die durch die Analyse zutage geförderderten infantilen Erlebnisse jedesmal real wären, hätten wir das Gefühl, uns auf sicherem Boden zu bewegen, wenn sie regelmäβig gefälscht wären, sich als Erfindungen, als Phantasien der Kranken enthüllten, müβten wir diesen schwankenden Boden verlassen und uns auf einen anderen retten. Aber es ist weder so noch so, sondern der Sachverhalt ist nachweisbar der, daβ die in der Analyse konstruierten oder erinnerten Kindererlebnisse einmal unstreitig falsch sind, das andere Mal aber ebenso sicher richtig und in den meisten Fällen aus Wahrem und Falschem gemengt. Die Symptome sind also dann bald die Darstellung von Erlebnissen, die wirklich stattgefunden haben, und denen man einen Einfluβ auf die Fixierung der Libido zuschreiben darf, und bald die Darstellung von Phantasien des Kranken, die sich zu einer ätiologischen Rolle natürlich gar nicht eignen. Es ist schwer, sich darin zurechtzufinden. Einen ersten Anhalt finden wir vielleicht an einer ähnlichen Entdeckung, daβ nämlich die vereinzelten Kindheitserinnerungen, welche die Menschen von jeher und vor jeder Analyse bewuβt in sich getragen haben, gleichfalls gefälscht sein können oder wenigstens reichlich Wahres mit Falschem vermengen. Der Nachweis der Unrichtigkeit macht hier selten Schwierigkeiten, und so haben wir wenigstens die eine Beruhigung, daβ en dieser unerwarteten Enttäuschung nicht die Analyse, sondern irgendwie die Kranken die Schuld tragen.“ FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 381-82.

investigação médica da época, deixando de lado a possibilidade de ação da alma sobre o corpo. A esse respeito, Freud escreve em um texto de 1890, intitulado *Tratamento psíquico (tratamento anímico*):

> Também os médicos de formação científica aprenderam a apreciar apenas nos últimos tempos o valor do tratamento anímico. Isto se explica facilmente se se pensa na marcha evolutiva da medicina no último meio século. Após um período bastante infrutífero de dependência da chamada filosofia da natureza, a medicina, sob a feliz influência das ciências naturais, fez os maiores progressos como ciência e como arte, de pequenas unidades microscópicas (as células) examinou a fundo o edifício do organismo; aprendeu a compreender as particulares realizações vitais (funções) físicas e químicas, a distinguir as mudanças visíveis e apreensíveis das partes do corpo que são efeitos dos diferentes processos patológicos; por outro lado, encontrou também os sinais pelos quais denunciam-se os processos patológicos reentrantes no vivente; descobriu posteriormente um grande número de suscitadores patológicos vivos e com a ajuda dos exames recentemente conquistados baixou extraordinariamente os perigos das graves intervenções cirúrgicas. Todos esses progressos e descobrimentos tratavam do corporal do homem, e assim foi: em consequência de uma incorreta, mas facilmente compreensível direção do juízo, os médicos limitavam seu interesse ao corporal e deixaram a ocupação com o anímico para os filósofos, por eles desprezados. / É verdade que a medicina moderna teve motivo suficiente para estudar a inegável conexão existente entre o corporal e o anímico, mas nunca deixou de apresentar o anímico como determinado pelo corporal e dependente dele. [...] [Os médicos] parecem temer que ao ceder uma certa autonomia à vida anímica seria como se com isso perdessem o solo seguro da ciência.[121]

Na sequência do texto, Freud afirma que a relação entre o corporal e o anímico deve ser considerada segundo uma ação recíproca (*Wechselwirkung*), de tal modo que não só o corpo inflige pesares à alma, mas também a enfermidade corporal (dores de cabeça, falta de atenção, transtornos digestivos, motores, insônia etc.) pode surgir de distúrbios anímicos, na

---

[121] „Auch die wissenschaftlich geschulten Ärzte haben den Wert der Seelenbehandlung erst in neuerer Zeit schätzen gelernt. Dies erklärt sich leicht, wenn man an den Entwicklungsgang der Medizin im letzten Halbjahrhundert denkt. Nach einer ziemlich unfruchtbaren Zeit der Abhängigkeit von der sogenannten Naturphilosophie hat die Medizin unter dem glücklichen Einfluβ der Naturwissenschaften die größen Fortschritte als Wissenschaft wie als Kunst gemacht, den Aufbau des Organismus aus mikroskopisch kleinen Einheiten (den Zellen) ergründet, die einzelnen Lebensverrichtungen (Funktionen) physikalisch und chemisch verstehen gelernt, die sichtbaren und greifbaren Veränderungen der Körperteile, welche Folgen der verschiedenen Krankheitsprozesse sind, unterschieden, anderseits auch die Zeichen gefunden, durch welche sich tiefliegende Krankheitsvorgänge noch an Lebenden verraten, hat ferner eine groβe Anzahl neugewonnenen Einsichten die Gefahren schwerer operativer Eingriffe ganz auβerordentlich herabgesetzt. Alle diese Fortschritte und Entdeckungen betrafen das Leibliche des Menschen, und so kam es infolge einer nicht richtigen, aber leicht begreiflichen Urteilsrichtung dazu, daβ die Ärzte ihr Interesse auf das Körperliche einschränkten und die Beschäftigung mit dem Seelischen den von ihnen miβachteten Philosophen gerne überlieβen. / Zwar hatte die moderne Medizin genug Anlaβ, den unleugbar vorhandenen Zusammenhang zwischen Körperlichem und Seelischem zu studieren, aber dann versäumte sie niemals, das Seelische als bestimmt durch das Körperliche und abhängig von diesem darzustellen. [...] Sie schienen es zu scheuen, dem Seelenleben eine gewisse Selbständigkeit einzuräumen, als ob sie damit den Boden der Wissenschaftlichkeit verlassen würden“ FREUD, S. **Psychische Behandlung (Seelenbehandlung)** (1890), p. 290-91.

ausência de qualquer alteração anatômica. Se as manifestações da perturbação psíquica podem variar a ponto de uma poder substituir a outra em uma mesma pessoa (por exemplo, aquele que sofre de dor de cabeça e boa digestão pode ter no dia seguinte sua cabeça aliviada e a digestão pesada), revelam que, apesar de apresentar uma grande variedade de sintomas, trata-se da mesma doença. A resposta para a causa de tal disfunção não pode ser unicamente a de um tipo anátomo-fisiológico (gástrica ou cerebral), mas *funcional* (*funktionelle*) do psiquismo[122].

Assim como em um microscópio ou aparelho fotográfico, exemplificados por Freud em *A interpretação dos sonhos*[123], o preparado anatômico tem de ser pressuposto para a produção da imagem. Esta, contudo, não tem de ser impressa em um lugar específico do maquinário; ao contrário, ela é percebida sem que se possa localizar precisamente onde é produzida. Sem o maquinário não há imagem, mas é unicamente em um ponto virtual que algo pode ser representado (*repräsentiert*). Os "processos somáticos em um órgão ou parte do corpo"[124] (tal como a fome para o aparelho digestivo) são representados no psiquismo sem que a consciência tenha notícia de sua natureza (*Natur*), seja ela química, mecânica ou de qualquer outro tipo. Para os fins da investigação psicológica, não é de modo algum necessário o conhecimento das fontes (*Quelle*) de estimulação somática[125]. Freud afirma inclusive que a busca de tal conhecimento deve até mesmo ser afastada do campo de atuação da psicanálise, ainda que a fonte de estimulação psíquica seja absolutamente decisiva para a vida anímica.

Deparamos aqui com um problema paradoxal da teoria freudiana. Se a realidade depende de um julgamento proferido no interior do psiquismo, certamente não pode estar além dos limites da representação. A adoção de uma localidade (*Lokalität*) psíquica em detrimento de um lugar (*Örtlichkeit*) anatômico dos processos de pensamento e a exclusão de qualquer contato direto com a fonte dos estímulos psíquicos elimina toda possibilidade de comunicação imediata com uma realidade *fora* do âmbito da representação. A objetividade de um julgamento deve nascer, desse modo, no interior da própria subjetividade. Por outro lado, não podemos desconsiderar o fato de que a fonte (*Quelle*) de quaisquer atividades psíquicas (dentre elas, o próprio julgamento de realidade) encontra-se além da possibilidade de representação, a saber: na estimulação somática. Estaria esse fundo originário de toda atividade anímica destituído de realidade? Freud responde negativamente. Para ele, há algo de

---

[122] Cf. FREUD, S. **Psychische Behandlung (Seelenbehandlung)** (1890).
[123] Cf. FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 541.
[124] „somatischen Vorgan in einem Organ oder Körperteil". FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 541.
[125] Cf. FREUD, S. **Triebe und Triebschicksale** (1915b), p. 215-16.

propriamente real (*eigentlich reale*)[126] na natureza interna do psiquismo que, apesar de jamais ser trazido à luz pela experiência do sujeito, deve ser pressuposto como princípio da atividade anímica. O exame psicanalítico acerca da realidade deve partir da subjetividade para alcançar a objetividade das representações humanas. *Subjetivo* e *objetivo* não podem ser vistos como contrários, mas como sendo reciprocamente determinados (por uma *Wechselwirkung*). A fonte da atividade psíquica está longe do alcance da representação, contudo, somente pode ser atestada por esta; se a psicanálise a expõe, é apenas mediante uma interpretação (*Deutung*), capaz de completar as lacunas da incognoscibilidade e construir uma cena (ou ainda, uma *Phantasie*), tal como é feita na composição (*Dichtung*) da recordação de infância ou do relato dos enfermos.

Em muitos textos de Freud encontramos metáforas (como a do microscópio ou aparelho fotográfico) que permitem pensar a estrutura interna do psiquismo não apenas para a construção de um saber sobre a natureza insondável do mundo anímico, mas, especialmente, para a compreensão dos processos que regem o funcionamento psíquico em geral. Tais metáforas permitem a Freud apresentar o que jamais pode ser representado diretamente na consciência, e revelam uma capacidade interpretativa da consciência para operar continuamente com um grande X (*mit einem großen X*)[127]. As imagens compostas por Freud fazem ver, sob a forma sensível, esse grande X: esse elemento que por definição é incógnita. Como vimos no capítulo anterior, se os estímulos provindos do interior do corpo ganham representação no inconsciente ou se tais representações inconscientes apresentam-se à consciência, certamente o fazem mediante *interpretação*[128]. Esta é um poder de apresentar o incognoscível intuitivamente e de discursar sobre ele, de conhecer o que está por trás das aparências (*hinter den Erscheinungen*)[129]. Nesse sentido, o interpretar aproxima-se do fantasiar onírico, isto é, do poder de tornar algo visível. Não apenas a visibilidade do que está ausente, mas a capacidade mesma de ver, a origem da própria percepção.

2. As diversas possibilidades de associação de traços mnêmicos: do alucinar à ação

O termo *Phantasie* não deixa de evocar uma oposição entre o irreal e o real. Se levarmos essa separação adiante, seremos obrigados a definir a fantasia como algo puramente ilusório (como uma impressão enganosa – *täuschenden Eindruck*) e, consequentemente,

---

[126] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 618.
[127] FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 31.
[128] Tenhamos em mente que *Deuten* significa interpretar, e também demonstrar, manifestar, fazer ver, dar a conhecer, indicar, aludir, predizer.
[129] FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 41.

abandonar a teoria psicanalítica. Freud não pretendia que suas conjecturas tivessem "outro caráter que o da certeza (*Sicherheit*)"[130]. Mas, ao deixar de estabelecer uma rígida divisão entre fantasia e realidade, ele tem de atribuir àquela não apenas valor subjetivo, mas também objetivo e universal. A fim de melhor examinar esse aspecto, tomemos a análise da *Interpretação dos sonhos* acerca da associação dos diferentes traços mnêmicos e de como isso pode determinar a realidade de algo. Uma vez que Freud recombina os mesmos componentes em quantidades diferentes para obter elementos qualitativamente diferentes, nossa intenção aqui não é a de esgotar todos os diferentes modos de se apresentação do psiquismo, mas tomar um dos exemplos dados pelo psicanalista a fim de apreender os elementos fundamentais que entram em jogo em outras combinações possíveis.

No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, Freud constrói (*gebaut*) um aparelho psíquico em analogia com o funcionamento mais elementar de captação de estímulos e de envio de respostas corporais, para, posteriormente, acrescentar funções complexas ao aparelho original. Freud toma as funções anátomo-físiológicas mais elementares como o fundamento para a construção do edifício psíquico. O psiquismo é, inicialmente, tal "como um aparelho reflexo. O processo reflexo torna-se assim o modelo de todo o funcionamento psíquico."[131] O aparelho é dotado de duas extremidades (*Ende*), uma responsável por captar as excitações externas e internas (como, por exemplo, a pressão de algo externo sobre uma parte do corpo ou a falta de substâncias que nutrem o organismo), a outra veicula, por meio da ação, respostas diretas e imediatas aos estímulos que penetram no psiquismo. Tal como no trânsito das inervações corporais, Freud as denomina, respectivamente, percepção (*Wahrnehmung*) e motilidade (*Motilität*). As excitações psíquicas advindas do exterior ou do interior do organismo são de natureza "irritativa e dolorosa"[132], e perturbam a estabilidade (*Stabilität*) energética do aparelho psíquico. Para regulá-lo, deve haver um princípio interno ao próprio aparelho que impeça o aumento da quantidade de estímulos no seu interior e ordene um sentido (*Sinn*) para o escoamento: da percepção para a motilidade. A excitação que perturba o equilíbrio original do psiquismo deve ser conduzida automática e imediatamente para o sistema motor, onde se dará o seu escoamento, e, consequentemente, a diminuição do acúmulo de excitação. Não há, nesse processo, qualquer necessidade de se supor uma intervenção voluntária, como pensamento, linguagem, razão etc. A regulação do equilíbrio

---

[130] FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 39.
[131] „[...] wie ein Reflexapparat. Der Reflexvorgang bleibt das Vorbild auch aller psychischen Leistung". FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 543.
[132] HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**, p. 60.

energético intrapsíquico, baseado em uma força de natureza mecânica, tem por finalidade diminuir o aumento da quantidade de estímulos no interior do aparelho anímico (percebido como desprazer) e manter a excitação psíquica no nível mais baixo possível (percebido como diminuição de desprazer, ou ainda, como prazer)[133]. A regulação do nível energético no interior do psiquismo recebe o nome de *princípio de prazer-desprazer*, ou simplesmente, *princípio de prazer*. O sentido (*Sinn*) do funcionamento do aparelho psíquico primitivo (que vai involuntária e instantaneamente do desprazer em direção ao prazer) é denominado desejo (*Wunsch*).

O sistema perceptivo ocupa no psiquismo uma posição privilegiada: tal como os órgãos dos sentidos (*Sinne*), ele está na fronteira entre o interior e o exterior. Quanto aos estímulos que provém do exterior, facilmente o psiquismo consegue encaminhá-los ao sistema motor e cancelá-los com reações diretas e imediatas. Para uma pressão dolorosa sobre o dedo, por exemplo, basta uma simples resposta motora – o recolhimento da mão – para que a sensação de desprazer seja definitivamente suprimida. Contudo, quanto aos estímulos originados no interior do organismo, o sistema perceptivo não consegue anulá-los com simples reações de fuga, o que faz com que a excitação vinda do interior do organismo se propague em maior quantidade pelo psiquismo, podendo chegar a níveis insuportáveis de desprazer.

Freud afirma que a representação, como modificação dos sistemas anímicos, guarda uma característica do sistema perceptivo, a saber: assim como este só é capaz de capturar um a um os traços que chegam até ele, sem associá-los entre si, pois qualquer conexão com um elemento anterior bloquearia a recepção de novos estímulos, assim também as representações das múltiplas qualidades sensoriais que partem do primeiro sistema são elementos pontuais, descontínuos. O que impõe às representações uma associação é a circulação da quantidade de excitação psíquica, isto é, de afeto. Este é independente da representação e pode passar livremente de um traço mnêmico a outro. A passagem da quantidade de excitação pelas representações torna possível ligá-las de múltiplas maneiras, o que permite construir infinitas cadeias mnêmicas. A organização das representações em cadeias associativas é característica dos sistemas de memória e só nelas pode acontecer. Os traços mnêmicos não são, deste modo, uma mera marca enfraquecida da percepção dos objetos, que guarda dele apenas uma relação de semelhança, mas marcas coordenáveis capazes de criar uma vasta rede de associação. Escreve Freud em *A interpretação dos sonhos*:

---

[133] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 604.

> É sabido que das percepções que afetam o sistema P [perceptivo], nós conservamos como permanentes ainda algumas outras coisas além do conteúdo delas próprias. Nossas percepções também comportam-se como enlaçadas umas às outras em nossa memória, e isso, antes de tudo, segundo sua antiga concordância na simultaneidade. Chamamos a isso o fato da *associação*. Ora, se o sistema P em geral não tem memória alguma, então é claro que ele também não pode conservar os traços da associação; os elementos-P avulsos estariam impedidos de sua função, se frente a uma nova percepção um resto de conexão anterior continuasse valendo. Assim, pelo contrário, temos de considerar o sistema de memória como o fundamento da associação. O fato da associação consiste então nisso: devido à diminuição da resistência e facilitação do caminho de um dos elementos-M [mnêmicos], a excitação se transmite preferencialmente a um segundo elemento-M do que a um terceiro.[134]

A fim de facilitar o escoamento das excitações penosas para fora do psiquismo, os traços de memória associam-se como em uma rede ligada pelo fio da simultaneidade, que dá a esse sistema uma primeira organização. E o que Freud quer dizer com associação por simultaneidade? Ainda em *A interpretação dos sonhos*, escreve que o aparelho anímico atua como um pintor que, ao retratar a Escola de Atenas ou o Monte Parnaso, reagrupa por uma ligação íntima todos os filósofos e poetas de diferentes épocas que jamais se encontraram em tal pórtico ou montanha, mas que considerados em seu conjunto, formam (*bilden*) uma *comunidade* (*Gemeinschaft*)[135]. Clara referência à pintura de Rafael, para Freud a memória, mesmo em seu modo de organização mais elementar (pela simultaneidade) não está livre da composição artística. Segundo esse primeiro modo de *organização*, representações distantes no espaço e no tempo podem ser colocadas lado a lado. A *comunidade* entre diferentes representações é criada a partir do que Freud denomina representação-meta (*Zielvorstellung*), isto é, a marca de uma *percepção de satisfação* carregada de grande quantidade de afeto, que exerce força de atração sobre outras representações e guia o escoamento do acúmulo de excitação no psiquismo. O sentido (*Sinn*) da circulação pulsional, que vai do desprazer ao prazer, é assim o fio que alinhava cada um dos traços mnêmicos e dá a eles uma direção para o escoamento de energia, pois os traços, em si mesmos, não possuem sentido algum. A representação-meta possibilita, assim, a *comunicação* da energia psíquica entre as

---

[134] „Es ist bekannt, daβ wir von den Wahrnehmungen, die auf System *W* einwirken, noch etwas anderes als bleibend bewahren als den Inhalt derselben. Unsere Wahrnehmungen erweisen sich auch als im Gedächtnis miteinander verknüpft, und zwar vor allem nach ihrem einstigen Zusammentreffen in der Gleichzeitigkeit. Wir heiβen das die Tatsache der *Assoziation*. Es ist nun klar, wenn das *W*-System überhaupt kein Gedächtnis hat, daβ es auch ddie Spuren für die Assoziation nicht aufbewahren kann; die einzelnen *W*-Elemente wären in ihrer Funktion unerträglich behindert, wenn sich gegen machen würde. Wir müssen also als die Grundlage der Assoziation vielmehr die Erinnerungssysteme annehmen. Die Tatsache der Assoziation besteht dann darin, daβ infolge von Widerstandsverringerungen und Bahnungen von einem der *Er*-Elemente die Erregung sich eher nach einem zweiten als nach einem dritten *Er*-Element fortpflanzt“. FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 544. (Grifo do autor)

[135] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 319.

representações mais distantes no espaço e no tempo, e a consequente formação de uma *comunidade* entre elas. No modelo simplificado do aparelho psíquico, a energia anímica percorre o caminho mais curto para o seu escoamento, a saber: direciona toda a sua força para a representação-meta (e as representações associadas a ela) e a reaviva de modo *alucinatório*.

Desse modo, ao sugar uma parte da própria pele, o lactante revive como percepção atual a recordação do prazer proporcionado pelo leite (segundo o modelo do apoio da sexualidade sobre a função de autoconservação exposto nos *Três ensaios sobre teoria sexual*). Uma vez que qualquer possibilidade de associação lógico-causal e temporal entre as representações ainda não é vislumbrado, um traço mnêmico de satisfação pode tomar sobre si toda a quantidade de investimento de outras representações (*condensação* - *Verdichtung*) ou emprestar o seu montante para outras (*deslocamento* - *Verschiebung*), produzindo, assim como fez o pintor mencionado no exemplo de Freud, novas comunidades representacionais, capazes de recriar numa mesma cena a satisfação sexual (com a sucção da própria pele) a partir do ato que proporcionou a satisfação inicial (a saber: o prazer de mamar).

Apesar de não ser realizada por uma seleção voluntária de representações, a ordenação por simultaneidade não está livre de regra: tem a finalidade de repetir a primeira experiência de satisfação em toda a sua intensidade e realizar o desejo. Entretanto, devemos notar que essa tentativa de repetir a primeira satisfação não é feita como se o psiquismo folheasse um álbum fotográfico que, ao rever as cenas de prazer, revivê-las-ia perpetua e identicamente. As cenas de realização do desejo são submetidas a um trabalho de construção, destruição e reconstrução no interior dos sistemas de memória, segundo a lei do desejo. Participam desse processo a condensação e o deslocamento dos afetos sobre as representações, que compõem em uma mesma cena diferentes elementos, desconsiderando sua separação no espaço e no tempo. O lactante, por exemplo, pode satisfazer seu desejo oral ao mamar ou ao chupar a própria pele; ele é capaz de recriar a cena de satisfação de diferentes modos e com distintos objetos, pois a satisfação não está condicionada a um único elemento – ela é *sobredeterminada* (*Überdeterminiert*).

Com a construção do sistema de recordação, que se interpõe entre o sistema perceptivo e o motor, o escoamento da excitação psíquica terá de percorrer também a malha associativa dos traços mnêmicos. Para atravessar o psiquismo, a excitação tem de vencer uma *resistência* (*Widerstand*)[136]. A diminuição dessa resistência fixa um traço na memória e abre um caminho de facilitação para o escoamento da energia psíquica. Quanto mais vezes o caminho for

[136] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 544.

percorrido, mais estará aberto para a passagem da excitação, criando assim um ponto de *fixação* para o escoamento energético. A energia psíquica escolhe, em função da dificuldade de uma via oposta, a que oferecer menor resistência, de tal modo que quanto mais vezes um caminho associativo for percorrido, maior será a sua prioridade frente a outras vias.

Se as lembranças se interpõem entre os sistemas de percepção e de respostas motoras, temos de pressupor que inicialmente eles se encontravam lado a lado, de tal modo que qualquer sensação implicaria em resposta motora imediata. Aqui novamente Freud recorre à simplicidade do aparelho reflexo: os sistemas de recordações são compostos a partir de traços de modificação do sistema perceptivo; são uma diferenciação deste sistema, já que lhe é impossível armazenar qualquer traço sem prejudicar a sua abertura para novos traços. A consciência não é capaz de fixar traço algum de excitação, toda fixação será feita nos sistemas subsequentes. Ao contrário dos impulsos de conservação da vida, o mundo exterior impõe uma resistência para a descarga da excitação sexual, de tal modo que o caminho mais fácil para o rebaixamento de seus investimentos é o *regressivo*, isto é: reinvestir o traço mnêmico até a sua origem perceptiva e projetá-lo para fora, tomando-o como externo. Temos assim que as primeiras reapresentações da satisfação sexual são, portanto, alucinatórias, e o critério para as suas reaparições é unicamente energético. A satisfação autoconservativa, por se dirigir aos objetos externos, únicos capazes de satisfazê-la, exige uma ação modificadora sobre o mundo externo via sistema motor.

Se, por um lado, a associação de traços mnêmicos perceptivos livre de qualquer ação voluntária sobre o mundo satisfaz as exigências das pulsões sexuais, as pulsões de autoconservação, cuja satisfação escapa ao autoerotismo próprio daquelas, permitem a criação de um novo tipo de comunidade representacional[137]: esta não mais identificará recordação e percepção atual, ou ainda, não procurará um caminho regressivo para o escoamento da pulsão via alucinação, mas buscará vencer as resistências associativas e conduzir a excitação acumulada para o sistema motor. A alucinação, apesar de ser o caminho mais fácil para o rebaixamento da excitação, não consegue esgotar os investimentos psíquicos de modo eficiente. Por uma exigência da pulsão de autoconservação, surge um novo modo de associar as representações, assim como um novo processo de rebaixamento da excitação psíquica, mais eficiente para a satisfação autoconservativa, a saber: a *ação voluntária* sobre o mundo. Esse avançar em direção à motilidade só é possível por conta do elevado acúmulo de excitação psíquica advinda da frustração das necessidades autoconservativas mediante o

[137] Cf. FREUD, S. **Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens** (1911a).

retorno do investimento energético para o sistema perceptivo. Segundo o modelo alucinatório de satisfação, esse acúmulo impele o psiquismo a um ato voluntário, a serviço da sua própria preservação, a saber: o reinvestimento regressivo da percepção será *censurado*, a fim de que a nova organização psíquica não entre em colapso frente aos altos investimentos gerados pelas pulsões insatisfeitas de conservação de si. Se estes investimentos encontram um caminho de escoamento pela motilidade, é porque uma barreira entre os sistemas mnêmico e o perceptivo impedirá o refluxo da excitação. Esta censura que se impõe ao escoamento energético força a excitação em direção à motilidade; abrem-se vias facilitadoras nesse sentido e a possibilidade de um novo arranjo entre as representações.

Assim, bifurca-se o caminho da satisfação sexual e o da autoconservação. A primeira se fixa ao modo primário de realização de desejo (imediato e momentâneo), enquanto a segunda segue o curso em direção ao mundo exterior que exige múltiplos contornos até a realização das necessidades de conservação de si. O novo arranjo psíquico possibilitado pela conservação desta busca associar os traços de lembrança não mais por simultaneidade, mas por relações lógico-causais. Este, contudo, é um desdobramento do primeiro modo de figurar as excitações no psiquismo (por simultaneidade). O escoamento regressivo da excitação, que ocasionava a alucinação de modo direto e involuntário, é substituído por caminhos associativos complexos que voltam a atenção consciente para os processos internos de pensamento. Ao primeiro modo de investimento das representações, denominado *processo primário*, Freud contrasta um *secundário*, que tem a missão de conter os investimentos livres que cumprem cegamente as exigências de prazer e movimentam enormes massas de energia. Em *Novas conferências de introdução à psicanálise*, Freud utiliza uma metáfora bélica para expressar sua ideia: "semelhante mudança de lugar de pequenas figuras sobre um mapa, antes que o general ponha em movimento suas tropas em massa"[138], o processo secundário permite uma ligação complexa de traços mnêmicos guiada por certas representações de fácil acesso à consciência (*representações-meta*), e guia o esgotamento da excitação psíquica para a motilidade voluntária, e não mais para a satisfação alucinatória (imagem imediata da satisfação, consequência do deslocamento massivo da excitação para traços perceptivos). Esse segundo modo de escoamento da excitação psíquica nasce do interior do primeiro modo e impõe ao psiquismo uma cisão. Às representações perceptivas, provindas de impressões

[138] „[...] ähnlich wie die Verschiebungen kleiner Figuren auf der Landkarte, ehe der Feldherr seine Truppenmassen in Bewegung setzt." FREUD, S. **Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1933a [1932]), p. 96.

sensoriais dos objetos, tais como as acústicas, táteis, sinestésicas e visuais[139], somam-se representações abstratas que fazem aparecer os processos internos de pensamento, antes ocorridos sem nenhuma consciência. Nasce uma "linguagem de pensamento abstrata" (*einer abstrakten Denksprache*)[140], pela qual os processos psíquicos antes projetados para fora (tais como percepções sensoriais) são percebidos como formação anímica interna. O antigo modo de funcionamento é preservado nos chistes, sonhos, criações poéticas e patológicas, e nas recordações encobridoras.

As representações abstratas que nascem com o segundo modo de funcionamento psíquico nada mais são do que uma revisão da primeira ligação de traços perceptivos, tendo em vista as novas exigências de satisfação que se voltam para a ação. O pensamento por palavras é para Freud uma ação realizada por diversos contornos (associação entre diferentes traços perceptivos direcionada para a motilidade) e ligada a pequenas quantidades de energia que bane para fora da consciência o modo primário de satisfação. Este, contudo, não desaparece: continua a existir no subsolo do psiquismo, onde subsistem os processos psíquicos que desconhecem a linguagem, quantitativamente mais carregados do que aqueles existentes na consciência. Tais processos servem como fundamento para a vida psíquica, sem que jamais se tornem conscientes[141]. Mas, se o primeiro modo de rever as representações de prazer é pela alucinação, e se esta é censurada pela consciência, o psiquismo tem de suprir o impasse colocado à invocação das qualidades sensoriais. A palavra será o modo privilegiado de atuação da consciência. Esta se identifica com o pensamento voluntário, regido pela associação lógico-causal, e não mais com a revivificação alucinatória dos traços sensoriais, que são a partir de então interpretados pela consciência como estranhos a ela.

Como fundamento da atividade secundária, o primeiro modo de funcionamento psíquico não pode ser completamente suprimido sem exigir a demolição (*Abbau*) de todo o

---

[139] Cf. FREUD, S. *Apéndice C. Palabra y cosa*. In: **Obras completas**, A.E., vol. XIV, p. 211. Mais uma vez, vale lembrar que essas representações advindas da percepção não são a imagem do próprio objeto, mas apenas uma representação dele. Escreve Freud: "Pela filosofia, sabemos que a representação-objeto não contém nada mais que isso, e que a aparência de ser uma coisa {*Ding*}, em favor de cujas diversas 'propriedades' advoga cada impressão sensorial, surge apenas pelo fato de que na raiz da recontagem das impressões sensoriais que recebemos de um objeto do mundo {*Gegenstand*} admitimos todavia a possibilidade de uma série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa." ("Por la filosofía sabemos que la representación-objeto no contiene nada más que esto, y que la apariencia de ser una 'cosa' {*Ding*}, a favor de cuyas diversas 'propiedades' aboga cada impresión sensorial, surge sólo por el hecho de que a raíz del recuento de las impresiones sensoriales que hemos recibido de un objeto del mundo {*Gegenstand*} admitimos todavía la posibilidad de una serie mayor de nuevas impresiones dentro de la misma cadena asociativa.") FREUD, S. **Obras completas**, A.E., vol. XIV, pp. 211-12. Na satisfação alucinatória, o re-investimento dos traços mnêmicos perceptivos de um objeto (*Gegenstand*) é tomado como sensação atual e equivalente à percepção mesma da coisa (*Ding*).

[140] FREUD, S. **Totem und Tabu** (1912-13), p. 81.

[141] Cf. FREUD, S. **Das Ich und das Es** (1923), p. 240.

edifício psíquico. Ele continua a existir num mundo subterrâneo, ao qual a consciência já não poderá mais alcançar. A busca pelo prazer imediato e momentâneo que identifica percepção e recordação não deixa de existir: ele é o pilar de sustentação dos processos secundários (que continuam a buscar o prazer, só que por meio de um gasto mínimo de investimentos) e subsiste numa parte separada do psiquismo. Lá as quantidades de energia guardam uma maior mobilidade, e investem livremente as representações. Como já dissemos, a associação lógico-causal, na tentativa de barrar o escoamento livre da excitação, agrupa diferentes traços mnêmicos do objeto (tátil, acústico, visual, etc.) a traços mnêmicos auditivos, que chamam mais facilmente a atenção da consciência e tornam perceptivos aos processos internos de pensamento. A associação lógico-causal não seria possível sem a associação que a precede, já que, por meio dela, o sistema mnêmico fixou diversas representações-meta que lhe possibilitam, num segundo momento, criar redes complexas de escoamento de excitação. Esse trabalho secundário está fundamentado sobre o que tem em vista apenas a realização imediata do desejo.

Segundo o apêndice C de *O inconsciente* (1915d), para que algo ganhe expressão na consciência, tem de estar associado à palavra, pois esta possui a chave de entrada para este novo mundo que se ergueu acima do solo fundador do psiquismo. A dupla possibilidade de associação entre traços mnêmicos implica uma separação tópica do psiquismo: o pré-consciente, que guarda os traços sensoriais acústicos, capazes de atrair a atenção da consciência; e o inconsciente, que guarda os demais traços sensoriais da coisa. Tanto o sistema inconsciente quanto o pré-consciente são constituídos por redes de associações de traços mnêmicos perceptivos. Contudo, no segundo, os diversos traços qualitativos da coisa são unidos pela qualidade acústica da palavra (segundo a relação lógico-causal), o que dá à representação o seu caráter abstrato. Esse novo modo de associação é acompanhado de *juízos imparciais* (*unparteiische Urteilsfällung*)[142] que decidem a verdade ou a falsidade da representação. O princípio de realidade substitui, assim, o princípio de prazer, e possibilita ao psiquismo adiar a satisfação imediata e tolerar por um período maior de tempo o desprazer. No inconsciente, a capacidade de expressão lógico-causal do pensamento é desfeita, reconduzindo as palavras aos elementos perceptivos pontuais a que correspondem. As representações discursivas dão lugar a representações imagéticas predominantemente visuais e, do ponto de vista da consciência, destituídas de realidade[143].

---

[142] FREUD, S. **Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens** (1911a), p. 233.
[143] Cf. FREUD, S. **Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre** (1917b [1915]).

3. Os juízos imparciais e exame de realidade

Em 1917, Freud redige o *Complemento metapsicológico à doutrina do sonho*, de grande importância para entendermos sua concepção de "realidade". Nesse texto, é a partir das situações de incapacidade de exame de realidade (a saber: do sonho e das patologias psíquicas) que será definida sua concepção de realidade. Partiremos então dos processos psíquicos envolvidos no sonho para, em seguida, estendermos os seus resultados aos estados patológicos e ao estado normal, o que nos permite tirar daí resultados válidos tanto para o homem que dorme quanto para o que está desperto.

No início do *Complemento metapsicológico*, Freud escreve que o sonho deve necessariamente acompanhar o sono, pois preserva o indivíduo em um "estado tranquilo, de cálido e longe de estímulo"[144], sem o qual não seria possível dormir. O sono é uma situação decorrente da fadiga diária[145] que busca reviver fisiologicamente o mesmo estado de relaxamento encontrado pelo feto no corpo materno (*Mutterleibe*)[146]. Assim como a cada noite nos despimos dos trajes que envolvem a nossa pele, de dentes e cabelos postiços, óculos, e tudo o que nos adorna e complementa as funções de nossos órgãos, e buscamos o repouso em um local aquecido e calmo, tomando até mesmo a posição fetal, assim também nosso psiquismo retira sua atenção dos acontecimentos atuais, despe-se de todas as suas aquisições recentes (construções de palavras, processo secundário, pensamento lógico-abstrato etc.) e reativa um modo de funcionamento arcaico do psiquismo[147]. Dormir caracteriza-se por uma retirada quase total da percepção exterior e da motilidade voluntária, controladas pelo Eu consciente, e por uma regressão a um estado anterior do desenvolvimento psíquico que permite interpretar os estímulos perturbadores do sono de modo alucinatório, formando o sonho.

A renúncia à recepção de estímulos externos e às respostas motoras voluntárias diminui também a atuação da censura, que ordena durante a vigília o esgotamento da excitação via sistema motor e barra o acesso entre pré-consciente e inconsciente. Deste fato, obtemos o seguinte resultado: os impulsos de desejo inconscientes, submetidos ao processo primário e ao princípio de prazer, não obedecem à ordem de retirada dos investimentos conscientes e têm a possibilidade de aflorar na consciência. Para que os estímulos internos não se tornem um empecilho para o estado de dormir, entram em acordo com o desejo pré-

---

[144] „[...] von Ruhelage, Wärme und Reizabhaltung." FREUD, S. **Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre** (1917b [1915]), p. 412.
[145] Cf. FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 106.
[146] FREUD, S. **Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre** (1917b [1915]), p. 412.
[147] Cf. FREUD, S. **Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre** (1917b [1915]), p. 412 et seqs.

consciente de descanso e produzem o sonho. As moções de desejo inconscientes, sentidas como perigosas para a consciência (pois despertam o interesse ativo da consciência e perturbam o desejo de dormir), são imediatamente censuradas. Mas, se essas moções não podem passar pela porta de entrada da consciência, conseguem driblar a censura e alcançar o consciente pelo caminho dos fundos. Um acordo entre o pré-consciente e o inconsciente é estabelecido no interior do sistema de memória, realizado mediante associação entre diferentes representações. Uma vez que as moções de desejo não podem escoar os seus investimentos via sistema motor, pois este encontra-se desinvestido durante o sono, seguem pela via de maior facilitação: os impulsos de desejo inconscientes reforçam os investimentos dos traços mnêmicos diurnos e as sensações corporais atuais (pré-conscientes), submetem-nas à condensação e ao deslocamento que desfazem as ligações de palavras entre as representações, reconduzem as palavras aos seus traços mais elementares (representações-coisa), e impõem-se ao sistema perceptivo como sensação atual, tal como faziam na época mais remota da realização de desejo. Produz-se assim uma satisfação alucinatória que apresenta à consciência a realização das moções inconscientes sem, contudo, despertar-lhe o interesse ativo. A alucinação onírica apresenta para a consciência o desejo inconsciente em plena realização, pois o psiquismo encontra-se impossibilitado de distinguir percepção real e irreal. Como todo conteúdo que se impõe aos sentidos (*Sinne*), os restos de sensações atuais e diurnas trabalhados pelos impulsos inconscientes são submetidos à elaboração secundária, que lhes dá inteligibilidade. Combinado aos traços pré-conscientes, o caráter de cumprimento de desejo inconsciente torna-se irreconhecível para a consciência: sob a influência do princípio de prazer, toma as figurações involuntárias de realização de desejo como percepções atuais reais, criando-se, assim, a *crença* (*Glauben*) de que foram recebidas de fora.

No sonho, as representações são ligadas de tal modo que lhes é possível criar uma comunidade semelhante àquela da pintura do Parnaso ou da Escola de Atenas. Essa comunidade, mesmo que construída segundo uma ordem diferente daquela da vigília, tem uma realidade para o indivíduo que sonha, pois apresenta para os sentidos (*Sinne*), como vindo de fora, um conjunto de representações. O fundamento do juízo de realidade é perceptivo e, mesmo aquele que sonha, em sua realização de desejo inconsciente, não pode prescindir da realidade: o sonho, apesar de construir uma comunidade representacional julgada como real, é composto por representações privadas singulares, que em si mesmas não têm sentido e realidade alguma.

Como vimos no capítulo anterior, no sono, a consciência é suficientemente capaz de dar uma "interpretação correta"[148] aos estímulos que chegam até ela. Se ela se engana quanto à prova de realidade (*Realitätsprufung*) atribuída às figurações de desejo, é porque tal exame está condicionado a um critério prévio ao estabelecido pela prova de realidade que vigora na vigília, sem o qual não seria possível dormir. Ao acordar, imediatamente a alma retoma o interesse ativo pelo mundo externo, reinveste voluntariamente a percepção e a motilidade, e reavalia as figurações oníricas como irreais.

Mas, afinal, se a consciência tem notícia apenas de representantes (*Repräsentanz*) dos estímulos que chegam até o sistema perceptivo, o que lhe permite *interpretar* o sonho como uma ilusão e tomar a vida da vigília como realidade efetiva? Ou melhor, se nunca temos acesso direto aos estímulos que chegam até a consciência e se seus representantes são, mesmo na vigília, submetidos a um trabalho de composição (elaboração secundária) antes de se apresentar à consciência, como é possível diferenciar realidade e irrealidade?

Em *A negação*[149], Freud trata de maneira bastante clara do tema do julgamento de realidade. Segundo ele, o juízo (*Urteil*) possui duas funções específicas, a saber: por um lado, atribui ou subtrai uma qualidade (*Eigenschaft*) a uma coisa (*Ding*), e, com isso, decide quanto à representação (*Vorstellung*) de algo, e, por outro, admite ou rejeita a existência (*Existenz*) da representação na realidade (*Realität*). Esta segunda função nada mais é do que um desdobramento da primeira e recai sobre a existência real da representação de uma coisa no mundo. Vejamos mais de perto.

Nesse texto, Freud afirma que no início do desenvolvimento psíquico existe um Eu originário que toma como próprio tudo o que lhe dá prazer e projeta para fora de si tudo o que lhe é desprazeroso. A projeção (*Projektion*) é um dos primeiros modos de repressão (*Verdrängung*) que o aparelho psíquico dispõe para a expulsão do que é desprazeroso. A percepção de prazer ou desprazer é, assim, um primeiro critério para se decidir acerca do que está *dentro* ou *fora* e, consequentemente, do que é *real* e *irreal*. Essa formação originária é denomina *Eu-prazer* (*Lust-Ich*), que segue os comandos do princípio de prazer e rege suas atividades segundo o processo primário. Com o advento do princípio de realidade, o Eu-prazer inicial desdobra-se no Eu-real (*Real-Ich*) definitivo do indivíduo. O real se torna assim, com o advento do processo secundário, correlato do Eu, da consciência e da vida em sociedade. O sonho e a alucinação, cujas bases se enraízam em solo anterior ao advento do Eu-real, obedecem apenas ao princípio do prazer, e, por isso, são tomados como irreais.

---

[148] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 240-41.
[149] FREUD, S. **Die Verneinung** (1925a), p. 13 et seqs.

Como em todos os processos psíquicos iniciais, o Eu-prazer não desaparece; seu acesso à parte consciente do Eu é negado e reenviado, junto com o princípio de prazer e o processo primário, ao inconsciente. Continua a vigorar em formações como os sonhos, as lembranças encobridoras e as patologias, e só temos notícia de tais processos arcaicos mediante esses fenômenos da vida anímica. A partir de então, não se trata mais de qualificar como interno algo percebido como prazeroso e externo algo desprazeroso, mas de avaliar se certa representação pode ser também reencontrada na percepção e, por conseguinte, tomada como real. O segundo critério de realidade está, assim como o primeiro, baseado na reapresentação do objeto para os *sentidos* (*Sinne*), contudo, o princípio de prazer deixa de ser o decisivo para dar lugar a um fator adaptativo: o ensinamento pela experiência.

> A experiência ensinou que não apenas é importante se uma coisa (objeto de satisfação) possui a qualidade "boa", e portanto mereça o acolhimento no Eu, mas também se está aí no mundo exterior, de modo que possa apoderar-se dela caso necessário.[150]

Para Freud, o próprio fato de existirem representações (de processos externos ou internos) já pressupõe a realidade da coisa representada. E uma vez que não podemos acessar a coisa senão mediante a sua representação, o exame de realidade não tem por fim encontrar na percepção real (*real Wahrnehmung*) o objeto (*Objekt*) a que corresponde o representado (*Vorgestellt*), mas apenas reencontrá-lo (*wiederfinden*) por meio do pensamento. O exame de realidade é possível apenas no interior dos sistemas de memória, ao se comparar diferentes representações de objeto. Caso contrário, a realidade se limitaria a uma percepção no instante presente, e jamais poderia estender-se aos traços de memória. Uma vez que o pensar é a capacidade de tornar presente, por múltiplos rodeios, aquilo que foi anteriormente percebido, de reapresentá-lo ao sistema percepção-consciência, a coisa percebida não precisa ser continuamente apresentada à percepção para que a ela se atribua realidade. Ao contrário, se a realidade pudesse ser conferida apenas a algo que está intermitentemente presente em nossa consciência, ele não poderia tornar-se representação, e, consequentemente, jamais ser julgada real. A condição de possibilidade da representação é, desse modo, a perda do objeto da percepção. Se o irreal nasce da subjetividade, a realidade não pode ser reduzida ao puro objetivo: ela tem de ser subjetiva e objetiva ao mesmo tempo. O exame de realidade não é estabelecido na percepção originária do objeto, mas apenas após a sua inserção na cadeia de

---

[150] „Die Erfahrung hat geleht, es ist nicht nur wichtig, ob ein Ding (Befriedigungsobjekt) die ‚gute' Eigenschaft besitzt, also die Aufnahme ins Ich verdient, sondern auch, ob es in der Auβenwelt da ist, so daβ man sich seiner nach Bedürfnis bemächtigen kann". FREUD, S. **Die Verneinung** (1925a), p. 13-14.

memória, ou ainda, no interior da própria subjetividade. A representação é, deste modo, a condição prévia para todo exame de realidade.

Devemos notar que *Wirklichkeit* (efetividade) deriva do verbo *wirken*, que significa, entre outras coisas, tecer[151]. A efetividade do mundo que nos cerca deve ser atribuída, desse modo, a um ato completo de tessitura dos traços mnêmicos, ou ainda, ao tipo de comunidade representacional que se tece. Podemos dizer que o que de efetivo (*wirken*) se produz é a modificação dos sistemas psíquicos e o seu enlace em uma malha mnêmica. A representação se fixa então ao psiquismo de forma efetiva, verdadeira, ou ainda, com valor de realidade.

Ora, se a segunda função do juízo (que decide sobre a existência real do objeto) é derivada da primeira (que qualifica um objeto), não podemos desconsiderar o fato de Freud escrever, nos *Três ensaios sobre teoria sexual* (1905b), que durante o período em que a função sexual apoiava-se sobre a de autoconservação e se conectava com a nutrição, a pulsão sexual tinha apenas um único objeto fora do próprio corpo da criança, a saber: o seio materno. Este objeto de prazer é, em um primeiro momento, acolhido no Eu e a ele identificado, posteriormente afastado e diferenciado dele. É nesse instante de distinção que o psiquismo começa a operar segundo o princípio de realidade, período em que a criança forma a representação global da pessoa a quem pertence o objeto de satisfação. A relação primordial com o seio torna-se modelar (*vorbildlich*) para a relação afetiva com qualquer objeto. E conclui Freud: "encontrar o objeto é propriamente um reencontro."[152] Todo julgamento de realidade remete-se, deste modo, ao objeto perdido: o seio materno. Nele está dada a possibilidade de toda e qualquer realidade, sem a qual jamais haveria o reencontro, que é a própria relação que liga ou aproxima o sujeito daquilo que havia se afastado: o objeto.

Outro texto em que Freud invoca o funcionamento anímico do lactante a fim de clarificar a concepção de realidade é *O mal-estar na cultura* (1930 [1929]). Nele, Freud aborda o mesmo problema a partir de um ponto de vista complementar, a saber: o exame de realidade está subordinado à descarga da excitação psíquica pelo sistema motor. Freud inicia *O mal-estar* com a análise do *sentimento oceânico* (*ozeanische Gefühl*)[153], isto é, a sensação de eternidade, de ligação e de percepção imediata do meio ou universo que nos cerca, que toca alguns indivíduos e que poderia ser a origem da religiosidade. Sua análise é levada até a origem do desenvolvimento psíquico, época em que o indivíduo experimenta seu Eu de um

---

[151] Cf. MICHAELIS, H. **Novo diccionario da lingua portugueza e allemã**, vol. 2.
[152] „Die Objektfindung ist eigentlich eine Wiederfindung". FREUD, S. **Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie** (1905b), p. 123.
[153] FREUD, S. **Das Unbehagen in der Kultur** (1930 [1929]), p. 422.

modo diferente daquele de sua vida adulta, plenamente capaz de diferenciar o que lhe é próprio do que lhe é externo e estranho, não podendo ser estendido ao funcionamento elementar do psiquismo. Em suas palavras:

> Tem-se de levar a cabo um desenvolvimento que não pode se mostrar de modo compreensível, mas que se deixa construir com razoável probabilidade. O lactante não distingue ainda seu Eu de um mundo exterior como fonte das sensações que chegam a ele. Aprende isso pouco a pouco, a partir de incitações diversas. Tem de causar nele a mais forte impressão [o fato de] que muitas fontes de excitação, em que mais tarde se reconhecerá seus órgãos corporais, podem enviar-lhe sensações a cada momento, enquanto outras se retiram periodicamente – dentre elas a mais requerida: o peito materno – e só são trazidos pela ajuda de gritos de reivindicação. Com isso, põe-se primeiramente um "objeto" oposto ao Eu como algo que se encontra "fora" e por uma ação particular é impelido ao aparecimento.[154]

O funcionamento psíquico do lactante, incapaz de diferenciar "dentro" e "fora", guia-se pelo princípio de prazer e toma toda a realização atual e imediata do desejo como real (mantida pela identidade entre percepção e recordação). No entanto, como vimos, uma vez que a alucinação não esgota o acúmulo de excitação advindo da autoconservação, o psiquismo é obrigado a substituir o princípio de prazer pelo de realidade, que separa sensação e recordação em dois tempos diferentes, bloqueia o retorno da excitação para o sistema perceptivo e obriga o seu escoamento pela via motora, mais eficiente para o cancelamento da energia psíquica. A ação, isto é, o choro e o esperneio do lactante que trazem de volta o objeto de satisfação (o seio), põe fim à alucinação, estabelece as bases do julgar e do pensar, e permite uma primeira distinção entre mundo interno e externo (entre a criança e o seio materno).

O seio materno é, num primeiro momento do desenvolvimento do indivíduo, acolhido no Eu-prazer como parte integrante dele, ao passo que os objetos qualificados como desprazerosos são expulsos desse Eu originário. O fato de o seio ser recuperado unicamente por uma ação específica sobre o mundo possibilita a separação entre sujeito e objeto. O mundo externo será, assim, configurado por um arremesso para fora das percepções sensoriais (*Sinneswahrnehmungen*) que voltam a aparecer apenas pela descarga motora sobre o mundo,

---

[154] „Es muβ eine Entwicklung durchgemacht haben, die sich begreiflicherweise nicht nachweise, aber mit ziemlicher Wahrscheinlichkeit konstruieren läβt. Der Säugling sondert noch nicht sein Ich von einer Auβenwelt als Quelle der auf ihn einströmenden Empfindungen. Er lernt es allmählich auf verschiedene Anregungen hin. Es muβ ihm den stärksten Eindruck machen, daβ manche der Erregungsquellen, in denen er später seine Körperorgane erkennen wird, ihm jederzeit Empfingungen zusenden können, während andere sich ihm zeitweise entziehen – darunter das Begehrteste: die Mutterbrust – und erst durch ein Hilfe heischendes Schreien herbeigeholt werden. Damit stellt sich dem Ich zuerst ein ‚Objekt' entgegen als etwas, was sich ‚auβerhalb' befindet und erst durch eine besondere Aktion in die Erscheinung gedrängt wird." FREUD, S. **Das Unbehagen in der Kultur** (1930 [1929]), p. 424-25.

enquanto que as sensações que permanecem intermitentemente são qualificadas como internas.

A descarga energética que ocorre na extremidade motora do psiquismo ensina o aparelho psíquico a diferenciar o que é "interno" do que é "externo". Como vimos, toda excitação psíquica que pode ser rebaixada por uma ação de fuga (ato motor) é julgada como originada no exterior do organismo (esse era o caso da pressão dolorosa sobre o dedo). Por outro lado, o estímulo cuja ação muscular não o cancela definitivamente é julgado como interno, isto é, como esforço pulsional que tem sua fonte no corpo e chega constantemente até o psiquismo. A extremidade motora oferece assim a ocasião para que se possa separar o *dentro* do *fora*. A *ação* que não cancela definitivamente o aumento do nível de excitação no psiquismo é julgada como de origem interna.

A diferença entre o mundo interno e o externo real é então de sentido (*Sinn*): no processo primário, a interioridade é constituída pelas representações que seguem o sentido do desejo (percorrido progressiva ou regressivamente), enquanto a exterioridade é tomada como aquilo que frustra o fluxo do desejo. Desse modo, uma satisfação alucinatória, que reapresenta para o sistema perceptivo uma cena de prazer, pode ser tomada como real. No processo secundário, a realidade estará no esgotamento energético pela motilidade, isto é, o cancelamento da excitação deve percorrer o psiquismo até alcançar a extremidade oposta à percepção (a saber: o sistema motor), completando assim todo o sentido progressivo do psiquismo. A ação motora (da qual o pensamento faz parte) dá o alicerce do juízo de realidade.

4. O exame de realidade na normalidade e na patologia

Se, como vimos, o julgamento de realidade é possibilitado pela reprodução da representação na percepção, ele tem de enfrentar o seguinte problema: nem sempre a representação é repetida tal como foi inicialmente gravada nos sistemas mnêmicos. Segundo Freud, "se não se quer se enganar no julgamento da realidade, tem-se de se recordar sobretudo que as recordações de infância dos homens são determinadas somente em uma idade posterior (quase sempre na época da puberdade) e além disso estão sujeitas a um complicado processo de remodelamento."[155] A memória não é um quadro estático, capaz de conservar para sempre

[155] „Wenn man in der Beurteilung der Realität nicht irregehen will, muβ man sich vor allem daran erinnern, daβ die ‚Kindheitserinnerungen' der Menschen erst in einem späteren Alter (meist zur Zeit der Pubertät) festgestellt und dabei einem komplizierten Umarbeitungsprozeβ unterzogen werden [...]." FREUD, S. **Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose** (1909c), p. 427 *n*.

suas marcar sem alteração alguma: ao contrário, está sujeita a omissões e alterações ocasionadas por deslocamento e condensação dos afetos. Além de decidir sobre a qualidade de uma coisa e sobre a admissão de uma representação na realidade, é também função do juízo controlar o alcance de tais desfigurações mnêmicas. Esse controle só pode ser realizado no interior das cadeias de memória, comparando-se diferentes traços mnêmicos.

Em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911a), Freud afirma que os sistemas motor e perceptivo são por si mesmos incapazes de estabelecer qualquer diferença entre sujeito e objeto. Tal julgamento deve ser estabelecido pelo Eu atual consciente, no interior do sistema de memória. O Eu compara representações de escoamento energético realizado com êxito pelo sistema motor e julga outras representações a partir delas. Cria assim uma rede de associações entre traços pontuais de recordação sobre a qual baseia a sua *crença na realidade*. A rede associativa submetida ao princípio do prazer é construída a partir dos mesmos traços pontuais que constroem o mundo externo, contudo, uma vez que essa associação se submete a um funcionamento julgado pelo Eu atual como ultrapassado, é excluída da cadeia associativa, formando um grupo ou "comunidade" (*Gemeinschaft*) à parte, que ganha vida em nossos sonhos. Ao ser apresentado em nossa consciência, o sonho é construído sempre tendo em vista a "comunidade" de representações regida pelo princípio de prazer e pelo processo primário, mesmo que esta seja "erroneamente" tomada como comum a todos os homens e "corrigida" no estado desperto.

Não é apenas no sonho que o grupo de representações censurado pelo pré-consciente e apartado do exame de realidade ganha vida. Também nas patologias são impostas à percepção e produzem a crença em uma realidade particular, não compartilhada pelos homens na vigília. As patologias, apesar de não se produzirem em um estado fisiológico específico, tal no o sonho, repetem os processos essenciais da formação do sonho (condensação, deslocamento e projeção da representação para o mundo exterior) e nos mostram, de maneira exacerbada, o quão frágil pode ser a diferença entre "verdade" e "mentira" no estado de vigília. Essa distinção não é estabelecida a partir da natureza do próprio traço mnêmico pontual, mas da associação que os traços ganham em nosso psiquismo, que podem, como nas produções oníricas, construir agrupamentos particulares entre as representações, julgados como comuns.

Retomemos o caso de Schreber: Antes de adoecer, ele havia sido um homem de costumes rígidos. Seu pai, Daniel Gottlob Moritz Schreber, professor na Universidade de Leipzig, foi autor de estudos bastante divulgados sobre a saúde infantil, baseados em

princípios éticos rigorosos (dentre eles, a proibição da masturbação)[156]. Antes de adoecer, Schreber era inclinado ao ascetismo sexual e ao ateísmo. Em julho de 1893, foi notificado de sua nomeação para *Senatspräsident*[157], cargo que assumiu em 1º de outubro do mesmo ano. Entre a notificação e a posse de sua nova atribuição sonhou diversas vezes que sua antiga hipocondria havia voltado e, num desses sonhos teve "a representação de que deveria ser belo ser uma mulher submetida ao coito (*Bei**schaf***)."[158] Tal ideia o fez despertar e logo a censurou com grande indignação. No fim de outubro do mesmo ano, voltou à clínica do Dr. Flechsig (onde já havia sido internado) queixando-se de uma forte insônia (***Schlaf**losigkeit*). Seu estado piorou rapidamente e foi submetido a uma segunda internação. Suas antigas ideias hipocondríacas voltaram, mescladas a ideias persecutórias que evoluíram para alucinações visuais e auditivas: via-se como morto, pestilento, corrompido, manipulado. O sonho de "ser uma mulher submetida ao coito", inicialmente censurado, reaparece em sua percepção de modo desfigurado e reconciliado com ideais superiores. Pouco a pouco Schreber deu às suas ideias delirantes um significado (*Bedeutung*) místico e religioso, e criou para si um sistema completo de representações que era capaz de expor de maneira ordenada. Schreber acreditava ser o filho de Deus (lembremo-nos que seu pai chamava-se *Gottlob*) destinado a salvar a humanidade da miséria e da ruína que a ameaçava. Sua importância para o resto da humanidade é suprema, pois após a morte, nenhum defunto (*selig*) poderia alcançar a bem-aventurança (*Seligkeit*) enquanto ele absorvesse, por força de atração, os raios de Deus[159]. Schreber define a bem aventurança como um contínuo gozar, unido à visão de Deus. Escreve Freud:

> Essa surpreendente sexualização da bem-aventurança celeste causa em nós a impressão de que o conceito de Schreber da bem-aventurança nasceu da condensação dos dois significados principais da palavra alemã: *defunto* e *sensualidade feliz*. [...] Após a difícil luta anímica, que se manifestou exteriormente pelos fenômenos da enfermidade, alterou-se a relação com o erótico. Chegou à sagacidade de que o cuidado da voluptuosidade era um

---

[156] Cf. Introdução de Marilene Carone à sua tradução das memórias de Schreber. In: SCHREBER, D. P. **Memória de um doente dos nervos**, p. 10 et seqs.

[157] Na introdução à tradução das memórias de Schreber para o português, Marilene Carone verte o termo *Senatspräsident* por "juiz-presidente da corte de apelação". CARONE, M. Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In: SCHREBER, D. P. **Memória de um doente dos nervos**, p. 13.

[158] „die Vorstellung, daβ es doch eigentlich recht schön sein müsse, ein Weib zu sein, das dem Beischlaf unterliege." FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 244.

[159] Cf. FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 262.

> dever para ele, cujo cumprimento era o único que poderia acabar com o difícil conflito que irrompeu nele, [ou] como ele pensava, em torno dele.[160]

Assim como no sonho, também na patologia as representações inconscientes não têm acesso direto à consciência. Mas se a censura era enfraquecida no estado de dormir, aqui ela fracassa em sua tentativa de dominar o desejo homossexual intolerável para a consciência de Schreber, que é reforçada inconscientemente e imposta à consciência como percepção real. As moções homossexuais não são características apenas da enfermidade. Elas são encontradas no início de todo desenvolvimento psíquico do indivíduo e futuramente submetidas à censura. Com o advento do estágio posterior (que substitui o amor de si pelo amor de objeto), as moções homossexuais não desaparecem, mas são forçadas a se separar da meta original de satisfação e a encontrar um outro destino na cadeia dos pensamentos. Seu julgamento, apesar de dar às representações um valor de realidade objetiva, não foi capaz de controlar as desfigurações de suas representações. Ao não discernir mais as modificações sofridas pela cadeia de representações que gravita em torno do conflito defensivo, Schreber mescla ao juízo de realidade (impelidas pelas funções de conservação de si) uma função do juízo de prazer (fundamentada sobre as pulsões sexuais), que expulsa para fora do Eu o conflito que se dá entre o desejo inconsciente e os ideais morais da consciência. Enquanto as moções sociais dos homens comuns fundam-se sobre as pulsões autoconservativas, uma parte do mundo construído por Schreber funda-se sobre as sexuais. Quando o indivíduo tenta ligar-se ao mundo construído em comum pelos homens mediante moções sexuais, o faz, aos olhos dos outros, de modo desfigurado e irreal[161]. A falha no funcionamento prévio de seu julgamento não lhe impediu, contudo, de formar um sistema coerente que não admite "uma correção por apreciação objetiva e julgamento das relações de fato."[162] Mesmo que não compartilhada, suas representações possuem um sentido e uma ordem interna reconhecida por observadores externos.

---

[160] „Diese überraschende Sexualisierung der himmlischen Seligkeit macht uns den Eindruck, als ob Schrebers Seligkeitsbegriff durch die Verdichtung der zwei Hauptbedeutungen des deutschen Wortes: *verstorben* und *sinnlich glücklich* entstanden wäre. [...] Nach dem schweren Seelenkampfe, der sich nach auβen durch die Erscheinungen der Krankheit kundgab, hatte sich das Verhältnis zur Erotik verändert. Er war zur Einsicht gekommen, daβ die Pflege der Wollust eine Pflicht für ihn sei, deren Erfüllung allein den schweren in ihm, wie er meinte, um ihn, ausgebrochenen Konflikt beenden könne." FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 264-65. (Grifo do autor)

[161] Cf. FREUD, S. **Totem und Tabu** (1912-13), p. 91-92.

[162] „[...] einer Korrektur durch objektive Auffassung und Beurteilung der tatsächlichen Verhältnisse [...]." FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides)** (1911b [1910]), p. 246.

Schreber é arremessado para fora da vida comum, pois tenta reconstruí-la segundo critérios privados: por meio das moções sexuais. Ao contrário, os homens julgados normais conseguem desviá-las de seu fim e reconstruir suas vidas de tal modo que possam ser reconhecidas pelos homens em geral. O equívoco de Schreber é usar as pulsões sexuais para reconstruir a vida coletiva, pois estas são egoístas e erram, portanto, desde o princípio, pois não se pode encontrar o outro mediante moções egoístas. Ao contrário dos outros indivíduos, que podem expor suas moções sexuais segundo critérios altruístas – o substrato comum da objetividade é aquilo que se tem de mais íntimo: as modificações dos sistemas gravados permanentemente na memória e os processos que regem a sua reunião.

Ora, seriam os enfermos seres estranhos ao mundo humano? As lembranças encobridoras quando postas ao lado da patologia psíquica nos mostram que o julgamento de realidade está muito mais numa articulação arquitetônica dos sentidos do que na relação dos sentidos com os fatos materiais. Como vimos, essa arquitetônica está condicionada ao jogo de forças das moções pulsionais. Devemos reforçar a concepção, exposta por Freud desde *A interpretação dos sonhos*, de que os traços inscritos no psiquismo não são a marca direta do objeto ocasionador da excitação. São, ao contrário, novas apresentações do que do objeto estimulador do sistema perceptível ecoou nos demais sistemas anímicos, ou ainda, como dissemos no capítulo anterior, são a *interpretação* da fonte dos estímulos psíquicos. Em si mesmos, as extremidades do aparelho anímico (os sistemas perceptivo e motor) responsáveis por captar a excitação e responder a elas não guardam registro algum de mudança, e, consequentemente, não preenchem a função de memória. Os traços que se inscrevem no psiquismo consistem, desse modo, "em modificações persistentes *sobre os elementos dos sistemas*"[163], ou seja, não consistem na marca direta do objeto sobre os sistemas anímicos, mas em uma segunda presença dele, forjada pela circulação da excitação. O estímulo que penetra no psiquismo é o único substrato para a formação da memória. Sendo assim, Freud tem de pressupor que entre a fonte geradora de estímulos e a aparição destes no psiquismo haja uma capacidade *representativa* (*repräsentativ*) de tornar a fonte geradora de estímulos visível para o psiquismo sob a forma de representação (*Vorstellung*) e afeto (*Affekt*). Toda percepção é, assim, construída no interior do aparelho psíquico e, consequentemente, sua

[163] "so kann die Erinnerungsspur nur bestehen in bleibenden Veränderungen an den Elementen der Systeme". FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 543. (Grifo nosso.) Fullinwider, em seu livro *Towards a Rogue Reality: Kant to Freud, and Beyond* escreve que "after the 1905 *Three Essays*, and particularly after his treatment of paranoia and animism, the distinction between objects in the world and objects in the psyche began to fade for Freud. By the time he began toying with the notion that Kant was right, that distinction had become problematic for him" (p. 232). Nossa ideia é a de que Freud já havia se dado conta dessa distinção em *A interpretação dos sonhos*.

verdade (*Wahrheit*) está condicionada à composição (*Dichtung*) das representações em uma cena que faça sentido e que possa ser sentida. Freud não quer dizer com isso que a fonte e o objeto de satisfação não existam. Ao contrário, afirma que o que deles temos notícia é apenas mediante representação e afeto. Mesmo no caso das pulsões, jamais chegamos a acessar diretamente sua fonte, ou melhor, o que nelas existe de orgânico, em estado bruto; o que temos acesso é apenas àquilo que delas modificou, de modo persistente, os elementos dos sistemas psíquicos – o que delas se representou no psiquismo.

> Uma pulsão nunca pode se tornar objeto da consciência, mas somente a representação (*Vorstellung*) que a representa (*repräsentiert*). Mas também no inconsciente ela não pode ser representada (*repräsentiert*) de outra forma que não pela representação (*Vorstellung*). Se a pulsão não se atasse a uma representação (*Vorstellung*) ou não se manifestasse como um estado afetivo, então nada poderíamos saber dela. Mas, sempre que falamos de uma moção pulsional inconsciente ou de uma moção pulsional reprimida, então isto nada mais é que um descuido inofensivo de expressão. Não podemos pensar senão em uma moção pulsional cujo representante-representacional[164] (*Vorstellungsrepräsentanz)* é inconsciente, pois outra coisa não é considerada.[165]

A representação e o afeto, decorrentes da percepção dos estímulos internos ou externos, não subsistem por eles próprios. Eles são construídos no interior do aparelho anímico e só podem ser pensados em relação aos sistemas psíquicos. Ora, o próprio conceito de pulsão não seria então contraditório, já que estaríamos pretendendo conhecer algo que é, em si mesmo, inapreensível? Nesse terreno, temos de admitir que a capacidade perceptiva e a prova advinda diretamente das sensações não apontam o caminho para o conhecimento de algo puramente objetivo. Se as pulsões podem ser objeto de conhecimento da psicanálise, elas

---

[164] Segundo a introdução de Strachey às *Pulsões e os destinos da pulsão*, tanto a palavra *Repräsentant* como *Repräsentanz* são usadas na acepção de "estar no lugar de", entretanto, a primeira, é utilizada sobretudo na linguagem jurídica, política ou comercial, enquanto a segunda, menos usual, descreve uma agência representante e é usada na forma mais abstrata, como uma representação por imagens ou palavras. STRACHEY, J. Nota introductoria. In: FREUD, S. **Obras completas**, A.E., vol. XIV, p. 108, n. 1; ver também HANNS, L. (1999, p. 80). Devemos notar o quão difícil é transpor para a língua portuguesa os termos *Vorstellung* e *Repräsentanz*. Quanto ao primeiro, devido a uma tradução já constituída, é por nós traduzido como representação, ao passo que o segundo termo apresenta uma maior dificuldade: ele designa a face psíquica da pulsão, entendida tanto como representação (*Vorstellung*) quanto como afeto (*Affekt*), ou seja, o termo *Vorstellung* está compreendido no conceito de *Repräsentanz*. Nós optamos por traduzir-lo como representante, pois realiza uma tarefa representativa: designa aquilo que originalmente figurava como estímulo endógeno e que agora adquire um "delegado no domínio psíquico" (MONZANI, L. R. **Freud, o movimento de um pensamento**, p. 272). Quanto ao termo *Vorstellungsrepräsentanz*, preferimos utilizar o adjetivo *representacional* para traduzir *Vorstellung*.

[165] „Ein Trieb kann nie Objekt des Bewuβtseins werden, nur die Vorstellung, die ihn repräsentiert. Er kann aber auch im Unbewuβtsein nicht anders als durch die Vorstellung repräsentirt sein. Würde der Trieb sich nicht an eine Vorstellung heften oder nicht als ein Affektzustand zum Vorschein kommen, so könnten wir nichts von ihm wissen. Wenn wir aber doch von einer unbewuβten Triebregung oder einer verdrängten Triebregung reden, so ist dies eine harmlose Nachlässigkeit des Ausdrucks. Wir können nichts anderes meinen als eine Triebregung, deren Vorstellungsrepräsentanz unbewuβst ist, denn etwas anderes kommt nicht in Betracht". FREUD, S. **Das Unbewuβte** (1915d), p. 275-76.

não podem prescindir de um substrato (sujeito) sobre o qual se consolidará o conhecimento. Se Freud penetra na natureza do que estimula nosso psiquismo, seja a partir do exterior, seja a partir de dentro, só o faz porque completa os dados que lhe são fornecidos de modo incompleto. Conceituar a pulsão só é possível ao se passar para um ponto *absoluto* da teoria freudiana, em que a fronteira entre *Dichtung* e *Wahrheit* já não é mais nítida, onde conhecer, especular, interpretar e inventar mostram-se indissociáveis; onde a teorização metapsicológica deve proceder tal como a construção da fantasia[166].

5. A realidade e a morte como destino último do homem

Ora, e como a questão da realidade é recolocada quando o que está em jogo são as pulsões de vida e de morte. Segundo Ricoeur[167], é com Eros e Tânatos que a realidade ganha uma dimensão trágica no pensamento freudiano. Freud não reformula sua concepção de realidade, mas apenas reforça e eleva seus antigos aspectos. Com o princípio de realidade, posterior ao de prazer e dependente dele, temos a possibilidade de reconhecimento da história humana (seja ela individual, como a história do desenvolvimento da libido, seja como história do desenvolvimento da cultura). Mas selaria ele o advento e a supremacia da realidade e de seu parente mais próximo, a razão, sobre o prazer? Entendamos primeiro a dinâmica pulsional entre Eros e Tânatos e o seu percurso na história dos seres vivos. Em *Além do princípio do prazer*, as pulsões se manifestam como um caráter conservativo da substância viva, como uma tendência de retorno ao inorgânico. Freud chega à conclusão de que a substância viva existe em meio a dois impulsos: o de restabelecer o estado anterior à vida, inorgânico e portanto letal, que denomina *pulsão de morte*; e o de conservar a vida por um lapso maior de tempo, que chama de *pulsão de vida*. Freud amplia assim o conceito de pulsão para além da esfera psíquica: ela passa a reger todas as manifestações do vivente. Esses resultados são obtidos não mais com a especulação (*Spekulation*) acerca do início da vida do lactante, mas com a do início da vida em geral, cuja história ficou marcada profundamente em nossa estrutura biológica e em sua extensão, o psiquismo.

A análise recapitulativa da história da evolução dos seres inicia-se com a analogia entre o desenvolvimento das funções psíquicas e do aparelho reflexo. Assim como no psiquismo, a camada mais externa da substância viva serve como proteção contraestímulos e como responsável pela percepção das excitações externas. Esta camada mais superficial, devido ao choque com os estímulos externos, modificou-se ao máximo, tornando-se

[166] Voltaremos a essa tema de maneira mais aprofundada no quarto capítulo.
[167] RICOEUR, P. **De l'interprétation**, p. 342.

impossível imprimir nela qualquer modificação permanente. O substrato mais externo do organismo vivo, a fim de preservar a estrutura interna própria da matéria viva, torna-se inorgânico, servindo como uma barreira de contenção da entrada dos estímulos no interior do organismo. Há muito tempo, nos organismos superiores a função receptora de estímulos internalizou-se na forma de estrato cortical (a matéria cinzenta), deixando na superfície do corpo a camada de proteção contra os enormes volumes de estímulos, que processa quantidades muito pequenas de estímulos externos (os órgãos sensoriais). Em *Além do princípio do prazer* lemos:

> Esta camada cortical sensível, o posterior sistema *Cs* [consciente], recebe também excitações de dentro; a posição do sistema entre fora e dentro e a diferença das condições de influência de um lado e de outro tornam-se determinantes para o trabalho do sistema e de todo o aparelho anímico[168].

Para as excitações internas, ao contrário das externas, o aparelho psíquico (ou se quisermos, organismo vivo) não possui uma proteção antiestímulos que lhe permita experimentar as grandes magnitudes de excitação em pequenas doses; estas penetram em seu interior diretamente, de modo não reduzido, produzindo uma enorme sensação de desprazer. Em consequência disso, a exigência de diminuição das excitações internas, recebidas sem filtro algum, tem prioridade sobre as recebidas de fora. O interno prevalece sobre o externo. Em seu escoamento para fora do psiquismo, as excitações são tratadas como se viessem de fora (sua fonte é projetada para o exterior) e recebem o mesmo tratamento das excitações externas: uma barreira de contenção impede a propagação da excitação no interior do aparelho psíquico, a saber: este deve enfrentar o estímulo, dominá-lo, ou ainda, em termos psíquicos, deve ligá-lo a representações que o conduzam ao seu esgotamento.

Até aqui não observamos nenhuma modificação substancial no que havia sido dito anteriormente. O passo seguinte na especulação freudiana é o de ampliar o "condicionamento histórico das pulsões" (*historische Bedingtheit der Triebe*[169]) para "aqueles exemplos tirados da vida animal" (*jene Beispiel aus dem Tierleben*[170]), tal como o fatigante regresso migratório dos peixes e aves para a reprodução (*Fortpflanzung*), cuja interpretação (*Deutung*) de muitos biólogos é a de que "apenas buscam as moradas antigas de sua espécie, que no curso do

---

[168] „Diese empfindliche Rindenschicht, das spätere System *Bw*, empfängt aber auch Erregungen von innen her; die Stellung des Systems zwischen auβen und innen und die Verschiedenheit der Bedingungen für die Einwirkung von der einen und der anderen Seite werden maβgebend für die Leistung des Systems und des ganzen seelischen Apparates." FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 28. (Grifo do autor)
[169] FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 38.
[170] FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 38.

tempo tinham trocado por outras."[171] Também nos "fenômenos da herança" (*Phänomenen der Erblichkeit*) e nos "fatos da embriologia" (*Tatsachen der Embryologie*) encontramos a natureza conservativa da pulsão que age por detrás do mundo orgânico. Escreve Freud:

> Vemos que o germe de um animal vivo é obrigado a repetir em seu desenvolvimento as estruturas de todas as formas de que descende o animal – ainda que em veloz abreviação –, em vez de apressar-se por um caminho mais curto para a sua configuração definitiva e, porque se pode apenas numa parte mínima esclarecer este procedimento de modo mecânico, não se pode deixar de lado o esclarecimento histórico. E do mesmo modo se estende para bem longe na série animal um poder de reprodução, pelo qual um órgão perdido é compensado pela nova formação de um outro que se iguale a ele.[172]

Ora, se esses fenômenos nos revelam a natureza conservativa da pulsão, seu esforço de retornar a um estado anterior, Freud tem então que pressupor que o inorgânico é anterior ao vivente, e que algo teve de agir sobre a matéria inanimada impelindo-a ao movimento. A especulação freudiana encontra assim o ponto em que a história dos fenômenos da vida coincide com a história das forças naturais, da evolução da Terra e de suas relações com o sol. Escreve Freud:

> As propriedades do vivente foram despertadas na matéria sem vida. Talvez tenha sido um processo exemplarmente semelhante àquele outro que mais tarde fez nascer a consciência em uma certa camada da matéria viva. A tensão então nascida no tecido antes sem vida esforçou-se, depois disso, por ajustar-se; foi a primeira pulsão produzida: a de regressar ao inanimado.[173]

Essa substância percorria um breve caminho de vida, cuja orientação estava marcada pela sua "estrutura química" (*chemische Struktur*). Por muito tempo, esse ser transitório foi novamente recriado, até que novos impulsos advindos de forças externas modificassem seus processos físicos e químicos, de tal modo que desviaram a jovem substância do "caminho vital originário" (*ursprünglichen Lebensweg*), que alcançava a meta da descarga total das excitações de modo mais curto, obrigando-a (*nötigen*) a cumprir uma série de rodeios cada vez mais complexos antes de alcançar a morte. Esses novos processos que modificam a

---

[171] „[...] nur die früheren Wohnstätten ihrer Art aufgesucht, die sie im Laufe der Zeit gegen andere vertauscht hatten." FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 38

[172] „Wir sehen, der Keim eines lebenden Tieres ist genötigt, in seiner Entwicklung die Strukturen all der Formen, von denen das Tier abstammt – wenn auch in flüchtiger Abkürzung – zu wiederholen, anstatt auf dem kürzenst Wege zu seiner definitiven Gestaltung zu eilen, und können dies Verhalten nur zum geringsten Teile mechanisch erklären, dürfen die historische Erklärung nicht beiseite lassen. Und ebenso erstreckt sich weit in die Tierreihe hinauf ein Reproduktionsvermögen, welches ein verlorenes Organ durch die Neubildung eines ihm durchaus gleichen ersetzt." FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 38-39.

[173] „Irgend einmal wurden in unbelebter Materie durch eine noch ganz unvorstellbare Krafteinwirkung die Eigenschaften des Lebenden erweckt. Vielleicht war es ein Vorgang, vorbildlich ähnlich jenem anderen, der in einer gewissen Schicht der lebenden Materie später das Bewuβtsein entstehen lieβ. Die damals entstandene Spannung in dem vorhin unbelebten Stoff trachtete danach, sich abzugleichen; es war der erste Trieb gegeben, der, zum Leblosen zurückzukehren." FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 40.

estrutura da substância viva e prolongam a sua duração são, segundo Freud, forças de *união*, que compõe diferentes partículas individuais em organismos cada vez mais complexos. Para prolongar a vida de cada um de seus membros, as partículas individuais são obrigadas a se associar, a formar organismos complexos e, assim, a vencer as exigências impostas pelo exterior. "Uma célula", escreve ele, "ajuda a conservar a vida das outras e esse Estado celular pode viver mais, mesmo quando células individuais tenham de morrer."[174] No entanto, não são apenas as forças de união e de trabalho em conjunto que orientam os processos vitais. Devido à imperfeita eliminação dos próprios produtos metabólicos produzidos por cada uma das partículas, nelas agem também forças silenciosas, desagregadoras e "absolutamente narcisistas (...) que destroem o organismo"[175] e o impele ao estado originário inorgânico.

A partir desse esclarecimento, o caráter das pulsões de autoconservação e das sexuais vêm à tona: quanto às primeiras, são rodeios para se atingir a meta final, protetoras do caminho para a morte, responsáveis por distanciar as possibilidades não imanentes (*immanenten*) de regresso ao inorgânico. Ao se alimentar, por exemplo, o organismo garante uma sobrevivência maior ao conjunto de células que o compõem, mas os próprios processos metabólicos da digestão liberam substâncias que aos poucos o intoxicam. Por outro lado, se os organismos morrem devido aos produtos metabólicos secretados pelas partículas individuais que os compõem, esse mesmo organismo destinado a morrer secreta um fragmento para fora de si, a saber: a célula germinativa, que se desprender do todo a fim de repetir a história das modificações impostas à estrutura orgânica. Essas partículas autônomas (as células germinativas) carregam as disposições herdadas, que serão novamente repetidas por outros seres. Deste modo, enquanto uma parte da substância segue o seu caminho até a meta final (realização máxima do *desejo*, já que eliminaria completamente os processos excitatórios no interior da substância e alcançaria o prazer último), outra retorna ao estado germinal do vivente, a fim de refazer novamente a história da substância que a precedeu, marcada em sua estrutura química, e prolongar o seu trajeto em direção à morte.

Devemos atentar para o fato de que, quando nos referimos às pulsões de vida e de morte, diferenciamo-nas da vida e da morte. O fim da vida, podemos dizer, é a morte; contudo, a vida só se realiza no jogo entre as pulsões de vida e de morte, isto é, enquanto houver movimento e tensão entre impulsos contrários. "Cada uma dessas pulsões", escreve

---

[174] „Eine Zelle hilft dazu, das Leben der anderen zu erhalten, und der Zellenstaat kann weiter leben, auch wenn einzelne Zellen absterben müssen". FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 53-54.

[175] „(...) absolut ‚narziβtisch' (...), die den Orgenismus zerstören ". FREUD, S. **Jensaits des Lustprinzips** (1920), p. 54.

Freud, "é tão indispensável quanto a outra, das ações conjuntas e opostas de ambas surgem as aparições (fenômenos) da vida."[176] Quando se refere à pulsão, mesmo que esta seja a pulsão de morte (*Todestrieb*), não deixa de ter em mente um fragmento de atividade, pois nela há algo que pulsa incessantemente. Uma pulsão não pode atuar de modo solitário; ela deve ser posta em conjunto com uma outra que, ao mesmo tempo em que se opõe a ela, completa a sua ação. A pulsão de morte não é, assim, o destino final dos fenômenos vitais, mas antes, a sua condição de possibilidade, dada pelo jogo entre as pulsões de vida e de morte.

O que são então os fenômenos da vida, tais como a fome e o amor que movem a matéria orgânica? São *Erscheinungen*, isto é, aparições, visões que escondem a ação conjugada das poderosas forças de vida e de morte. O mundo é assim um *phantasma*, e o homem, um fantasista, cuja atividade criadora, a saber: o fantasiar (*das Phantasieren*), impulsionada pelo jogo pulsional, ilumina o mundo e o faz aparecer. Freud não pode, desse modo, admitir que essa visão represente um progresso evolutivo (*Entwicklungsrichtung*) em direção a uma forma superior de existência; estabelecer a superioridade de uma forma de vida sobre outras depende apenas de "nossa apreciação" (*unserer Einschätzung*), a qual muitas vezes não leva em conta a proporção existente na composição dos seres. Escreve Freud:

> [...] e por outro lado, a ciência do vivente nos mostra que uma evolução mais alta em um ponto muito frequentemente se adquire com uma retroformação em outro, ou se é ressarcido [deste]. Há também bastantes formas animais, cujos estados juvenis nos fazem conhecer que sua evolução tomou muito mais um caráter retrógrado. Tanto a evolução mais alta como a retroformação poderiam ambas ser sucessões de forças externas que apressam para a acomodação, e o papel das pulsões poderia em ambos os casos manter a modificação imposta como fonte interna do prazer. [...] Parece-me que a evolução que teve o homem até agora não precisa de nenhum outro esclarecimento que o dos animais, e o que se observa em um pequeno número de indivíduos humanos como esforço incessante para a perfeição ulterior deixa-se compreender naturalmente como resultado da repressão da pulsão sobre a qual se edifica o mais valioso na cultura humana.[177]

---

[176] „Der eine dieser Triebe ist ebenso unerläβlich wie der andere, aus dem Zusammen- und Gegeneinanderwirken der Beiden gehen die Erscheinungen des Lebens hervor." FREUD, S. **Warum Krieg?** (1933b [1932]), p. 20.

[177] „[...] und anderseits zeigt uns die Wissenschaft des Lebenden, daβ Höherentwicklung in einem Punkte sehr häufig durch Rückbildung in einem anderen erkauft oder wettgemacht wird. Auch gibt es Tierformen genug, deren Jugendzustände uns erkennen lassen, daβ ihre Entwicklung vielmehr einen rückschreitenden Charakter genommen hat. Höherentwicklung wie Rückbildung können beide Folgen der zur Anpassung drängenden äuβeren Kräfte sein und die Rolle der Triebe könnte sich für beide Fälle darauf beschränken, die aufgezwungene Veränderung als innere Lustquelle festzuhalten. [...] Die bisherige Entwicklung des Menschen scheint mir keiner anderen Erklärung zu bedürfen als die der Tiere, und was man an einer Minderzahl von menschlichen Individuen als rastlosen Drang zu weiterer Vervollkommnung beobachtet, läβt sich ungezwungen als Folge der Tribverdrängung verstehen, auf welche das Wertvollste an der menschlichen Kultur aufgebaut ist." FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 44.

As pulsões reprimidas não deixam de aspirar à satisfação plena que consiste na vivência primaria de satisfação (eliminação total da excitação). Todas as formações substitutivas, reativas e sublimatórias são insuficientes para alcançar essa satisfação. A "evolução" e o "progresso" humanos, o desenvolvimento da consciência e da capacidade de ver um mundo natural ou para além da natureza, de dar realidade às coisas, de se comunicar e de se unir em comunidades cada vez maiores só são obtidos às expensas de uma involução: o acúmulo crescente de tensão, que nos aparece como um grande *mal-estar*, não pode ser aliviado senão pela descarga total. Esse esgotamento último da energia pulsional marcaria o encerramento da capacidade de ver, ou ainda, de fantasiar. A fantasia só pode se dar no espaço entre as pulsões de vida e de morte, e pressupõe a dinâmica entre ambas. Mas, esse mesmo movimento que possibilita a criação do mundo do vivente intoxica os processos internos ao organismo (entendido como espaço comum entre as células, entre as instâncias psíquicas ou entre os próprios seres humanos) e o encaminha ao seu destino final, à realidade que põe fim à capacidade de sentir e de dar sentido ao mundo, ao grande alívio das excitações, a saber: à morte. Se a vida se dá no jogo de pulsões contrárias, e se é apenas mediante esse jogo que nos é dada a capacidade de fantasiar, a morte, como realidade inevitável da vida, opõe-se à fantasia.

CAPÍTULO 3

Nosso trabalho mostrou, primeiramente, que as recordações de infância constituem-se de cenas breves e descontínuas, de exagerada nitidez dos sentidos, em especial quanto ao elemento visual. O exame empreendido pela psicanálise revela que a autenticidade de tais cenas é incerta: elas são compostas a partir da condensação e do deslocamento de moções inconscientes de desejo, processos cuja consciência não tem notícia alguma. O desejo inconsciente combina representações segundo uma ordenação própria aos seus processos e impõe suas produções à consciência como parte integrante da cadeia mnêmica do passado mais remoto. Tais processos não podem ser *sentidos* e não fazem *sentido* algum para a consciência. Apenas a interpretação pode organizar e apresentar os processos internos de pensamento, inicialmente incognoscíveis. Essa operação não é realizada de modo direto, explicitando a representação inconsciente, mas por associações diversas que permitem tomar um elemento inapreensível por um de fácil trânsito para a consciência. Por outro lado, o trabalho de análise pretende percorrer o caminho inverso da formação da cena fantasiada: desmembra-a a fim de encontrar o sentido que se esconde por detrás dela. Mas se a consciência jamais pode ver o que se encontra além de seus próprios limites, a interpretação analítica tem de trabalhar em analogia com a formação da fantasia, isto é, tem de ser uma re-interpretação, capaz de compor uma nova cena e dar sentido ao que não pode ser apreendido pela consciência. A diferença entre as duas formas de interpretação, a natural e a artificial (analítica), é que na primeira uma construção imagética é imposta, involuntariamente, à consciência, e na segunda o indivíduo tem de renunciar à passividade de tais formações e percorrer, voluntariamente, o caminho em direção às profundezas.

Na sequência de nosso trabalho, examinamos como as composições psíquicas podem ser julgadas reais e como a realidade sobre a qual o indivíduo funda os seus juízos é um construto psíquico, impelido pela realização do desejo. Examinamos a constituição da memória e a associação das representações nessa instância para, em seguida, mostrar que a realidade ou irrealidade dos fatos depende do modo como as representações estão compostas nas séries mnêmicas. Para Freud, não se trata de fundamentar o juízo de realidade sobre a essência da coisa, pois está é um grande X do qual não teremos jamais notícia, mas de estabelecer relações entre representações que possam ser compartilhadas e comunicadas a outros indivíduos.

Uma vez examinada a possibilidade de atribuir sentido e realidade às mais diferentes maneiras de se interpretar os estímulos que chegam ao psiquismo, seja no sonho, na enfermidade ou no funcionamento normal, nossa intenção nesse capítulo é a de traçar um paralelo entre a construção fantasmática que se dá no jogo infantil, na neurose e na criação literária, e mostrar que se os dois primeiros não comunicam as suas criações e as mantém em um universo privado, o terceiro não pode prescindir da comunicação de suas fantasias, comunicação essa que possibilita às produções poéticas alcançarem um valor universal e comum. Com isso, chega-se à ideia de uma universalidade que só pode ser exposta por meio de um tipo especial de fantasia, a saber: uma fantasia prototípica ou protofantasia (*Urphantasie*). A contemplação das cenas originárias não se dá de forma direta na consciência, Freud chega ao seu conhecimento mediante a construção de relações constantes entre as histórias de vida de diversos indivíduos, relatos que se completam mutuamente.

O jogo, a criação literária e a recriação da vida

Uma observação casual feita por Freud acerca de uma importante atividade infantil figura em *Além do princípio do prazer*[178]. Trata-se de uma "ação enigmática e repetida continuamente" (*rätselhafte und andauernd wiederholte Tun*) por uma criança de um ano e meio, com a qual conviveu durante algumas semanas. Descreve-a da seguinte maneira:

> Esta boa criança mostrava então o hábito, ocasionalmente incômodo, de atirar para muito longe de si todos os pequenos objetos que apanhava no canto do quarto, debaixo de uma cama etc., de maneira que muitas vezes não era tarefa fácil reunir os seus brinquedos. [...] Um dia fiz a observação que confirmou minha apreciação. A criança tinha um carretel de madeira envolto em um barbante. Jamais lhe ocorria, por exemplo, puxá-lo no chão atrás de si [e] então brincar de carro com ele, mas arremessava com grande habilidade o carretel atado ao fio sobre a beira de sua caminha coberta com véu, de maneira que ele desaparecia ali; com isso dizia seu significativo o-o-o-o [que de acordo com a mãe queria dizer "*Fort*" (foi embora)] e então puxava novamente o carretel pelo fio, saudava agora seu aparecer com um amistoso "*Da*" [ali]. Esse era, pois, o jogo completo, o de desaparecer e regressar, onde na maioria das vezes se podia ver apenas o primeiro ato, e esse era repetido por si só incansavelmente como jogo, apesar do maior prazer indubitavelmente aplicar-se ao segundo ato.[179]

---

[178] Cf. FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 11 et seqs.

[179] „Dieses brave Kind zeigte nun die gelegentlich störende Gewohnheit, alle kleinen Gegenstände, deren es habhaft wurde, weit weg von sich in eine Zimmerecke, unter ein Bett usw. Zu schleudern, so daβ das Zusammensuchen seines Spielzeuges oft keine leichte Arbeit war. [...] Eines Tages machte ich dann die Beobachtung, die meine Auffassung bestätigte. Das Kind hatte eine Hozspule, die mit einem Bindfaden umwickelt war. Es fiel ihm nie ein, sie zum Beispiel am Boden hinter sich herzuziehen, also Wagen mit ihr zu spielen, sondern es warf die am Faden gehaltene Spule mit groβem Geschick über den Rand seines verhängten Bettchens, so daβ sie darin verschwand, sagte dazu sein bedeutungsvolles o-o-o-o und zog dans die Spule am Faden wieder aus dem Bett heraus, begrüβte aber deren Erscheinen jetzt mit einem freudigen „Da". Das war also

Levou algum tempo para que o sentido (*Sinn*)[180] da repetição desses dois atos se tornasse claro para Freud. Tratava-se de um primeiro jogo, criado pela própria criança (*das erste selbstgeschaffene Spiel*), no qual era posto em cena (*in Szene setzen*) uma vivência (*Erlebnis*) fortemente carregada de afeto. De acordo com Freud, é a ausência da mãe que está por trás do jogo do filho. Essa vivência desagradável é revivida no jogo, de tal modo que possa aliviar o aumento da tensão psíquica, ocasionado pela partida da mãe. O jogo infantil é a expressão do jogo de forças (*Krätftespiel*)[181] que acontece no interior da vida psíquica da criança: ele conta com a substituição da vivência efetiva altamente investida por uma cena capaz de rebaixar os altos investimentos e gerar prazer. Essa substituição é acompanhada da aprendizagem das palavras e da tecedura destas com os processos psíquicos de contensão de energia. Associado à encenação infantil (ao mandar embora e recuperar o carretel), os sons "o-o-o-o" e "Da" tornam-se plenos de significação (*bedeutungsvolle*), isto é, fazem sentido para a criança, ao mesmo tempo em que a vivência do abandono materno é novamente sentido. É possível assim afirmar que a vivência passada apenas faz sentido quando pode ser novamente sentida.

No jogo infantil, as vivências altamente investidas são contidas e substituídas por uma cena composta tal como quer a criança. O mandar embora e trazer de volta o objeto de madeira possibilita ao pequeno assumir um papel ativo (*eine aktive Rolle*) diante de uma experiência originalmente passiva (*passiv*) e desagradável. Na brincadeira, "a criança passa da passividade do vivenciar para a atividade do jogar"[182] e para atribuição de sentido: se antes ela esperava passivamente a volta da mãe, no jogo ela a dispensa e a recupera a seu bel-prazer. Tal como nas peças de teatro, para Freud o jogo permite à criança abandonar o lugar de espectador diante da vida e assumir o de ator-autor. Ela pode narrar sua própria vida de uma nova maneira e com isso sentir, agir e criar todo um outro mundo segundo o seu arbítrio. No jogo manifesta-se um universo à parte do seu vivenciar, comandado pela realização do *seu* desejo. Uma parte da vida da criança afasta-se do mundo comum, ao mesmo tempo em que possibilita a construção de um mundo fantasmático próprio, fundamentado sobre critérios

---

das Komplette Spiel, Verschwinden und Wiederkommen, wovon man zumeist nur den ersten Akt su sehen bekam, und dieser wurde für sich allein unermüdlich als Spiel wiederholt, obwohl die größere Lust unzweifelhaft den zweiten Akt anhing". FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 12-13.

[180] FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p.11. As palavras citadas na próxima frase encontram-se entre as páginas 11 e 15 da obra referida.

[181] Cf. FREUD, S. **Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit** (1898).

[182] „das Kind aus der Passivität des Erlebens in die Aktivität des Spielens übergeht." FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 15.

egoístas. Separam-se assim mundo comum e mundo privado, que contam, cada um, com princípios próprios de funcionamento.

O jogo revela a grande produção cultural da criança[183]: além da aquisição da linguagem (atribuir significação a certos sons), aprende a renunciar às satisfações imediatas das pulsões. A criança, apesar de seu ano e meio, já não chorava mais quando era abandonada pela mãe, mesmo que sua espera durasse horas. Ela aprendeu a tolerar o desprazer, mas não sem uma compensação: no jogo, a criança recria a sua vivência de modo invertido. Nesse mundo à parte, o pequeno assume o lugar do adulto, identifica-se com ele e atua como ele. A repetição (*Wiederholung*) da experiência desprazerosa é o modo que a criança dispõe para conter a magnitude do vivenciar, contudo não como uma simples cópia. A imitação (*Nachahmung*) praticada no jogo é também um exercício de criação: a ação sofrida é modificada e corrigida. No jogo, muda-se o sentido da atuação na vida: aquele que originalmente arremessa é arremessado. A criança, em seu desejo de ser grande e agir como os adultos, assume o papel da mãe e a faz desaparecer sobre os véus de sua caminha. Com isso, assenhoreia-se da situação (*sich zu Herren der Situation machen*) que desprende grande quantidade de excitação e a repete em um sentido contrário ao precedente. No jogo, tudo é criado, ou ainda, composto de uma nova maneira. A ação desagradável à qual a criança é submetida desloca-se sobre a figura da mãe. Os papéis da criança e da mãe invertem-se: o passivo torna-se ativo, e o ativo, passivo. Mas também a figura da mãe é deslocada de sua aparência original: ela ganha uma nova roupagem, reconhecida apenas pela interpretação (*Deutung*). O carretel adquire o mesmo valor da mãe, desaparece e retorna como ela, torna-se o seu substituto (*Stellvertreter*). O carretel possui para a criança uma função determinada, a saber: poder ser arremessado, função que é transferida para a cena criada pelo jogar. Converte-se no foco de desejo e no objeto sobre o qual se possibilita rebaixar e domar a excitação psíquica. A linguagem auxilia e expõe esse processo: ela une-se ao empenho de encontrar prazer, mesmo que para isso seja preciso criar um universo à parte do efetivo, regido por processos próprios. O jogo é assim uma primeira maneira de apreender o objeto, de reconhecê-lo, segundo os critérios primários do psiquismo. A recordação da vivência desagradável com a mãe é recordada e reconhecida de uma nova maneira, agora prazerosa.

A troca da pessoa amada por um objeto permite à criança realizar, de modo disfarçado, uma ação proibida. Os impulsos violentos contra a mãe (*Racheimpulse gegen die Mutter*), sufocados na vida (*im Leben unterdrücken*), são deslocados para um objeto substitutivo e a

---

[183] „der groβen kulturellen Leistung des Kindes.“ FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 12.

criança pode realizar sua hostilidade não mais na vida, mas no jogo, contra o carretel de madeira. A agressividade muda também de direção: se na vida ela era exercida contra a criança, no jogo, é exercida contra o objeto que simboliza a mãe. A ação que o jogo põe em cena é a de hostilizar o outro, mediante a figura de seu substituto. Cada arremesso do carretel teria um significado voluntarioso, como se dissesse: "Pois vai embora, não necessito de ti, eu mesmo te despacho."[184] A produção cultural que a criança manifesta no jogo não diz respeito apenas à tolerância ao desprazer e à aquisição da linguagem, mas também ao desvio das ações sufocadas na vida para objetos substitutivos. Em uma nova oportunidade que teve de observar a mesma criança, já um ano mais velha, Freud pôde comprovar a tese segundo a qual o arremesso é um ato de violência contra o objeto. Ele conta que ao se irritar certa vez com um de seus brinquedos, o pequeno lançou-o para longe, dizendo: "Vai à guerra" (*Geh' in K(r)ieg*). Não sem motivo: sabia que o seu pai, ausente, estava em combate. Sempre que questionado acerca da falta do pai, dava claros indícios de não desejar que o pai retornasse, pois "não queria ser transtornado em sua posse exclusiva da mãe" (*im Alleinbesitz der Mutter nicht gestört werden wolle*).

A substituição de pessoas por objetos contra os quais se exercem impulsos violentos é também apresentada por Freud em *Uma recordação infantil em "Dichtung und Wahrheit"* (1917b). Lançar o carretel para longe certamente nos faz lembrar os arremessos dos pratos e vasilhas em terracota narrados por Goethe em sua autobiografia. Neste texto já analisado por nós, assim como em *Além do princípio do prazer*, Freud traça um importante paralelo entre o jogo infantil, a criação literária e a patologia. No artigo acerca da autobiografia de Goethe, Freud analisa a recordação de alguns de seus pacientes que igualmente atiraram, quando ainda muito pequenos, os objetos domésticos na rua. O resultado dessa análise é aplicado ao relato de Goethe: os grandes feitos e criações narrados pelo poeta alemão enlaçam-se com os acontecimentos de sua infância bem como com o da de outros indivíduos. A obra do poeta alemão revela muito acerca do jogo infantil e da neurose: ele expõe uma jovialidade que dá suporte ao anímico, sem contudo remeter-se unicamente a si mesmo. Sua autobiografia revela os fatos da história de vida de outros homens. Seus impulsos são os mesmos que movem o psiquismo em geral. Os acontecimentos de sua recordação infantil são reconstruídos segundo critérios plenamente comunicáveis a outros homens, de tal modo que o particular eleva-se à condição de comum.

---

[184] „Ja, geh' nur fort, ich brauch' dich nicht, ich schick' dich selber weg ." FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 14.

A relação entre a composição literária, o jogo infantil e a patologia já havia sido tratada dez anos antes da análise da recordação de Goethe, em *O escritor e o fantasiar*[185] (1908e [1907]). Freud afirma no início deste texto que conhecer os motivos que levam o escritor a eleger alguns materiais em favor de outros para sua criação, assim como conhecer a essência da arte poética da figuração[186], a qual permite reunir os mais diversos materiais em uma obra única capaz de comover (*ergreifen*) os corações dos homens, não basta para fazer de alguém um autor literário. Mas se, por um lado, não é possível converter um homem qualquer em um escritor pelo mero conhecimento da arte poética, por outro, Freud não separa de modo absoluto a condição singular (*Eigenart*) do escritor da do ser humano comum (*allgemein menschlichem Wesen*), pois, para ele, no mais comum dos homens "pode-se descobrir uma atividade de algum modo afim ao poetizar."[187] Todos compartilham algo que é próprio ao poeta: "muito frequentemente", escreve Freud acerca dos escritores, "nos asseguram que em cada homem oculta-se um poeta e que o último poeta só morrerá com o último dos homens."[188]

Porém, se o poeta expõe ao seu público o mundo que ele próprio cria, o homem ordinário o oculta em seu íntimo, pois sabe que dele se espera que não fantasie, "mas que atue no mundo efetivo."[189] Ao pretender traçar uma analogia entre os dois tipos de criação (a saber: a do homem em geral e a do escritor) e encontrar algo que possa ser universalmente estendido (nas palavras do autor: uma "*allgemeinen Verbreitung*"), Freud depara com uma dificuldade: o desconhecimento de um dos termos da comparação. Para o psicanalista, o paralelo entre os distintos modos de criação deve ser colocado em uma atividade humana universal que, ao mesmo tempo em que se encontra também na exposição literária, faça parte das fantasias enterradas nos corações de todos os homens. O ponto de comunicação entre a condição do homem em geral e a do poeta pode ser rastreada desde os seus primeiros traços (*ersten Spuren*) na "ocupação mais amada e mais intensa da criança"[190], a saber: o jogo (*Spiel*). Este é o termo médio entre a atividade imaginativa do poeta e a do ser humano

---

[185] Como bem nota a tradução castelhana, *Dichter* pode significar *poeta* e, em sentido lato, *criador literário* ou *escritor* (FREUD, S. **Obras Completas**, A.E., vol. IX, p. 7).

[186] „das Wesen der poetischen Gestaltungskunst." FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907])**,** p. 213.

[187] „eine dem Dichter irgendwie verwandte Tätigkeit auffinden können". FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907])**,** p. 213.

[188] „sie versichern uns so häufig, daβ in jedem Menschen ein Dichter stecke und daβ der letzte Dichter erst mit dem letzten Menschen sterben werde". FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907])**,** p. 213.

[189] „[...] sondern in der wirklichen Welt zu handeln". FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907])**,** p. 216.

[190] „Die liebste und intensivste Beschäftigung des Kindes". FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907])**,** p. 214.

comum. Com o intuito de investigar a condição universal da alma humana, mantida em segredo pelos homens e revelada pelos poetas, tomemos em primeiro lugar a comparação traçada entre a atividade infantil e a literária, para em seguida compará-las às representações patológicas. Escreve Freud:

> Não deveríamos procurar já nas crianças os primeiros traços da manifestação poética? [...] Toda criança que *joga* se comporta como um poeta, pois cria para si um mundo próprio ou, melhor dito, insere as coisas de seu mundo em uma nova ordem que lhe agrada. Além disso, seria injusto supor que não toma a sério esse mundo; ao contrário, toma muito a sério seu *jogo*, emprega nele grandes montantes de afeto. O oposto ao *jogo* não é a seriedade, mas... a *efetividade*. [...] O poeta faz então o mesmo que a criança que *joga*: cria um mundo de fantasia ao qual leva muito a sério, vale dizer, dota-o de grandes montantes de afeto, ao mesmo tempo em que o separa rigorosamente da *efetividade*. [...] Da irrealidade do mundo poético resultam várias conclusões importantes para a técnica artística, porque muito do que não poderia causar gozo como real pode no *jogo* da fantasia, [e] muitas excitações em si mesmas particularmente penosas podem se tornar fonte de prazer para o ouvinte e o espectador do poeta[191]. (Grifo nosso)

Vemos aqui que existe uma relação bastante complexa entre a atividade do poeta e a da criança. Elas se aproximam, pois em certa medida o primeiro "faz o mesmo que" (*dasselbe wie*) o segundo, embora não possam ser identificadas como sendo uma atividade única. Dentre os aspectos em que se aproximam, está o fato de o escritor e a criança inventarem um mundo próprio (*eigene Welt*), respectivamente: o mundo do jogo (*Spielwelt*) e o mundo do faz de conta (*dichterische Welt*), e de investi-los com altas quantidades de afeto, que lhes dá uma grande realidade em nada inferior à efetiva, embora continuem a ser distintos dessa.

Apesar de o escritor possuir a capacidade de comunicar as suas criações aos seus espectadores, o mundo que ele ergue não é o mundo das ações efetivas; o mesmo ocorre com o jogo. A singularidade do mundo do escritor, bem como o da criança, não está destituída de comunicabilidade, pois ambos unem-se em um universo compartilhado também pelos homens em geral, a saber: o mundo de fantasia (*Phantasiewelt*). Este, ao contrário do mundo de fato, não se caracteriza pela *efetividade* (*Wirklichkeit*) dos acontecimentos; ao contrário, a

---

[191] „Soltten wir die ersten Spuren dichterischer Betätigung nicht schon beim Kinde suchen? [...] Jedes spielende Kind benimmt sich wie ein Dichter, indem es sich wine eigene Welt erschafft oder, richtiger gesagt, die Dinge seiner Welt in eine neue, ihm gefällige Ordnung versetzt. Es wäre dann unrecht zu meinen, es nähme diese Welt nicht ernst; im Gegenteil, es nimmt sein Spiel sehr ernst, es verwendet groβe Affektbeträge darauf. Der Gegensatz zu Spiel ist nicht Ernst, sondern – Wirklichkeit. [...] Der Dichter tut nun dasselbe wie das spielende Kind; er erschafft eine Phantasiewelt, die er sehr ernst nimmt, d.h. mit groβen Affektbeträgen ausstattet, während er sie von der Wirklichkeit scharf sondert. [...] Aus der Unwirklichkeit der dichterischen Welt ergeben sich aber sehr wichtige Folgen für die künstlerische Technik, denn vieles, was als real nicht Genuβ bereiten könnte, kann dies doch im Spiele der Phantasie, viele an sich eigentlich peinliche Erregungen können für den Hörer und Zuschauer des Dichters zur Quelle der Lust werden." FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907])**,** p. 214.

possibilidade de *atuar* (*wirken*) naquele mundo singular está dada justamente pela impossibilidade de efetuar-se o ato (em seu caráter irrealizável), ou ainda, por sua *irrealidade* (*Unwirklichkeit*). Ou seja, o que não pode ocorrer no âmbito da realidade efetiva, deve ser transferido para um outro universo, cujo autor-protagonista pode realizar tudo o que lhe foi negado na efetividade. Universo este que não pode ser destituído de realidade, pois criar é também dar existência real. A realidade apresenta-se assim em dois sentidos: a do jogo da fantasia, que na construção poética ganha comunicabilidade, o que não ocorre na construção infantil; e a da efetividade, que se alinha às condições do mundo exterior. As produções da criança e do poeta, altamente investidas de afeto, não são confundidas com a efetividade, ao mesmo tempo em que são plenas de realidade; realidade esta que não se restringe a uma mera cópia da efetividade, já que é construída por um ato criativo. A comunicabilidade entre o mundo infantil e o da criação literária permite a Freud unir, sob o nome de *fantasiar*, duas atividades diferentes. Freud nos lembra que a afinidade (*Verwandschaft*) entre o criar (*Schaffen*) infantil e poético encontra sua comprovação na própria língua (*Sprache*) alemã. O termo *Spiel* não designa apenas o jogo infantil, mas também a encenação da criação poética: "Comédia (*Lustspiel* [segundo a tradução castelhana, literalmente jogo de prazer ou alegria[192]), tragédia (*Trauerspiel* [jogo de luto ou de tristeza]), e a pessoa que as apresenta, denominada ator (*Schauspieler* [o que joga o espetáculo ou atua na cena]).”[193]

Tanto o jogo infantil quanto a criação literária têm a propriedade de transformar as recordações mais dolorosas da vida em fonte de prazer e modificar o sentido da vivência efetiva. Em *Além do princípio do prazer*, Freud afirma que quando uma criança é examinada por um médico ou submetida a uma pequena operação, "com toda certeza esta vivência assustadora passará a ser o conteúdo do próximo jogo.”[194] No texto sobre *O escritor e o fantasiar*, encontramos que o mesmo ocorre com os acontecimentos criados pelo poeta: cenas e personagens que nos aprazem no palco nos causam espanto ou indiferença quando levados à vida[195]. É apenas no mundo da fantasia que o sentido da vivência pode ser transformado: o assustador converte-se em prazer. O jogo que o poeta e a criança realizam é o jogo da fantasia

---

[192] Cf. Tradução castelhana. FREUD, S. **Obras completas**, A.E., vol. IX, p. 128.

[193] „*Lustspiel, Trauerspiel*, und die Person, welche sie darstellt, als *Schauspieler* bezeichnet.“ FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907]), p. 214.

[194] "[...] so wird dies erschreckende Erlebnis ganz gewiβ zum Inhalt des nächsten Spieles werden". FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 15.

[195] Acerca desses personagens e cenas, escreve Freud: "não poderiam causar-nos prazer algum por tal desvelamento. Se experimentássemos tais fantasias, ficaríamos chocados ou, quando muito, frios em relação a elas." ("[...] könnte er uns durch solche Enthüllung keine Lust bereiten. Wir werden von solchen Phantasien, wenn wir sie erfahren, abgestoβen oder bleiben höchstens kühl gegen sie"). FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907]), p. 223.

(*Spiel der Phantasie*), onde é possível satisfazer um conjunto de impulsos que assombram a existência da vida comum.

Contudo, como vimos, se o relato do poeta está em analogia com o jogo infantil, certamente não pode ser identificado a ele. No final do segundo capítulo de *Além do princípio do prazer*, Freud lembra que a criação artístico-literária (escrita ou encenada) aponta sempre para a pessoa do espectador (*die Person des Zuschauers*), ao contrário da conduta no jogo, que não está condicionada à exposição e não visa ser espetáculo (*Schau*). O mesmo é afirmado em *O escritor e o fantasiar*:

> Com efeito, a criança joga sozinha ou forma com outras crianças um sistema psíquico fechado aos fins do jogo, mas ainda que nada preludie (*vorspielen*) aos adultos, tampouco oculta deles seu jogar. [...] O jogar da criança foi dirigido por desejos, na verdade por um desejo que ajuda a educar a criança: o de ser grande e adulta. Joga sempre "ser grande", imita no jogo o que da vida dos maiores tornou-se notório para ela. Pois bem, não há fundamento algum para dissimular esse desejo.[196]

Se, por um lado, o desejo *de ser grande* e agir como os adultos impele a criança à construção de um mundo à parte, por outro "força-a ao exercício de suas capacidades" (*zur Übung seiner Fähigkeiten nötigen*)[197] e ao fortalecimento da "racionalidade" (*Vernünftigkeit*)[198] que põem fim ao jogo. Este importante processo do início da vida infantil acaba por ser tomado posteriormente como sendo uma atividade carente de sentido, atacada pela crítica racional. Uma vez que tem início em uma época anterior ao desenvolvimento da razão, é tomada pela instância crítica como algo que deve ser evitado e escondido. Com isso, encobre-se o que um dia foi fonte de prazer até que se extinga qualquer possibilidade para a sua exteriorização. Fecham-se assim as portas para o ganho de prazer no jogo. O prazer que antes libertava o indivíduo da vivência desagradável do mundo da efetividade é censurado, pois o universo criado segundo o desejo da criança passa a ser visto pela instância posterior como desprovido de sentido, como algo pejorativamente infantil, rudimentar e proibido. Os esforços da crítica voltam-se para a construção de um mundo coletivo e para a consolidação da lógica que rege o mundo adulto. Ao longo do desenvolvimento, o poder da crítica cresce a tal ponto que são raras as possibilidades de um homem maduro recorrer ao jogo que tanto o

---

[196] "Das Kind spielt zwar auch allein oder es bildet mit anderen Kindern ein geschlossenes psychisches System zum Zwecke des Spieles, aber wenn es auch den Erwachsenen nichts vorspielt, so verbirgt es doch sein Spielen nicht vor ihnen. [...] Das spielen des Kindes wurde von Wünschen dirigiert, eigentlich von dem einen Wunsche, der das Kind erziehen hilft, vom Wunsche: groβ und erwachsen su sein. Es spielt immer ‚groβ sei', imitiert im Spiele, was ihm vom Leben der Groβen bekannt geworden ist. Es hat nun keinen Grund, diesen Wunsch zu verbergen." FREUD, S. **Der Dichter und das Phantasieren** (1908d [1907])**,** p. 217.
[197] FREUD, S. **Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten** (1905a), p. 143.
[198] FREUD, S. **Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten** (1905a), p. 144.

aprazia na infância, pois sua racionalidade o julga totalmente desprovido de sentido (*Unsinn*). O indivíduo vê-se assim preso à lógica de pensamento que lhe permite construir um universo em comum com os outros e toda possibilidade de repetir a antiga atividade que dispensa espectadores é relegada ao campo do absurdo. O próprio ganho cultural que um dia o jogo possibilitou acaba por desenvolver mecanismos que por fim o inibem: a mesma brincadeira que, na criança, desperta e desenvolve a razão é rejeitada e abandonada pelo adulto que a considera irracional.

O jogo, a patologia e a encenação do sem sentido

Mas abolir completamente do psiquismo o prazer sentido um dia é, segundo Freud, uma tarefa impossível. A censura consegue bani-lo para longe da consciência, mas não eliminá-lo. Em algumas raras oportunidades é possível notar que, apesar de profundamente enterrada no psiquismo humano, essa atividade infantil ainda continua viva nos corações de todos. O chiste e a embriaguez[199] ilustram estados em que a crítica é rebaixada e torna-se possível encontrar prazer no que comumente se toma como sendo sem sentido. Nesses momentos de relaxamento e jovialidade, retoma-se um manejo livre das palavras em que estas são enlaçadas sem se ater à significação prevista pelo estreito repertório de uma língua.

Mas, alerta Freud, embora sejam importantes manifestações para a compreensão da psique humana, o chiste e a embriaguez são ocasiões muito fugazes para a observação da construção do mundo da fantasia. O mesmo ocorre com o desenvolvimento infantil[200] expresso no jogo. Resta assim, além do relato dos poetas, o exame das manifestações patológicas, nas quais o enfermo se vê obrigado a confessar ao médico aquilo que se oculta em seu âmago. Os neuróticos constituem uma das melhores fonte de conhecimento da intimidade humana, pois em busca da cura acabam por revelar o que se oculta também nas pessoas sãs. Segundo Freud, a análise dos neuróticos nos mostra que o adulto pode atribuir

---

[199] Cf. FREUD, S. **Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten** (1905a), p. 142.

[200] "Mas as fases do desenvolvimento sexual, ou como preferimos dizer, do desenvolvimento da libido, mais interessantes para a teoria se situam atrás desse ponto temporal [do terceiro ano de vida]. Este desenvolvimento é percorrido tão depressa que a observação direta provavelmente nunca teria êxito em agarrar suas imagens fugitivas. Somente com a ajuda da investigação psicanalítica das neuroses foi possível descobrir fases do desenvolvimento da libido ainda mais distantes. Certamente, não são de outro modo senão construções, mas se vocês manejam a psicanálise na prática, descobrirão que são construções necessárias e úteis." („Aber die für die Theorie interessantesten Phasen der Sexual-, oder wie wir sagen wollen, der Libidoentwicklung, liegen hinter diesem Zeitpukt. Diese Entwicklung wird so rasch durchlaufen, daβ es der direkten Beobachtung wahrscheinlich niemals gelungen wäre, ihre flüchtigen Bilder festzuhalten. Erst mit Hilfe der psychoanalytichen Durchforschung der Neurosen ist es möglich geworden, noch weiter zurückliegende Phasen der Libidoentwicklung zu erraten. Es sind dies gewiβ nichts anderes als Konstruktionen, aber wenn Sie die Psychoanalyse praktisch betreiben, werden Sie finden, daβ es notwendige und nutzbringende Konstruktionen sind.") FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 338.

tanta seriedade ao mundo da fantasia que, ao contrário do mundo construído pelas crianças, torna-se difícil separar a efetividade da invenção. Na 17ª das *Conferências de introdução à psicanálise*, Freud escreve que o enfermo obsessivo, por exemplo, muitas vezes sente-se tentado a cometer atos grandiosos, como graves crimes, mas "o que efetivamente executa, as chamadas ações obsessivas, são coisas ínfimas, por certo muito inofensivas, no mais das vezes repetições, floreios cerimoniosos das atividades da vida cotidiana"[201] realizadas "como se se tratasse de suas mais importantes tarefas vitais."[202] O enfermo, ao contrário da criança e do poeta, confunde o mundo de suas criações com o da efetividade e atua na vida tal como se atuasse no jogo da fantasia. Por acreditar estar cometendo um ato grandioso ou estar dotado de um poder sobrenatural, o enfermo toma as atividades mais comuns da vida, tais como comer, dormir, lavar-se, passear etc., por tarefas insolúveis ou feitos heroicos. Desse modo, suas ações não podem senão suscitar o assombro ou a indiferença daqueles que tomam conhecimento de suas intenções: estas chamam a atenção pela ausência de sentido, por serem absurdas (*Unsinn*) e não compartilhadas pelos homens em geral. E é nesse momento que o enfermo deixa escapar em seu sintoma aquilo que os homens ordinários pretendem esconder em seu íntimo. Para o analista, a loucura e a aparente falta de sentido das ações do enfermo provam a força que a fantasia tem na estrutura anímica humana.

Um outro exemplo da força da fantasia, em que as menores ações adquirem dimensão vital, encontra-se na conferência acima citada. Trata-se de uma mulher com cerca de 30 anos, que com frequência repetia uma mesma ação:

> Ela corria de seu quarto ao do lado, ali colocava-se em um lugar determinado em frente ao meio da mesa, chamava com a campainha sua criada, dava-lhe uma incumbência indiferente ou ainda despachava-a sem incumbi-la de nada, e em seguida voltava correndo [para o primeiro cômodo][203].

O que se esconde por trás desse estranho ritual? Freud havia muitas vezes questionado a enferma sobre o porquê (*Warum*) de sua conduta, obtendo sempre como resposta apenas um "não sei" (*Ich weiβ es nicht*). Um dia, contudo, a própria paciente mostrou-se, repentinamente, conhecedora (*werden sie wissend*) dos motivos de sua ação. Relatou que há

---

[201] "Was der Kranke wirkliche ausführt, die sogenannten Zwangshandlungen, das sind sehr harmlose, sicherlich geringfügige Dinge, meist Wiederholungen, zeremoniöse Verzierungen an Tätigkeiten des gewöhnlichen Lebens." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 266.

[202] "als ob es sich um seine wichtigsten Lebensaufgaben handelte." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 266.

[203] "Sie lief aus ihrem Zimmer in ein anderes nebenan, stellte sich dort na eine bestimmte Stelle bei dem in der Mitte stehenden Tisch hin, schellte ihrem Stubenmädchen, gab ihr einen gleichgültigen Auftrag oder entlieβ sie auch ohne solchen und lief dann wieder zurück." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 269.

cerca de 10 anos havia se casado com um homem muito maior que ela e que, na noite de núpcias, ficou impotente. O marido, persistente, passou a noite toda correndo de seu quarto para o de sua esposa, sem sucesso. Na manhã seguinte, para que não se envergonhasse frente a criada que faria a cama, o homem despejou um frasco de tinta vermelha sobre o lençol, mas não no local exato onde a mancha deveria se exibir. A paciente não foi feliz em seu casamento e alguns anos depois separou-se do marido. Sem entender muito bem a relação entre a noite de núpcias ocorrida no passado e o ritual obsessivo presente, Freud, que atendia na casa da paciente, pede para que ela lhe mostre o segundo cômodo. Ali encontra a mesa de jantar e nela descobre (*entdecken*) uma grande mancha em sua toalha (*Decke*). A paciente declarou que quando soava a campainha posicionava-se em frente à mesa de tal modo que a mancha (que ela mesma havia provocado ao derramar tinta sobre a mesa) pudesse ser facilmente avistada pela criada. Tornou-se então claro para Freud a relação entre o evento passado e a compulsão presente: manchas, lençóis, toalhas e cômodos eram elementos que permitem ao analista compreender a construção da fantasia que se manifesta na ação obsessiva.

Também na enfermidade cria-se um mundo à parte, contudo, ao contrário do poeta e da criança, confunde-se a criação com a efetividade e se dá realidade para a invenção. A ação patológica fundamenta-se sobre o caráter irrealizado da efetividade; no caso acima citado, a frustração da noite de núpcias. Por mais que o enfermo confunda o efetivo com a sua criação, o mundo em que atua não é o comum entre os homens, mas o da fantasia. A enfermidade impossibilita a atuação no mundo da efetividade e o paciente mantém-se alheio ao mundo construído em conjunto entre os homens. Tal como no jogo infantil, em que a criança assume o lugar do adulto e age como ele, a mulher analisada por Freud identifica-se com o seu marido (*mit ihrem Mann identifiziert*)[204] e imita-o (*nachahmt*) em seu agir. Ela assume o seu papel (*Rolle*) e atua/joga (*spielt*) como ele. A assimilação (*Gleichstellung*) do papel do marido pela mulher permite a Freud substituir (*ersetzt*) também os objetos do presente pelos do passado. Enquanto a criança joga ativa e conscientemente com o carretel e o toma como símbolo da mãe sobre o qual pode exercer a agressividade que gostaria de efetivar, na patologia, a jovem senhora toma, involuntária e inconscientemente, a mesa e a toalha como símbolos da cama e do lençol e pode, mediante o seu sintoma, expressar o que jamais se efetivou. A estranha ação da enferma é a apresentação (*Darstellung*) da cena plena de significado (*bedeutungsvollen Szene*) de sua noite de núpcias. Mas como no ato infantil, a imitação não é fiel à vivência

[204] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 270.

passada: mesa e toalha substituem cama e lençol, e a esposa age como o marido. Além disso, ela repete (*wiederholt*) a vivência da noite de núpcias, tal como gostaria que tivesse sido. Para isso, mesmo sem saber, dá continuidade (*fortgesetzt*) e corrige (*korrigiert*) a vivência efetiva, pois, ao contrário do marido, põe a mancha diante dos olhos da criada, como se pudesse isentá-lo da vergonha diante dela. Ao colocar a mancha no lugar correto, retifica também a impotência do marido e consegue, mediante sua *encenação*, retirar prazer pela repetição da situação desprazerosa passada. Trata-se então de um tipo peculiar de encenação: distinta da do poeta, ela antes esconde do que revela e só se deixa ver por completo mediante o trabalho de interpretação analítica.

Se a criança de nada se envergonha em seu jogo e pode tranquilamente expressar os seus significativos "o-o-o-o" e "Da", ao corrigir a cena de sua noite de núpcias, a mulher quer esconder de si e de quem quer que seja um fato de sua vida sexual (*Sexualleben*)[205], quer apagar de sua memória esse conhecimento, fato expresso pela sua resposta repetida diversas vezes: "Não sei". Porém, sem sucesso: o evento de sua vida passada, por mais que não tenha direito à palavra e que seja enviada ao campo do sem sentido, ganha expressão em seu sintoma a partir do qual é possível inferir a intenção do ato patológico. O episódio de sua vida sexual é o núcleo (*Kern*) que a instância crítica pretende ocultar. O adulto está assim impossibilitado de expressar e conhecer o seu íntimo, pois ali se situa algo que a instância crítica *não quer* encobrir. Mas, uma vez que os sintomas realizam prazerosamente o ato corrigido pela fantasia, vemos que a criação da enferma, aparentemente sem sentido, caminha ao lado do encobrimento da vida. A enferma, antes de tomar consciência do motivo que a impele ao ato de chamar a empregada e fazê-la ver a mancha, dava a esse ato ínfimo uma importância vital. Assim, sua criação foi posta no lugar da vida (*Leben*) e é vivenciada (*erleben*) tal como se fosse esta. Desse modo, o valor da cena não está no ato presente, ou ainda, na criação tomada em si mesma, mas remonta a uma vivência passada, escondida por detrás da manifestação do sintoma. Para Freud, esse momento próprio da fantasia revela muito acerca do passado dos homens em geral. O homem adulto tende a esconder algo importante de sua vida, algo que se manifestaria de modo sintomático ou fantasioso e, por isso, sem sentido aos olhos da mera razão. Comumente, diz-nos Freud, esses elementos ou ocorrências da vida que são ocultadas estão plenos de referências sexuais. Antes de mais nada, é preciso entender que há uma realidade por trás do sintoma e que sua manifestação depende de uma ação criadora: a fantasia é, nesse sentido, um meio de dizer o que não poderia

[205] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 277.

ser dito, mas que ao mesmo tempo não pode ser completamente sufocado. Há então uma peculiar relação entre o universo da fantasia e o efetivo, como mostra Freud, em relação ao caso da jovem senhora. O mundo privado da criação dos sintomas está em relação íntima com o vivenciar da paciente (*intimer Beziehung zum Erleben der Patienten*)[206], assim como o mundo coletivo está em relação íntima com o vivenciar comum a todos os homens. O cimento para a construção desses dois mundos é a comparação simbólica (*Symbolik*)[207] entre o que há de comum entre todos os homens e o que há de particular, construção que só pode aparecer mediante uma cena fantasiada. Passemos então ao exame da relação simbólica entre o que há de individual (*individuell*)[208] e o próprio (*Eigentlich*)[209] dos seres humanos, isto é, o que há de comum e típico (*gemeinsamen, typischen*)[210], para, finalmente, voltarmos à exposição freudiana da representação teatral e por meio dela buscar a expressão poética da ideia freudiana de homem, cujo símbolo é o Édipo.

A relação simbólica e o jogo

Embora o relato da enfermidade da jovem senhora, como vimos, seja um caso particular, cheio de detalhes e pormenores que lhe dizem respeito, Freud não deixa de ver aí traços de uma criação patológica comum a todos os homens:

> Isto pareceria arbitrário, mas não tivemos de estudar a simbólica onírica sem proveito. No sonho, igualmente, com muita frequência uma mesa tem de ser interpretada como cama. Mesa e cama determinam, conjuntamente, o matrimônio, e então facilmente emprega-se uma pela outra[211].

O que o exemplo da mesa e da cama revela é que a substituição realizada pela enferma durante a vigília é encontrada de igual modo nas realizadas por todos os homens em seus sonhos. Aquilo que o enfermo reproduz durante o dia, os homens em geral reproduzem quando dormem. Essa troca, comum ao enfermo e ao homem sadio, é de fácil emprego (nas palavras de Freud: *da steht dann leicht eines für das andere*) e ocorre com muito frequência (*sehr häufig*). Essa mesma capacidade pertencente a todos; tanto para o enfermo quanto para o homem em geral, cama e mesa tendem a apontar na mesma direção e dessa determinação em

---

[206] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 277.
[207] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 270.
[208] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 278.
[209] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 356.
[210] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 279.
[211] "Das schiene willkürlich, aber wir sollen nicht ohne Nutzen Traumsymbolik studiert haben. Im Traum wird gleichfalls sehr häufig ein Tisch gesehen, der aber als Bett zu deuten ist. Tisch und Bett machen mitsammen die Ehe aus, da steht dann leicht eines für das andere". FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 270. Segundo a tradução castelhana, tal associação já aparece no baixo latim que designava a separação dos cônjuges: "*separatio a mensa et toro*". (Cf. FREUD, S. **Obras completas**, A. E., vol. XVI, p. 240)

conjunto temos o matrimônio. Para que se estabeleça uma substituição simbólica entre duas representações, cama e mesa não podem trabalhar sozinhas. Se um elemento não significa nada sem o outro, se apenas reunidos apontam em direção à ideia de matrimônio, há também uma determinação mútua entre cama e mesa. Na relação simbólica ambas delimitam-se ou determinam-se mutuamente e apresentam, de modo indireto, a noção de casamento. Para Freud, se a interpretação da ação obsessiva da enferma aponta para a noite de núpcias e a impotência do marido, certamente os elementos que compõem o seu sintoma, os quais giram em torno de sua vida conjugal, poderiam ser compreendidos, ao menos parcialmente, sem as associações da enferma. Um importante artigo acerca desse assunto encontra-se na 10ª conferência, intitulada: "A simbólica no sonho" (*Die Symbolik im Traum*), no qual os processos simbólicos presentes nos sonhos são postos em analogia com alguns processos de formações patológicas. Neste texto, Freud escreve que "a essência da relação de símbolo é uma comparação, mas não uma qualquer"[212]: ela é todas as vezes monótona, pois a interpretação psicanalítica alcança resultados constantes (*konstante*) e completamente similares (*ganz ähnlich*)[213]. A comparação simbólica é tornada manifesta ou significativa (*sinnfällig*) apenas por uma série de símbolos (*bei einer Reihe von Symbolen*)[214]; nunca por meio de elementos isolados. Segundo Ricoeur[215], é apenas na "correspondência termo a termo entre dois simbolismos" que o símbolo *mesa* "confere seu sentido verdadeiro" ao símbolo *cama*. Ao lado de um símbolo, escreve Freud, "há outros símbolos para os quais temos de nos perguntar onde, pois, tem-se de buscar o comum, o *Tertium comparationis* desta comparação conjecturável."[216] A monotonia das comparações simbólicas exclui do campo exclusivo da individualidade toda possibilidade de saber e discursar sobre o símbolo. Para o indivíduo, os símbolos são elementos mudos (*stummen*)[217] que, por mais que pareçam nos dar, por eles mesmos, um sentido satisfatório (*befriedigenden Sinn*) para a sua interpretação, não são suficientes para apresentar a trama com a qual os sonhos e os sintomas são tecidos. O indivíduo, segundo Freud, "não pode dizer em que isso consiste" (*kann nicht sagen, worin diese besteht*)[218] ou como se determina. O conhecimento que a análise lhe traz diz respeito ao

---

[212] „Das Wesen der Symbolbeziehung ist ein Vergleich, aber nicht ein beliebiger." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 153.
[213] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 151.
[214] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 153.
[215] Cf. RICOEUR, P. **De l'interpretation: essai sur Freud**, p. 50.
[216] "Daneben gibt es andere Symbole, bei denen wir uns die Frage stelle müssen, wo denn das Gemeinsame, das *Tertium comparationis* dieses vermutlichen Vergleichs zu suchen sei." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 153-54.
[217] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 151.
[218] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 153.

conteúdo guiado pela técnica associativa. O símbolo, por sua vez, deve encontrar sua fonte fora do campo da singularidade, a saber: na linguagem poética, na linguagem comum e na linguagem chistosa e, consequentemente, longe do campo da associação livre, pois independe do conteúdo da memória individual, já que o uso do símbolo está pré-fixado antes de ser empregado pelo indivíduo. O *Tertium comparationis* a que Freud se refere (o matrimônio, no exemplo dado acima) não está na esfera da singularidade; antes de se manifestar no indivíduo, o símbolo é o produto do que há de comum entre os homens e, portanto, sua investigação tem de ser direcionada ao que aparece no que há de geral na comunicação. O mesmo simbolismo presente na manifestação da patologia apresenta-se também na linguagem poética e na linguagem vulgar. A simbólica é assim a comparação entre duas ou mais representações, realizada não pelo indivíduo, mas pela espécie humana. A mesma simbólica encontra-se em toda a parte (*überall*)[219] e é devido a essa comunicabilidade entre as diferentes expressões da linguagem que a relação simbólica pode ser esclarecida. Freud escreve na *Interpretação dos sonhos* que o simbolismo não é próprio nem do sonho, nem do sintoma, "mas do representar inconsciente, especialmente do povo, e encontra-se mais completo que no sonho, acha-se no seu folclore, nos seus mitos, em suas sagas, suas expressões, em sua sabedoria dos ditos e em seus chistes correntes."[220]

1. O jogo entre forma e ação na comparação simbólica

Como elemento presente no que há de mais popular e comum, a relação simbólica é, segundo o que citamos a pouco, muito frequente, de fácil emprego e apoia-se em uma determinação conjunta dos elementos. No exemplo dado, a mesa nada simboliza sem a cama, bem como o contrário, e é apenas quando temos em vista os dois elementos que ambas apontam em direção à noção de matrimônio, que não só os une como lhes dá significado. A partir de diversas fontes (*verschiedenen Quellen*)[221] de expressão, Freud estabelece dois pontos sobre os quais se dá essa determinação, a saber: a forma e a ação que a coisa simbolizada realiza. A forma é, segundo Freud, o elemento mais evidente e tende a se sobressair em relação à ação. Se tomarmos as séries cama-lençol e mesa-toalha, podemos nos deixar enganar pelas manifestas semelhanças formais que cama e mesa bem como lençol e toalha possuem entre si e sermos levados a menosprezar a importância do ato. Para tornar

---

[219] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 160.
[220] „sondern dem unbewuβten Vorstellen, speziell des Volkes, und ist im Folklore, im den Mythen, Sagen, Redensarten, in der Spruchweisheit und in den umlaufenden Witzen eines Volkes vollständiger als im Traume aufzufinden." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 356.
[221] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 160.

mais evidente o papel da atividade na comparação simbólica, apresenta-se outro exemplo[222]: o ato de escrever pode simbolizar o coito ao fazer fluir o líquido de uma caneta sobre uma folha de papel em branco, ação comparada ao sêmen que flui do pênis sobre a vagina virgem. No ato de escrever e no coito, não é apenas a forma dos objetos envolvidos na comparação que nos permite passar de uma cena a outra. Também a ação permite a Freud traçar um parentesco "termo a termo", para usarmos a expressão de Ricoeur, entre o líquido e o sêmen, a caneta e o pênis, o papel branco e a vagina virgem. Desse modo, para o estabelecimento da relação entre eles, não basta nos determos à mera forma dos objetos envolvidos na comparação: o ponto comum deve também ser detectado a partir da atividade ou função que desempenha na cena. Ou ainda, na comparação simbólica, forma e ação (ou função) não podem estar desvinculadas, pois, do contrário, perde-se qualquer possibilidade de estabelecer uma comparação mediante símbolo. O mesmo se dá entre o carretel de madeira e a mãe. Pela semelhança formal, tomada separadamente da ação realizada pela criança, Freud esperava que o pequeno fizesse do carretel um carrinho, mas não é isso o que ocorre no jogo da criança observada. O sentido que se atribui ao carretel depende do conteúdo que ganha no interior da própria fantasia: ele não é carro, como se poderia esperar, mas significa ou indica a figura materna.

Quando levamos em conta os vários níveis de urgência da satisfação do desejo, podemos notar que na comparação simbólica há uma relação bastante peculiar entre ação e forma. Quanto maior é o desejo que impele à comparação entre duas representações, menor necessitam ser os traços formais para compor o objeto sobre o qual se realiza o desejo. Se o desejo chega a um nível muito alto, o número de traços formais que permitem reconhecer o objeto pode ser mínimo. Na urgência da satisfação do desejo, rapidamente encontramos um objeto para satisfazê-lo. Não queremos dizer que a forma não conte para o sentido que o objeto ganhará em uma certa relação simbólica, mas que entre ela e a ação existe um jogo de proporção (*Verhältnis*): o reconhecimento pela ação acompanha o aumento do desejo, ao passo que o reconhecimento pela forma diminui com esse aumento.

Ao se referir a uma série de símbolos (*Reihe von Symbolen*) ligados por um elemento invariável que serve de ponto de contato entre os seus diversos representantes simbólicos mediante forma e ação, Freud aponta um outro jogo de proporção entre os elementos variáveis e invariáveis: enquanto estes referem-se aos objetos e ao conteúdo do círculo da vida sexual[223] (a saber: genitais, processos e relações sexuais), aqueles apresentam (*darstellen*) a vida sexual

---

[222] Cf. FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]).
[223] „Kreis des Sexuallebens". FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 155. As próximas referências em alemão estão localizadas na mesma página.

mediante uma simbólica muito rica e, aparentemente, inocente. O conteúdo simbolizado é limitado e invariável, mas os símbolos usados na comparação são inúmeros e variáveis. A análise dos sonhos de seus pacientes permitiu a Freud compreender que uma mesma coisa (*Ding*) pode ser expressa por diversos símbolos de valor ou conteúdo quase idêntico (*nahezu gleich wertige Symbole*). Essa apresentação deve levar em conta a forma e a ação realizada pelo elemento invariável. Tomemos o exemplo dos genitais: o membro masculino pode ser apresentado por coisas que se assemelham segundo a forma (*in der Form ähnlich*)[224], tais como bastões, sombrinhas, varas, árvores etc. Mas, como afirma na 10ª *Conferência*, apesar de ser o componente mais chamativo, a forma não é o único. Na substituição simbólica (*symbolischen Ersatz*) é preciso levar em conta também a propriedade (*Eigenschaft*) do genital masculino e a ação que ele realiza, a saber: penetrar-no-corpo (*in-den-Körper-Eindringen*), como armas em geral; fazer fluir água (*Wasser fließen*) ou outros líquidos, como torneiras, regadores e canetas; ser capaz de alongamento (*Verlängerung fähig sein*), como objetos retráteis; e assim por diante. Além disso, serve de comparação "a notável propriedade do membro de poder elevar-se contra a força da gravidade" (*die merkwürdige Eigenschaft des Gliedes, sich gegen die Schwerkraft aufrichten zu können*), como balões e máquinas voadoras. Todas essas analogias são matérias para possíveis representações simbólicas. O mesmo acontece quando o genital feminino é apresentado simbolicamente segundo sua forma, a saber: um espaço vazio (*Hohlraum*)[225], que circunscreve (*umschließende Raum*), tal como poços, covas, vasilhas etc.; e segundo a atividade que realiza: ser trabalhado (como a madeira), preenchido (como o papel), habitado (como casas, castelos, cidades) e que recolham algo dentro (como fornos e cofres). Segundo Freud, a comparação simbólica há muito tempo encontrada surge, desde sempre, no uso vulgar e poético da língua:

> Que o forno indica a mulher e seu ventre nos corrobora a saga grega de Periandro de Corinto e sua mulher Melissa. Segundo relata Heródoto, o tirano idolatrava a sua esposa, mas a havia matado por ciúmes; quando conjurou a sua sombra para que lhe desse algum indício dela, a morta se identificou dizendo-lhe que ele, Periandro, havia introduzido seu pão em um forno frio, dando-lhe assim a entender de modo encoberto um fato que de nenhuma outra pessoa podia ser conhecido[226].

No uso da língua alemã, diz Freud, também é possível encontrar uma comparação simbólica que converge com a relatada por Heródoto: ao denominar vulgarmente uma mulher

---

[224] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 156. As próximas referências em alemão estão localizadas na mesma página.
[225] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 157.
[226] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 166.

alte Schachtel (caixa velha)[227] muito provavelmente faz-se uso, sem saber, de um símbolo genital. O mesmo ocorre no Novo Testamento, no qual a mulher é apresentada como uma "vasilha frágil" (*schwaches Gefäß*), e na literatura hebraica tardia, que faz da mulher uma casa, na qual as portas fazem as vezes da abertura genital: "o homem que acha, por exemplo, que sua mulher não é virgem se queixa de ter encontrado *a porta aberta*. Também o símbolo mesa para mulher é conhecido nessa literatura. A mulher diz de seu marido: eu arrumei a mesa para ele, *mas ele a revirou.*"[228] Vê-se por esses exemplos que interessa a Freud mostrar o quão comum é o uso desse tipo de procedimento que é a comparação simbólica.

2. A vivência coletiva e a vivência individual na formação do símbolo

Contudo, se Freud abre aqui espaço para que no símbolo encontremos uma comparação monótona e comum, simples e de fácil emprego, que já está à disposição do indivíduo mesmo antes de qualquer possibilidade de expressão particular, certamente não encerra a apresentação simbólica no campo da pura generalização. Nas *Conferências*, ele escreve que encontramos na Antiguidade clássica o genital masculino representado como instrumentos de diversos afazeres, dentre eles, o arado (*Pflug*)[229] é o mais difundido. Na designação vulgar atual, acrescenta Freud, é possível encontrar em seu lugar, por exemplo, a esferográfica ou o dirigível Zeppelin[230]. As diferentes formas de apresentação do órgão masculino, apesar de figurarem-no de diferentes modos no passado e no presente, têm valor idêntico e servem, nos dois tempos, para o mesmo tipo de comparação: apontam ou indicam o mesmo significado ou sentido (*Sinn*). Escreve Freud em *A interpretação dos sonhos*:

> Com bastante frequência, no conteúdo do sonho não se deve interpretar um símbolo simbolicamente, senão em seu sentido próprio; outras vezes um sonhador, com um material mnêmico especial, pode dar-se o direito de empregar diversas coisas como símbolo sexual, as quais comumente não são empregadas para isso. Onde na apresentação de um conteúdo muitos símbolos estão à disposição para escolha, decidir-se-á, ademais, por aquele símbolo que deixa ver relações objetivas com o seu material de pensamento ordinário, por conseguinte, que conceda uma motivação individual ao lado da típica admissível.[231]

---

[227] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 164.

[228] „Der Mann beklagt sich z. B. im Falle der fehlenden Jungfräulichkeit, daβ *er die Tür geöffnet* gefunden hat. Auch das Symbol Tisch für Weib ist in dieser Literatur bekannt. Die Frau sagt von ihrem Manne: Ich ordnete ihm den Tisch, er *aber wendete ihn um*." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 164. (Grifo do autor)

[229] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 166.

[230] (FREUD, 1916-17 [1915-17], p. 156)

[231] „Ein Symbol kann oft genug im Trauminhalt nicht symbolich, sondern in seinem eigentlichen Sinne zu deuten sein; andere Male kann ein Träumer sich aus speziellem Erinnerungsmaterial das Recht schaffen, alles mögliche als Sexualsymbol zu verwenden, was nicht allgemein so verwendet wird. Wo ihm zur Darstellung

Na apresentação simbólica não apenas os elementos comumente (*allgemein*) empregados são postos em cena, mas também as marcas mnêmicas próprias (*eigentlichen*), que dizem respeito ao indivíduo que a emprega, à época na qual surge, à língua a que pertence etc. Ao lado do jogo entre forma e ação na criação de um símbolo, encontramos um outro, entre o típico e o individual. Retomemos o exemplo citado acima, da enferma de Freud que em sua neurose obsessiva corre de um cômodo a outro, chama a empregada e posiciona-se em frente à mesa de modo a permitir à moça avistar a mancha de tinta sobre a toalha da mesa. Se na relação simbólica cama tem o mesmo valor de mesa e, quando tomadas em conjunto, apontam para a ideia do matrimônio, a substituição de um elemento por outro não foi determinada apenas por um tipo de conexão comum a todos os homens. Para que o típico ganhe figuração no sintoma, deve estar relacionado aos traços mnêmicos das vivências dessa enferma em particular. O ato cerimonial e a sua repetição rítmica ligam a paciente a todos os enfermos obsessivos e servem para que "nos orientemos para a posição do diagnóstico."[232] Porém, o fato de ter escolhido um determinado sintoma dentre tantos (como o de lavar-se excessivamente ou rituais para dormir, comer, sair de casa, etc.) mostra que "sobre esse subsolo idêntico, poder-se-ia dizer que os enfermos particulares trazem suas condições individuais, humores, que em casos particulares contradizem diretamente uns aos outros."[233]

O vínculo entre o vivenciar do indivíduo e a expressão comum ou típica de uma cena é exposta na 17ª *Conferência* aos moldes de um jogo de compensações. Quanto mais particularizada é a expressão de uma cena fantasiada, tanto mais fácil é estabelecer a sua conexão com as vivências significativas do indivíduo em geral. No caso das manifestações sintomáticas, para uma ideia (*Idee*) [234] sem sentido e uma ação carente de fim, tem-se como tarefa encontrar na vivência passada a situação que justifique a ideia e a finalidade da ação presente. Na neurose obsessiva, o cerimonial criado pela enferma (correr de um cômodo ao outro, posicionar-se em frente à mesa e chamar a criada) está intrinsecamente ligado com o seu vivenciar. Mas há aqui algo que vai além da mera particularidade, existe uma outra espécie de ideia, denominada *típica* (*typische*), que se manifesta nos indivíduos de maneira mais ou menos semelhante, na qual desaparecem as diferenças individuais ou reduzem-se a tal

---

eines Inhalts mehrere Symbole zur Auswahl bereit stehen, wird er sich für jenes Symbol entscheiden, das überdies noch Sachbeziehungen zu seinem sonstigen Gedankenmaterial aufweist, also eine individuelle Motivierung neben der typisch gültigen gestattet". FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 357.

[232] „[...] uns für die Stellung der Diagnose orientieren." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 279.

[233] „Auf diesem gleichartigen Untergrund tragen aber doch die einzelnen Kranken ihre individuellen Bedingungen, Launen, möchte man sagen, auf, die einander in den einzelnen Fällen direkt widersprechen." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 279.

[234] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p.278.

ponto que se torna muito difícil conectá-las às vivências singulares. Nesse caso, temos uma relação inversa à que enumeramos acima: quanto mais típica é a ideia, mais difícil é encontrar a ligação com a história biográfica do indivíduo. Há, assim, duas possibilidades de manifestação sintomática: em alguns casos escreve Freud, "suas diferenças individuais desaparecem ou ao menos estreitam-se tanto que se tem dificuldade em uni-las com o vivenciar individual do enfermo e remetê-las a situações vividas particularmente", enquanto em outros, "quanto mais individual é a formação do sintoma, mais depressa devemos esperar restabelecer esta conexão [com o vivenciar individual]."[235] Esse jogo entre o próprio e o típico não pode anular um de seus polos, pois senão elevaria o outro extremo ao máximo de sua apresentação, anulando-o de igual modo. Em todos os casos observados por Freud, não se pode encontrar a expressão pura do típico, tampouco da individualidade. Ambos mesclam-se e determinam-se mutuamente. Não se pode anular um dos lados sem prejudicar a expressão do outro.

Aqui novamente nos encontramos diante da impossibilidade de alcançar o ponto final da investigação psicanalítica, ou ainda, tal como Freud o denomina, o umbigo da criação fantasmática. Isto porque, se toda cena fantasiada é constituída de uma mistura de elementos individuais e típicos, estes impossibilitariam reconduzir todos os traços que compõem a cena às vivências singulares. Assim como não há garantia alguma de verdade material para as recordações da infância relatadas pelo adulto, pois, como vimos no primeiro capítulo, elas foram submetidas à repressão que separa a infância da maturidade e só são trazidas à luz mediante uma criação fantasmática; assim também as vivências típicas que reaparecem em cada indivíduo são uma mescla de diversos conteúdos que, ao mesmo tempo em que as expõe de uma maneira renovada, esconde-as do olhar direto da consciência.

A construção fantasmática da enferma obsessiva, por exemplo, conta com o jogo entre dois tipos de ideias para a sua construção: as constantes (que apontam em direção à noção de matrimônio), e as variáveis (que apontam para a vivência da enferma). Cada uma dessas partes exige um modo diferente de interpretação, a saber: a simbólica e a associativa. A interpretação associativa apoia-se sobre os traços mnêmicos de cada indivíduo e vincula-se ao vivenciar (*Erleben*) de cada um. A associação é capaz de reconduzir cada uma das relações de pensamento a um evento do passado do enfermo. A interpretação associativa é "por assim

---

[235] "[...] die individuellen Unterschiede verschwinden bei ihnen oder schrumpfen wenigstens so zusammen, daβ es schwer fällt, sie mit dem individuellen Erleben der Kranken zusammenzubringen und auf einzelne erlebte Situationen su beziehen." "Je individueller das Symptom ausgebildet ist, desto eher dürfen wir erwarten, diesen Zusammenhang herzustellen." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 278.

dizer, uma interpretação histórica" (*sozusagen, historische Deutung*)[236]. Se a manifestação sintomática possui mais elementos individuais, mais facilmente se dará a recondução do sintoma à vivência do enfermo. Por outro lado, a interpretação simbólica resiste a uma fácil recondução histórica. Ela conta com elementos que se repetem, sem os quais não seria possível classificar e agrupar as enfermidades. Desse modo, os enfermos que sofrem de neurose obsessiva "repetem frequentemente em seus quadros da doença, em cansativa monotonia, os mesmos traços"[237], o mesmo ocorre em relação à histeria de angústia e de conversão, à demência precoce, à paranoia e à melancolia-mania.

Ora, cada uma das enfermidades, classificadas a partir de seus sintomas típicos, estariam fundamentalmente separadas umas das outras? "É difícil", escreve Freud, "admitir uma diferença fundamental entre um e outro tipo de sintomas. Se os sintomas individuais dependem evidentemente do vivenciar do enfermo, então para os sintomas típicos resta a possibilidade de que retrocedam a um vivenciar, típico em si mesmo, comum a todos os homens"[238]. Uma vez que mediante a análise clínica dos sintomas é possível encontrar, para cada relação de pensamento, uma vivência individual que a justifique, também para cada relação típica deve ser possível encontrar vivências comuns que justifiquem a sua generalidade. O jogo de proporção existente entre o típico e o particular nas cenas fantasiadas dos enfermos remete-se ao jogo entre as vivências comuns e as vivências próprias do indivíduo. Onde a vivência da espécie aparece de maneira ressaltada ou em destaque, torna-se difícil encontrar a particularidade do vivenciar individual, ou ainda, onde o vivenciar do indivíduo tem a preponderância, menor são os traços típicos apresentados na patologia.

Freud supõe assim uma dupla série de vivências, a saber: a individual e a da espécie, cuja relação determinaria o caráter (*Charakter*)[239] de cada um dos indivíduos. Na 23ª *Conferência*, Freud nos mostra que ambas as séries atuam em conjunto. As vivências da espécie funcionam como disposições herdadas, às quais o indivíduo, na infância, recorre para determinar a sua constituição particular. O mesmo caminho prefigurado pela vivência da espécie é repetido abreviadamente ao longo do desenvolvimento libidinal dos indivíduos, o qual confere forma às vivências sexuais da infância. Por outro lado, essa repetição só é

---

[236] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 278.

[237] „[...] *wiederholen in ihren Krankheitsbildern oft in ermüdender Monotonie dieselben Züge*." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 278.

[238] „[...] daβ eine fundamentale Verschiedenheit zwischen der einen und der anderen Art von Symptomen dach kaum anzunehmen ist. Hängen die individuellen Symptomen so unverkennbar vom Erleben des Kranken ab, so bleibt für die typischen Symptome die Möglichkeit, daβ sie auf ein Erleben zurückgehen, das an sich typisch, allen Menschen gemeinsam ist". FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 280.

[239] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 374.

possível no momento em que a vivência individual reativa a da espécie, fazendo com que as experiências sentidas pelos antepassados sejam sentidas uma outra vez, de maneira particularizada. Arremessar os objetos domésticos que se encontram ao alcance da criança para bem longe, como fez a criança observada por Freud e o pequeno Goethe, é um comportamento típico e que revela, mediante análise, sentimentos despertados universalmente durante a infância, tais como a vingança contra a mãe (seja porque ela se ausenta, seja porque tem-se de dividir sua atenção com um irmão mais novo ou com o pai). Na infância, devido ao pouco tempo de vida do indivíduo e ao reduzido número de traços mnêmicos, as vivências típicas predominam sobre as individuais. Na criança, a espécie fala mais alto do que a individualidade. Essa proporção muda ao longo da vida, quando no adulto, devido a um número considerável de traços mnêmicos, sobressaem as vivências particularizadas.

Segundo afirma em *Neurose de transferência: uma síntese*, escrito em 1915 para ser incluído ao conjunto dos *Trabalhos sobre metapsicologia* e que acabou não sendo publicado em vida por Freud, o jogo entre os fatores individuais e típicos nas enfermidades "ordena-se de acordo com o momento em que costumam apresentar-se na vida individual."[240] Segundo este texto, as neuroses de transferência (histeria de angústia, histeria de conversão e neurose obsessiva) entram em cena já na infância (respectivamente pouco antes dos 4 anos, por volta dos 4 anos e entre 9 e 10 anos), ao passo que "faltam neuroses narcísicas na infância" (*Die narziβt. Neurose fehlen der Kindheit*). Dentre estas, a demência precoce aparece na puberdade, a paranoia, nos anos de maturidade: a melancolia-mania, na maturidade tardia. Estas são de muito mais difícil recondução histórica que as neuroses traumáticas, pois retrocedem a fases do desenvolvimento libidinal infantil muito precoces, nas quais a libido ainda não havia escolhido um objeto a que se ligar, portanto a fases em que uma parcela da pulsão sexual ainda não havia sido dominada pelo Eu[241]. Deste modo, enquanto as neuroses de transferência (que aparecem no indivíduo ainda jovem) retrocedem a épocas tardias da infância, nas quais já há uma linguagem constituída e um Eu edificado, as narcísicas (que aparecem no homem maduro) regridem a épocas muito longínquas do desenvolvimento infantil, no qual o Eu facilmente se dissipa, bem como toda linguagem elaborada.

Ora, por que então delinear os contornos do desenvolvimento infantil e da espécie a partir de patologias psíquicas? Se a memória do passado, tal como vimos no primeiro

---

[240] „nach der Zeitpunkt anordnet, zu welchem sie im individ Leben aufzutreten pflegen." FREUD, S. **Neuroses de transferência**: uma síntese. Manuscrito redigido entre 1914-15, pg. 9, linhas 35-37.

[241] O Eu apenas domina a pulsão quando consegue ligar os seus investimentos a certas representações. Com isso, ele diminui a magnitude da energia pulsional no interior do psiquismo e consegue direcioná-la mais facilmente para onde desejar. Devemos notar, contudo, que esse domínio é apenas parcial.

capítulo, é uma reconstrução muito pouco fiel das vivências efetivas, como é possível definir os acontecimentos típicos da infância e da espécie a partir dos relatos de indivíduos adultos e enfermos? Para responder a esta questão temos de compreender que a própria concepção de *jogo* que forma cada ser humano em particular não pode ser vista como algo estático ou como um puro movimento, mas que compreende ao mesmo tempo o movimento e a fixação do processo em que ambos se determinam mutuamente. De um lado, o desenvolvimento do indivíduo recapitula os acontecimentos marcantes da espécie, mas não se identifica a ele. A relação entre ambas as séries é de analogia: ao longo da infância, o indivíduo revive, de forma abreviada, as vivências da espécie. Contudo, de outro lado, como são trazidas à luz de modo resumido, suas figurações passam com grande velocidade, de tal modo que não podem ser apreendidas facilmente pela observação da criança. Se as vivências infantis e as típicas são conhecidas pela psicanálise, isso se deve à análise dos sonhos e das patologias que as revivem, as manifestam e as transfiguram anos depois de sua ocorrência. Nesses estados, as figurações fugidias da infância aparecem de modo estático, tal como se o indivíduo estivesse parado no tempo. Os sonhos e as patologias permitem reconstruir os acontecimentos do desenvolvimento infantil e da espécie, porque preserva a situação anterior. De modo peculiar e estranho à lógica da razão comum (aquela da vigília dos homens sãos), o sonho traz à consciência vivências que ocorreram em um período em que a própria consciência ainda não operava. O mesmo acontece em relação aos sintomas de certas enfermidades: de modo simbólico, elas apresentam experiências vividas em um tempo prototípico, em que sequer tínhamos consciência de nós mesmos (anterior ao princípio de realidade e ao início da atividade de pensamento) e em que, por isso, nos assemelhávamos aos demais membros de nossa espécie. Passemos agora para o exame do movimento e do imobilismo em um nível fundamental da constituição do indivíduo, da qual toda atividade psíquica tem origem, a saber: no jogo pulsional.

Fixação e fluxo na constituição psíquica

Os termos empregados por Freud em suas obras evidenciam que o jogo entre elementos contrários é um componente essencial para a construção de seu pensamento. Vários são os pares de opostos que podemos encontrar. Para citar alguns exemplos: indivíduo e espécie, inconsciente e consciência, realidade e fantasia, sociabilidade e insociabilidade, psíquico e material, subjetivo e objetivo, análise e síntese, recordação e esquecimento, corpo e alma, prazer e desprazer, vida e morte. O uso de termos opostos não denuncia, contudo, uma

separação radical entre eles. Ao contrário, como já dissemos, há uma relação de complementaridade (*Erganzungsverhältnisse*) ou uma ação recíproca (*Weckselwirkung*) entre eles, em que um deles não apenas se opõe ao seu par, mas o completa e só pode ser pensado em relação a ele. Perguntamo-nos: Seria possível a existência da consciência sem a do inconsciente? Certamente não, pois o inconsciente precede e, nesse sentido, possibilita a consciência. Mas mesmo se levarmos em conta a antecedência do inconsciente sobre a consciência, seria possível pensar o inconsciente sem consciência? De novo, temos de responder negativamente: o inconsciente só existe na medida em que temos dele alguma consciência. Tomemos de maneira mais detida a oposição entre prazer e desprazer para, a partir dela, explicarmos o jogo entre os contrários que põe o psiquismo em movimento e permite formar do geral todo tipo de individualidade. Em *Pulsões e destinos da pulsão*, Freud afirma que "o sentimento de desprazer tem a ver com a elevação de estímulo, o de prazer, com o rebaixamento."[242] "Na teoria psicanalítica", escreve no início de *Além do princípio do prazer*, "admitimos sem hesitação que o *fluxo* (*Ablauf*) dos processos anímicos é regulado automaticamente pelo princípio de prazer, quer dizer, cremos que todas as vezes ele é mobilizado por uma tensão (*Spannung*[243]) desprazerosa, e depois rompe em uma direção tal, cujo resultado final coincide com um rebaixamento dessa tensão."[244] A relação entre prazer e desprazer é de alternância: o segundo deve sempre ser condição e causa do primeiro, e, na sequência, este, condição daquele. Se o desprazer é a entrada ou o acréscimo de excitação no psiquismo, o prazer é a sua expulsão ou diminuição. Ambos os termos não apenas estão em oposição, mas devem determinar-se mutuamente, pois o desprazer é o que delimita e dá forma ao prazer, assim como este delimita e dá forma àquele.

1. Fixação do fluxo e fluxo pela fixação

Seguindo ainda as pistas da realização do desejo, chega-se a uma complicação na sucessão desprazer-prazer: se levarmos em conta que a pulsão é um fragmento de atividade e que seus estímulos não cessam de chegar ao psiquismo, ela ganha um caráter não apenas linear, mas rítmico. A alternância entre elevação e rebaixamento da excitação arrasta o

---

[242] "die Unlustempfindung mit Steigerung, die Lustempfindung mit Herabsetzung des Reizes zu tun hat." FREUD, S. **Triebe und Triebschicksale** (1915b), p. 214.

[243] De acordo com o *Novo dicionário Michaelis da lingua portugueza e allemã*, a palavra *Spannung* pode ser traduzida também por *extensão*, de tal modo que o movimento psíquico poderia ser visto como *enchimento* e *contração* (equivalentes aos de diástole e sístole).

[244] "In der psychoanalytischen Theorie nehmen wir unbedenklich an, daβ der Ablauf der seelischen Vorgänge automatische durch das Lustprinzip reguliert wird, das heiβt, wir glauben, daβ er jedesmal durch eine unlustvolle Spannung angeregt wird und dann eine solche Richtung einschlägt, daβ sein Endergebnis mit einer Herabsetzung dieser Spannung [...] zusammenfällt." FREUD, S. **Jenseits des Lustprinzips** (1920), p. 3. (Grifo nosso.)

psiquismo de um estado precedente ao seguinte; porém, essa mudança não é senão a repetição de uma mesma série que, como vimos, Freud denominou *desejo*. O *fluxo* que excita ou mobiliza (*anregen*) o psiquismo depende da *repetição* (*Wiederholung*) da sequência desprazer-prazer. Tal como um pêndulo que oscila de um lado a outro a partir de um impulso inicial que o eleva ao ponto mais alto de sua trajetória, a marcha do psiquismo decorre da alteração entre sentimentos opostos decorrentes do aumento e diminuição da tensão, intermitentemente postos em sequência. Os sentimentos de desprazer e de prazer decorrentes da vivência pulsional, ao mesmo tempo em que determinam-se mutuamente, mantém os processos psíquicos sempre em movimento.

Se o desprazer é condição do prazer, a continuidade dos processos psíquicos depende da manutenção de um nível mínimo de tensão. O cancelamento do desprazer não pode ser completamente alcançado; caso contrário, chegaríamos ao fim da excitação que move o psiquismo (meta almejada pela pulsão de morte). A regulação das funções anímicas depende de um nível constante de tensão, e a inscrição de traços mnêmicos (de representações externas ou de representantes-representacionais das pulsões) certamente contribui para isso. A energia psíquica teria então de deslocar-se e transformar-se a fim de manter a quantidade de excitação baixa, porém diferente de zero. Desse modo, o fluxo da excitação psíquica não se relaciona apenas com a passagem da excitação, mas também com a sua fixação (*Fixierung*).

Sabemos que a excitação flui de um extremo a outro do aparelho psíquico (do sistema perceptivo ao motor), passando pelo centro (memória). Ao atravessar o aparelho psíquico, a energia prefere as vias de menor resistência para alcançar o seu esgotamento. A passagem da excitação fixa um traço mnêmico para o qual o fluxo energético dá preferência. Na formação da memória, o fluxo depende da fixação, ao mesmo tempo em que a fixação só pode ser formada pelo fluxo. O resultado do escoamento da energia psíquica é a modificação dos sistemas psíquicos, capturada pela memória. O que era simples passagem de excitação torna-se inscrição permanente. Como bem nos lembra Derrida em seu artigo *Freud e o problema da escritura*, a memória não é uma propriedade psíquica entre outras, mas "a própria essência do psiquismo."[245] Dela depende a existência das instâncias anímicas, bem como as funções desempenhadas por cada uma delas. Os processos psíquicos apoiam-se na memória e consequentemente fundam-se sobre o mesmo jogo de força que vigora em sua formação; mais especificamente: entre o fluxo da excitação e a sua fixação. Temos assim que não apenas a ação conjugada de dois fatores opostos determina as marcas mnêmicas de cada psiquismo,

[245] DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**, p. 185.

mas também suas vias e modos de escoamento energético. Tomemos a relação entre forma e ação exposta acima. Ambas determinam-se mutuamente na comparação simbólica e não podem ser pensadas separadamente. A forma não pode, portanto, ser tomada como algo inteiramente estático, mas antes é a possibilidade de movimento. Por outro lado, o ato ao qual a comparação se refere não é uma atividade (*Tätigkeit*)[246] pura, mas à possibilidade de fixação e de repetição desse ponto estático.

Assim como ocorre com a oscilação entre o aumento e a diminuição da excitação na alternância entre desprazer e prazer, para que o psiquismo não se paralise, deve haver uma força que o *incite* e faça a energia *irromper* de um extremo a outro do psiquismo. Segundo Derrida, isto se deve a uma relação diferencial entre os sistemas perceptivo e motor, a fim de que a energia possa escoar do nível de maior resistência para o de mais baixa. Para que o fluxo psíquico não estacione, o sistema perceptivo deve resistir à permanência da excitação dentro de seus limites e empurrá-la automaticamente para a outra extremidade. A força de resistência que age sobre o fluxo energético deve assim diminuir à medida que a excitação se aproxima do sistema motor. A garantia do fluxo psíquico está no fato de a diferença entre as resistências do início e do fim da trajetória não ser nula. A constância no equilíbrio energético deve ser levada em conta também aqui: a memória, bem como as funções e os princípios que regem o psiquismo, expressam a tentativa do escoamento energético através das diferentes instâncias.

É preciso notar que se o escoamento da energia de uma extremidade a outra do psiquismo fundamenta-se também sobre a ação conjugada entre os opostos, o movimento regressivo da energia deve complementar o progressivo. Tomemos o exemplo da alternância entre o sono e a vigília. Enquanto nesta o sistema motor permanece investido e pronto para o escoamento energético (na forma de ato ou de palavra), no sono, a motilidade voluntária não pode mais servir aos propósitos do rebaixamento energético e a energia retrocede até o sistema perceptivo, criando um substituto para a ação, a saber: o sonho. Mas não é apenas o modo de escoamento energético no sono que contrasta com o da vigília. Na sequência rítmica entre os estados opõem-se e completam-se não apenas progressão e regressão, mas também presente e passado, atividade voluntária e involuntária, tolerância ao desprazer e busca imediata do prazer, linguagem e imagem. Se o sono é o descanso da fadiga diurna, o sonho apresenta, na forma de imagens, o movimento incessante que subjaz ao psiquismo.

---

[246] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 170.

Ora, não seriam as vivências filogenéticas gravadas na espécie e repetidas por cada indivíduo um modo de preservar um mínimo de energia psíquica de uma geração a outra, ou ainda, uma maneira de não iniciar a vida anímica *todas as vezes do primeiro momento*, de permitir que haja uma continuidade no desenvolvimento de uma geração a outra e uma ação conjunta entre outro par de opostos (indivíduo e espécie)? Escreve Freud: "Se os processos psíquicos não continuassem de uma geração à seguinte, se cada um tivesse novamente de adquirir sua atitude frente à vida, então não se produziria neste domínio nenhum progresso assim como nenhum desenvolvimento."[247]

2. Passar pela fixação e fixar-se ao passado

A fixação de uma experiência no psiquismo não pode, portanto, estar desvinculada dos dados biográficos, pois o caminho para o escoamento energético, seja ele progressivo ou regressivo, é dado pela história das vivências de cada um. Certamente as vivências às quais a psicanálise se interessa são as sexuais. Mas se "o sexual é o indecente", se é "aquilo sobre o qual não se pode falar"[248], como Freud chega ao seu conhecimento? Pela produção dos sintomas e pela interpretação dos sonhos. Enquanto o sonho tinha como meta manter aquele que sonha dormindo e nele a consciência encontrava-se bloqueada para qualquer efetivação de um ato, as moções de desejo inconscientes que tentam alcançar a consciência durante a vigília (e abrir as portas da motilidade voluntária) são barradas antes mesmo de chegar a esta instância. A censura pré-consciente, ao perceber que o ato pretendido é "indecente", condena-o com a sentença "não, ao contrário!" (*Nein, im Gegenteile!*)[249], e bloqueia a sua saída pela instância motora. Instala-se então um conflito entre a libido reprimida e a censura psíquica, para o qual o sintoma é a solução: quanto maior a repressão, mais forte o sintoma. Pela regressão aos traços inconscientes e às antigas fixações, a pulsão sexual encontra um novo caminho para o seu escoamento e uma satisfação real (*realen Befriedigung*)[250], ainda que submetida aos processos inconscientes de deslocamento e condensação. Mas que fixações são essas capazes de driblar a repressão e impor um caminho alternativo para a efetivação da pulsão sexual?

---

[247] „Setzen sich die psychischen Prozesse der einen Generation nicht auf die nächste fort, müβte jede ihre Einstellung zum Leben neu erwerben, so gäbe es auf diesem Gebiet keinen Fortschritt und so gut wie keine Entwicklung". FREUD, S. **Totem und Tabu** (1912-13), p. 190.

[248] „Vor allem ist doch das Sexuelle das Unanständige, das, von dem man nicht sprechen darf". FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 313.

[249] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 374.

[250] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 375.

A análise do relato dos enfermos e a tentativa de encontrar o momento de determinação da enfermidade mostraram a Freud que ao lado da fixação (*Fixierung*) das modificações dos sistemas psíquicos que forma a memória, a energia libidinal fixa-se a (*fixiert an*) certos conteúdos, tipos de objetos e modos de funcionamento psíquico significativos para a vida (*Leben*) do indivíduo. A fixação não se refere apenas à inscrição de um representante-representacional da pulsão, também à possibilidade de ligação indissolúvel da pulsão a um representante. Ela tem sua origem em um jogo de forças entre as instâncias psíquicas, no qual uma força impede a entrada de uma energia pulsional primária na consciência. "Temos então fundamento para admitir uma *proto-repressão* (*Urverdrängung*)", escreve Freud em *A repressão*, "uma primeira fase da repressão que consiste em que o representante-representacional psíquico da pulsão é recusado à recepção no consciente."[251] Este processo daria origem, segundo Freud, aos primeiros conteúdos inconscientes que passariam a exercer força de atração sobre o conteúdo da consciência e que seria o modelo para as repressões posteriores. Mas estamos aqui frente a um processo bastante paradoxal: a proto-repressão é o que funda a separação entre as instâncias psíquicas, ao passo que sua força não poderia vir de nenhuma instância específica, já que elas, antes da separação entre inconsciente e consciência, seriam indiferenciadas. Freud atribui a sua causa à invasão de um investimento pulsional muito alto, que eleva enormemente o nível de energia psíquico e perturba o equilíbrio inicial. Partindo dessa mesma força pulsional, o psiquismo age em sentido contrário ao avanço da energia e impõe uma repressão à pulsão. O psiquismo usa a própria causa da perturbação psíquica para conter o avanço do desequilíbrio energético. O resultado da ação e da reação ao impulso de grande magnitude é a união indissolúvel entre pulsão e representante pulsional. A barreira contra excitações fortemente carregadas origina as primeiras formações inconscientes, e consequentemente, a separação das instâncias psíquicas.

A proto-repressão serve como exemplo para as repressões posteriores, que se opõem não mais às excitações de grande magnitude, mas aos conteúdos julgados inapropriados pela instância censora. Esses conteúdos referem-se a escolhas de objetos e a modos de satisfação já abandonadas pelo indivíduo, pertencentes a fases anteriores do desenvolvimento libidinal. As antigas vias de satisfação são reprimidas e dão lugar a outras, mais adequadas ao estágio do desenvolvimento em que se encontra o indivíduo.

---

[251] Wir haben also Grund, eine *Urverdrängung* anzunehmen, eine erste Phase der Verdrängung, die darin besteht, daβ der psychischen (Vorstellungs-)Repräsentanz des Triebes die Übernahme ins Bewuβte versagt wird". FREUD, S. **Die Verdrängung** (1915c), p. 250.

A diferença de abertura entre os traços mnêmicos depende, segundo Freud, da magnitude afetiva da experiência que lhe deu origem e da frequência da repetição do traço. Ao longo da vida do indivíduo, as vivências infantis de satisfação são as que causam as mais fortes impressões. Nesse período, não apenas a vivência de satisfação é inscrita no psiquismo, mas, inseparável desta, a pulsão se fixa aos seus representantes. As vivências da infância são, assim, as que mais profundamente se inscrevem no psiquismo e as que restam mais abertas para o escoamento de energia. Os antigos caminhos traçados pela excitação repetem-se ao longo da vida do indivíduo e somente com um grande esforço podem ser ultrapassados. O traço mnêmico não é somente uma marca singular da experiência do indivíduo, mas a possibilidade de sua repetição. O fluxo que fixa ou ao qual a representação permanece ligada não apenas aponta um sentido progressivo para o escoamento energético, mas também regressivo (do presente ao passado, da superfície para o núcleo), que liga as representações numa linha temporal que pode ser percorrida de modo cíclico. Freud fala assim de um "ritmar" (*rythmieren*)[252] para o qual se inclina o psiquismo. O escoamento energético associa as representações tal como em uma cadeia circular. A repetição liga passado e presente, prazer e desprazer, progressão e regressão de forma sucessiva e mutuamente determinante. Mas não é apenas a alternância entre sono e vigília que evidencia o jogo entre os contrários sobre os quais se constrói a atividade psíquica. Escreve Freud na 17ª de suas *Conferências de introdução à psicanálise*: "Torna-se notável que as oposições (polaridades) de que é atravessada a vida da alma destacaram-se, de modo particularmente agudo, em seu estado obsessivo."[253] Também a patologia evidencia esse jogo, menos evidente no uso normal do psiquismo.

Na infância, a interrupção de uma via antiga leva ao desenvolvimento de outra, de modo que o impedimento imposto pela repressão a certas escolhas de objetos e de modos de satisfação atua como um motor ao desenvolvimento psíquico de outras escolhas. Mas quando a satisfação passada não é transposta satisfatoriamente por outra, quando é forte demais para que o indivíduo possa abandoná-la, a libido liga-se indissoluvelmente a uma via antiga de escoamento da energia, e recusa-se, naquele ponto, a seguir adiante. É para essas marcas do passado, relegadas ao inconsciente, que se volta a pulsão sexual quando, na vida adulta, é impedida de satisfação pela instância censora. Os sintomas expressam, de modo desfigurado e

---

[252] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 278.

[253] "[...] fällt es auf, daβ die Gegensätze (Polaritäten), von denen das Seelenleben durchzogen ist, in seinem Zustand besonders scharf gesondert hervortreten." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 267.

restrito, as fixações libidinais a algumas "vivências puramente contingentes da infância" (*rein zufällige Erlebnisse der Kindheit*)[254]. Eles aparecem, contudo, quando em algum momento da vida adulta a satisfação pulsional é negada pela instância censora. O impedimento imposto ao escoamento energético pela vivência acidental do adulto (tal como o fracasso da noite de núpcias da enferma obsessiva) expulsa a libido de sua posição presente e impele-a a buscar satisfação regressivamente: a volta aos pontos de fixação pulsional oferecem uma via alternativa de escoamento libidinal. Escreve Freud:

> Há tempos temos notícia de que o neurótico agarra-se a alguma parte de seu passado; agora sabemos que é a um período de seu passado no qual sua libido não sentia a falta da satisfação, em que ele era feliz. Busca então durante sua história de vida até achar uma época assim, e mesmo que tenha que voltar até sua época de lactância, tal como a recorda ou tal como se representa segundo mobilizações posteriores. O sintoma repete de algum modo aquela espécie de satisfação infantil precoce, desfigurada pela censura que resultante do conflito, geralmente voltada a um sentimento de dor e mesclada com elementos do motivo do adoecimento.[255]

As vivências infantis não teriam força alguma para produzir o sintoma se não houvesse uma vivência presente que entrasse em conflito com uma moção libidinal e que a empurrasse para um antigo modo de satisfação. Tais vivências só ganham importância retroativamente[256], quando somadas às frustrações do adulto. Assim, o que parecia passageiro e inócuo volta à luz, vários anos mais tarde, como sintoma. O que na infância foi muito comum (*gewöhnlich*)[257] e manifestou-se em todos os indivíduos retorna à cena de maneira muito particular na vida adulta, como patologia. "Toda neurose", escreve Freud, "compreende uma tal fixação, mas nem toda fixação leva a neurose, coincide com a neurose ou se coloca no caminho da neurose."[258] As fixações libidinais estão presentes em todos os indivíduos e "as condições para a formação de sintomas", escreve Freud, "são apontadas também nos

---

[254] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 375.

[255] „Wir haben frühzeitig gehört, daβ der Neurotiker irgendwo in seiner Vergangenheit festhaftet; wir wissen jetzt, daβ es eine Periode seiner Verangenheit ist, in welcher seine Libido die Befriedigung nicht vermiβte, in der er glücklich war. Er sucht so lange in seiner Lebensgeschichte, bis er eine solche Zeit gefunden hat, und müβte er auch bis in seine Säuglingszeit zurückgehen, wie er sie erinnert oder sich nach späteren Anregungen vorstellt. Das Symptom wiederholt irgendwie jene frühinfantile Art der Befriedigung, entstellt duch die aus dem Konflikt hervorgehende Zensur, in der Regel zur Empfindung des Leidens gewendet und mit Elementen aus dem Anlaβ der Erkrankung vermengt." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 380.

[256] Cf. FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 377.

[257] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 285.

[258] „Jede Neurose enthält eine solche Fixierung, aber nicht jede Fixierung führt zur Neurose, fällt mit Neurose zusammen oder stellt sich auf dem Wege der Neurose her." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 285.

normais"[259], porém, é apenas quando a censura impede o escoamento de altos níveis de energia através da motilidade voluntária que se instala o sintoma.

Se o ponto de mais fácil *escoamento* (*Abfluß*) para os investimentos energéticos estiver numa época tardia da infância, o indivíduo desenvolverá uma neurose de transferência na qual renuncia a uma parte de seu desenvolvimento; se o mesmo ocorre numa fase muito precoce, então teremos uma neurose narcísica, na qual renuncia a muito do que adquiriu ao longo do seu desenvolvimento. Em ambos os casos, abre-se mão, em maior ou menor extensão, dos ganhos adquiridos pelo Eu consciente: a libido retorna ao ponto de fixação passado e permanece ali, paralisada (*Stillstand*)[260], repetindo-a incessantemente. Tal como um paleontólogo que encontra os restos preservados de um animal já extinto, também Freud encontra, nos enfermos, os traços conservados de pontos do desenvolvimento há muito tempo abandonados. Mas, o que o sintoma traz novamente à luz não são os modos ou objetos de satisfação tal como foram vivenciados pela criança. O substituto para a satisfação frustrada do adulto é uma *criação*[261]: os restos fossilizados dessas vivências aparecem como uma mescla de alguns conteúdos das vivências mais arcaicas da criança (desfiguradas pela censura) com certos traços das vivências traumáticas do adulto que desencadearam a patologia. O resultado disso não é uma mera ilusão, mas uma nova maneira de sentir e dar sentido para as moções de desejo arcaicas, impossíveis de serem apreendidas diretamente pela consciência. A criação levada a cabo na manifestação sintomática é acompanhada do distanciamento da realidade comum entre os homens. A ligação com o passado retira certos traços de sociabilidade do homem, adquiridos ao longo do desenvolvimento do Eu, e aliena-o da vida comum. A paralisia em um estágio passado e a segregação de certos aspectos da vida presente e futura (*Gegenwart und Zukunft*)[262] compõem o caráter universal (*allgemeiner Charakter*) das enfermidades. O sintoma mantém o enfermo preso a um fragmento do passado e o leva a reconstruir sua vida presente mediante os vínculos eróticos antigos. A criação manifesta no sintoma não surge do nada. Freud refere-se ao desenvolvimento infantil como o cumprimento de um programa prescrito (v*orgeschriebenen Programm*)[263] que repete as vivências marcantes da espécie. Ao conjunto de vivências individuais (da infância e do adulto) mesclam-se as

---

[259] „[...] die Bedingungen für die Symptombildung sind auch bei den Normalen nachzuweisen." FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 373.
[260] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 285.
[261] "Voltemos agora aos sintomas. Criam, então, substituto para a satisfação recusada por uma regressão da libido a épocas anteriores [...]". („*Kehren wir nun zu den Symptomen zurück. Sie schaffen also Ersatz für die versagte Befriedigung durch eine Regression der Libido auf frühere Zeiten [...]*".) FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 379.
[262] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 285.
[263] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 365.

vivências da espécie, condição de possibilidade daquelas. Mas que vivências arcaicas são essas a que se refere Freud, como elas se inscrevem na série do desenvolvimento humano e como se relacionam com a vivência individual?

3. A memória individual e os esquemas filogenéticos

Sabemos que ao longo dos anos de seu exercício da psicanálise, Freud defendeu energicamente o importante papel que as vivências infantis têm para a determinação das psiconeuroses. É nelas que encontramos as condições para a formação dos pontos nos quais a libido se ata, dando origem à constituição sexual infantil. Ao longo do desenvolvimento infantil alguns acontecimentos fazem com que a libido se fixe a certas representações de objetos já abandonados, o que os torna pontos aos quais a energia pulsional pode retornar com uma certa facilidade. Mas a fixação da libido em objetos antigos não é a única causa da neurose. Junto deste fator encontramos também a vivência traumática do adulto que impõe uma frustração ao prazer libidinal e obriga a pulsão sexual a encontrar uma outra via de satisfação, que não a da efetividade. Esta via será a da regressão libidinal aos pontos já ultrapassados do desenvolvimento, mas aos quais a libido permanece ainda enlaçada. As antigas marcas de fixação libidinal infantil não podem, por si só, provocar nenhuma neurose. É preciso que a este elemento etiológico se some um outro, o da vivência traumática do adulto, que permitirá a regressão a um ponto já ultrapassado do desenvolvimento.

As fixações adquiridas na infância e as vivências traumáticas acidentais atuam em conjunto para determinar a escolha da neurose, segundo a seguinte proporção (*Verhältnis*): quando a fixação libidinal é muito extensa, a doença psíquica pode aparecer após uma pequena vivência de frustração ou, ao contrário, uma pequena fixação libidinal pode ser recuperada devido a uma vivência de frustração muito intensa. A essa atuação conjunta, Freud denominou "série complementar" (*Ergänzungsreihe*)[264].

O indivíduo adulto traz assim em sua constituição duas séries de vivências que remontam a um passado remoto, a saber: as *vivências dos primeiros antepassados* (*Erlebnisse früherer Vorfahren*), que se carrega como *disposição inata* (*angeborenen Anlage*) ou *constitucional* (*konstitutionellen Anlagen*), e as *puramente acidentais da infância* (*rein zufällige Erlebnisse*). Durante o desenvolvimento infantil, as vivências próprias de cada indivíduo apoiam-se sobre esse fundo comum da espécie e, mediante aquelas, estas são novamente sentidas e fazem sentido durante o período do desenvolvimento em que ganham

[264] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 360.

expressão. A evolução psíquica comporta assim componentes regressivos: ao mesmo tempo em que o indivíduo deve retomar os fatores constitucionais ao longo de seu desenvolvimento, a progressão está condicionada à regressão às vivências arcaicas, que servem como um primeiro modelo para as experiências individuais. As disposições inatas são os efeitos (*Nachwirkung*), ou ainda, traços profundamente marcados no psiquismo humano dos estágios por que passou a espécie ao longo do seu desenvolvimento e que ainda podem se fazer sentir ou encenados novamente.

Para chegar a esse fundo comum e prototípico da espécie, Freud procede por analogia: assim como a primeira série complementar nos mostra que as vivências traumáticas do adulto permitem uma regressão da libido a objetos já ultrapassados, ou melhor, a uma forma de existência infantil, assim também deve ser pressuposta uma segunda série complementar, na qual o desenvolvimento da criança retomaria os eventos marcantes da espécie, aos quais a libido teria permanecido arraigada.

Além de ser o período onde a libido se fixa a certos objetos que deveriam ter sido abandonados, a infância possui uma segunda importância para o surgimento das psiconeuroses. Nela manifestam-se as primeiras orientações pulsionais que o indivíduo traz consigo em sua constituição herdada, despertada pelo conjunto de vivências infantis. É sobre estas disposições, revivificadas pela atividade infantil (tal como as brincadeiras que a criança encena), que a libido encontrará seus afãs e objetos aos quais permanecerá ligada para sempre.

Os traços mnêmicos arcaicos são produzidos pelas primeiras contensões dos grandes investimentos pulsionais no psiquismo. Armazenado no núcleo do inconsciente, o patrimônio filogenético é reativado por uma regressão libidinal a tais esquemas. Essa regressão, contudo, não determina o conteúdo destas fantasias, mas é somente graças a ela que se pode chegar ao ponto em que se encontram registrados os acontecimentos dos primórdios.

Mas, afinal, o que Freud concebe como disposição herdada e como se dá a fixação de tal programa na série do desenvolvimento humano? O símbolo revela aqui não apenas a face mnêmica (referente à vivência individual) da constituição humana, mas também sua face genética. Freud escreve em *A interpretação dos sonhos*:

> Em uma série de casos, o comum entre o símbolo e o genuíno, do qual ele faz as vezes, é notório, em outros está escondido; a escolha do símbolo parece então enigmática. Justamente estes casos têm de poder lançar luz sobre o sentido último da relação simbólica; mostram que a mesma é de natureza genética. O que hoje está ligado simbolicamente, num prototempo (*Urzeit*) estava provavelmente unido por identidade conceitual e linguística.

> A relação simbólica parece um resto e uma marca de identidade antiga. Além disso, pode-se observar que em um número de casos a comunidade simbólica se alcança pela comunidade linguística, como já sustentava *Schubert* (1814)[265]. Um número de símbolos é, de mais a mais, tão velho como a formação da linguagem, mas outro é formado continuamente e novamente no presente (p. ex., o aeróstato, o Zeppelin).[266]

A análise das enfermidades e dos sonhos revela que assim como é possível encontrar as vivências individuais significativas que possibilitaram a manifestação sintomática para os aspectos particulares, também se pode encontrar as vivências comuns à espécie referente aos aspectos típicos. As vivências arcaicas dos antepassados, ao contrário das do indivíduo, não podem ser reconduzidas a eventos históricos. O típico deve ser assim encontrado num tempo que não é histórico, isto é, num prototempo (*Urzeit*), que não se caracteriza por seu pertencimento a um ponto preciso no passado, mas por se repetir continuamente da origem até o presente e poder ser recriado a qualquer momento. A investigação freudiana não encontra assim os pontos da história que fundamentam a inscrição de traços que podem ser novamente reinvestidos, mas uma *proto-história*, que subjaz e edifica as vivências individuais.

E como as vivências típicas se fazem sentir novamente no indivíduo? No primeiro capítulo, vimos que as recordações infantis se estabelecem apenas em uma idade tardia e são o produto do fantasiar do indivíduo adulto. Esse período ao qual a consciência não pode jamais trazer à luz senão como uma fantasia encontra-se submetido aos processos inconscientes e, portanto, fora do tempo e da história. Não são raras as vezes em que Freud se refere à infância como a pré-história (*Vorgeschichte*) do indivíduo. Por analogia com essas formações psíquicas, as vivências da espécie ganham figuração por meio de uma composição (*Dichtung*) do passado com o presente, do primário com o secundário, do prazer com a realidade. Elas aparecem na forma de um tipo especial de fantasia, comum a todos os indivíduos, a saber: as protofantasias (*Urphantasie*). A esse respeito, escreve Freud em suas *Conferências*:

> De onde provém a necessidade destas fantasias e o material para elas? Sem dúvida pode estar na fonte da pulsão, mas tem-se de esclarecer que a cada

---

[265] Gotthilf Heinrich von Schubert (1780-1860) foi médico e naturalista alemão, dedicou-se, dentre outras coisas, ao estudo dos sonhos e do magnetismo animal. Publicou em 1814 o livro **Die Symbolik des Traumes**.

[266] „In einer Reihe von Fällen ist das Gemeinsame zwischen dem Symbol und dem Eigentlichen, für welches es eintritt, offenkundig, in anderen ist es versteckt; die Wahl des Symbols erscheint dann rätselhaft. Gerade diese Fälle müssen auf den letzten Sinn der Symbolbeziehung Licht werfen können; sie weisen darauf hin, daβ dieselbe genetischer Natur ist. Was heute symbolisch verbunden ist, war wahrscheinlich in Urzeiten durch begriffliche und sprachliche Identität vereint. Die Symbolbeziehung scheint ein Rest und Merkzeichen einstiger Identität. Dabei kann man beobachten, daβ die Symbolgemeinschaft in einer Anzahl von Fällen über die Sprachgemeinschaft hinausreicht, wie bereits *Schubert* (1814) behauptet hat. Eine Anzahl von Symbolen ist so alt wie die Sprachbildung überhaupt, andere werden aber in der Gegenwart fortlaufend neu gebildet (z. B. das Luftschiff, der Zeppelin).“ FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 356-57.

> vez são criadas as mesmas fantasias com idêntico conteúdo. Tenho aqui pronta a resposta, a qual sei que vos parecerá arriscada. Penso que estas *protofantasias* – assim gostaria de chamá-las e certamente ainda algumas outras – são de posse filogenética. Nelas, o indivíduo ultrapassa sua própria vivência em direção à vivência dos tempos passados, onde sua própria vivência se tornou de todo rudimentar. Parece-me muito possível que tudo o que nos é enumerado hoje na análise como fantasia, a sedução infantil, a incandescência da excitação sexual na observação do comércio entre os pais, a ameaça de castração – ou antes a castração – foi uma vez realidade nos primórdios da família humana, e que a criança que fantasia simplesmente preencheu a lacuna da verdade individual com a verdade pré-histórica. Outra vez chegamos à suspeita de que a psicologia das neuroses conservou para nós mais das antiguidades do desenvolvimento humano do que todas as outras fontes[267].

As protofantasias são como um tipo de retrato, preservado pela natureza, da condição antiga e menos modificada de nossa existência. Podem também ser consideradas como a retomada, em cada indivíduo, dos eventos marcantes da espécie. Existem dois momentos nos quais as protofantasias são retomadas ou revividas de maneira bastante similar. Um primeiro, comum a todos os indivíduos (enfermos ou sãos), ocorre durante o curso do desenvolvimento libidinal infantil. O segundo, nas enfermidades, estado no qual o psiquismo do sujeito permanece ligado a certos traços arcaicos, isto é, como se em alguns aspectos continuasse a sua existência presente como se vivesse numa época arcaica (pré-histórica). Deste modo, a herança primitiva proposta por Freud deve ser pensada em conjunto com a ideia de uma retomada do antigo percurso da espécie, "cujo sentido se aproxima da da frase de Goethe, citada por Freud, 'para falar da transmissão psíquica das experiências arcaicas da humanidade': 'O que herdaste dos teus pais, é preciso que o conquistes se quiseres possuí-lo'."[268] O típico é então de natureza genética, inscrito na própria constituição humana. Ele refere-se às vivências marcantes da espécie: vivências que, para serem compreendidas pela consciência devem ser postas no tempo e, por analogia com os traços mnêmicos individuais,

---

[267] „Woher rührt das Bedürfnis nach diesen Phantasien und das Material für sie? Über die Triebquelle kann wohl kein Zeifel sein, aber es ist zu erklären, daβ jedesmal die nämlichen Phantasien mit demselben Inhalt geschaffen werden. Ich habe hier eine Antwort bereit, von der ich weiβ, daβ sie Ihnen gewagt erscheinen wird. Ich meine, diese *Urphantasien* – so möchte ich sie und gewiβ noch einige andere nennen – sind phylogenetischer Besitz. Das Individuum greift in ihnen über sein eigenes Erleben hinaus in das Erleben der Vorzeit, wo sein eigenes Erleben allzu rudimentär geworden ist. Es scheint mir sehr wohl möglich, daβ alles, was uns heute in der Analyse als Phantasie erzähl wird, die Kinderverführung, die Entzündung der Sexualerregung an der Beobachtung des elterlichen Verkehrs, die Kastrationsdrohung – oder vielmehr die Kastration, – in den Urzeiten der menschlichen Familie einmal Realität war, und daβ das phantasierende Kind einfach die Lücken der individuellen Wahrheit mit prähistorischer Wahrheit ausgefüllt hat. Wir sind wiederholt auf den Verdacht gekommen, daβ uns die Neurosenpsychologie mehr von den Altertümern der menschlichen Entwicklung aubewahrt hat als alle anderen Quellen". FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 386.

[268] CARDOSO, I. A narrativa silenciada. In: CARDOSO, I. [Org.] **Utopia e mal-estar na cultura: perspectivas psicanalíticas**, p. 178.

remetidas a um passado tão remoto cujos vestígios não podem mais ser encontrados. Mas, uma vez que elas se repetem monótona e ritmicamente, devem manifestar-se a cada momento presente e servir de apoio aos elementos singulares. As vivências típicas, repetidas por diversas gerações e sedimentadas no núcleo do inconsciente, são como traços fixados em todos os homens, ou ainda, esquemas congênitos, a partir dos quais é possível fazer surgir todo tipo de individualidade.

Conceber as protofantasias como um esquema filogenético faz com que elas retenham as características de um tal processo de formação inconsciente: "está aquém da história do sujeito, mas por outro lado na história (ainda que, para Freud, esta história seja a da espécie); é estruturante, mas contém elementos puramente imaginados; como estrutura, é invariante, mas se organiza a partir de elementos contingentes."[269] Tal como as recordações infantis, submetidas à repressão e, consequentemente, aos processos psíquicos inconscientes que as impede de ter acesso direto à consciência, as vivências da espécie apresentadas pela protofantasia só podem ser uma composição de traços que põem no tempo o que nunca estaria no tempo, apresenta à consciência o que jamais é inteiramente consciente, e dá singularidade ao que só pode perdurar como universalidade.

4. As raízes arcaicas da palavra

Se, por um lado, o inconsciente reprimido é formado por conteúdos que em um certo instante habitaram a consciência e que, devido à ação da censura, encontram-se impossibilitados de serem apresentados à consciência, por outro, o núcleo do inconsciente é constituído de impulsos muito antigos e que jamais possuirão correspondente algum na consciência. É no cerne de nosso psiquismo que encontramos o que jamais foi ou será representação consciente. O núcleo do inconsciente é o perpetuamente inominável, impensável, intraduzível. Tanto o conteúdo do inconsciente recalcado quanto o do núcleo do inconsciente podem ser expostos por uma apresentação indireta, com a diferença de que este é exposto mediante uma "apresentação simbólica" (*symbolischer Darstellung*[270]), enquanto o inconsciente recalcado busca um "modo de apresentação alusiva" (*anspielungsartiger Darstellung*[271])[272]. Nas palavras do autor:

---

[269] MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura**, p. 411.
[270] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 155.
[271] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 155.
[272] Freud se refere a quatro modos de relação entre os elementos manifestos e latentes, a saber: da parte ao todo, da alusão (que recorre à desfiguração), da ilustração em imagens e do símbolo. Esta distinção não é, contudo,

> Primeiramente, estamos diante do fato de que estão à disposição do sonhador maneiras de expressão simbólica que ele na vigília não conhece e não reconhece. Isso é tão surpreendente como se vocês fizessem a descoberta de que a camareira entende sânscrito, apesar de saberem que ela nasceu em uma aldeia da Bohemia e que nunca o aprendeu. Não é fácil levar a cabo esse fato com nossas concepções psicológicas. Podemos apenas dizer que o conhecimento do simbólico é inconsciente para o sonhador, pertence a sua vida anímica inconsciente. Mas, tampouco seguimos com essa suposição. Até aqui fomos apenas forçados a admitir aspirações inconscientes sobre as quais nada sabemos temporária ou permanentemente. Mas agora trata-se de [algo] mais, diretamente, de conhecimentos inconscientes, de relações de pensamento, comparações entre objetos diferentes, que podem ser postos de modo constante um no lugar do outro. Essas comparações não são feitas de novo cada vez, mas já estão prontas de uma vez por todas; isso resulta da concordância delas em pessoas diferentes, e até mesmo da concordância apesar da diferença de língua. [...] Tem-se a impressão de que aqui se está diante de um antigo modo de expressão, agora em desuso, do qual em diversos domínios se mantiveram diferentes coisas, uma apenas aqui, outra apenas ali, uma terceira talvez em formas levemente modificadas em vários domínios. Tenho aqui de lembrar a fantasia de um interessante doente mental que tinha imaginado uma '*língua fundamental*', da qual todas essas relações simbólicas seriam os despojos.[273]

No núcleo do inconsciente encontramos o que há de mais arcaico no homem, aquilo que escapa ao conteúdo individual recalcado, que cada um traz como a herança de seus antepassados. Assim como o conteúdo do inconsciente recalcado, o do arcaico é fortemente investido de energia pulsional capaz de atrair a atenção da consciência. Esta, por sua vez, representa tal força de atração por meio da apresentação simbólica, que permite a construção das protofantasias. O símbolo é a marca do arcaico em nós e, para explicar essa ideia, Freud evoca as noções de um investigador da linguagem chamado Hans Sperber, para quem a gênese e a formação da linguagem contaram com a máxima participação das necessidades

---

tomada de maneira rígida, uma vez que numa mesma ocasião as fronteiras entre, por exemplo, as apresentações simbólica e alusiva podem se apagar.

[273] "Fürs erste sind wir vor die Tatsache gestellt, daβ dem Träumer die symbolische Ausdrucksweise zu Gebote steht, die er im Wachen nicht kennt und nicht wiederkennt. Das ist so verwunderlich, wie wenn Sie die Entdeckung machen würden, daβ Ihr Stubenmädchen Sanskrit versteht, obwohl Sie wissen, daβ sie in einem böhmischen Dorf geboren ist und es nie gelernt hat. Es ist nicht leicht, diese Tatsache mit unseren psychologischen Anschauungen zu bewältigen. Wir können nur sagen, die Kenntnis der Symbolik ist dem Träumer unbewuβt, sie gehört seinem unbewuβten Geistesleben an. Wir kommen aber auch mit dieser Annahme nicht nach. Bisher hatten wir nur notwendig, unbewuβte Strebungen anzunehmen, solche, von denen man zeitweilig oder dauernd nichts weiβ. Jetzt aber handelt es sich um mehr, geradezu um unbewuβte Kenntnisse, um Denkbeziehungen, Vergleichungen zwischen verschiedenen Objekten, die warden kann. Diese Vergleichungen warden nicht jedesmal neu angestellt, sondern sie liegen bereit, sie sind ein- fur allemal fertig; das geht ja aus ihrer Übereinstimmung bei verschiedenen Personen, ja vielleicht Übereinstimmung trotz der Sprachverschiedenheit, hervor. (…) Man bekommt den Eindruck, daβ hier eine alte, aber untergegangene Ausdrucksweise vorliegt, von welche sich auf verschiedenen Gebieten Verschiedenes erhalten hat, das eine nur hier, das andere nur dort, ein drittes vielleicht in leicht veränderten Formen auf mehreren Gebieten. Ich muβ hier der Phantasie eines interessanten Geisteskranken gedenken, welcher eine '*Grundsprache*' imaginiert hatte, von welcher all diese Symbolbeziehungen die Überreste wären". FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 168-69.

sexuais. Seguindo os passos desse pesquisador, Freud expõe seu ideia acerca do princípio da relação simbólica: os primeiros sons emitidos pelo proto-homem (*Urmensch*) estavam destinados a chamar o companheiro sexual. Com o posterior desenvolvimento da humanidade, as raízes linguísticas aderiram às atividades de trabalho. Estas eram realizadas em comum (*gemeinsam*) e acompanhadas de manifestações linguísticas repetidas ritmicamente. A palavra permitiu transferir ao trabalho o prazer sexual, servindo assim aos propósitos da civilização. Trabalho e atividade sexual passaram a estar unidos pela palavra. Com o passar do tempo, o trabalho foi se distanciando de suas raízes linguísticas e perdeu o significado sexual. O ato sexual, por outro lado, tornou-se destituído de palavra e, consequentemente, apartado da consciência. Freud propõe, desse modo, que as referências simbólicas são os restos da velha identidade léxica entre a atividade sexual e as matérias ou materiais utilizados pelo homem, tais como as armas e instrumentos de trabalho. Elas se perderam para a consciência, mas permanecem ainda intactas no núcleo do inconsciente, que toma uma certa palavra como equivalente (*Äquivalent*) ou como substituto (*Ersatz*) da atividade sexual. Ali se conserva a identidade original entre o ato e a palavra.

O poeta, o jogo e a ideia de um homem universal

Determinar os acontecimentos que marcaram o curso da espécie humana pressupõe, em primeiro lugar, pensar um homem que tenha vivenciado os fatos que determinaram o percurso da espécie e que revelam as suas disposições mais arcaicas. A ideia da formação de esquemas congênitos, revivenciados no indivíduo através das protofantasias, é acompanhada da construção de um conjunto de hipóteses acerca de um *homem prototípico* ou *proto-homem* (*Urmensch*[274]) e de uma série de eventos que determinam a sua transformação em *homem da cultura* (*Kulturmensch*[275]). Em *Totem e tabu*, Freud narra uma sucessão de acontecimentos que tiraram o homem de seu estado primário e o levaram a se ligar a outros indivíduos em comunidades cada vez maiores[276]. Temos assim a apresentação de uma via de mão dupla, na

[274] FREUD, S. **Das Unbehagen in der Kultur** (1930 [1929]), p. 474.
[275] FREUD, S. **Das Unbehagen in der Kultur** (1930 [1929]), p. 474.
[276] "Um dia os irmãos expulsos se associaram, mataram a golpes e devoraram o pai, e, assim, puseram um fim à horda paterna. Unidos arriscaram e levaram a cabo o que seria individualmente impossível. (Talvez tivesse sido um progresso cultural, o manejo de uma nova arma, que tivesse lhes dado a sensação de superioridade.) Que tivessem também devorado o morto é evidente para os selvagens canibais. O pai violento foi certamente o modelo invejado e temido por cada um do bando de irmãos. Agora, no ato da devoração, ao obterem a identificação com ele, cada um se apropriava de um pedaço de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e comemoração daquele feito memorável e criminoso, com o qual tantas coisas tiveram seu princípio: as organizações sociais, as limitações morais e a religião". („Eines Tages taten sich die ausgetriebenen Brüder zusammen, erschlugen und verzehrten den Vater und machten so der Vaterhorde ein Ende. Vereint wagten sie und brachten zustande, was dem einzelnen unmöglich geblieben wäre. (Vielleicht hatte

qual um percurso determina e delimita o outro, a saber: o neurótico apresenta-se como o momento privilegiado da observação do que teria sido o homem original, assim como o estudo dos primórdios da humanidade oferece aquilo que faltava para compreender a etiologia das neuroses. No entanto, falar das origens é considerar um âmbito em que a observação direta não encontra mais um solo seguro para caminhar. Os eventos originários da espécie, assim como as vivências infantis, são reconstruídos de modo indireto pelos relatos dos pacientes neuróticos, pois estão "muito além de nossos poderes de exame histórico ou de experimentação."[277] Se Freud orienta a sua busca em direção às vivências sexuais arcaicas, descobre que o homem que as experimenta (a criança ou o selvagem) não é um homem real, bem como a origem não indica um passado remoto.

Os eventos que se repetiram por gerações e que construíram uma cadeia de vivências comuns a todos os indivíduos são definidos por Freud como construções necessárias e úteis para a compreensão da etiologia das psiconeuroses. Como salienta em *Totem e tabu*, se se chega a uma hipótese que pode parecer inverossímil, "esse caráter não produz nenhuma objeção contra a possibilidade de que ela poderia ser tornada mais ou menos próxima da efetividade, difícil de reconstruir."[278] Como bem nota Binswanger, "assim como a planta original de Goethe não é uma planta mas, como Schiller declarou em sua famosa conversa com Goethe, e para espanto deste, uma ideia, assim também o homem original freudiano não é um homem real mas uma ideia."[279] Para explicar a condição humana e a origem da patologia, Freud propõe a construção teórica de um proto-homem (*Urmensch*), cujas vivências marcam profundamente o psiquismo da espécie e que são retomadas por cada um de nós.

Dessa maneira, cada instante do desenvolvimento cultural exige que se recupere esse elemento original. O percurso do indivíduo e da espécie "segue um traço em círculos

---

ein Kulturfortschritt, die Handhabung einer neuen Waffe, ihnen das Gefühl der Überlegenheit gegeben.) Daβ sie den Getöteten auch verzehrten, ist für den kannibalen Wilden selbstveständlich. Der gewalttätige Urvater war gewiβ das beneidete und gefürchtete Vorbild eines jeden aus der Brüderschar gewesen. Nun setzen sie im Akte des Verzehrens die Identifizierung mit ihm durch, eigneten sich ein jeder ein Stück seiner Stärke an. Die Totemmahlzeit, vielleicht das erste Fest der Menschheit, wäre die Wiederholung und die Gedenkfeier dieser denkwürdigen, verbrecherischen Tat, mit welcher so vieles seinen Anfang nahm, die sozialen Organisationen, die sittlichen Einschränkungen und die Religion".) FREUD, S. **Totem und Tabu** (1912-13), p. 171-172.

[277] "(...) lies far beyond our powers of historical examination or of experiment". LANG, A. **Secret of the Totem**, Londres: s. ed., 1905, p. 27 apud FREUD, S. **Totem und Tabu** (1912-13), p. 132, nota 2.

[278] „(...) ergibt dieser Charakter nicht einmal einen Einwand gegen die Möglichkeit, daβ sie mehr oder weniger nahe die schwierig zu rekonstruierende Wirklichkeit herangerückt sein könnte". FREUD, S. **Totem und Tabu** (1912-13), p. 4.

[279] « de même que la plante originelle de Goehte n'est pas une plante mais, comme Schiller l'a déclaré dans sa fameuse conversation avec Goethe, et à l'étonnement de celui-ci, une idée, de même l'homme originel freudien n'est pas un homme réel mais une idée. » BINSWANGER, L. La conception freudienne de l'homme. In : ____. **Discours, parcours, et Freud**, p. 206.

concêntricos no qual cada círculo reproduz o circuito precedente sem recobri-lo."[280] Progredir é reelaborar em diferentes registros o que se tem de mais arcaico. Este material primordial sobrevive como formação inconsciente e é revivido na forma de fantasia. Mas, o que Freud designa em sua teoria por *proto* (*Ur*-) não é senão uma ideia. Esta ideia deve relacionar intrinsecamente o jogo dos contrários da dinâmica pulsional à constituição do indivíduo e da espécie. E como ideia, não pode ser apreendida diretamente, mas mediante uma composição (*Dichtung*) capaz de apresentar uma cena para à consciência. Esta cena a que se refere Freud é apresentada de modo exemplar na peça de Sófocles, *Édipo Rei*. Escreve ele:

> Apenas dois dos numerosos problemas que ele incita ainda me parecem dignos de especial destaque. O primeiro se refere aos esquemas filogenéticos congênitos que se encarregam, como as "categorias" filosóficas, do alojamento das impressões da vida. Gostaria de defender a concepção de que eles são sedimentos da história da cultura humana. O complexo de Édipo, que compreende a relação da criança com seus pais, pertence-lhes [e] é *o exemplo mais conhecido* deste tipo. Onde as vivências não se encaixam no esquema hereditário, chega-se a um novo arranjo das mesmas na fantasia[281]. (Grifo nosso)

O Édipo seria então o nome ou a apresentação "mais conhecida" (*bestgekannte*) dos esquemas que se repetem em todos os indivíduos. Se é então necessário dar corpo e vida à ideia de proto-homem, ideia essa indispensável à explicação psicanalítica da humanidade, dizia-nos Binswanger, é ao personagem da tragédia de Sófocles que Freud recorre. Como escreve Ricoeur já nas páginas iniciais de sua obra *Da interpretação*, é em 1900, com a publicação de *A interpretação dos sonhos* que se inicia a aproximação entre a psicanálise e a criação mítico-literária:

> É o sonho que [...] atesta que sem parar nós queremos outra coisa que o que dizemos; há sentido manifesto que jamais acaba por reenviar ao sentido escondido; o que faz de todo aquele que dorme um poeta. Deste ponto de vista, o sonho exprime a arqueologia privada do que dorme, que por vezes recobre aquela dos povos; é porque Freud limita frequentemente a noção de símbolo àquele dos temas oníricos que repete a mitologia. Mas mesmo que não coincidam, o mítico e o onírico têm em comum essa estrutura do duplo sentido; o sonho como espetáculo noturno nos é desconhecido; ele não nos é acessível senão pela narrativa da vigília; é a narrativa que o analista interpreta; é a ele que substitui um outro texto que é aos seus olhos o

---

[280] REY-FLAUD, H. Os fundamentos metapsicológicos de *O mal-estar na cultura*. In: LE RIDER, J. et al., **Em torno de *O mal-estar na cultura***, p. 51.

[281] „Nur noch zwei der zahlreichen Probleme, die er anregt, scheinen mir einer besonderen Hervorhebung würdig. Das erste betrifft die phylogenetisch mitgebrachten Schemata, die wie philosophische ‚Kategorien' die Unterbringung der Lebenseindrücke besorgen. Ich möchte die Auffassung vertreten, sie seien Niederschläge der menschliche Kulturgeschichte. Der Ödipuskomplex, der die Beziehung des Kindes zu den Eltern umfaβt, gehört zu ihnen, ist vielmehr das bestgekannte Beispiel dieser Art. Wo die Erlebnisse sich dem hereditären Schema nicht fügen, kommt es zu einer Umarbeitung derselben in der Phantasie". FREUD, S. **Aus der Geschichte einer infantilen Neurose** (1918 [1914]), p. 155.

> pensamento do desejo, o que diria o desejo em uma prosopopeia sem coação; é necessário admitir [...] que o sonho é nele mesmo próximo da linguagem, já que ele pode ser contado, analisado, interpretado.[282]

O sonho é tomado como primeiro objeto de investigação psicanalítico e como modelo para se pensar os fenômenos psíquicos do indivíduo e do homem em geral. Se Freud coloca a criação onírica ao lado da mítico-poética, encontramos desde o início da psicanálise a noção de sonho como uma mitologia privada e a de mito como o sonho acordado dos povos. O poeta expõe em suas criações as fantasias de cada homem, e estas apontam em direção ao que em cada homem é universal. Para apresentar seu pensamento acerca das formações fantasmáticas, o psicanalista austríaco encontra um meio de particularizar e apresentar seu homem prototípico: recorre à figura mítica de Édipo. Mas por que essa personagem da mitologia grega foi a escolhida para expressar os esquemas congênitos? O que faz com que essa *história* de um rei tebano possa simbolizar algo que é próprio do homem, que é universal e, nesse sentido, a-histórico? Estas são as questões que analisaremos no próximo capítulo.

---

[282] « C'est le rêve qui [...] atteste que sans cesse nous voulons dire autre chose que ce que nous disons ; il y a du sens manifeste qui n'a jamais fini de renvoyer à du sens caché ; ce qui fait de tout dormeur un poète. De ce point de vue, le rêve exprime l'archéologie privée du dormeur, qui parfois recoupe celle des peuples ; c'est pourquoi Freud limite souvent la notion de symbole à ceux des thèmes oniriques qui répètent la mythologie. Mais même lorsqu'ils ne coïncident pas, le mythique et l'onirique ont en commun cette structure du double sens ; le rêve comme spectacle nocturne nous est inconnu ; il ne nous est accessible que par le récit du réveil ; c'est ce récit que l'analyste interprète ; c'est à lui qu'il substitue un autre texte qui est à ses yeux la pensée du désir, ce que dirait le désir dans une prosopopée sans contrainte ; il faut admettre [...] que le rêve est en lui-même proche du langage, poisqu'il peu être raconté, analysé, interprété. » RICOEUR, P. **De l'interprétation**, p. 25.

CAPÍTULO 4

Em uma carta endereçada ao seu amigo Wilhelm Flieβ, datada de 26/28 de abril de 1896, Freud escreve que alguns dias antes havia proferido para um grupo de psiquiatras e neurologistas uma comunicação sobre a etiologia da histeria. Suas ideias não tiveram uma boa acolhida junto aos médicos que acompanhavam a fala. Relata Freud: "Uma exposição sobre a etiologia da histeria na Sociedade Psiquiátrica encontrou em meio aos asnos um gélido acolhimento e de Krafft-Ebing o estranho juízo: soa como um conto científico. E isso depois de ter apontado para eles a solução de um problema milenar, um caput Nili."[283] Freud não pôde se calar diante de tal reação e em 30 de maio do mesmo ano relata ao mesmo amigo a redação de um novo artigo: "A despeito de meus colegas, redigi detalhadamente para Paschkis[284] a exposição sobre a etiologia da histeria. Ela começa hoje a ser publicada."[285] No início deste artigo, intitulado *Sobre a etiologia da histeria*, o psicanalista descreve o que entendia ser o cerne de sua conquista científica: através da investigação anamnésica (*anamnestischen Forschung*)[286] dos próprios enfermos, encontrar a vivência que possibilitou a contração dos sintomas histéricos. Ao contrário da opinião difundida na época, a carga hereditária e as diferenças anatômicas não teriam um papel fundamental na determinação da enfermidade, mas sim as consequências psíquicas da vivência traumática. Para fundamentar a cura sobre a investigação das recordações dessas vivências, Freud teve de recusar a ideia de que o enfermo fosse incapaz de qualquer discernimento acerca de seu próprio estado. O que Freud fez foi subverter o método terapêutico difundido em sua época, que dava ao médico todo o saber acerca dos estados alterados e fazia o paciente calar-se. A psicanálise origina-se ao dar voz ao discurso patológico, atribuindo-lhe realidade e sentido. Freud compara o seu trabalho ao de um arqueólogo que escuta os restos fragmentados de um passado insuspeitado:

> Suponham que um investigador viajante chegue a uma região pouco conhecida, onde desperta seu interesse um campo em ruínas, com restos de muro, fragmentos de colunas, de tábuas com caracteres apagados e ilegíveis. Ele pode contentar-se em contemplar o que aflora livremente, em seguida

---

[283] „Ein Vortrag über Ätiologie der Hysterie im Psychiatrischen Verein fand bei den Eseln eine eisige Aufnahme und von Krafft-Ebing die seltsame Beurteilung: Es klingt wie ein wissenschaftliches Märchen. Und dies, nachdem man ihnen die Lösung eines mehrtausendjährigen Problems, ein caput Nili aufgezeigt hat!" FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ** (1887-1904), Carta 95, p. 193.

[284] Como atesta a nota introdutória à tradução argentina, Paschkis era o editor da *Wiener klinische Rundschau*. Cf. FREUD, S. **La etiología de la histeria**, A.E., vol. III, p. 188.

[285] „Meinen Kollegen zum Trotz habe ich den Vortrag über Ätiologie der Hysterie ausführlich für Paschkis niedergeschrieben. Er fängt heute an zu erscheinen." FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ** (1887-1904), Carta 98, p. 200.

[286] FREUD, S. **Zur Ätiologie der Hysterie** (1896c), p. 425.

> inquirir os que habitam nas proximidades, talvez habitantes semibárbaros, acerca do que sua tradição manifesta sobre a história e significado daqueles restos monumentais, anotar suas explicações e – continuar viagem. Mas ele pode proceder também de outro modo: pode levar consigo picaretas, pás e enxadas, destinar os vizinhos para o trabalho com esses instrumentos, demarcar com eles o campo em ruínas, remover o entulho e revelar dos restos perceptíveis os enterrados. Se o êxito recompensa seu trabalho, então os descobrimentos esclarecem a si mesmos; os restos de muro pertencem a circunvalação de um palácio ou casa do tesouro, um templo que se completa das colunas em ruínas, as numerosas inscrições encontradas, bilíngues nos casos favoráveis, desvelam um alfabeto e uma língua, e cuja decifração e tradução oferece aberturas inesperadas sobre os acontecimentos do tempo passado, em cuja memória foram erguidos aqueles monumentos. *Saxa loquuntur!* [As pedras falam![287]][288]

Ao dar voz ao sintoma, Freud fez as "pedras" da ruína falarem: colocou as recordações vizinhas ao sintoma para auxiliar na escavação do solo patológico, desvendou e traduziu a linguagem fragmentada e ininteligível do sintoma, completou a partir dos vestígios apresentados no presente os monumentais acontecimentos do passado e descobriu a gênese da enfermidade (*Entstehungsgeschichte der Krankheit*) enterrada sob os escombros do pudor do paciente e da pseudo-ética médica. Ao redigir o seu artigo, Freud sabia que entraria em confronto com a opinião preconcebida (*vorgefaßten Meinung*)[289] de seus colegas: "Posso antever, meus senhores, por experiências anteriores que seu protesto irá dirigido diretamente a essa proposição ou à validade universal dessa proposição."[290] Em outro texto, de 1898, escreve que o trabalho analítico de perseguir o que se encontra enterrado no psiquismo segue as *correntes subterrâneas da medicina* (*Unterströmungen in der Medizin*)[291], contra a qual "não faltarão esforços, através de argumentos de colorido ético, para impedir o médico de

---

[287] Tradução do latim sugerida pela edição argentina. Cf. FREUD, S. **La etiología de la histeria**, A.E., vol. III, p. 192.

[288] „Nehmen Sie an, ein reisender Forscher käme in eine wenig bekannte Gegend, in welcher ein Trümmerfeld mit Mauerresten, Bruckstücken von Säulen, von Tafeln mit verwischten und unlesbaren Schriftzeichen sein Interesse erweckte. Er kann sich damit begnügen zu beschauen, was frei zutage liegt, dann die in der Nähe hausenden, etwa halbbarischen Einwohner ausfragen, was ihnen die Tradition über die Geschichte und Bedeutung jener monumentalen Reste kundgegeben hat, ihre Auskünfte aufzeichnen und – weiterreisen. Er kann aber auch anders vorgehen; er kann Hacken, Schaufeln und Spaten mitgebracht haben, die Anwohner für die Arbeit mit diesen Werkzeugen bestimmen, mit ihnen das Trümmerfeld in Angriff nehmen, den Schutt wegschaffen und von den sichtbaren Resten aus das Vergrabene aufdecken, Lohnt der Erfolg seine Arbeit, so erläutern die Funde sich selbst; die Mauerreste gehören zur Umwallung eines Palastes oder Schatzhauses, aus den Säulentrümmern ergänzt sich ein Tempel, die zahlreich gefundenen, im glücklichten Falle bilinguen Inschriften enthüllen ein Alphabet und eine Sprache, und deren Entzifferung und Übersetzung ergibt ungeahnte Aufschlüsse über die Ereignisse der Vorzeit, zu deren Gedächtnis jene Monumente erbaut worden sind. *Saxa loquuntur!*" FREUD, S. **Zur Ätiologie der Hysterie** (1896c), p. 426-27.

[289] FREUD, S. **Zur Ätiologie der Hysterie** (1896c), p. 435.

[290] „Ich kann nach früheren Erfahrungen voraussehen, daβ gerade gegen diesen Satz oder gegen die Allgemeingültigkeit dieses Satzes Ihr Widerspruch, meine Herren, gerichtet sein wird." FREUD, S. **Zur Ätiologie der Hysterie** (1896c), p. 434.

[291] FREUD, S. **Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen** (1905b), p. 491. A tradução de *Unter-* por *subterrâneo* foi sugerida pela edição argentina das obras de Freud. Cf. FREUD, S. **La sexualidad en la etiología de las neurosis**, A.E., vol. III, p. 257.

perseguir esse assunto."[292] Os protestos e os esforços que queriam fazer calar a voz do psicanalista dirigem-se sobretudo contra a ideia da sexualidade infantil e de sua força traumática. O fundamento somático-hereditário foi colocado em segundo plano para dar lugar à vivência patológica da infância que, como símbolo mnêmico (*Erinnerungssymbole*)[293], ganha novamente expressão na vida adulta. O sintoma presente revela a ofensa sofrida no passado. Na comunicação de 1896, a gênese da vida dos enfermos ganha expressão: experiências sexuais sofridas em uma época muito prematura, impostas por pais perversos que irritariam os órgãos sexuais de seus filhos, crianças que repetiriam os abusos sofridos em outras crianças, e adultos que adoeceriam devido às recordações insuportáveis de seu passado. Freud optou pelo colorido fantástico ao colorido ético e acreditou encontrar ali a "origem do Nilo"[294] tão procurada pela psicopatologia. Certamente ainda faltava ajustar o valor dado à fala do enfermo: a verdade do relato não estaria na materialidade da experiência, tal como defendeu em seu artigo sobre a etiologia da histeria, mas exatamente em seu caráter fictício.

A qualificação, em princípio tão estranha a Freud, de que sua comunicação de 1896 soaria como uma mescla de relato científico e conto de fadas (*Märchen*) não estaria muito longe do que alguns anos depois o psicanalista defenderia: as recordações de infância serão comparáveis às dos povos, relatadas nos mitos e contos das nações. As vivências sexuais da criança e seu comportamento frente aos pais comporão o que Freud designará *romance familiar do neurótico* (*Familienroman der Neurotiker*)[295], que terá como modelo a milenar história de Édipo. Mesmo um dos pilares de seu trabalho conceitual (a saber: a teoria das pulsões) será classificado como uma narrativa mitológica[296]. Sabe bem que a aproximação entre a ciência e a narrativa fantástica continuará a despertar a estranheza do público, sobretudo a dos médicos: na introdução ao caso Dora, Freud escreve que ainda "há muitos médicos que – [coisa] bastante asquerosa – querem ler uma tal história da enfermidade não como uma contribuição à psicopatologia da neurose, mas como um romance com chave (*Schlüsselroman*) destinado ao seu divertimento."[297] Freud pensa a sua atividade em analogia com a do escritor ou poeta (*Dichter*), mas certamente dentro de limites bastante determinado.

---

[292] „[...] es an Bemühungen nicht fehlen wird, den Arzt durch ethisch gefärbte Argumente von der Verfolgung dieses Gegenstandes abzuhalten." FREUD, S. **Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen** (1905b), p. 492.
[293] FREUD, S. **Zur Ätiologie der Hysterie** (1896c), p. 427.
[294] A *caput Nili* referida em FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ** (1887-1904), Carta 95, p. 193.
[295] Cf. FREUD, S. **Der Familienroman der Neurotiker** (1909b [1908]), p. 227-31.
[296] Cf. FREUD, S. **Warum Krieg?** (1933b [1932]), p. 22.
[297] „[...] es viele Ärzte gibt, die – ekelhaft genug – eine solche Krankengeschichte nicht als einen Beitrag zur Psychopathologie der Neurose, sondern als einen zu ihrer Belustigung bestimmten Schlüsselroman lesen wollen". FREUD, S. **Bruchstück einer Hysterieanalyse** (1905c [1901]), p. 165. O *Schlüsselroman* é uma narrativa que põe em cena personagens reais disfarçados pelo autor. Aquele que reconhece algum personagem da história porta a chave para desvendar todo o restante.

Quais são esses limites e em que sentido sua obra ganha caráter científico na mesma medida em que se aproxima da ficção? Neste capítulo pretendemos examinar o papel das criações patológicas e literárias na construção teórica de Freud e entender como as narrativas fictícias nos auxiliam a compreender o que o psicanalista entendia por ciência. Nossa intenção é portanto a de aproximar o estilo de escrita do próprio Freud ao do relato dos enfermos, às narrativas literárias por ele citadas, aos sonhos e aos jogos infantis analisados justamente para entender o que ou no que elas se distinguem do modo como as ideias psicanalíticas são elaboradas e transmitidas.

O médico-paciente

A ideia de uma natureza sexual da patologia, tão recriminada pelos colegas de Freud, não era novidade no meio médico. O sigilo que a mantinha afastada da investigação científica dizia respeito muito mais a um receio dos médicos em enfrentar os preconceitos morais ligados ao tema do que a uma limitação de natureza científica ou especulativa. Em *Sobre a história do movimento psicanalítico*, Freud cita o exemplo de três de seus mestres pelos quais nutria o "mais profundo respeito" (*tiefsten Respekt*), mas cujas pesquisas os levaram a limites que eles mesmos não podiam admitir, tampouco transpor. Ao evidenciarem a barreira moral que emperrava o tratamento psíquico, transmitiram a Freud uma "sagacidade" (*Einsicht*) "que eles mesmos, a rigor, não possuíam."[298] O primeiro, Breuer, havia lhe revelado certa vez que "são sempre *segredos de alcova*"[299], isto é, do "leito matrimonial" (*des Ehebettes*) que se manifestam no tratamento da neurose. Mas ele mesmo recuou diante dos "incompreensíveis" (*verständnislose*) protestos suscitados pela obra que expunha muitas noções que defendera nos *Estudos sobre histeria*: "sua autoconfiança e sua capacidade de resistência", lamenta Freud, "não estavam à altura do restante de sua organização espiritual."[300] O segundo, Chrobak[301], ao pedir para que o psicanalista se encarregasse de uma de suas enfermas, cujo marido era impotente e "*Virgo intacta*" , malgrado os 18 anos casada, gracejou: "A única receita para uma enfermidade assim [...] nos é bem conhecida, mas não podemos prescrevê-la.

---

[298] „die sie, streng genommen, selbst nicht besaβen". FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 50.

[299] „sind immer *Geheimnisse des Alkovens*." FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 51.

[300] "Sein Selbstvertrauen und seine Widerstandsfähigkeit standen nicht auf der Höhe seiner sonstigen geistigen Organisation." FREUD, S. **"Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 48.

[301] Segundo Strachey, Chrobak foi professor de ginecologia em Viena entre 1880 e 1908. Cf. FREUD, S. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico**, A.E., vol. XIV, p. 12.

Diz: *Rp. Penis normalis / dosim / Repetatur!*"[302] Alguns anos mais tarde, quando Freud teve a oportunidade de recordar Breuer e Chrobak do ocorrido, ambos, horrorizados, desmentiram-no. Quanto ao terceiro, Charcot, lembra do que ele disse acerca de um jovem rapaz que apresentava os mesmos sintomas de uma mulher histérica e da indignação que isso provocou nos médicos que acompanharam a circunstância: "*mas em casos semelhantes, é sempre a coisa genital, sempre... sempre... sempre*"[303], exclamou o célebre médico francês. O exemplo desses mestres prova que ao médico do final do século 19 não é desconhecida ou totalmente desconhecida a causa das enfermidades psíquicas. "E se ele sabe, por que nunca diz?"[304], pergunta-se Freud. Na época em que presenciou esses três relatos o psicanalista estava interessado na anatomia cerebral e na reprodução experimental da paralisia histérica, e acabou por não levar adiante o questionamento a respeito da honestidade do médico para com o paciente. Essas recordações permaneceram durantes anos adormecidas dentro dele, "até que um dia despertaram como um conhecimento aparentemente original."[305] Ao contrário de seus colegas, Freud não deixou que a *coisa genital* fosse apenas um clarão momentâneo. Preparou o terreno a ser explorado e, por um árduo trabalho, trouxe à luz o que os médicos de seu tempo deixavam em segundo plano. Em *Sobre a história do movimento psicanalítico* escreve:

> Bem sei que proferir uma ou várias vezes uma ideia na forma de um *aperçu* fugaz é muito diferente de levá-la a sério, tomá-la ao pé da letra, conduzi-la através dos detalhes que opõem-se a ela e conquistar para ela seu lugar entre as verdades reconhecidas. É a diferença entre um leve flerte e um casamento legítimo, com todas as suas obrigações e dificuldades. *Epouser les idées de...* é, ao menos em francês, um modo usual de falar.[306]

Apesar da tentativa de seus colegas em fazê-lo desistir de "esposar" essas ideias, Freud foi adiante, persistindo a todos os protestos. E mesmo quando se deu conta de que a teoria da

---

[302] „Das einzige Rezept für solche Leiden, fügte er hinzu, ist uns wohl bekannt, aber wir können es nicht verordnen. Es lautet:
Rp. Penis normalis
dosim
Repetatur!"
FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 52.

[303] „*Mais dans des cas pareils c'est toujours la chose génitale, toujours... toujours... toujours*." FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 51. (Grifo do autor)

[304] „Ja, wenn er das weiβ, warum sagt er das nie?" FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 51.

[305] „bis sie eines Tages als eine scheinbar originelle Erkenntnis erwachten." FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 50.

[306] „Ich weiβ schon, daβ es etwas anderes ist, eine Idee ein oder mehrere Male in Form eines Flüchtigen *Aperçus* auszusprechen – als: ernst mit ihr zu machen, sie wörtlich zu nehmen, durch alle widerstrebenden Details hindurchzuführen und ihr ihre Stellung unter den anerkannten Wahrheiten zu erobern. Es ist der Unterschied zwischen einem leichten Flirt und einer rechtschaffenen Ehe mit all ihren Pflichten und Schwierigkeiten. *Epouser les idées de...* ist eine wenigstens im Französischen gebräuchliche Redewendung." FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 53.

sedução, exposta em *Sobre a etiologia da histeria*, não correspondia aos fatos materiais e que a psicanálise poderia "perder o solo da realidade" (*den Boden der Realität verloren*)[307], não cedeu às pressões externas, tais como seus mestres. O vínculo ou "casamento" que estabeleceu com ideias tão mal afamadas fez-lhe perder a companhia daqueles com quem convivia. "Se uma comunidade é fundada no acordo sobre alguns pontos cardeais, evidentemente é segregado dela quem abandonou esse solo comum."[308] Ao defender suas ideias sobre a origem sexual da enfermidade psíquica, Freud pôs-se em desacordo com as noções que norteavam a vida comum dos homens. Expulso da "comunidade" a que pertencia, os primeiros anos do desenvolvimento da psicanálise foram assim de uma "*splendid isolation*"[309]: fecharam-lhe as portas do laboratório de anatomia cerebral, foi afastado da atividade docente, perdeu os amigos e os poucos pacientes que tinha. Rapidamente formou-se um "espaço negativo" (*negativer Raum*)[310] em torno de sua pessoa. Ao contrário de seu colega Breuer, "sua autoconfiança e sua capacidade de resistência" não estavam aquém de sua curiosidade e capacidade de investigação. A respeito de sua decepção com a teoria da sedução, escreve Freud: "Talvez perseverei apenas porque não tivesse mais escolha para começar outra coisa. Finalmente dei-me conta de que não se tem o direito de desanimar quando se foi iludido em suas expectativas, apenas tem-se de rever essas expectativas."[311] Freud encontrou em outro campo o local onde poderia exercitar sua investigação de maneira segura e regrada. Perseguiu então um "obscuro pressentimento" (*dunklen Ahnung*)[312] que havia tido na época em que ainda trabalhava com Breuer, a saber: "traduzir sonhos" (*Träume übersetzen*)[313]. Os resultados daí advindos não apenas responderiam os motivos da falta de honestidade do paciente para com o médico e do médico para com o paciente, mas também dariam a correta diretriz da teoria e da prática clínica: a análise dos sonhos permitiu "a recondução da desfiguração onírica a um conflito interior, um tipo de *falta de sinceridade interior*"[314] comandada pelas exigências morais. A compreensão de que a resistência dos

---

[307] FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 55.
[308] „Wenn eine Gemeinschaft auf Übereinstimmung in einigen kardinalen Punkten begründet ist, wird es selbstverständlich, daβ diejenigen aus ihr ausscheiden, welche diesen gemeinsamen Boden aufgegeben haben." FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), pp. 79-80.
[309] FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 60.
[310] FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 50.
[311] „Vielleicht harrte ich nur aus, weil ich keine Wahl mehr hatte, etwas anderes zu beginnen. Endlich kam die Besinnung, daβ man ja kein Recht zum Verzagen habe, wenn man nur in seinen Erwartungen getäuscht worden sei, sondern diese Erwartungen revidieren." FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 55.
[312] FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 57.
[313] FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 58.
[314] „die Zurückführung der Traumentstellung auf einen inneren Konflikt, eine Art von innerer Unaufrichtigkeit." FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 58. (Grifo nosso.)

médicos em aceitar a origem sexual da patologia atava-se, tal como no enfermo, a forças subterrâneas e de que não poderia prosseguir sua investigação se continuasse, ele mesmo, ligado a tais forças possibilitou uma mudança bastante significativa em sua prescrição terapêutica. Ela não poderia mais ser uma imposição a partir do exterior do indivíduo (do médico para o paciente), mas teria de brotar de seu próprio interior: "Ser completamente honesto consigo é um bom exercício" [315], escreve Freud em uma carta a Flieβ datada de 15 de outubro de 1897. Essa relação do paciente para com o médico e do médico para com o paciente não tinha em vista somente a cura deste último, é antes e fundamentalmente a expressão da própria honestidade do médico para consigo mesmo. A terapia que o médico prescreve ao enfermo é a mesma que prescreve a si mesmo, o que lhe confere uma posição similar à do paciente. "O paciente principal que me ocupa sou eu mesmo"[316], afirma em 14 de agosto de 1897. Freud compreende que a condição sem a qual a análise não pode ser proposta e desenvolvida é a autoanálise do médico.

1. O sonho e a chave para o conhecimento de si

Há um elemento curioso a ser notado quando se considera essa fase da obra freudiana: se Freud é isolado da comunidade médica de seu tempo e vítima de protestos e ataques por parte desse grupo seleto de cientistas, certamente esse afastamento já havia se produzido em seu interior. Para ele, as diretrizes terapêuticas adotadas por seus mestres há muito tempo não tinham mais valor terapêutico. Em uma passagem de *Autoapresentação*, Freud escreve que os institutos de cura de águas, muito recomendados em sua época, não produziam efeitos suficientes em seus pacientes, os resultados da eletroterapia provaram ser de pouco valor, e a hipnose, além da teatralidade envolvida em suas demonstrações, não podia ser aplicada em todos os seus pacientes[317]. "Infelizmente", escreve ele, "tive logo de experimentar que o cumprimento dessas prescrições nunca ajudava, que o que eu havia considerado sedimento de uma observação exata era uma construção fantástica."[318] O fracasso das prescrições de seus mestres serviu para minar a sua "ingênua crença na autoridade" (*naiven*

---

[315] „Ganz ehrlich mit sich sein ist eine gute Übung." FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ (1887 - 1904)**, Carta 142, p. 293.
[316] „Der Hauptpatient, der mich beschäftigt, bin ich selbst." FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ (1887 - 1904)**, Carta 136, p. 281.
[317] Cf. FREUD, S. **"Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 39 et seqs.
[318] „Leider muβte ich bald erfahren, daβ die Befolgung dieser Vorschriften niemals half, daβ, was ich für den Niederschlag exakter Beobachtung gehalten hatte, eine phantastische Konstruktion war." FREUD, S. **"Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 40.

Autoritätsglaubens)[319] dos médicos. As teorias em vigor acerca da origem e do tratamento da enfermidade psíquica nada lhe ensinavam sobre ela. A solução para esse problema teria de ser encontrado em um solo ainda não escavado. Sozinho, Freud depositou todo o seu empenho no obscuro pressentimento de traduzir sonhos, aplicou-o a si mesmo e construiu a partir dele um saber seguro sobre a enfermidade. A recondução dos sintomas às vivências e a compreensão de que o sonho é um análogo dos sintomas deu a Freud um princípio interno de orientação pelo qual poderia guiar os seus próprios esforços cognitivos e terapêuticos. Também os sonhos teriam de estar em conexão com os fatos da vida daquele que sonha e sua interpretação revelaria os eventos de uma época esquecida, pré-histórica. Os sonhos apresentavam-se como vestígios de eventos do início da vida que só poderiam ser reconstruídos por fragmentos mediante cenas curtas e incompletas:

> A interpretação de sonho tornou-se consolo e amparo para mim naqueles difíceis anos iniciais, quando tive de dominar ao mesmo tempo técnica, clínica e terapia das neuroses, estava totalmente isolado e na confusão do problema, e pelo acúmulo da dificuldade temia muitas vezes perder a orientação e a confiança. A prova de minha suposição de que uma neurose teria de tornar-se inteligível pela análise fez-se esperar perturbadoramente muito tempo para ser encontrada nos enfermos; nos sonhos, que se podia compreender como análogo aos sintomas, encontrei uma confirmação quase regular dessa suposição. [...] Minha autoanálise, cuja necessidade logo saltou-me aos olhos, executei com a ajuda de uma série de sonhos próprios, que me conduziram por todos os acontecimentos de minha infância, e ainda hoje sou da opinião que esse tipo de análise pode bastar para um bom sonhador e pessoas não demasiadamente anormais.[320]

Os opositores de Freud, uma vez que ocupavam-se apenas do que há de fisiológico nas enfermidades, não conseguiam compartilhar da mesma visão acerca da origem sexual do sintoma. Sustentavam que tais ideias estariam muito longe da observação e da experiência médica, que não seriam nada mais que um produto de sua *fantasia especulativa* (*ein Produkt meiner spekulativen Phantasie*)[321]. Semelhante a um bom arqueólogo, que reconhece o terreno propício para a escavação e sabe discernir o melhor método para trabalhá-lo, o

---

[319] FREUD, S. **"Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 40.

[320] „Die Traumdeutung wurde mir zum Trost und Anhalt in jenen schweren ersten Jahren der Analyse, als ich gleichzeitig Technik, Klinik und Therapie der Neurosen zu bewältigen hatte, gänzlich vereinsamt war und in dem Gewirre von Problemen und bei der Häufung der Schwierigkeiten oft Orientierung und Zuversicht einzubüβen fürchtete. Dir Probe auf meine Voraussetzung, daβ eine Neurose durch Analyse verständlich werden müsse, lieβ oft bei dem Kranken verwirrend lange auf sich warten; an den Träumen, die man als Analoga der Symptome auffassen konnte, fand diese Voraussetzung eine fast regelmäβige Bestätigung. [...] Meine Selbstanalyse, deren Notwendigkeit mir bald einleuchtete, habe ich mit Hilfe einer Serie von eigenen Träumen durchgeführt, die mich durch alle Begebenheiten meiner Kinderjahre führten, und ich bin noch heute der Meinung, daβ bei einem guten Träumer und nicht allzu abnormen Menschen diese Art der Analyse genügen kann." FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 58-59.

[321] FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 76.

investigador do psiquismo tem não apenas de reconhecer o objeto a ser explorado, como também estar pronto para tal tarefa, munido de um método adequado ao objeto que deseja trabalhar, a saber: o método interpretativo. Reconhecer a riqueza de um campo a ser escavado não significa que se saiba *como* trabalhá-lo. Ter um método de estudo significa estar pronto para o objeto que se quer estudar. Sendo assim, mesmo antes de vislumbrar os resultados da análise, Freud soube definir o campo de investigação, a saber: tomou os sonhos e os relatos dos enfermos como material digno de ser investigado e não desprezou os elementos sexuais neles contidos. Abandonou as teorias médico-fisiológicas da origem da enfermidade porque sabia que nada encontraria naquele terreno. "O médico que não experimentou uma formação especial", escreve Freud, "apesar do seu diploma é um leigo na análise, e o não médico pode, com a preparação conveniente e ocasional apoio de um médico, efetuar também a tarefa do tratamento analítico das neuroses."[322]

Ao tomar a sério a ideia de inconsciente e colocar ali a coisa sexual reprimida, aceitou o desafio de tratar de "algo da linhagem do fenômeno" (*etwas von der Herkunft des Phänomens*)[323] e de construir um método de investigação adequado ao seu objeto. Os eventos esquecidos da infância só poderiam ser descobertos através da análise dos sintomas ou de seu análogo, o sonho, e caberia ao médico reconstruir, a partir das pistas ali encontradas, o "jogo de forças" (*Kräftespiel*)[324] que impulsiona a *coisa sexual* à sua manifestação, ou ainda, para usarmos as palavras de Freud, o médico deve ser capaz de formar "a hipótese, ou preferiria dizer: a visão" (*die Hypothese, oder ich möchte lieber sagen: die Vision*)[325] do que não pode ser visto diretamente. A formação do psicanalista é também a formação desse olhar específico: é aprender a ver as cenas esquecidas, que remontam à origem da vida do indivíduo. Ora, se os sintomas devem ser reconduzidos às vivências que não são visíveis à consciência, esse olhar é o primeiro órgão requerido para a *reconstrução* da história de vida. O médico que pretende conhecer a causa dos fenômenos patológicos deve refazer, em si mesmo, o caminho daquelas: o sonho, colocado ao lado do sintoma, é a chave para a formação do médico e a visão, o órgão de primeiro contato com o material inconsciente. A partir dela edifica-se, mediante um trabalho prolongado e respaldado na observação e na experiência clínicas, algo que não apenas diga respeito aos sintomas. Para ele, o alcance da

---

[322] „[...] der Arzt, der nicht eine besondere Ausbildung erfahren hat, trotz seines Diploms ein Laie in der Analyse und der Nichtarzt kann bei entsprechender Vorbereitung und gelegentlicer Anlehnung an einen Arzt auch die Aufgabe der analytischen Behandlung von Neurosen erfüllen." FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 96.
[323] FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 43.
[324] FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 47.
[325] FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 93.

visão do médico tem de transcender os fenômenos patológicos, único interesse dos fisiologistas: ele deve tomar os restos do presente e, a partir daí, formar em seu olhar a "natureza universal desses inesperados fenômenos" (*die allgemeine Natur dieses unerwarteten Phänomens*)[326], pela qual é possível construir não mais a visão do homem enfermo, mas a do homem em geral. Se o trabalho analítico utiliza-se dos fragmentos que do inconsciente representam-se na consciência, a ideia que Freud pretende alcançar é a do homem em sua unidade e completude. O conhecimento que Freud possuía das correntes fisiológicas da origem dos sintomas não lhe proporcionou saber algum sobre eles. Esse saber teria de estar muito além do fenômeno clínico: teria de ser construído pelo e embasado sobre o próprio indivíduo que conhece e vê. O médico que contempla essas visões transforma-se assim na coisa contemplada e a coisa contemplada, o impulso de vida dos indivíduos em geral. A natureza comum que o psicanalista almeja alcançar é, ao mesmo tempo, vital e normal:

> Mas o sonho [...] não era nenhum sintoma patológico, era um fenômeno da vida anímica normal, podia ocorrer em todo homem sadio. Se o sonho é construído como um sintoma, se seu esclarecimento requer as mesmas admissões: a suplantação da agitação pulsional, a formação substitutiva e de compromisso, os diferentes sistemas psíquicos para a acomodação do consciente e do inconsciente, então a psicanálise não é mais uma ciência preliminar da psicoterapia, então é muito mais a peça para um saber anímico novo e mais fundamental, que se torna também indispensável para o entendimento do normal. É permitido transportar suas suposições e resultados para outros domínios do acontecer anímico e espiritual; abriu-se o extenso caminho de interesse mundial.[327]

Os mesmos médicos que excluíram Freud de seu meio construíram para si um conjunto de ideias que dizia respeito apenas ao patológico. Freud, imerso em seu isolamento, conseguiu encontrar na enfermidade o que os homens em geral têm em comum. O psicanalista encontra os modelos sobre os quais fundamenta suas concepções longe do saber difundido, em algo que teria de ser construído por ele e dentro dele. "A psicanálise é minha criação"[328]

---

[326] FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 49.

[327] "Der Traum aber [...] war kein krankhaftes Symptom, er war ein Phänomen des normalen Seelenlebens, konnte sich bei jedem gesunden Menschen ereignen. Wenn der Traum so gebaut ist wie ein Symptom, wenn seine Erklärung die nämlichen Annahmen erfordert, die der Verdrängung von Triebregungen, der Ersatz- und Kompromiβbildung, der verschiedenen psychischen Systeme zur Unterbringung des Bewuβten und Unbewuβten, dann ist die Psychoanalyse nicht mehr eine Hilfswissenschaft der Psychopathologie, dann ist sie vielmehr der Ansatz zu einer neuen und gründlicheren Sellenkunde, die auch für das Verständnis des Normalen unentbehrlich wird. Man darf ihre Voraussetzungen und Ergebnisse auf andere Gebiete des seelischen und geistigen Geschehens übertragen; der Weg ins Weite, zum Weltinteresse, ist ihr eröffnet." FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 73.

[328] „die Psychoanalyse ist meine Schöpfung". FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 44. Segundo o *Novo Diccionário da Língua Portugueza e Allemã Michaelis*, *Schöpfung* pode significar também *universo*, *mundo* ou *natureza*.

escreve Freud no parágrafo inicial de *Sobre a história do movimento psicanalítico*, ou ainda, no parágrafo final de *Autoapresentação*, a psicanálise é o *trabalho de sua vida* (*meiner Lebensarbeit*)[329]. Seu caráter subjetivo não impede, contudo, que ela encontre as bases gerais da edificação psíquica humana. A autoanálise que Freud empreende em si mesmo é a abertura das portas para a intuição dos fenômenos da vida anímica em geral (normal ou patológica). O seu projeto autoanalítico e a sua formação como psicanalista confundem-se assim com o seu projeto teórico. A autoanálise é, portanto, autoformação. Como afirma Freud em uma passagem de *Sobre a história do movimento psicanalítico*, em que trata da formação de novos psicanalistas:

> A espontaneidade dos trabalhadores intelectuais, sua prematura independência do professor, é psicologicamente sempre satisfatória; um ganho do ponto de vista científico resulta apenas quando certas condições pessoais, que não ocorrem com frequência, são satisfeitas por esses trabalhadores. Justamente a psicanálise teria fomentado uma longa e rigorosa disciplina e uma educação para a autodisciplina.[330]

A história dos erros e acertos de sua própria investigação tem um valor primordial na elaboração da psicanálise. Os resultados da investigação psicanalítica estão atrelados aos motivos e às dificuldades que o psicanalista encontrou no estudo da vida anímica. Em textos como *Sobre a história do movimento psicanalítico* e *Autoapresentação*, Freud nos mostra que o caminho que trilhou para o desenvolvimento da doutrina psicanalista, ou ainda, que sua história é indissociável da própria edificação daquela[331]. O próprio desenvolvimento da teoria e da prática psicanalíticas exige que o analista reconheça em si questões ou temas que são do homem em geral. Trata-se de um tipo de conhecimento que é reconhecimento e, por isso, volta-se sempre para aquele que o pratica.

---

[329] FREUD, S. **„Selbstdarstellung“** (1925c [1924]), p. 96.

[330] „Die Selbständigkeit der geistigen Arbeiter, ihre frühe Unabhängigkeit vom Lehrer, ist psychologisch immer befriedigend; ein Gewinn in wissenschaftlicher Hinsicht ergibt sich aus ihr nur, wenn bei diesen Arbeitern gewisse, nicht allzu häufig vorkommende persönliche Bedingungen erfüllt sind. Gerade die Psychoanalyse hätte eine lange und strenge Zucht und Erziehung zur Selbstzucht gefordert.“ FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 64.

[331] Apesar de Bleuler ter apoiado suas ideias, Freud o critica pela posição excessivamente imparcial que adota em sua defesa da psicanálise: “Logo, Bleuler publicou seu escrito em defesa da psicanálise (‘A psicanálise de Freud’, 1910). Por mais que fosse alegre que finalmente a justiça e a lógica honesta adquirissem palavras no combate, o trabalho de Bleuler não podia contentar-me plenamente. Aspirava em demasia a aparência de imparcial; não era nenhuma casualidade que justamente a esse autor se devesse a introdução do precioso conceito de *ambivalência* em nossa ciência. („Bald darauf veröffentliche Bleuler seine Schrift zur Verteidigung der Psychoanalyse (‚Die Psychoanalyse Freuds‘ 1910). So erfreulich es war, daβ in dem Streit einmal auch Gerechtigkeit und ehrliche Logik zu Worte kamen, so konnte mich die Arbeit Bleulers doch nicht völlig befriedigen. Sie strebte zu sehr nach dem Anschein der Unparteilichkeit; es war kein Zufall, daβ man gerade ihrem Autor die Einführung des wertvollen Begriffes der *Ambivalenz* in unsere Wissenschaft zu danken hatte.“) FREUD, S. **„Selbstdarstellung“** (1925c [1924]), p. 77.

2. Autoanálise e análise das enfermidades

Ao analisar a si mesmo, vemos que a técnica interpretativa não exige apenas que Freud decomponha o conteúdo de suas recordações de infância e de seus sonhos em diferentes partes, mas que também ele próprio desmembre-se nas figuras do analista e do analisando. Retomemos aqui um trecho de *A interpretação dos sonhos*, exposto em nosso primeiro capítulo, em que Freud se autocensura pela resistência frente a um de seus sonhos. Referimo-nos ao já citado *R. é meu tio*. Escreve Freud:

> Quando ocorreu-me o sonho no curso da manha, desatei a rir e disse: O sonho é um disparate. Mas ele não se deixou abandonar e seguiu-me o dia todo, até que finalmente ao anoitecer censurei-me: 'se algum de teus pacientes não soubesse dizer da interpretação de sonho outra coisa que: é um disparate, então o repreenderia e suporia que por trás do sonho se esconde uma história desagradável, de cujo conhecimento quer se poupar. Engana-te do mesmo modo; sua opinião de que o sonho é um disparate significa apenas uma resistência interna contra a interpretação. Não se deixe deter'. Pus-me então a interpretar[332].

A fim de vencer sua resistência a interpretar o sonho, Freud trava um diálogo interno, que se dá da seguinte maneira: enquanto um dos lados defende que o sonho não tem sentido e que deve ser abandonado ao esquecimento, o outro, ao contrário, mostra que os disparates da cena sonhada (seu amigo R. apresentado como seu tio, o carinho que jamais sentiu por este, o modo como a face de ambos se combinam e como seu tio aparece emoldurado por uma barba que não possuía) remetem a algo desagradável da vida do sonhante. A resistência manifestada por um dos interlocutores desse diálogo interno o aproxima da condição de paciente (algo como: *se algum de meus pacientes não soubesse dizer da interpretação de sonho outra coisa que isto que eu digo para mim mesmo, então, tal como neles, uma história desagradável se esconderia por trás do sonho*). A autoanálise de Freud segue o mesmo procedimento adotado com os pacientes: vencer a resistência é expô-la, dar voz ao problema. Voltando-se para si, Freud não vê apenas o que ele diz respeito, entende também como analisar as enfermidades.

Sua autoanálise não pode estar distanciada da análise de outros indivíduos. O mesmo desmembramento que constatamos na análise do sonho *R. é meu tio* acontece em outro texto já analisado por nós, a saber: *Sobre as recordações encobridoras*. Esta obra, tal como vimos, trata de uma lembrança autobiográfica de Freud, exposta a um interlocutor fictício de 38 anos,

---

[332] Als mir der Traum im Laufe des Vormittags einfiel, lachte ich auf und sagte: Der traum ist ein Unsinn. Er lieβ sich aber nicht abtun und ging mir den ganzen Tag nach, bis ich mir endlich am Abend Vorwürfe machte: ‚Wenn einer deiner Patienten zur Traumdeutung nichts zu sagen wüβte als: Das ist ein Unsinn, so würdest du es ihm verweisen und vermuten, daβ sich hinter dem Traum eine unangenehme Geschichte vesteckt, welche zu Kenntnis zu nehmen er sich ersparen will. Verfahr' mir dir selbst ebenso; deine Meinung, der Traum sei ein Unsinn, bedeutet nur einen inneren Widerstand gegen die Traumdeutung. Laβ dich nicht abhalten'. Ich machte mich als an die Deutung." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 143.

que lhe descreve uma cena de sua infância prematura. A partir da constatação do exagero com que se apresentam os elementos sensoriais da recordação (como vimos, as flores amarelas, o sabor do pão), Freud demonstra que a cena não se refere a uma vivência ocorrida de fato entre os 2 e 3 anos, mas diz respeito a uma composição da maturidade de seu interlocutor. A análise da recordação de infância só é levada a cabo com a ajuda desse interlocutor criado por Freud: ele deve oferecer os eventos ocorridos em sua vida madura (os anseios pelo pão e pelo amor) para que a interpretação possa separar a fabricação fantástica dos fatos realmente vivenciados. Quanto à veracidade das lembranças dos anos iniciais da infância, Freud conclui que compõem, a partir dos eventos arcaicos e recentes, enigmas para onde apontam os sonhos e os sintomas. O trabalho de interpretação empreendido em *Sobre as recordações encobridoras* não é, nesse sentido, solitário, pois mesmo voltado para o próprio sujeito que analisa, pressupõe que dentro dele exista um outro para o qual são expostas as cenas fantasiadas. Se a análise traz algum saber, este não é construído unicamente por uma das partes do diálogo que ela sempre pressupõe. O conhecimento e a cura só podem ser obtidos por um *trabalho comum* (*gemeinschaftliche Arbeit*)[333] entre analista e analisando:

> O saber do médico não é o mesmo que o do enfermo, e não pode mostrar os mesmos resultados. Quando o médico transfere seu saber ao enfermo pela comunicação, esta não tem nenhum resultado. Não; seria incorreto dizer isso assim. Não tem o resultado de suprimir os sintomas, mas outro: o de pôr a análise em movimento, do qual as manifestações de contrariedade são frequentemente os primeiros sinais. O enfermo sabe, então, algo que até aqui não sabia, o sentido de seu sintoma, e, não obstante, o sabe tão pouco como antes. Sabemos assim que há mais que um tipo de ignorância.[334]

E, certamente, há mais de um tipo de saber. O médico, ao mesmo tempo em que sabe empreender a análise, ignora os eventos que jazem na memória de seu paciente; por outro lado, neste encontram-se as marcas mnêmicas de suas vivências, mas o desconhecimento do sentido de seu sintoma. Freud, em sua autoanálise, agrega em um único homem as qualidades de conhecedor e de ignorante. A análise dos seus pacientes oferece-lhe a ocasião para completar sua autoanálise e de reconhecer em si mesmo certos elementos causadores dos estados alterados. O domínio que Freud busca da teoria, da prática e da técnica analíticas só pode acontecer na medida em que o próprio analista entende a condição de analisando. A

---

[333] FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 454.

[334] „Das Wissen des Artes ist nicht dasselbe wie das des Kranken und kann nicht dieselben Wirkungen äuβern. Wenn der Arzt sein Wissen durch Mitteilung auf den Kranken überträgt, so hat dies keinen Erfolg. Nein, es wäre unrichtig, es so zu sagen. Es hat nicht den Erfolg, die Symptome aufzuheben, sondern den anderen, die Analyse in Gang zu bringen, wovon Äuβerungen des Widerspruches häufig die ersten Anzeichen sind. Der Kranke weiβ dann etwas, was er bisher nicht gewuβt hat, den Sinn seines Symptoms, und er weiβ ihn doch ebensowenig wie vorhin. Wir erfahren so, es gibt mehr als eine Art von Unwissenheit.“ FREUD, S. **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1916-17 [1915-17]), p. 291.

figura do médico tem de ser aproximada da do enfermo que, por sua vez, abandona a postura meramente passiva frente ao mal que o aflige. Acerca da recuperação de seu paciente E., escreve a Fliess em 21 de dezembro de 1899:

> Estou com *uma* alegre perspectiva. Conheces meu sonho, que promete obstinadamente a conclusão da cura de E. (dentre os sonhos absurdos), imaginas ainda o quão importante tornou-se para mim esse único paciente perseverante. Agora parece que [a cura de E.] deve realizar-se. Parece, digo com cautela, que a minha com maior certeza. Profundamente enterrada sob todas as fantasias, nós encontramos uma cena de sua época original (*Urzeit*) (anterior aos 22 meses de idade), que satisfaz a todas as exigências e na qual desembocam todos os enigmas restantes; que é tudo ao mesmo tempo: sexual, inocente, natural etc. Ainda mal ouso crer nisso. É como se Schliemann tivesse uma vez mais desenterrado a Troia tida como lendária. Além disso, o moço está despudoradamente bem. Ele me mostrou a realidade de minha doutrina no próprio corpo, com uma surpreendente volta deu a solução que me escapara de minha antiga fobia de via férrea. Para essa parte do trabalho presenteei-o até mesmo com uma imagem "Édipo e a esfinge". Minha fobia era então uma fantasia de empobrecimento, ou melhor, uma fobia de fome, dependente de minha voracidade infantil e incitada pela falta de dote de minha mulher (de quem tanto me orgulho).[335]

Mais uma vez nos vemos diante do argumento segundo o qual no processo terapêutico, a relação entre aquele que cura e aquele que é curado perde a fixidez e se estabelece tal como um jogo (*Spiel*): o médico pode assumir o papel de enfermo, e o enfermo, de sábio capaz de comprovar a realidade das doutrinas psíquicas. O analista não se encontra mais no lugar privilegiado do conhecedor e avaliador que conduz seu analisando à cura; ele próprio toma, durante a análise, o lugar de analisando. Certamente Freud só pôde chegar a esse resultado porque percebeu que o conhecimento da verdade da patologia não estaria nem unicamente no médico, nem unicamente no enfermo. Nas palavras de Maud Mannoni:

> É por ter sabido pôr o acento sobre a impotência do médico e sobre o valor de seus próprios pacientes (a quem atribuía o papel principal na análise) que Freud pôde afastar a análise da vista médica e das práticas psiquiátricas. Ele rompeu com o modo de pensamento científico de sua época construindo um instrumento de análise ao invés de um utensílio de conhecimento do objeto.

---

[335] „Ich bin nicht ohne *eine* frohe Aussicht. Du kennst meinen Traum, der trotzig die Beendigung von E.'s Kur verspricht (unter den absurden Träumen), denkst Dir wohl auch , wie wichtig mir dieser eine ausdauernde Patient geworden ist. Nun scheint es, daβ er in Erfüllung gehen soll. Scheint, sage ich vorsichtig, meine es aber mit gröβerer Sicherheit. Tief unter allen Phantasien verschüttet fanden wir eine Szene aus seiner Urzeit (vor [dem Alter von] 22 Monaten) auf, die allen Anforderungen entspricht und in die alle übriggelassenen Rätsel einmünden; die alles zugleich ist, sexuell, harmlos, natürlich etc. Ich getraue mir noch kaum, daran ordentlich zu glauben. Es ist, als hätte Schliemann wieder einmal das für sagenhaft gehaltene Troja aufgegraben. Dabei geht es dem Kerl unverschämt gut. Er hat mir die Realität meiner Lehren am eigenen Leibe gezeigt, indem er mir mit einer überraschenden Wendung die von mir übersehene Lösung meiner einstigen Eisenbahnphobie gegeben. Für dies Stück Leistung habe ich ihm sobar ein Bild ‚Ödipus und die Sphinx' zum Geschenk gemacht. Meine Phobie also war eine Verarmungsphantasie, oder besser eine Hungerphobie, von meiner infantilen Gefräβigkeit abhängig und durch die Mitgiftlosigkeit meiner Frau (auf die ich so stolz bin) hervorgerufen." FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ (1887 - 1904)**, Carta 229, p. 430. (Grifo do autor)

> A partir disso, o acento foi posto não sobre o saber, mas sobre a verdade do dizer.[336]

Ou ainda: a verdade do dizer é a verdade do saber analítico. Com isso, estreita-se a linha divisória que separa os papéis do detentor de um saber que cura daquele que desconhece os meios para se alcançar a cura. Ambos possuem a mesma natureza e o que os diferencia não é a qualidade das representações ou das instâncias psíquicas que compõem o psiquismo, mas a intensidade do afeto nelas disposta. Ao deixar para trás as teorias fisiológicas da origem da patologia, que reconheciam na natureza somático-hereditária a origem da doença, o saber analítico passa a ser construído sobre a observação atenta de cada caso particular de enfermidade, tendo a interpretação do discurso como fundamento. Não há uma fórmula pré-estabelecida para explicar o adoecimento psíquico. Cada caso terá de ser analisado segundo a singularidade das vivências às quais serão reconduzidos os sintomas. O saber acerca do homem em geral apenas dá a direção correta ao tratamento analítico, mas não constrói, por si só, a análise. Não é por acaso que Freud inicia os relatos clínicos de seus casos com o histórico do paciente. A edificação da análise é sempre feita tendo em vista relato do enfermo, e não com base no exame de diagnósticos anteriores, feitos por outros médicos. O objeto de investigação não está dado, mas tem de ser construído no decorrer do trabalho analítico. Evidentemente, o analista tem um método e um modo de proceder que constituem, em certa medida, uma espécie de saber prévio, mas para que realize sua função é preciso que considere os elementos do discurso daquele que analisa. Frente ao que se produz na análise, o analisando, como vimos, não é então uma figura meramente passiva: participa e oferece os elementos que constrói sua análise. Nessa construção ou composição dos relatos que o trabalho da análise realiza encontramos a realidade e a verdade da vida humana.

Devemos notar que, embora para Freud os estados patológico e normal tenham fundamento comum, não se pode identificar completamente ambos os estados: o analista, ao contrário dos enfermos, não se entrega involuntariamente à loucura, mas voluntária e ativamente: ele quer dominar a loucura e sabe que não pode fugir desse embate direto com ela. Na relação de Freud com o paciente, o tratamento se dará da seguinte maneira: ele deve seguir o fluxo do discurso de seu paciente para, a partir de seu interior, conduzi-lo para um novo mundo: não mais aquele universo privado que o enfermo criou para si e do qual tornou-

---

[336] « C'est pour avoir su mettre l'accent sur l'impuissance du médecin et la valeur de ses propres patients (à qui revenait le rôle premier dans l'analyse) que Freud a pu arracher l'analyse au regard médical et aux pratiques psychiatriques. Il a rompu avec le mode de pensée cientifique de son époque en construisant un instrument d'analyse plutôt qu'un outil de connaissance de l'objet. A partir de cela, l'accent était mis non sur le savoir, mais sur la vérité du dire. » MANNONI, M. **La théorie comme fiction**, p. 22.

se prisioneiro, mas um mundo compartilhado com os outros indivíduos. Para ilustrar essa relação entre o paciente e seu analista, Freud toma emprestada a obra do escritor alemão Jensen, intitulada *Gradiva*.

A construção de um delírio, de um romance, de um caso clínico

A metáfora arqueológica, a construção do olhar do investigador e o tratamento da enfermidade psíquica são examinados por Freud em *O delírio e os sonhos na "Gradiva" de W. Jensen* (1907 [1906]). A partir desta "breve novela" (*kleine Novelle*)[337], o psicanalista nos mostra que as produções poéticas têm a mesma natureza das criações oníricas e patológicas. No centro da trama descrita por Jensen encontra-se um jovem arqueólogo, Norbert Hanold. Durante seus anos de formação, Hanold vai, pouco a pouco, distanciando-se da vida e de seus gozos (*vom Leben und seinen Genüssen*). Escreve Freud: "mármore e bronze eram, para o seu sentimento, o único efetivamente vivo, o que expressava o fim e o valor da vida humana."[338] O contato com as pessoas o entediava e as únicas figuras para as quais voltava o seu olhar eram as esculpidas em pedra ou metal. Em uma coleção de antiguidades em Roma, Hanold encontra um baixo-relevo que o fascina. Alegra-se por poder levar para o seu gabinete de trabalho na Alemanha uma cópia em gesso dessa peça. O objeto é descrito por Freud da seguinte maneira:

> A imagem apresenta uma jovem moça madura caminhando; seu vestido de fartas dobras levantado do chão, de tal modo que se tornam visíveis os pés em sandálias. Um pé repousa inteiramente sobre o chão, o outro, a segui-lo, levantado do chão, toca-o apenas com as pontas dos dedos, enquanto planta do pé e calcanhar elevam-se quase verticalmente. O passo aqui apresentado, inabitual e particularmente encantador, provavelmente havia suscitado a atenção do artista e agora, depois de tantos séculos, aprisiona o olhar de nosso contemplador arqueológico.[339]

O romance desenvolve-se a partir do interesse do doutor Hanold por esse baixo-relevo. A figura que tanto lhe fascina não possuía importância arqueológica alguma; contudo, por um motivo que não podia explicar, dedicou-se à investigá-la: queria descobrir a identidade e a

---

[337] FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 34.

[338] „Marmor und Bronze waren für sein Gefühl das einzig wirklich Lebendige, den Zweck und Wert des Menschenlebens zum Ausdruck Brigende." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 39.

[339] „Das Bild stellt ein reifes junges Mädchen in Schreiten dar, welches sein reichfaltiges Gewand ein wenig aufgerafft hat, so daβ die Füβe in den Sandalen sichtbar werden. Der eine Fuβ ruht ganz auf dem Boden, der andere hat sich zum Nachfolgen vom Boden abgehoben und berührt ihn nur mit den Zehenspitzen, während Sohle und Ferse sich fast senkrecht emporheben. Der hier dargestellte ungewöhnliche und besonders reizvolle Gang hatte wahrscheinlich die Aufmerksamkeit des Künstlers erregt und fesselt nach so viel Jahrhunderten nun den Blick unseres archäologischen Beschauers." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 35.

história da personagem ali retratada. Tendo em vista o modo peculiar de caminhar dessa jovem, o arqueólogo lhe dá o nome de *Gradiva*, "a que avança" (*die Vorschreitende*)[340]. Teria ela realmente existido? Hanold é tomado pela inexplicável certeza de que o artista teria tirado o seu modelo do natural. Quem teria sido essa jovem? Onde teria habitado? O modo com que caminha só poderia encaixar-se no da filha de uma nobre família. Romana, talvez? A calma e o sossego que Hanold sente ao contemplar o seu caminhar lhe indicam que ela não poderia habitar uma grande cidade. Os indícios dados pelo objeto fazem com que Hanold finalmente situe Gradiva em Pompeia. Seu perfil grego revelaria que é de uma linhagem helênica e o seu modo de segurar o vestido, que atravessaria uma rua em um dia de chuva. "Toda sua ciência da Antiguidade", escreve Freud, "põe-se pouco a pouco a serviço destas e de outras fantasias relativas ao original do baixo-relevo."[341] A jovem entalhada na pedra vai aos poucos ganhando um novo colorido fantástico: o mármore branco começa a ganhar vida para ele.

Convencido da existência efetiva da figura esculpida e de ter delimitado com exatidão seu local de origem, põe-se em seguida o seguinte problema: "se o artista havia restituído o acontecimento do caminhar da Gradiva conforme a vida."[342] Para averiguar a "efetividade" (*Wirklichkeit*)[343] do andar retratado, passou a observar secretamente os pés das jovens donzelas que via em sua cidade alemã, caminhando em dias ensolarados e chuvosos. Sua investigação o coloca na seguinte situação: quanto mais observava o andar das moças, mais elementos tinha para recriar a imagem fantástica de Gradiva e mais se distanciava daquelas jovens que lhe serviam de base para a reconstrução de sua figura. As produções fantasiadas de Hanold o isolam tanto da ciência à qual havia se dedicado, quanto das moças que o rodeavam. Assim, quanto mais próximo nosso protagonista tentava chegar do modelo que deu origem à peça esculpida no mármore e quanto mais detalhadamente tentava reconstruir o momento preciso retratado pelo artista, mais se distanciava das figuras femininas que lhe davam os elementos para a revitalização de seu objeto de investigação. Seu apetite pelo saber não desaparece com a fantasia que cria em torno da figura que serviu de original (*Urbild*) à escultura, mas servem para a construção de um universo que apenas diz respeito a ele mesmo. "Como resultado desses estudos cuidadosos", escreve Freud, "tinha de descobrir que o andar

---

[340] FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 35.

[341] „[...] seine ganze Altertumswissenschaft stellt sich allmählich in den Dienst dieser und anderer auf das Urbild des Reliefs bezüglichen Phantasien." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 36.

[342] „ob der Künstler den Vorgang des Ausschreitens bei der Gradiva dem Leben entsprechend wiedergegeben habe." JENSEN, W. **Gradiva: Ein pompejanisches Phantasiestück**. Dresden/Leipzig, s. ed., 1903, p. 9 apud FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 36.

[343] FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 35.

de Gradiva não era comprovado na efetividade, o que o enchia de lástima e desgosto."[344] Para o psicanalista, a relação entre a investigação que o arqueólogo faz do modo de caminhar das jovens que vê ao seu redor e sua erudição sobre a Antiguidade constroem em torno do baixo-relevo uma história que só faz sentido ou que apenas é sentida por Hanold: o passado de Gradiva e o seu lugar de origem aparecem diante dele segundo os mesmos processos pelos quais são feitos os sonhos noturnos e as fantasias diurnas dos enfermos. Esta figura é composta por elementos de um passado longínquo (o mármore esculpido) e do presente do protagonista (sua erudição arqueológica e a observação dos pés das jovens em movimento); refazer esses passos e essa história é, para Hanold, recuperar na memória sua própria história esquecida. A criação da cena fantasiada e a certeza de ter vivenciado a trajetória de Gradiva se completam com o sonho de que:

> [...] transportou-se à antiga Pompeia no dia da erupção do Vesúvio e foi testemunha da destruição da cidade. "Como estava em frente ao fórum, perto do templo de Júpiter, via inesperadamente Gradiva pouco diante de si; até ali não tinha pensado que ela pudesse estar neste lugar, mas agora compreendia de uma só vez e como natural que ela fosse uma pompeiana, que vivesse em sua cidade natal e, *sem que ele pressentisse, contemporânea a ele*" (G., pág. 12). O medo pelo destino que estava para suceder a ela arrancou dele uma advertência, para quem a aparição, que tranquilamente afastava-se, voltou o seu rosto. Mas em seguida, prosseguiu indiferente seu caminho até o pórtico do templo, sentou-se ali em um dos degraus da escada e assentou lentamente a cabeça sobre ele, enquanto que seu rosto perdia mais e mais a cor, como se se transmudasse em branco mármore. Quando ele aproximou-se correndo, encontrou-a deitada sobre o largo degrau, como dormindo com expressão serena, até que a chuva de cinzas sepultou sua figura.[345]

O sonho é o ponto de contato entre a figura esculpida no mármore e o arqueólogo que a contempla. Na fantasia, passado e presente se encontram e compõem uma única cena. Em sua imaginação, o arqueólogo vê sua Gradiva em Pompeia, presencia o seu soterramento, sua destruição e morte. Ele, contudo não é perecível: as cinzas que cobrem a jovem não o atingem. Hanold, em sonho, vaga tal como um fantasma pela cidade em vias de

---

[344] „Als Ergebnis dieser sorgfältigen Studien muβte er finden, daβ die Gangart der Gradiva in der Wirklichkeit nicht nachzuweisen war, was ihn mit Bedauern und Verdruβ erfüllte." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 36-37.

[345] „[...] ihn in das alte Pompeji am Tage des Vesuvausbruches versetzte und zum Zeugen des Unterganges der Stadt machte. ‚Wie er so am Rande des Forums neben dem Jupitertempel stand, sah er plötzlich in geringer Entfernung die Gradiva vor sich; bis dahin hatte ihn kein Gedanke an ihr Hiersein angerührt, jetzt aber ging ihm auf einmal und als natürlich auf, daβ sie ja eine Pompejanerin sei, lebe sie in ihrer Vaterstadt und, *ohne daβ er's geahnt habe, gleichzeitig mit ihm*'. (G. p. 12.) Angst um das ihr bevorstehende Schicksal entlockte ihm einen Warnung, auf den die gleichmütig fortschreitende Erscheinung ihm ihr Gesicht zuwendete. Sie setzte aber dann unbekümmert ihren Weg bis zum Portikus des Tempels fort, setzte sich dort auf eine Treppenstufe und legte langsam den Kopf auf diese nieder, während ihr Gesicht sich immer blasser färbte, als ob es sich zu weiβem Marmor umwandelte. Als er nacheilte, fand er sie mir ruhigem Ausdruck wie schlafend auf der breiten Stufe hingestreckt, bis dann der Aschenregen ihre Gestalt begrub." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 37.

desaparecimento. A morte fantasiada da moça, ou em outras palavras, a transformação de Gradiva em mármore branco faz do cientista o escultor da Gradiva. Mas, o mármore branco não é o único material a ser trabalhado: as recordações de Hanold são a matéria bruta a ser recomposta pela visão da figura encontrada na coleção romana de antiguidades. Também nele algo havia sido petrificado: sua ciência o havia distanciado da vida, seu olhar voltava-se apenas para o passado, para as ruínas inertes da Antiguidade, para uma língua há muito tempo morta. Esse passado inerte era novamente chamado à vida não por sua ciência, pois esta não lhe servia para apreender as coisas "com a alma, o ânimo, o coração."[346] A vida que nele animava os restos da Antiguidade e lhe oferecia uma recordação (*Erinnerung*) fictícia do passado era impulsionada pelo que havia nele de mais íntimo (*innere*). Tal como a recordação encobridora analisada por Freud, os fragmentos do passado remoto eram novamente animados pelo desejo do protagonista e, assim, recompostos em sua fantasia.

Ao acordar do estranho sonho com Gradiva, convence-se de que um evento do passado efetivo teria aparecido diante de seus olhos , isto é, que Gradiva definitivamente teria vivido em Pompeia há mais de 1800 anos e que teria sido soterrada na erupção do Vesúvio. Nesse momento, vê passar em frente à sua janela a figura de seus sonhos: não mais como uma mera recordação, mas como um espectro dos mortos. O protagonista corre para encontrá-la, mas ela já havia desaparecido. Hanold vê aí um sinal para encontrar Gradiva não mais em sonho, mas na efetividade (*Wirklichkeit*): decide então empreender uma viagem à Pompeia, onde julga poder encontrá-la e reencenar sua morte.

Ressuscitada, Gradiva não é contemporânea de Hanold apenas em sonho; o próprio sonho tornou-se efetivo e "elevou-se a um delírio que ganhava influência sobre seu proceder."[347] A ciência que o havia excluído da vida agora lhe oferece a chance de reencontrá-la: Hanold vive um sonho cientificamente construído. "Pois", escreve Freud, "talvez a natureza tenha posto em seu sangue com benévolo propósito um corretivo absolutamente não científico, uma fantasia extremamente viva, que pôde fazer valer não apenas em sonhos, mas também muitas vezes na vigília."[348] É, assim, em um reino fantástico e delirante que o protagonista busca sua figura de mármore revivificada.

---

[346] „[...] mit der Seele, dem Gemüt, dem Herzen." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p.41.

[347] „[...] zu einem Wahn erhob, der auf sein Handeln Einfluβ gewann." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 39.

[348] „Doch hatte vielleicht in wohlmeinender Absicht die Natur ihm ein Korrektiv durchaus unwissenschaftlicher Art ins Blut gelegt, eine überaus lebhafte Phantasie, die sich nicht nur in Träumen, sondern auch oft im Wachen zur Geltung bringen konnte." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 39.

Hanold parte então para Pompeia, cidade que, semelhantemente ao seu delírio, é feita de fragmentos de um passado longínquo. Seus habitantes: seres petrificados pelo Vesúvio; sua língua: fixada em inscrições antigas. Ao contrário de Roma, cujos restos da Antiguidade convivem com construções medievais, renascentistas e modernas e onde o observador pode ver, em uma convivência harmônica, as ruínas do passado e as edificações do presente compondo uma só cidade[349], Pompeia, trazida à luz muitos séculos depois de seu soterramento, guarda a imagem preservada do passado. A viagem que Hanold realiza é um deslocamento rumo ao passado e às profundezas em busca de uma figura esquecida. Ao chegar ao seu destino, Hanold vaga pela cidade. Ao meio-dia, momento sagrado considerado pelos antigos como a "hora dos espíritos" (*Geisterstunde*)[350], os visitantes refugiavam-se do sol e o protagonista encontra-se só em meio às ruínas desertas de Pompeia; era o "único ser vivo" (*einzig Lebendiger*) "entre os despojos do passado, não para ver com os olhos corporais e não para ouvir com os ouvidos carnais. Então... acordavam os mortos e Pompeia vivia novamente."[351] Hanold não necessita de espectadores, ou antes, quer se manter a distância de qualquer olhar intruso. Seu delírio não é compartilhado por nenhuma outra pessoa e ele vaga em meio aos objetos inertes do passado e aos espíritos dos mortos. Sua fantasia não se destinava a ser encenada publicamente: Pompeia é o palco para o qual o protagonista retorna, agora não mais em sonho, para atuar sozinho em seu mundo fantástico.

E eis que em meio aos objetos inertes da Antiguidade e sob o sol do meio-dia surge Gradiva. Hanold não estava ali para ver nem para escutar com os órgãos corporais; o que ele vê e ouve é *interpretado*[352] como a aparição de um espectro e seu delírio segue livre curso. O protagonista tenta uma primeira aproximação e dirige-se à moça em uma língua que, para ele, seria mais apropriada do que o seu idioma: tenta primeiro o grego, mas ela nada responde; arrisca então o latim, e ela finalmente lhe dirige a palavra, não em uma língua morta, mas na língua de Hanold: "se quiserdes falar comigo, é preciso fazê-lo em alemão."[353] O protagonista, arrebatado por seu desejo, pede para que a moça repita a cena vista por ele em seu sonho. Mas ela, assustada com tal atitude, corre rapidamente para o meio das colunas do átrio que ladeiam o pórticos e desaparece. Neste momento, uma borboleta se aproxima de

---

[349] Cf. FREUD, S. **Das Unbehagen in der Kultur** (1930 [1929]), p. 426 et seqs.
[350] FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 40.
[351] „[...] zwischen den Überresten der Vergangenheit [...], um nicht mit dem körperlichen Augen zu seheh und nicht mit dem leiblichen Ohren zu hören. Dann... wachten die Toten auf und Pompeji fing an, wieder zu leben." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 41.
[352] Cf. FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 44.
[353] „Wenn Sie mit mir sprechen wollen, müssen Sie's auf Deutsch tun." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 43

Hanold e é interpretada por ele como uma mensagem do Hades para que Gradiva retorne ao mundo dos mortos. Apesar do desaparecimento da jovem, o protagonista não desiste de entrar em contato com ela e, no dia seguinte, volta ao mesmo local com a esperança de revê-la. Em seu novo encontro com a jovem algo se transforma em seu delírio. Ele consegue uma maior comunicação com Gradiva e ela expressa curiosidade acerca dos detalhes da fantasia da qual fazia parte. A jovem percebe a insanidade do protagonista e deliberadamente dá materialidade àquilo que ele lhe relata. Ela passa a atuar no mundo fantástico de Hanold tal como se fosse a jovem que serviu de modelo para o baixo-relevo. "Manifestamente", escreve Freud, "ela entra em seu delírio, cuja extensão total ela tira dele com meiguice, sem contradizê-lo."[354] Ao encarnar o objeto idealizado por Hanold e apresentá-lo efetivamente diante dos olhos do protagonista, Gradiva joga o jogo do delírio do protagonista – em seu teatro privado – e o obriga a comparar sua produção fantástica à imagem que tem diante de si. Hanold começa a desconfiar, ainda que de modo insípido, da revivificação de Gradiva. A partir do interior do delírio do protagonista, Gradiva consegue transportá-lo de volta à efetividade sem contradizer seu jogo. Nas palavras de Freud: "Se a jovem dama em cuja figura reviveu novamente Gradiva admite tão plenamente o delírio de Hanold, é provável que o faça para libertá-lo dele. Não há outro caminho para isso; pela contradição obstrui-se a possibilidade."[355]

Ao ter diante dos olhos a jovem, Hanold é obrigado a constatar algumas incompatibilidades entre a imagem criada por seu delírio e a encontrada em Pompeia. Poderia ele comprovar na própria Gradiva o caminhar que não havia conseguido observar nas jovens alemãs? Assim como falhou em suas primeiras observações, também sua Gradiva não andava tal como a retratada no baixo-relevo; além disso, os sapatos usados pela Gradiva que se apresentara em Pompeia, a saber: de couro fino, cor areia, não concordavam com as sandálias da figura em mármore. E assim também a língua falada por ela: não aquela extinta há muitos séculos, mas um idioma contemporâneo e, coincidentemente, o mesmo do do protagonista. A série de inadequações se completa quando finalmente Gradiva revela seu verdadeiro nome: Zoe. Freud reproduz o espanto de Hanold com as palavras do autor:

> "O nome te cai muito bem, mas me soa como uma amarga ironia, pois Zoe quer dizer a vida". "Tem-se de conformar-se com o inalterável – replica ela –, e há muito tempo já que me acostumei a estar morta". Com a promessa de

---

[354] „Offenbar geht sie auf seinen Wahn ein, dessen ganzen Umfang sie ihm entlockt, ohne je zu widersprechen." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), pp. 45-46

[355] „Wenn die Junge Dame, in deren Gestalt die Gradiva wieder aufgelebt ist, Hanolds Wahn so voll aufnimmt, so tut sie es wahrscheinlich, um ihn von ihm zu befreien. Es gibt keinen anderen Weg dazu; durch Widerspruch versperrte man sich die Möglichkeit". FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 46.

> estar amanhã novamente ao meio-dia no mesmo local, despede-se dele depois de pedir o ramo de asfódelos [segundo os antigos, flores do mundo subterrâneo]. "Àqueles que estão em melhor condição, presenteia-se rosas na primavera; todavia para mim, da tua mão, a correta é a flor do esquecimento (*G*, p. 90)."[356]

Gradiva é aquela que traz Hanold de volta à vida, mas para isso, ele tem de revolver seu próprio mundo subterrâneo. Para isso, Zoe, jovem alemã e antiga conhecida de Hanold, entra em sua loucura para salvá-lo. Ao contrário do protagonista, que se entrega involuntariamente às suas criações, Zoe entra voluntária e ativamente no mundo privado de seu amigo e atua ali para trazê-lo de volta à comunidade dos homens: ela se apresenta num primeiro momento como a Gradiva revivificada e aos poucos frustra as expectativas do protagonista, sem contradizê-lo. Para salvar o amigo, Zoe faz-se passar por Gradiva e entra no delírio de Hanold e o explora exaustivamente até que ele se torne evidente para aquele que o cria. O delírio vai assim, peça por peça, perdendo a sua força. Zoe, sem se opor ao discurso de Hanold, usa-o como um antídoto contra a sua enfermidade. Ela aparece com a intenção de lhe devolver a vida da qual por muito tempo havia se esquivado. Preso às figuras inertes do passado, ao protagonista é dada a chance de retomar, com o auxílio de Zoe, o controle de seu próprio destino. "Nosso herói", escreve Freud, "começa a levantar-se de sua humilhação e a desempenhar um papel *ativo*."[357]

No final da novela seguem-se os esclarecimentos: Zoe Bertgang e Norbert Hanold foram companheiros de jogos na infância e residiam na mesma cidade alemã, motivo pelo qual o protagonista avistou-a pela janela de sua residência. Encontra-se em Pompéia por mera coincidência: seu pai, zoólogo, caçava certos lagartos na região do Vesúvio; ali, descobre o seu velho companheiro de jogos. A solução do enigma proposta pelo autor é, segundo Freud, tão simples e evidente quanto os casos encontrados em sua clínica: Zoe era uma criança solitária; sem mãe ou irmãos, e tendo na figura do pai alguém distante, que se mostrava mais interessado por uma cobra cega em um vidro com álcool do que por sua filha, toma o pequeno Norbert como seu único companheiro. Mas quando a ciência da Antiguidade começa a modificar todo o seu ser e o isola do convívio social, Hanold transformou-se, diz Zoe, em um homem insuportável (*unausstehlicher Mensch*), "que, ao menos para mim, não tinha mais

---

[356] „ ‚Der Name steht dir schön ans, aber er klingt mir als ein bitterer Hohn, denn Zoë heiβt das Leben.' – ‚Man muβ sich in das Unabänderliche fügen,' entgegnet sie, ‚und ich habe mich schon lange daran gewöhnt, tot zu sein.' Mit dem Versprechen, morgen um die Mittagsstunde wieder an demselben Orte zu sein, nimmt sie von ihm Abschied, nachdem sie sich noch die Asphodelosstaude von ihm erbeten. ‚Solchen, die besser daran sind, gibt man im Frühling Rosen, doch für mich ist die Blume der Vergessenheit aus deiner Hand die richtige.' (G. p. 90.)" FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 46.

[357] „Unser Held beginnt sich aus seiner Demütigung zu erheben und eine aktive Rolle zu spielen." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 63. (Grifo nosso)

olhos na cabeça, nenhuma língua na boca, nenhuma recordação daquilo que em mim permaneceu assentado em nossa amizade de crianças."[358] A jovialidade e a vitalidade infantil de Hanold extinguiram-se com os seus estudos e, com isso, ele próprio transformou-se em um objeto inerte e, ao mesmo tempo, tão grandioso quanto os monumentos e fósseis da Antiguidade. O protagonista, segundo Freud, havia se tornado um objeto estático, contudo, sua magnitude não havia diminuído: as criações de Hanold concordavam com a grandiosidade e com a fixidez de seu espírito. Seu delírio, igualmente monstruoso e belo, chegou ao ponto de considerar Zoe como algo a ser exumado em uma Pompeia fictícia.

Para Freud, Zoe é o exemplo da tarefa que o analista tem de enfrentar: sem temer a enfermidade de seu paciente e sem se perder nos meandros dela, o analista entra no jogo das criações do enfermo e, a partir de seu interior, conduz o enfermo para o mundo humano. Essa comparação entre a personagem de Jensen e o analista é descrita por Freud da seguinte maneira: "Também o tratamento sério de um tal estado patológico efetivo não poderia fazer de outro modo senão situar-se imediatamente no terreno do edifício ilusório e então explorá-lo o mais completamente possível."[359] O analista, tal como Zoe, não pode temer o delírio, tampouco fazê-lo calar; o enfermo, encerrado em seu teatro privado, oferece ao analista a ocasião para compreender o que há de mais universal na vida anímica. Escreve Freud em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente*:

> O interesse do psiquiatra prático por tais formações delirantes esgota-se, geralmente, quando ele determinou a produção do delírio e julgou a sua influência sobre a condução da vida do doente; sua admiração não é o começo de seu entendimento. O psicanalista traz consigo, de seu conhecimento da psiconeurose, a conjectura de que também formações de pensamento tão singulares, tão distantes do pensar habitual dos homens, resultaram das mais universais e inteligíveis moções da vida anímica, e gostaria de conhecer os motivos e os caminhos dessa transformação. Com esse propósito, mergulhará de bom grado na história do desenvolvimento assim como nos detalhes do delírio.[360]

---

[358] „[...] der, wenigstens für mich, keine Augen mehr im Kopf, keine Zunge mehr im Mund und keine Erinnerung mehr da hatte, wo sie mir an unsere Kinderfreundschaft sitzen geblieben war." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 57.

[359] „Auch die ernsthafte Behandlung eines wirklichen solchen Krankheitszustandes könnte nicht anders, als sich zunächst auf den Boden des Wahngebäudes stellen und dieses dann möglichst vollständig erforschen". FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 47.

[360] „Das Interesse des praktischen Psychiaters na solchen Wahnbildungen ist in der Regel erschöpft, wenn er die Lebensführung des Kranken beurteilt hat; seine Verwinderung ist nicht der Anfang seines Verständnisses. Der Psychoanalytiker bringt von seiner Kenntnis der Psychoneurosen her die Vermutung mit, daβ auch so absonderliche, so weit von dem gewohnten Denken der Menschen abweichende Gedankenbildungen aus den allgemeinsten und begreiflichsten Regungen des Seelenlebens hervorgegangen sind, und möchte die Motive wie die Wege dieser Umbildung kennen lernen. In dieser Absicht wird er sich gerne in die Entwicklungsgeschichte wie in die Einselheiten der Wahnes vertiefen." FREUD, S. **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoide)** (1911b [1910]), p. 250.

A jovem Zoe entra em cena para dar voz à loucura de Hanold e, a partir de seu interior, tornar seu delírio compartilhável e comunicável. Ao compartilhar o delírio do protagonista, também sua própria história de vida torna-se clara e compartilhável. Deste modo, o desenredo do delírio de Hanold é, ao mesmo tempo, o esclarecimento da história de vida de Zoe: de como não tendo mãe ou ninguém mais em sua família voltou todo o seu amor para o pai, que não o retribuiu, de como foi obrigada a investir seu amor no companheiro de jogos de infância, que, assim como seu pai, foi mais fiel à ciência que a ela. Entrar no delírio de seu amigo e trazê-lo novamente à vida é, também para ela, "reencontrar o pai no amado, com o mesmo sentimento abraçar a ambos ou, como podemos dizer, identificar a ambos em seu sentir."[361]

O psicanalista, como vimos, tem muito a esclarecer sobre sua própria história ao esclarecer a história de vida de seu paciente. A análise é a possibilidade de rompimento com o passado que insiste em voltar à vida e a retomada da existência presente. A vida não é, assim, o construto de um único indivíduo, mas, fruto da ação conjugada de um indivíduo com outro. A possibilidade de o analista entrar no delírio de seu paciente mostra-nos que há, também em seu mundo privado, algo que pode ser compartilhado e universalizado. Esse solo comum não está exposto na superfície da consciência, mas encontra-se enterrado no mais profundo substrato do inconsciente. Sabemos que mesmo se fosse possível esgotar a censura que vigora entre o inconsciente e o pré-consciente, a análise não tornaria a alma translúcida à vista do seu investigador. O conteúdo inconsciente é refratário à exposição total; ele não pretende comunicar nada. Mas se Freud toma como objeto de investigação o conteúdo inconsciente e as leis que vigoram em seu funcionamento, como expor em palavras esse fundo ao mesmo tempo incomunicável e comum a todos os homens? Assim como não podemos ter memória da infância mais remota, base da normalidade ou da patologia, assim também o homem atual não pode ter lembrança alguma de sua época originária (*Urzeit*), que chega até nós, tal como as recordações encobridoras da infância, na forma das sagas e mitos das nações. Escreve Freud em *Psicopatologia da vida cotidiana*:

> [...] dessas recordações de infância mais remotas não possuímos o traço mnêmico real e efetivo, mas uma elaboração posterior dela, uma elaboração que experimentou os influxos de múltiplos poderes psíquicos posteriores. Portanto, as 'recordações de infância' dos indivíduos chegam com total universalidade a adquirir o significado de algumas 'recordações

[361] „[...] in Geliebten den Vater wiederzufinden, mit dem gleichen Gefühl die beiden zu umfassen oder, wie sagen können, die beiden in ihrem Fühlen zu identifizieren." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), pp. 58-59.

> encobridoras', e desse modo cobram notável analogia com as recordações de infância dos povos, consignados em sagas e mitos.[362]

O trecho acima citado apresenta uma ideia de extrema importância para Freud: de acordo com o psicanalista, há uma relação análoga entre as recordações infantis de um indivíduo e aquelas dos povos registradas nos mitos e sagas. A narrativa mítica permite então que se pense o vínculo existente entre o que é mais particular em um homem e aquilo que pertence ao gênero humano como um todo. O personagem mítico pode ser visto como sendo *o* homem sem, no entanto, deixar de ser cada um de nós em particular, na medida em que sua história é a da infância de todos nós. Nesse sentido, nada melhor do que um mito para expor o elemento comum compartilhado por todos os homens. Por esse mesmo motivo, não é de estranhar que Freud encontre em uma figura mítica a melhor exposição do que seria o *homem universal*, personagem que "satisfaz a todas as exigências e no qual desembocam todos os enigmas", a saber: Édipo.

Édipo: a ideia de um homem universal e o modelo para a reconstrução da vida

A análise das obras literárias, assim como o procedimento que faz de personagens e de histórias de poetas, dramaturgos e romancistas um modo de ilustrar e de construir o pensamento psicanalítico não é raro na obra freudiana. Lessing, Goethe, Heine, Shakespeare e, como acabamos de ver, Jensen são alguns dos escritores aos quais Freud recorre quando busca uma imagem ou elemento para alguma ideia ou argumento que procura desenvolver. Em meio a eles está Sófocles ou, mais precisamente, sua peça *Édipo Rei*. A importância que o protagonista dessa peça literária adquire como expressão de algo fundamental para a psicanálise começa a se evidenciar já nas cartas que Freud dirigia a Fliess, no final da década de 1890[363], e se torna cada vez mais explícita no decorrer de sua obra. Mas o que exatamente faz desse personagem de uma tragédia antiga uma imagem tão especial, o que faz dele, acima de qualquer outra figura da literatura ou cultura humanas, um elemento essencial para o projeto psicanalítico de Freud, então em pleno desenvolvimento?

---

[362] „[...] wir in den sogenannten frühesten Kindheitserinnerungen nicht die wirkliche Erinnerungsspur, sondern eine spätere Bearbeitung derselben besitzen, eine Bearbeitung, welche die Einflüsse mannigfacher späterer psychischer Mächte erfahren haben mag. Die ‚Kingheitserinnerungen' der Individuen rücken so ganz allgemein zur Bedeutung von ‚Deckerinnerungen' vor und gewinnen dabei eine bemerkenswerte Analogie mit den in Sagen und Mythen niedergelegten Kindheitserinnerungen der Völker." FREUD, S. **Zur Psychopathologie des Alltagslebens** (1901), p. 56.

[363] Segundo a tradução argentina, a carta em que Freud possivelmente menciona pela primeira vez os impulsos hostis contra o pai e o amor pela mãe data de 31 de maio de 1897. A referência à peça de Sófocles aparece em sua correspondência cinco meses depois, em 15 de outubro de 1897. Cf. FREUD, S. **Obras completas**, AE, I, p. 296.

No capítulo V de *A interpretação dos sonhos*, em que Freud trata do material e da fonte dos sonhos, a tragédia de Sófocles é o *arrimo* (*Unterstützung*)[364] que sustenta a ideia de que os sonhos são motivados por desejos sexuais infantis. Os sonhos podem ser reconduzidos a uma aspiração despertada na infância, a qual, por mais que soterrada pela censura moral, não perde sua força. Mas, pergunta-se Freud, e os sonhos que têm como tema a morte de entes queridos? Esses sonhos tão comuns e tão temíveis pertenceriam, para o horror daquele que sonha, ao conjunto de desejos despertados na infância? Para isso, eles devem satisfazer a seguinte exigência: despertar o afeto de dor daquele que sonha. A indiferença diante da visão da morte de uma pessoa querida não tem como origem o desejo de morte dessa pessoa. Neste caso, a apresentação da morte é apenas o disfarce por trás do qual um outro desejo se esconde.

As cenas de morte que nos aterrorizam em sonhos encontram-se entre as apresentações típicas, isto é, que podem ser interpretadas sem que aquele que sonha forneça muitos elementos particulares de suas vivências. Ora, se eles podem mesmo ser interpretados sem a ajuda daquele que sonha, devem ser motivados por um desejo tão típico quanto o sonho que o apresenta. Assim, devem ser reconduzidos a algo que não esteja inscrito na memória de apenas alguns indivíduos, mas de todos os homens. Sua interpretação deve trazer à superfície os motivos que despertaram o desejo de morte e que se remetem a um passado vivenciado por todos os indivíduos. Nesse sentido, os sonhos cujo objeto é a cena da morte de um ente querido são importantes para Freud na medida mesma em que significam um passado comum a todos os seres humanos.

Como sabemos, as vivências dos primeiros anos de vida somente podem ser retomadas pelo adulto por meio de uma reconstrução. Elas não correspondem à efetividade dos fatos, mas à produção que mescla os eventos do passado, do presente e as expectativas e desejos futuros do indivíduo. A infância à qual Freud se refere aparece em primeiro plano apenas graças à análise das fantasias do adulto. A criança descrita em seus textos não é senão um construto para o qual apontam os sentidos dos sonhos, a saber: o que está no fundo, no inconsciente, no passado esquecido. As imagens oníricas são a chave para se reconstruir o início da história do indivíduo; início este em que pouco conta a materialidade dos fatos, já que o julgamento de realidade baseia-se no critério do prazer. Sobre isso, escreve Freud em *Sobre a história do movimento psicanalítico* (1914b):

> Minhas colocações sobre a sexualidade da criança se fundaram no começo quase exclusivamente nos resultados da análise de adultos que retrocediam ao passado. Faltou-me a ocasião para observações diretas em crianças. Por

[364] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 267.

> isso, foi um triunfo extraordinário quando, anos depois, consegui confirmar a maior parte pela observação direta e pela análise de crianças em idade muito prematura.[365]

As fantasias relatadas na clínica dão a Freud o material sobre o qual é possível reconstruir uma série de vivências que se remetem ao início da vida dos seres humanos, carregadas de uma realidade fundamentada sobre o prazer. A reconstrução analítica das recordações do passado é, assim, análoga às produções fantasiadas dos enfermos. E quais seriam os eventos do início da história dos seres humanos que a análise dos adultos revela? A interpretação de sonhos possibilitou encontrar enterrado no cerne de todos os corações a hostilidade contra aquele que estorva a relação entre a criança e o seu objeto de amor. Ao lado dos sonhos, as recordações de infância expressam, de modo disfarçado, o desejo de eliminar, de mandar embora aquele que compete no amor. Como vimos no capítulo anterior, Goethe narrou em sua autobiografia o arremesso da louça da casa na rua, evento ocorrido na mesma época da chegada de seu irmão mais novo; este relato coincidia com o dos pacientes de Freud, que realizaram a mesma ação para simbolizar a partida do intruso. A confirmação dos resultados analíticos é feita mediante a observação de uma criança de pouca idade, que pertencia ao convívio pessoal do psicanalista e que, ao se irritar com o seu brinquedo, jogou-o longe dizendo "vai à guerra!", numa clara referência ao pai então em combate. A criança não demonstrava interesse pelo pai e expressava o desejo de que ele nunca mais voltasse a fim de não atrapalhar sua relação de amor com a mãe. Ao mesmo tempo em que analisa esses casos, o psicanalista percebe que ele mesmo nutria desejos similares aos dos seus pacientes. Em uma carta de 3 de outubro de 1897 escreve que por meio da autoanálise chega ao fundamento do que há de intenso e neurótico em suas amizades:

> [...] que recebi meu irmão, um ano mais novo (que morreu com poucos meses) com desejos maus e ciúmes infantis genuínos e que desde sua morte permaneceu em mim o germe das repreensões. Reconheço também, há muito tempo, os companheiros de minhas maldades entre 1-2 anos, é um sobrinho, cerca de um ano mais velho, agora em Manchester, que quando eu tinha 14 anos nos visitou em Viena. Ambos aparecemos, ocasionalmente, ocupar-nos cruelmente com a sobrinha, cerca de um ano mais nova. Este sobrinho e esse irmão mais novo determinam agora o neurótico, mas também o intensivo, em todas as minhas amizades.[366]

---

[365] „Meine Aufstellungen über die Sexualität des Kindes waren anfangs fast ausschlieβlich auf die Ergebnisse der in die Vergangenheit rückschreitenden Analyse von Erwachsenen begründet. Zu direkten Beobachtungen am Kinde fehlte mir die Gelegenheit. Es war also ein auβerordentlicher Triumph, als es Jahre später gelang, den gröβten Teil des Erschlossenen durch direkte Beobachtung und Analyse von Kindern in sehr frühen Jahren zu bestätigen [...]." FREUD, S. **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung** (1914b), p. 56-57.

[366] „[...] daβ ich meinen ein Jahr jüngeren Bruder (der mit wenigen Monaten gestorben) mit bösen Wünschen und echter Kindereifersucht begrüβt hatte und daβ von seinem Tod der Keim zu Vorwürfen in mir geblieben ist. Auch den Genossen meiner Untaten zwichen 1-2 Jahren kenne ich längst, es ist ein um ein Jahr älterer Neffe,

A autoanálise de Freud, que como sabemos foi levada a cabo com seus próprios sonhos, permitiu-lhe reconstruir a história que se encontrava enterrada dentro dele: também ele teve em sua primeira infância ciúmes do irmão e desejou a sua morte, que aconteceu prematuramente. A hostilidade não se restringia nessa época apenas àquele pequeno ser que competia pelo amor da mãe (ao irmão), mas também à sobrinha[367] e, segundo o relato de uma carta datada de 21 de setembro de 1897, ao seu pai[368]. Ter desejado a morte de seu progenitor, bem como a de seu irmão, mais as crueldades que tinham na sobrinha o alvo compõem o que há de patológico e intenso em suas relações na idade adulta.

Tal como em Freud, também nos enfermos a relação com os pais desempenham o "papel principal" na determinação do patológico e do intenso e, prefixada ainda na infância, mostra-se imodificável no enfermo adulto. Escreve Freud no *Manuscrito N*: "os impulsos hostis contra os pais (desejo de que morram) são, de igual modo, uma parte integrante da neurose. [...] Parece como se este desejo de morte se voltasse nos filhos contra o pai, e nas filhas contra a mãe."[369] Os sonhos típicos evidenciam assim um fato da vida de todos os seres humanos: o amor por um dos membros do casal (em geral do sexo oposto) e o ódio pelo outro. Contudo, se a antiga relação com os pais é determinante para a vida anímica dos adultos enfermos, ela não é exclusiva destes indivíduos. Freud escreve:

> Mas não creio que os psiconeuróticos se distingam rigorosamente nisso de outras crianças que permanecem normais, que possam criar algo absolutamente novo e próprio deles. Muito verossímil e apoiado por observações ocasionais de crianças normais é que aqueles apenas nos dão a conhecer, por amplificação, esses desejos apaixonados e hostis contra seus pais, que acontecem com inferior distinção e menor intensidade na alma da maioria das crianças.[370]

---

jetzt in Manchester, der, als ich 14 Jahre war, uns in Wien besuchte. Mit der um ein Jahr jüngeren Nichte scheinen wir beide gelegentlich grausam umgegangen zu sein. Dieser Neffe und dieser jüngere Bruder bestimmen nun das Neurotische, aber auch das Intensive an allen meinen Freundschaften." FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ (1887-1904)**, Carta 141, p. 288-89.

[367] Para Freud, a agressão (*Aggression*) é o um dever que não pode faltar no jogo de amor do menino (*Liebesspiel*) e faz parte da conquista amorosa. Cf. FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), pp. 58-59.

[368] Cf. FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ (1887-1904)**, Carta 139, p. 283.

[369] "Die feindseligen Impulse gegen die Eltern (Wunsch, daβ sie sterben mögen) sind gleichfalls ein integrierender Bestandteil der Neurose. [...] Es scheint, als ob dieser Todeswunsch bei den Söhnen sich gegen den Vater, bei den Töchtern gegen die Mutter kehren würden." FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Flieβ (1887-1904)**, 31 de maio de 1897, Carta 129, p. 267.

[370] „Ich glaube aber nicht, daβ die Psychoneurotiker sich hierin von anderen normal verbleibenden Menschenkindern scharf sondern, indem sie absolut Neues und ihnen Eigentümliches zu schaffen vermögen. Es ist bei weitem wahrscheinlicher und wird durch gelegentliche Beobechtungen an normalen Kindern unterstützt, daβ sie auch mit diesen verliebten und feindseligen Wünschen gegen ihre Eltern uns nur durch die Bergröβerung kenntlich machen, was minder deutlich und weniger intensiv in der Seele der meisten Kinder vorgeht." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 267.

A vida afetiva dos enfermos não nos apresenta algo inteiramente novo, mas temas bastante conhecidos por todos os indivíduos desde a infância. Uma vez que uma parte da alma dos enfermos fixa-se a objetos e modos de satisfação do passado, a patologia deixa ver, de modo ampliado, o que na infância era móvel e passageiro. Mas mesmo que exponha esse fundo comum a todos os indivíduos como em uma foto antiga e ampliada, as enfermidades não estão livres da ação da censura e da recondução dos sintomas à história particular de determinação da patologia. As construções patológicas compõem, como vimos, cenas que o indivíduo quer esconder do olhar de um terceiro, com as quais monta o seu *teatro privado*. Se a psicanálise pretende qualificar-se como ciência, ela deve alcançar não apenas o que há de enfermo nos homens, mas também o que há de comum a todos eles. A questão é então colocada: onde encontrar uma cena que apresente essa universalidade? O que poderia tocar, ao mesmo tempo, o coração de todos os indivíduos? Para Freud, apenas o poeta pode expressar, de modo coerente e comunicável, os sonhos mais particulares dos homens. A psicanálise, como ciência, não busca uma expressão singular da natureza humana; ao contrário, ela deve ser capaz de expô-la com o mínimo de constrangimento da censura que aflige o homem adulto. Ela não pode, portanto, expressar o sentido das produções psíquicas atuais; deve poder dizer, aos moldes do passado, a verdade inconsciente e não particularizada. Freud encontra na figura de Édipo, cuja ação é narrada por Sófocles, o modelo do homem universal.

No capítulo anterior, vimos que quanto maior é a excitação do desejo, menor precisam ser os traços de reconhecimento que compõem o objeto da satisfação. Se, tal como supõe Freud, a peça da antiguidade expõe um desejo fundamental e nunca completamente satisfeito, ela pode compor seu herói com os traços mínimos de particularização. Ao comparar as tragédias de destino modernas com a antiga, escreve Freud em *A interpretação dos sonhos*:

> *Édipo rei* é uma das chamadas tragédias de destino; sua ação trágica deve basear-se na oposição entre a vontade demasiadamente potente dos deuses e a resistência vã dos homens ameaçados pela desgraça; o espectador, profundamente comovido, deve aprender na tragédia sujeição à vontade da divindade, visão da própria fraqueza. Consequentemente, os poetas modernos tentaram alcançar uma semelhante ação trágica, enquanto a mesma oposição se entrelaçava com uma fábula inventada por eles. Contudo, os espectadores presenciavam insensíveis como, apesar de toda resistência, os homens inocentes cumprem uma maldição ou uma predição do oráculo; as tragédias de destino posteriores permaneceram sem ação.[371]

[371] „ ‚*König Ödipus*‘ ist eine sogenannte Schicksalstragödie; ihre tragische Wirkung soll auf dem Gegensatz zwischen dem übermächtigen Willen der Götter und dem vergeblichen Sträuben der vom Unheil bedrohten Menschen beruhen; Ergebung in den Willen der Gottheil, Einsicht in die Trauerspiele lernen. Folgerichtig haben

Sabemos que a apresentação simbólica pode ser interpretada sem a ajuda daquele que fantasia, pois envolve o mínimo de traços particulares e o máximo de universalização do desejo. O reconhecimento simbólico dá-se, simultaneamente, de modo duplo, a saber: pela forma do objeto e pela ação que ele realiza. Quanto maior é a urgência de satisfação dos impulsos, menor precisam ser as qualidades formais para o seu reconhecimento. A peça de Sófocles, ao mesmo tempo em que expressa a oposição entre o destino fatal dos homens traçado pelos deuses e a vontade com que aqueles lutam para modificá-lo, põe em cena esse conflito mediante o cumprimento da seguinte ação: "O rei Édipo, que matou seu pai Laio e casou-se com sua mãe Jocasta, é apenas o cumprimento do desejo de *nossa infância*."[372] A tragédia antiga, uma vez que se refere ao desejo fundamental dos seres humanos, o qual nunca se completa ou se satisfaz inteiramente, deve se prender mais à ação realizada pelo herói do que aos seus aspectos formais. Ao acompanhar o drama do herói, o público, antigo ou moderno, é tocado em um ponto fundamental pela ação que o herói realiza. "Rei Édipo sabe comover os homens modernos não menos do que os gregos contemporâneos [dele]."[373] A comoção despertada pelo Édipo perde-se quando o poeta não prioriza tais pressupostos em sua obra, recriando de modo artificioso o destino inscrito no coração dos homens. Escreve Freud:

> Tem de haver uma voz em nosso interior que já conheça a inevitável força do destino em Édipo, enquanto que podemos rejeitar como arbitrários arranjos como o de "Ahnfrau" ou de outras tragédias de destino. E, de fato, um momento semelhante está contido na história de Édipo. Seu destino nos comove apenas porque poderia ter sido também o nosso, porque o oráculo impôs sobre nós, antes de nosso nascimento, a mesma maldição que sobre ele. Talvez estivesse destinado a todos nós dirigir a primeira moção sexual sobre a mãe, o primeiro ódio e desejo violento contra o pai; nossos sonhos nos convencem disso.[374]

---

moderne Dichter es versucht, eine ähnliche tragische Wirkung zu erzielen, indem sie den nämliche Gegensatz mit einer selbsterfundenen Fabel vewoben. Allein die Zuschauer haben ungerührt zugesehen, wie trotz alles Sträubens schuldloser Menschen ein Fluch oder Orakelspruch sich an ihnen vollzog; die späteren Schicksalstragödien sind ohne Wirkung geblieben." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 268-69.

[372] „König Ödipus, der seinen Vater Laïos erschlagen und seine mutter Jokaste geheiratet hat, ist nur die Wunscherfüllung unserer Kindheit". FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 269. (Grifo nosso)

[373] [...] König Ödipus den modernen Menschen nicht minder zu erschüttern weiβ als den zeitgenössischen Griechen." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 269.

[374] „Es muβ eine Stimme in unserem Innern geben, welche die zwingende Gewalt des Schicksals im Ödipus anzuerkennen bereit ist, während wir Verfügungen wie in der ‚Ahnfrau' oder in anderen Schicksalstragödien als willkürliche zurückzuweisen vermögen. Und ein solches Moment ist in der Tat in der Geschichte der Königs Ödipus enthaltem. Sein Schicksal ergreift uns nur darum, weil es auch das unsrige hätte werden können, weil das Orakel vor unserer Geburt denselben Fluch über uns verhängt hat wie über ihn. Uns allen vielleicht war es beschieden, die erste sexuelle Regung auf die Mutter, den ersten Haβ und gewalttätigen Wunsch gegen den Vater zu richten; unsere Träume überzeugen uns davon." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 269.

A peça de Sófocles toca em algo da natureza humana: o fato de que todos os homens nascem sob a mesma constelação dos astros que prevê um destino comum a todos. A fuga de nada adianta, pois o homem traz em si, prescrito em seu coração, o impulso para cumprir a sequência das vivências já determinadas. Tal como Édipo, os homens, ignorantes de seus desejos, cumprem o destino a eles reservados: nascem sob a estrela de um poder demoníaco, que "ofende a moral" (*die Moral beleidigen*)[375], cumprido sem que se possa evitar.

O momento da realização do que há de fundamental e universal no homem é a infância. Ali manifestam-se os desejos sexuais que "a natureza impôs em nós" (*die Natur uns aufgenötigt hat*), cuja revelação nos horroriza e apartamos de nossa vista (*Blick*). Assim como Édipo conta com o mínimo de caracteres particulares e artificiosos para que o público reconheça nele o seu próprio destino, também para Freud os primeiros anos da infância, por contar com um número pequeno de vivências particulares, é o momento em que se realiza o destino universal conferido ao homem. Uma vez que no início da vida o psiquismo não conta com um número suficiente de vivências particulares, a possibilidade de existência individual só pode acontecer com o acúmulo das experiências na memória. Há assim um jogo entre o particular e o universal: quanto menos vivência tem o indivíduo (e consequentemente menor idade), maior é a influência sobre ele do destino traçado universalmente. Édipo revela a passividade do homem diante de seu destino; contudo, ao assumir o papel voluntário diante da vida não pode prescindir da encenação, por parte de cada indivíduo, do destino já previamente traçado. Nos adultos normais, a proporção entre o cumprimento do destino universal e a particularização da vida tende a se inverter e o indivíduo pode então trilhar ativamente a sua história. Os neuróticos, uma vez que permanecem fixados ao passado, aceitam passivamente o seu destino e repetem incessantemente o caminho trilhado na infância mais prematura.

Segundo Freud, as produções que não comovem os espectadores, tal como *Die Ahnfrau*[376], falham por não serem capazes de fazer o público identificar-se com o Édipo. Tal como a patologia e o jogo infantil, elas não são capazes de tocar a natureza de seus espectadores, justamente porque inserem elementos particulares na trama. A diferença entre a boa criação poética e a patológica ou o jogo infantil está no fato de que para as últimas não é necessário haver público, enquanto que para a primeira é imprescindível a presença do espectador. A escolha de *Édipo rei* e não de uma criação qualquer permite a Freud expor de maneira universalizada suas ideias. É preciso assim levar em conta, impreterivelmente, a presença do público: o horror e a identificação com o herói despertados no espectador dão aos

[375] FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 270.
[376] Drama de Franz Grillparzer escrito em 1817.

impulsos que os homens guardam em segredo em seus corações uma dimensão universal. Em *Édipo rei*, o sentido privado (os eventos do passado de cada espectador) é tragado pelo sentido público da peça. O reconhecimento simbólico do Édipo transporta os espectadores a uma época anterior, arcaica e indiferenciada – em que não se é mais um indivíduo isolado, mas todos são, ao mesmo tempo, Édipo. O público é levado a uma esfera semelhante à regida pelos sonhos, em que o desejo de todos é figurado ao mesmo tempo como realizado.

O valor da peça de Sófocles não está no fato de retratar os impulsos mais fundamentais em estado puro, isto é, o umbigo do desejo. Sua universalidade e valor estão no fato da peça ter um público universal. Todos se comovem diante de sua apresentação, pois é nela que o público se reconhece. Ao olhar para Édipo, o espectador vê a si mesmo na figura do herói. A contemplação da tragédia dá a ocasião para se passar do particular para o que há de comum a todos os indivíduos e, ao contrário, do comum para o particular. A verdade da peça de Sófocles é, portanto, dupla: ao mesmo tempo em que é fiel ao indivíduo, revela algo compartilhado por todos.

Mas se Édipo esclarece o que se encontra no fundamento da vida anímica, em sua época arcaica e pré-histórica, como ilustrar o homem atual, submetido à censura e à desfiguração? Novamente o poeta esclarece um fato da vida anímica:

> Sobre o mesmo solo de *Édipo rei* arraiga-se outra das grandes criações poéticas trágicas, o "*Hamlet*" *de Shakespeare*. Mas no manejo variado do mesmo assunto, manifesta-se toda a diferença na vida anímica de ambos os períodos, situados tão distantes entre si, a progressão secular da repressão na vida anímica da humanidade.[377]

O Édipo de Sófocles revela não apenas o que está soterrado sob os escombros da moralidade, mas como, ao longo dos séculos, a moralidade age em nossas representações. A comparação entre Édipo e Hamlet nos mostra, no primeiro, um passado não modificado pelo tempo: ao se pôr como um símbolo (e consequentemente apontar para um sentido inconsciente independente da associação do indivíduo) o que a peça de Sófocles consegue transpor são os laços históricos individuais. Ela põe-se, portanto, como pré-histórica (*Vorgeschichte*) e pré-subjetiva. Como vimos, a memória é progressivamente determinada na medida em que as experiências singulares do indivíduo marcam os seus sistemas psíquicos. As vivências para as quais a peça de Sófocles aponta têm um mínimo de determinação. Ela revela não a história de cada indivíduo, mas a pré-história do gênero humano que, por sua vez,

---

[377] „Auf demselben Boden wie ‚König Ödipus' wurzelt eine andere der groβen tragischen Dichterschöpfungen, der ‚*Hamlet*' *Shakespeares*. Aber in der veränderten Behandlung des nämlichen Stoffes offenbart sich der ganze Unterschied im Seelenleben der beiden weit auseinander liegenden Kulturperioden, das säkulare Fortschreiten der Verdrängung im Gemütsleben der Menschheit." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 271.

repete-se a cada momento da história singular, mesmo que disfarçada pela censura (tal como acontece em *Hamlet*). A Antiguidade não esconde o desejo diante da visão de seu público; ela representa-o sob a ação mínima da censura. Esta encontra-se rebaixada e age tal como no sonho. Segundo Freud, a saga de Édipo brotou de "um material onírico antiquíssimo" (*einem uralten Traumstoff*), expresso na peça por Jocasta: "*Pois muitos homens já se viram em sonhos coabitando com sua mãe*: mas aquele para quem tudo isto não é nada, suporta sem pesares a carga da vida."[378] Ao contrário, Hamlet representa o homem submetido à censura e culpado pelos seus desejos. Na peça de Shakespeare a censura onírica impede o personagem de cumprir o seu destino, justamente porque este já se apresenta diante de sua vista como realizado. O poeta inglês não suprime assim a ação que estava contida na peça da Antiguidade; ele apenas a expõe de maneira diversa, mediante o disfarce da censura.

Mas por que *Hamlet* comove o seu público, ao passo que os espectadores de *Die Ahnfrau* ficam-lhe indiferentes? Segundo Freud, assim como a peça de Sófocles é o *arrimo* (*Unterstützung*) que sustenta sua teoria dos desejos infantis, ela também serve como fundamento para a peça do poeta inglês. As características que permitem à peça de Sófocles tocar os corações humanos e elevar-se à condição de universal estão presentes também no *Hamlet*, embora de modo menos intenso. As criações poéticas modernas devem se espelhar no que a obra da Antiguidade tem de fundamental. As tragédias modernas só são capazes de tocar os corações humanos se apresentam o jogo de força entre os mesmos elementos apresentados por Sófocles. A recriação de Édipo agora sob um novo nome – Hamlet – não tenta imitar a trama segundo um ponto de vista particular e artificioso, mas recriá-la, mesmo que submetida a uma censura progressiva, permanecendo-se fiel ao que da natureza humana é exposta pela tragédia antiga. Shakespeare comove porque, apesar de vestir o Édipo com uma nova roupagem, mantém-no como fundamento de sua construção. E, ao conseguir expor a essência daquela, também Hamlet pode elevar-se a condição de universal.

A obra do poeta grego oferece a Freud a possibilidade de unificar os elementos dispares e fragmentados trazidos à luz pela análise. O poeta cria uma cena dotada de uma realidade capaz de comover a todos os homens. Assim como Freud deve formar uma "visão" capaz de compreender o funcionamento psíquico e a gênese da patologia, também o poeta deve ser capaz de expor, de maneira unificada e coerente, a natureza humana que se furta diante da vista dos indivíduos comuns. No olhar do poeta da Antiguidade, as coisas dispersas unificam-se numa mesma trama, num todo harmônico. Do mesmo modo, no olhar de Freud, a

[378] „*Denn viele Menschen sahen auch in Träumen schon/ Sich zugesellt der Mutter:* Doch wer alles dies/ Für nichtig achtet, trägt die Last des Lebens leicht." FREUD, S. **Die Traumdeutung** (1900 [1899]), p. 270.

fala fragmentada do enfermo deve unificar-se para formar uma imagem coerente e comunicável do psiquismo.

Ora, pergunta-se Freud em *Delírio e sonhos na "Gradiva", de Jensen*[379], não seriam todos os homens produtos de um escritor? Se o Édipo dita o destino humano, não seria o poeta também autor do destino de cada indivíduo? Não podemos desconsiderar que ao se colocar na infância o momento do cumprimento do destino edipiano, há uma identificação fundamental entre os homens em geral e a personagem criada pelo poeta. Os enfermos recriam suas vidas como se fossem personagens da peça antiga e, consequentemente, apontam o sentido para toda a humanidade. Cada caso particular, e incluímos aí os relatos autoanalíticos de Freud, deve ser exposto de tal modo que se eleve, tal como o Hamlet, à condição de modelo, pois expõe, mesmo que de modo particular, a figura edípica universal sobre a qual se enraíza a existência de cada homem. Mas cabe aqui perguntar: e quanto à apropriação que Freud faz da tragédia de Sófocles? Ao fundamentar a nova ciência sobre uma criação literária não estaria ele também fundamentando sua própria escritura sobre a arte poética?

A universalidade e a reconstrução do particular: Freud e a escritura de caso clínico

Como sabemos, não é qualquer expressão humana que pode revelar o umbigo das construções fantasmáticas. O método interpretativo, mesmo que decomponha e recomponha a fala do enfermo, não pode alcançar o solo mais profundo do psiquismo. A peça de Sófocles, ao expor o desejo inconsciente, não apresenta o objeto puro do desejo, mas uma interpretação deste. Para Freud, mesmo se subtraíssemos a censura que barra o acesso ao inconsciente, este não se tornaria mais transparente para a consciência. Uma vez que a psicanálise procede de maneira análoga à produção onírica, artística e patológica, a interpretação que vigorou no palco analítico e que permitiu a Freud apropriar-se da imagem de Édipo como modelo de homem tem de servir como instrumento também para a construção dos textos do psicanalista. Novamente a novela de Jensen ilustra como a técnica, a teoria e a prática podem inserir-se na escritura psicanalítica.

Segundo a análise feita por Freud da *Gradiva* de Jensen, Hanold, imerso em um mundo próprio, não é um poeta, mas um neurótico e seu delírio existirá enquanto durar o seu isolamento; o sol que brilha a pino sobre ele não é a luz do esclarecimento crítico e sim a chave que possibilita a entrada dos fantasmas no universo humano. A luz que ele irradia

---

[379] Cf. FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 39.

ofusca o discernimento de Hanold e ele está impossibilitado de pôr em dúvida as visões que ele cria para si mesmo. Seu raciocínio está obscurecido e o protagonista exclui-se do ambiente humano. Mas, a leitura freudiana do romance de Jensen sugere-nos que o isolamento de Hanold é relativo apenas à trama do romance, pois como personagem construído pelas mãos de um poeta, o reino em que habita deve ser compartilhado com o leitor de *Gradiva*. Quando em meio aos objetos inertes da Antiguidade e sob o sol do meio-dia surge diante de Hanold o espectro da jovem pompeiana, não apenas o protagonista está impossibilitado de julgar se o que ele vê é uma pessoa efetiva ou uma ilusão, mas também o leitor, para o qual não é oferecido, de imediato, um ponto de referência que lhe permita decidir acerca da visão do protagonista. Se Hanold cria um mundo só para si, nas mãos de seu autor, seu delírio torna-se compartilhado e não desorienta apenas o personagem, mas também aquele que acompanha sua história. O leitor e o protagonista jogam assim o jogo criado intencionalmente pelo poeta:

> A tensão em que o poeta nos manteve até aqui eleva-se por um instante até a penosa perplexidade. Não apenas que nosso herói manifestamente conseguiu perder o equilíbrio, também nós não nos orientamos diante da aparição de Gradiva, que até aqui era uma imagem de pedra e, então, da fantasia. É uma alucinação de nosso herói fascinado pelo delírio, um espectro "efetivo", ou uma pessoa de carne e osso? Não que precisássemos crer em espectros para colocar essa sucessão. O poeta, que nomeou sua narrativa um "pedaço de fantasia", não encontrou mais nenhuma ocasião para esclarecer se ele nos deixa em nosso mundo, como sobriamente desacreditado, dominado pelas leis da ciência, ou se quer conduzir-nos em um outro mundo fantástico, no qual a realidade fosse animada por espíritos e espectros. Como prova o exemplo de *Hamlet*, de *Macbeth*, estamos dispostos, sem hesitar, a segui-lo em um semelhante [mundo].[380]

A obra de Jensen permite, ainda que momentaneamente, que o leitor seja contaminado pelo delírio de Hanold. Para Freud, ao considerar o quão improvável seria encontrar uma pessoa de carne e osso cuja fisionomia e o andar se identificassem com os do antigo baixo-relevo, o leitor só poderá concluir que a aparição de Gradiva é um delírio ou um espectro do meio-dia. Mas o poeta não pretende confirmar as expectativas de seu público: ela é uma moça de carne e osso. E a suposição da inexistência de Gradiva dura até que o autor nos oferece finalmente um fato sobre o qual pode edificar seu julgamento: eis que um lagarto, que tomava

---

[380] „Die Spannung, in welcher der Dichter uns bisher erhalten hat, steigert sich hier an dieser Stelle für einen Augenblick zu peinlicher Verwirrung. Nicht nur, daβ unser Held offenbar aus dem Gleichgewicht geraten ist, auch wir finden uns angesichts der Erscheinung der Gradiva, die bisher ein Stein- und dann ein Phantasiebild war, nicht zurecht. Ist's eine Halluzination unseres vom Wahn betörten Helden, ein ‚wirkliches' Gespenst oder eine leibhaftige Person? Nicht daβ wir an Gespenster zu glauben brauchten um diese Reihe aufzustellen. Der Dichter, der seine Erzählung ein ‚Phantasiestück' benannte, hat ja noch keinen Anlaβ gefunden, uns aufzuklären, ob er uns in unserer, als nüchtern verschrieenen, von den Gesetzen der Wissenschaft beherrschten Welt belassen oder in eine andere phantastische Welt führen will, in der Geistern und Gespenstern Wirklichkeit zugesprochen wird. Wie das Beispiel des *Hamlet*, des *Macbeth*, beweist, sind wir ohne Zögern bereit, ihm in eine solche zu folgen." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 41-42.

seu banho de sol tranquilamente sobre a calçada de pedra, foge ao ver a imagem de Gradiva se aproximar. O delírio de Hanold seria compartilhado com os lagartos? Seriam estes dotados também da capacidade de ver espectros? O leitor só pode concluir que Gradiva existe de fato:

> Que perplexidade para nós, os leitores! Assim, o poeta zombou também de nós e nos atraiu para uma pequena ilusão, como pelo reflexo do ardor do sol de Pompeia, pelo qual temos que julgar de modo mais brando o pobre sobre o qual queima o sol efetivo do meio-dia. Mas agora, curados da breve confusão, sabemos que a Gradiva é uma moça alemã de carne e osso, exatamente o que se mostrava para nós como o mais inverossímil.[381]

A partir de então, o poeta inicia, pouco a pouco, a revelação da trama para o seu público e para a sua personagem. Se para o leitor o poeta já ofereceu a pista da existência efetiva de Gradiva, mesmo que o protagonista ainda não tenha se dado conta disso, resta àquele esperar "com tranquila superioridade" (*in ruhiger Überlegenheit*)[382] até que o poeta esclareça o vínculo entre a mulher e a imagem esculpida. No primeiro contato entre o protagonista e a imagem viva de Gradiva, o leitor consegue dar interpretações mais sóbrias (*nüchterner Deutungen*)[383] ao romance; o protagonista, por outro lado, não se convence tão facilmente de seu delírio e adéqua-o ao contato com a jovem senhora. No restante da história, o leitor segue a sequência dos esclarecimentos, ao mesmo tempo em que acompanha a recondução do personagem à realidade efetiva.

Ora, não estaria Freud, assim como Jensen, compartilhando com o seu leitor o mundo privado de seus pacientes e provocando nele uma identificação entre o leitor e o protagonista de seus casos? Não estaríamos assim autorizados a comparar o trabalho do escritor literário ao de Freud como escritor? Se Freud pretende tratar em seus casos clínicos do homem em geral, deve proceder tal como o poeta: seus casos devem também tratar do que se esconde no mais profundo do coração dos homens e do que os comove. Contudo, o que Freud encontra em sua clínica não é o homem em geral, mas indivíduos fixados ao passado. Seus casos particulares devem ser apreendidos a partir do discurso fragmentado pela censura e, no olhar do psicanalista, formar a imagem do homem em geral. O Édipo nos ensina que o material que se encontra sob os escombros da moralidade não é histórico; ele deve ser reconstruído por aquele que o desenterra, e a sua possibilidade de se apresentar se deve à capacidade interpretativa, ou ainda, à possibilidade de criar imagens (de fantasiar) a partir dos fragmentos que do

---

[381] „Welche Beschämung für uns, die Leser! So hat der Dichter auch unser gespottet und uns wie durch den Widerschein der Sonnenglut Pompejis in einen kleinen Wahn gelockt, damit wir den Armen, auf den die wirkliche Mittagssonne brennt, milder beurteilen müssen. Wir aber wissen jetzt, von kurzer Verwirrung geheilt, daβ die Gradiva ein leibhaftiges deutsches Mädchen ist, was wir gerade als das Unwahrscheinlichste von uns weisen wollte." FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 43.
[382] FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 43.
[383] FREUD, S. **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva"** (1907 [1906]), p. 44.

inconsciente temos notícia. O poder de criar é o de se deslocar entre as forças opostas que entram em jogo no psiquismo: entre a verdade e a invenção, entre o inconsciente e o consciente, entre o pré-histórico e o histórico, entre o imoral e a moralidade, entre o universal e o particular. A fantasia é também mobilidade, isto é, a possibilidade de sair do local inicial, de jogar com os contrários. É apenas quando trazido para o presente e associado a ele que o pré-histórico pode inserir-se na história. Freud, ao escrever seus textos, tem plena consciência disso. O vocabulário adotado por ele já denuncia a sua intenção. Como bem nota Michel de Certeau em seu artigo *A ficção da história*:

> Para falar do seu discurso, o próprio Freud diz: *Darstellung* (apresentação), *Konstruktion* ou *Rekonstruktion*, *Aufbau* (edifício), *Aufstellung* (tese). Para designar a lenda religiosa, ele emprega *Sage*, *Mythus* (mito), *Tradition*, *Dichtung* ou *fromme Dichtung* (poesia ou poesia piedosa), *Erfindung* (invenção), *Phantastisches* (fantasista), mas também *Darstellung* ou *Konstruktion*, quer dizer, as palavras que qualificam sua produção. Outros termos valem igualmente para seu "romance histórico" e para a tradição judaica: *Bericht* (relato), *Geschichte* (história), *Erzählung* (narrativa); eles dizem respeito à narratividade, tipo de discurso ambivalente que pode funcionar como "teoria" ou como "desmentido".[384]

O conhecimento objetivo e desinteressado da natureza e da história humanas não se realiza em psicanálise, justamente porque ele está fundamentado sobre a ordem do desejo. "A história imparcial não é nem possível, nem desejável", escreve King em seu artigo *Memória e fantasia*. Ele continua: "A memória da coletividade [...] é informada tanto por um desejo que a guia quanto pelo desejo de contar as coisas como elas realmente eram."[385] A impossibilidade de reconstruir a história em sua fidedignidade é exposta nas introduções dos casos clínicos de Freud. Tomemos aqui um dos casos como exemplo.

No prefácio do *Caso Dora*, Freud nos diz que é por causa da curta duração do tratamento (encerrado prematuramente com três meses) e do seu agrupamento em torno de dois sonhos (um na metade e outro no final dos seus encontros) que lhe foi possível reconstruir a trama da análise. Nas palavras do autor: "seus defeitos ligam-se precisamente àquelas condições em que reconhecemos a possibilidade de publicá-lo. Já disse que não saberia vencer o material de um histórico de tratamento que se estendesse por cerca de um ano."[386] O *Caso Dora* não foi redigido concomitantemente à análise da paciente. Freud

---

[384] CERTEAU, M. A ficção da história. In: ____. **A escritura da história**, p. 338, n. 3. Ao lado dos termos citados, poderíamos acrescentar um outro, muito utilizado nos textos freudianos para designar tanto a reconstrução da origem da história a partir dos vestígios do presente, quanto o melhor saber (*besten Wissen*) que caracteriza a psicanálise, nomeadamente: o conjecturar (*Vermuten*), em que se misturam os eventos que a história (*Geschichte*) nos ensina (*lehrnen*). Cf. FREUD, S. **Warum Krieg?** (1933b [1932]), p. 14 et segs.

[385] KING, Richard. Memory and Phantasy. In: **MLN**, vol. 98, nº 5, Comparative Literature. (Dec., 1983), p. 1201.

[386] „Ihre Mängel hängen aber gerade mit jenen Verhältnissen zusammen, denen die Möglichkeit, sie zu publizieren, zu verdanken ist. Ich sagte schon, daβ ich das Material einer Behandlungensgeschichte, die sich

realizava diariamente de seis a oito consultas, mas preferia não anotá-las na presença do enfermo para não despertar a sua desconfiança e perturbar o andamento do tratamento. Em Dora, é somente no fim da análise, quando obtém uma visão congruente do histórico da enfermidade, que lhe é possível reconstruir o relato por escrito. Não se trata, portanto, de uma cópia fiel do que ocorrera no consultório. A cientificidade de seu registro não reside na reconstituição detalhada de *tudo* o que ocorreu ou foi dito em análise. Ao contrário do que comumente se pressupõe, a fidelidade fonográfica ao relato real deturpa a natureza do trabalho analítico; perde assim a sua importância frente à confiabilidade na própria estrutura interna de sua reconstrução:

> Escrevi o próprio histórico da enfermidade de memória apenas após a conclusão do tratamento, enquanto ainda era fresco em minha recordação e elevado pelo interesse da publicação. Por isso, o escrito não é absolutamente – fonograficamente – fiel, mas pode reivindicar um grande grau de confiança. Nada que fosse essencial nele alterou-se, se bem que em muitos lugares modifiquei a sequencia dos esclarecimentos, o que eu fiz por amor à coerência[387].

A ausência de fidelidade fonográfica, como diz Freud no trecho acima, em nada põe em risco a confiabilidade de sua escritura. Vale notar que os mesmos mecanismos que foram utilizados ao longo do tratamento de Dora (a saber: a separação e a intelecção da fantasia em diversas partes e a sua refundição em um todo coerente capaz de trazer à consciência o desejo inconsciente) aplicam-se também à própria confecção do texto. Freud toma a fala da paciente como uma matéria-prima bruta a ser ao mesmo tempo dilacerada e transformada para a construção de seu texto: os diferentes e múltiplos elementos apresentados durante a análise são agora vistos a partir de um ponto comum. O trabalho clínico, bem como seu modo de redigir um caso, pressupõem o trabalho de análise e síntese do discurso, de *desconstrução* e *reconstrução*. Quanto à relação analista-paciente, requer uma atenção que rebaixe a crítica repressora e se mova da maneira mais neutra possível a fim de fazer o material inconsciente aflorar, pedaço por pedaço, nas fantasias narradas por sua paciente. E uma vez redigido o caso, a compreensão da relação autor-leitor tem de levar em conta que quando Freud se põe a escrever um caso e reconstruir os relatos clínicos em um texto, ele muda a ordem dos

---

etwa über ein Jahr erstreckt, nicht zu bewältigen wüβte.“ FREUD, S. **Bruckstück einer Hysterie-Analyse** (1905c [1901])**,** p. 168.

[387] „Die Krankengeschichte selbst habe ich erst nach Abschluβ der Kur aus meinem Gedächtnisse niedergeschrieben, so lange meine Erinnerung noch frisch und durch das Interesse an der Publikation gehoben war. Die Niederschrift ist demnach nicht absolut – phonographisch – getreu, aber sie darf auf einen hohen Grad von Verläβlichkeit Anspruch machen. Es ist nichts anderes, was wesentlich wäre, in ihr verändert, als etwa an manchen Stellen die Reihenfolge der Aufklärungen, was ich dem Zusammenhange zuliebe tat.“ FREUD, S. **Bruckstück einer Hysterie-Analyse** (1905c [1901])**,** pp. 166-167.

esclarecimentos, sem contudo perder a mesma sequência dos movimentos da fala da paciente. Para a constituição do texto, não importa se alguns detalhes ocorridos na análise foram omitidos ou outros acrescentados, o importante é que a mesma regra que ditou o alinhamento da terapia vigore também em sua redação. Numa série de linhas circulares, Freud retoma o discurso da enferma a partir de múltiplos pontos e os conecta (sintetiza-os) a um núcleo comum que leva seu leitor do presente às origens da história, por mais que imaginada, do sujeito.

Mas, trabalhar com relatos fragmentados e reconstruí-los em um todo coerente impõe a Freud um outro problema, a saber: como ele pode estar seguro de que suas construções são confiáveis e mantêm intactas o essencial da análise? A esse respeito, diz-nos Freud:

> Em vista da incompletude de meus resultados analíticos, não me resta senão seguir o exemplo daqueles pesquisadores que têm a felicidade de trazer à luz, após longas escavações, os inestimáveis, ainda que mutilados, restos da antiguidade. Completei o incompleto com os melhores modelos que me eram conhecidos de outras análises, mas, tal como um arqueólogo consciencioso, não deixei de declarar em nenhum caso onde minha construção se aplica ao autêntico[388].

Por decisão da própria paciente, a análise de Dora encerrou-se pouco tempo depois de começada e o caso ficou incompleto. Mas essa incompletude não se estende para a escrita de Freud. Quando resolveu redigir e publicar o caso, Freud completa os fragmentos fornecidos em análise sem esgotá-los. Para isso, tem de trabalhar com modelos tirados da experiência com outros pacientes. A via empírica fornece uma multiplicidade de fenômenos que, mediante o trabalho de análise e síntese do diverso, dão ao pai da psicanálise o solo sobre o qual ele firma os seus construtos teóricos. Num trabalho semelhante ao de um arqueólogo, Freud toma os pequenos fragmentos fornecidos pelos seus pacientes e tira dali a chave que abrirá as portas para a compreensão de qualquer caso particular.

É no olhar de Freud que os múltiplos dados da observação podem ser reconstruídos na forma de um todo coerente e oferecer um modelo (*Muster*) para compreender toda uma variedade de outros casos. Mas, para isso, o médico tem de aproximar-se da condição de enfermo e compreender, nele próprio, a lógica da desrazão. Na patologia encontramos, de modo ressaltado, a verdade da normalidade. Casos particulares como “Dora”, “Schreber”,

---

[388] „Angesichts der Unvollständigkeit meiner analytischen Ergebnisse blieb mir nichts übrig, als dem Beispiel jener Forscher zu folgen, welche so glücklich sind, die unschätzbaren wenn auch verstümmelten Reste des Altertums aus langer Begrabenheit an den Tag zu bringen. Ich habe daz Unvollständige nach den besten mir von anderen Analysen her bekannten Mustern ergänzt, aber ebensowenig wie ein gewissenhafter Archäologe in jedem Falle anzugeben versäumt, wo meine Kronstruktion an das Authentische ansetzt.“ FREUD, S. **Bruckstück einer Hysterie-Analyse** (1905c [1901])**,** pp. 169-170.

“Hans”, “Homem dos Lobos” e “Homem dos Ratos” revelam muito acerca do homem em geral e podem elevar-se à condição de protótipo. Para além de qualquer função secundária que possamos atribuir a eles, sua redação nos mostra como os mais diferentes fenômenos clínicos podem ser reduzidos a certos elementos primordiais. Ou melhor, como, do múltiplo chegamos a uma unidade teórica, confiável e útil para se entender o funcionamento do psíquico em geral.

Encontramos aqui uma pista para entender o caráter científico dos textos de Freud: ele não está no fato de prescrever métodos eficazes para a cura de uma certa enfermidade, tampouco em apresentar de modo fidedigno e detalhado o trabalho da atividade clínica, mas em oferecer ao leitor um *modelo geral e prototípico* para a compreensão do homem em geral. Assim como loucura e normalidade não podem mais ser distinguidas de modo rígido, assim também teorizar, especular e fantasiar são postos lado a lado, sem que entre eles seja possível traçar uma delimitação clara.

Como é dito em *Totem e tabu*, se se chega a uma hipótese que pode parecer uma inverossimilhança para muitos, “esse caráter não produz nenhuma objeção contra a possibilidade de que ela poderia ser tornada mais ou menos próxima da efetividade, difícil de reconstruir.”[389] Para explicar a condição humana e a origem da patologia, Freud constrói sua concepção de homem mediante o jogo entre forças contrárias que subjaz na interioridade do próprio homem. Contudo, devido à restrição que a consciência tem de apreender esse construto em suas diversas dimensões a um só tempo, o homem freudiano é apresentado em partes: como homem das origens e do presente, como homem pulsional e moral, enfermo e saudável, da vigília e do sonho, fisiológico e psíquico. O homem freudiano não se esgota na verdade material, ele é uma ideia que contém em germe todas as possibilidades individuais, possibilidades que estão fora do tempo e da consciência discursiva. A consciência, que trabalha apenas com o que pode ganhar palavra, jamais apreende esse homem em toda a sua dimensão de uma só vez. Ele é o modelo sobre o qual Freud constrói a sua metapsicologia bem como os seus casos clínicos. No cerne da doutrina freudiana encontramos o enigma fundamental, a pergunta que a esfinge dirigiu a Édipo: o que é o homem? E a resposta a esta pergunta só pode ser posta pelo próprio sujeito capaz de respondê-la. Mas, mais uma vez, é preciso saber que esse homem jamais será diretamente exposto em seus textos ou apreendido pela conceituação. A consciência é reduzida demais para compreender este ser em sua

[389] „[...] ergibt dieser Charakter nicht einmal einen Einwand gegen die Möglichkeit, daβ sie mehr oder weniger nahe an die schwierig zu rekonstruierende Wirklichkeit herangerückt sein könnte.“ FREUD, S. **Totem und Tabu** (1912-13), p. 4.

totalidade. Ele será apresentado por pequenas pistas que apontam o caminho em sua direção e podemos afirmar que em cada texto Freud privilegia um aspecto desse homem que lhe é tão caro. Desse ponto de vista, esses textos exigem do seu leitor um esforço similar ao daquele que os confeccionou: temos de recorrer à ideia de unidade por eles sugerida para compreender a multiplicidade de elementos ali expostos.

Há na escritura de Freud também um jogo que ilumina ora um aspecto, ora o seu contrário. O homem universal freudiano é uma ideia alcançada apenas mediante exemplos: os escritos clínicos são um dos modos de se chegar até ela, ou ainda, uma das possibilidades de interpretá-la. Ali encontramos o modelo em toda a sua realidade que aponta em direção à existência material de cada indivíduo ao mesmo tempo em que a fundamenta. E a arte (*Kunst*) que Freud nos ensina em seus textos é aquela de adequar esse modelo ao caso particular. Para isso, não existe uma regra fixa que ofereça as diretrizes do tratamento. O modelo serve assim para indicar ao leitor a possibilidade de recriar, para cada caso, não apenas toda a prática, mas também toda a teoria. Enquanto saber, a psicanálise pode sempre ser reinventada. Caberá ao leitor sair voluntariamente de sua posição passiva e aprender a jogar (tal como o *arqueólogo consciencioso*), ou ainda, a interpretar.

Vale aqui ressaltar o fato de que se Freud traça analogias entre a atividade do psicanalista, do poeta e do enfermo, não nos permite ligá-las por completo. Como escreve Freud em *Autoapresentação*, a insatisfação com a efetividade impelem o poeta e o neurótico a criarem segundo as regras do mundo da fantasia. Contudo, ao contrario deste, aquele consegue encontrar o caminho de volta e tem êxito em construir sólidas relações entre o mundo fantástico e o efetivo. Nesse texto lemos:

> Suas criações, as obras de arte, eram satisfações fantasistas de desejos inconscientes, exatamente como os sonhos, com os quais tinham também em comum o caráter do compromisso, pois também elas tinham de evitar o conflito aberto com os poderes da repressão. Mas a diferença das produções oníricas, associais e narcisistas contavam com a participação de outros homens em que podiam vivificar e satisfazer as mesmas moções inconscientes de desejo. Além disso, serviam-se do prazer de percepção da beleza da forma como "prêmio de sedução". O que a psicanálise podia fazer era construir para nós, a partir das correlações das impressões da vida, dos destinos contingentes, a constituição da obra do artista e as moções pulsionais nela eficazes, portanto o humano universal nele [no artista]. [...] Ao leigo, que todavia espera aqui talvez demais da análise, tem de ser confessado que ela não lança luz nenhuma sobre dois problemas que provavelmente mais lhe interessam. A análise nada pode dizer para o

> esclarecimento do dote artístico e nem tampouco para a descoberta dos meios com que este trabalha: a técnica artística.[390]

Assim como a análise dos sonhos e das patologias encontra um ponto para além do qual não pode prosseguir, a saber: aquele de dissolução do próprio sujeito que interpreta, também a própria psicanálise encontra o limite de sua interpretação, para além do qual põe-se em xeque as próprias pretensões de seu saber. Se a psicanálise pode trabalhar lado a lado com outras áreas do saber, ela não pode dissolver-se ou confundir-se com elas, isto é, não deve perder de vista o seu objeto de investigação, o qual não pode ser dominado plenamente, a saber: a vida pulsional.

Ao pretender que a psicanálise alcance o estatuto de ciência, Freud não pode prescindir do alcance universal de sua doutrina. Contudo, uma vez que não é possível ter acesso direto ao fundo inconsciente e à natureza mais essencial das pulsões, o psicanalista procede, tal como nos indica Certeau, por meio de construções (*Konstruktionen*), apresentações (*Darstellungen*), composições (*Dichtungen*), ou ainda, poderíamos acrescentar, por conjecturas (*Vermutungen*), por especulações (*Spekulationen*), interpretações (*Deutungen*). Ao estender o fundamento de suas ideias para além do campo patológico, ao pretender alcançar a visão do que está por detrás dos fenômenos da vida, Freud procede de modo similar ao poeta: as personagens que põe em cena, seja o Amor e a Fome, seja Eros e Tânatos, travam uma disputa de proporções gigantescas no interior de cada indivíduo. "A doutrina da pulsão", escreve Freud nas *Novas Conferências de introdução à psicanálise*, "é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são seres míticos, grandiosas em sua indeterminação. Em nosso trabalho, não podemos em nenhum momento prescindir delas, apesar de nunca estarmos seguros de vê-las nitidamente."[391] As forças mais fundamentais que movem o vivente acabam por se revelar apenas mediante uma mitologia, isto é, em uma

---

[390] „Seine Schöpfungen, die Kunstwerke, waren Phantasiebefriedigungen unbewuβter Wünsche, ganz wie die Träume, mit denen sie auch den Charakter des Kompromisses gemein hatten, denn auch die muβten den offenen Konflikt mit den Mächten der Verdrängung vermeiden. Aber zum Unterschied von den asozialen, narziβtischen Traumproduktionen waren sie auf die Anteilnahme anderer Menschen berechnet, konnten bei diesen die nämlichen unbewuβten Wunschregungen beleben und befriedigen. Überdies bedienten sie sich der Wahrnehmungslust der Formschönheit als ‚Verlockungsprämie'. Was die Psychoanalyse leisten konnte, war, aus der Aufeinanderbeziehung der Lebenseindrücke, zufälligen Schicksale, uns der Werke des Künstlers seine Konstitution und die in ihr wirksamen Triebregungen, also das allgemein Menschliche an ihm, zu konstruiren. [...] Dem Laien, der aber hier vielleicht von der Analyse zu viel erwartet, muβ eingestanden werden, daβ sie auf zwei Probleme kein Licht wirft, die ihn wahrscheinlich am meisten interessieren. Die Analyse kann nichts zur Aufklärung der künstlerischen Begabung sagen und auch die Aufdeckung der Mittel, mit denen der Künstler arbeitet, der künstlerischen Technik, fällt ihr nicht zu." FREUD, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 90-91.

[391] „Die Trieblehre ist sozusagen unsere Mythologie. Die Triebe sind mytische Wesen, groβartig in ihrer Unbestimmtheit. Wir können in unserer Arbeit keine Augenblick von ihnen absehen und sind, dabei nie sicher, sie scharf zu sehen." FREUD, S. **Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse** (1933a [1932]), p. 101.

narrativa que não é capaz de determinar com precisão o caráter dos seres que põe em cena. O objeto de investigação da psicanálise não a impulsionaria, por sua própria natureza, ao campo da criação literária? Se Freud traça uma analogia entre a sua atividade e a dos poetas, certamente ele não as identifica; antes, ele situa a psicanálise no campo da ciência da natureza. Em uma correspondência trocada com Einstein por ocasião da Segunda Guerra, publicada com o título *Por que a guerra?*, Freud escreve: "mas toda ciência natural não termina em uma tal espécie de mitologia? Para você, caminha-se na física hoje de outro modo?"[392] O que seria a hipótese do assassinato do pai da horda, sua devoração pelos filhos e o início da vida moral senão também um *mito científico*? A busca conjecturada daquilo que está no fundamento do fenômeno, que se esconde de nossa vista, não é o procedimento exclusivo da psicanálise ou da física, mas também da biologia. Segundo a exposição de Freud em *Autoapresentação*, a conjectura darwiniana (*die Darwinsche Vermutung*)[393] formulada a partir da observação da vida dos primatas, de que o homem teria vivido inicialmente em uma horda, cujo chefe era o único macho, forte, violento e ciumento não desembocaria também em uma mitologia? Para Freud, toda ciência da natureza (*Naturwissenschaft*), ao tentar apreender o fundamento dos fenômenos a que se propõe estudar, termina por ter de completar aquilo que a razão não pode determinar, mas que necessita para pensar a existência do próprio fenômeno. Nas ciências da natureza procedem-se tal como na reconstrução do passado arqueológico: a aparição fenomênica da natureza, único modo que o cientista tem para apreender o mundo, impõe a este a tarefa de reconstruir artificialmente o que se esconde por detrás do fenômeno. Neste sentido, para Freud a natureza (*Natur*), quando dita pela ciência, pressupõe uma arte (*Kunst*). A linguagem inevitavelmente apresenta a natureza antropomorfizada, isto é, centrada em termos humanos. A contradição entre a natureza do objeto científico e a linguagem que expressa esse objeto impõe à ciência a necessidade de buscar recursos de expressão que não são naturais. Wallace, na *Introdução* à obra de Darwin, *A origem das espécies*, ao tratar dos problemas para descrever os seus objetos de investigação da ciência, escreve que se o cientista, como produtor de conhecimento, depende de maneira crucial da linguagem, esta lhe trai o tempo todo.

> A linguagem corporifica o conhecimento, e conhecimento é poder; mas a linguagem é notoriamente também um meio escorregadiço e traiçoeiro,

[392] „Aber läuft nicht jede Naturwissenschaft auf eine solche Art von Mythologie hinaus? Geht es Ihnen heute in der Physik anders?" FREUD, S. **Warum Krieg?** (1933b [1932]), p. 22.
[393] Freud, S. **„Selbstdarstellung"** (1925c [1924]), p. 93.

> sempre ameaçando significar mais, ou menos, ou simplesmente outra coisa que aquilo que estamos lutando para dizer. [394]

Se a linguagem é o modo comum de expressão humana, ela não trai apenas o cientista, mas também a todos. A fantasia, como vimos, possibilita apresentar para a consciência o inexprimível. Neste sentido, ela se coloca entre a possibilidade de expressão e a incognoscibilidade; está, deste modo, no fundamento e na condição da própria linguagem. A traição que esta nos submete nada mais é do que um desdobramento do desvio realizado pela fantasia para expressar o inexprimível.

[394] "Language embodies knowledge, and knowledge is power; but language is also a notoriously slippery and treacherous medium, always threatening to signify more, or less, or simply something other than that which we are struggling to say." WALLACE, J. Introduction. In: DARWIN, C. **The origin of species**, p. XV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da concepção de fantasia na doutrina freudiana não se justifica apenas pelo fato de ela tornar presente o passado mais remoto do indivíduo e da espécie, regido pelo princípio do prazer e pelo processo primário (isto é, como capacidade de apresentar o que já não está mais presente), mas antes por dar aos homens a *visão* do mundo presente, por fazer com que sejamos capazes de atribuir sentido a esse mundo e, assim, sermos também capazes de compartilhá-lo com outros indivíduos. A fantasia não está apenas na base do universo fantástico, mas também na do universo que julgamos real e material. Por mais evidente que nos possa parecer, o mundo não revela sua natureza íntima: algo dele escapa à nossa vista, deixando espaço para que a fantasia complete essa lacuna. Nesse sentido, ela é tão importante para a visão quanto esta para aquela: ver e fantasiar se complementam.

A fantasia possibilita a visão do mundo de maneiras múltiplas e infinitas: na patologia aparece como sonho diurno; no sono, como sonho; na criança, como brincadeira; no gênio, como criação artística; no cientista, como interpretação. Enquanto o artista e o cientista são capazes de minimizar a expressão da individualidade e revelar o mundo mediante expressão objetiva e comunicável, o enfermo, o sonhante e a criança não visam comunicar nada de objetivo mediante suas criações. Ou ainda, poderíamos dizer que o artista e o cientista elevam a particularidade à condição de universal. Em psicanálise, a expressão objetivada do destino humano é apresentada pela figura de Édipo, símbolo de seu homem universal. A personagem de Sófocles, ela mesma uma criação poética, quando considerada pelo psicanalista torna-se sinônimo da humanidade e expressão de seu caráter mais primitivo. Só é possível chegar a uma ideia de um homem universal pela fantasia que a intuí, que confere figurabilidade para aquilo que a consciência não consegue apreender em sua totalidade (já que é reduzida demais para compreender a complexidade de tal ideia). O Édipo é assim uma imagem ideal, símbolo que aponta no *sentido* de cada existência individual e que nos permite vislumbrar o universal diante dos *sentidos* e conferir-lhe significado ou *sentido*, e não um mero conceito abstrato formulado pela consciência. Por outro lado, devemos reforçar o fato de que é unicamente pela fantasia que o destino de Édipo pode ganhar expressão em cada um dos seres humanos, naquilo que têm de mais particular: uma interpretação que dá forma à própria biografia do indivíduo. O jogo de forças entre os elementos psíquicos contrários permite aos indivíduos encenar essa personagem de múltiplas maneiras. “Dora”, “Hans”, “Schreber”, o “Homem dos

Ratos” e o “Homem dos Lobos” exemplificam de diferentes maneiras como a ideia de um homem universal pode ser preenchida pelo conteúdo da história de vida de um indivíduo. A possibilidade de dar múltiplas expressões ao Édipo, de recriá-lo diferentemente em cada ser humano está inscrita, por sua vez, no cerne da própria capacidade que o vivente tem de ultrapassar os obstáculos à manifestação vida. A fantasia é a expressão do movimento inerente ao próprio jogo que é a vida, jogo que, para se perpetuar, tem sempre de ser interpretado. A morte não é senão o fim desse movimento, limite absoluto de toda possibilidade de fantasiar.

REFERÊNCIAS

1) Obras de Freud

As edições de referência utilizadas para o estudo das obras de Freud são as seguintes:

1. FREUD, S. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: Fischer, 1999. (G.W.)

2. FREUD, S. **Briefe an Wilhelm Fliess** (1887-1904), Frankfurt am Main: Fischer, 1999.

3. FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. (A.E.)

4. FREUD, S. **Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (E.S.B.)

5. FREUD, S. **Neuroses de transferência**: uma síntese. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

6. FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Volume 3. Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

7. FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

8. FREUD, S. **Obras completas**. Volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

9. FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

Dentre as obras consultadas, segue abaixo a lista dos textos originais citados no trabalho e da edição argentina utilizada para cotejamento:

(1890) **Psychische Behandlung (Seelenbehandlung)**. G.W., V; A.E., I.

(1893) **Étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques**. G.W., I; A.E., I.

(1895*a* [1894]) **Obsessions et phobies**. G.W., I ; A.E., III.

(1895*b*) **Studien über Hysterie.** G.W., I/ Nachtragsband; A.E., II.

(1896*a*) **L'heredité et l'etiologie des névroses**. G.W., I; A.E., III.

(1896*b*) **Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen.** G.W., I; A.E., III.

(1896*c*) **Zur Ätiologie der Hysterie**. G.W., I; A.E., III.

(1898) **Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit**. G.W., I; A.E., III.

(1899) **Über Deckerinnerungen**. G.W., I; A.E., III.

(1900 [1899]) **Die Traumdeutung**. G.W., II/III; A.E., IV/V.

(1901) **Zur Psychopathologie des Alltagslebens**. G.W., IV; A.E., VI.

(1905*a*) **Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten**. G.W., V; A.E., VIII.

(1905*b*) **Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie**. G.W., V; A.E., VII.

(1905*c* [1901]) **Bruchstück einer Hysterieanalyse**. G.W., V; A.E., VII.

(1907 [1906]) **Der Wahn und die Träume in W. Jensens „Gradiva“**. G.W., VII; A.E., IX.

(1908*a*) **Hysterische Phantasien und ihre Beziehung zur Bisexualität**. G.W., VII; A.E., IX.

(1908*b*) **Charakter und Analerotik**. G.W., VII; A.E., IX.

(1908*c*) **Über infantile Sexualtheorien**. G.W., VII; A.E., IX.

(1908*d* [1907]) **Der Dichter und das Phantasieren**. G.W., VII; A.E., IX.

(1909*a*) **Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben**. G.W., VII; A.E., X.

(1909*b* [1908]) **Der Familienroman der Neurotiker**. G.W., VII; A.E., X.

(1909*c*) **Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose**. G.W., VII; A.E., X.

(1910*a*) **Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci**. G.W., VIII; A.E., XI.

(1910*b*) **Über den Gegensinn der Urworte**. G.W., VIII; A.E., XI.

(1911*a*) **Formulierung über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens.** G.W., VIII; A.E., XII.

(1911*b* [1910]) **Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides)**. G.W., VIII; A.E., XII.

(1912) **Zur Dynamik der Übertragung**. G.W., VIII; A.E., XII.

(1912-13) **Totem und Tabu**. G.W., IX; A.E., XIII.

(1913*a*) **Märchenstoffe in Träumen**. G.W., X; A.E., XII.

(1913*b*) **Die Disposition zur Zwangsneurose**. G.W., VIII; A.E., XII.

(1913*c*) **Das Interesse an der Psychoanalyse**. G.W., VIII; A.E., XIII.

(1914*a*) **Zur Einführung des Narziβmus**. G.W., X; A.E., XIV.

(1914*b*) **Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung**. G.W., X; A.E., XIV.

(1914*c*) **Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten**. G.W., X; A.E., XII.

(1915*a*) **Zeitgemässes über Krieg und Tod**. G.W., X; A.E., XIV.

(1915*b*) **Triebe und Triebschicksale**. G.W., X; A.E., XIV.

(1915*c*) **Die Verdrängung**. G.W., X; A.E., XIV.

(1915*d*) **Das Unbewuβte**. G.W., X; A.E., XIV.

(1916 [1915]) **Die Vergänglichkeit**. G.W., X; A.E., XIV.

(1916-17[1915-17]) **Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse**. G.W., XI; A.E. XV e XVI.

(1917*a*) **Eine Kindheitserinnerung aus „Dichtung und Wahrheit“**. G.W., XII; A.E., XVII.

(1917*b* [1915]) **Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre**. G.W., X; A.E., XIV.

(1918 [1914]) **Aus der Geschichte einer infantilen Neurose**. G.W., XII; A.E., XVII.

(1920) **Jenseits des Lustprinzips**. G.W., XIII; A.E., XVIII.

(1923) **Das Ich und das Es**. G.W., XIII; A.E., XIX.

(1924*a*) **Der Untergang des Ödipuskomplexes**. G.W., XIII; A.E., XIX.

(1924*b*) **Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose**. G.W., XIII; A.E., XIX.

(1925*a*) **Die Verneinung**. G.W., XIV; A.E., XIX.

(1925*b* [1924]) **Notiz über den „Wunderblock“**. G.W., XIV; A.E., XIX.

(1925*c* [1924]) „**Selbstdarstellung“**. G.W., XIV; A.E., XX.

(1927) **Die Zukunft einer Illusion**. G.W., XIV; A.E., XXI.

(1930 [1929]) **Das Unbehagen in der Kultur**. G.W., XIV; A.E., XXI.

(1933a [1932]) **Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse**. G.W., XV; A.E., XXII.

(1933b [1932]) **Warum Krieg?**. G.W., XVI; A.E., XXII.

(1937) **Konstruktionen in der Analyse**. G.W., XVI; A.E., XXIII.

(1940 [1922]) **Das Medusenhaupt**. G.W., XVII; A.E., XVIII.

(1950*a* [1895]) **Entwurf einer Psychologie**. G.W., Nachtragsband; A.E., I.

(1950b [1915]) **Übersicht der Übertragungsneurosen**. G.W., Nachtragsband; A.E. (não consta).

2) Bibliografia auxiliar

ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada**. São Paulo: Ática, 1993.

ALMEIDA, J.; BADER, W. (orgs.) **Pensamento alemão no século XX**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ANZIEU, D. **L'auto-analyse de Freud et la découverte de la psychanalyse**. Paris: PUF, 1998.

ASSOUN, P.-L. **Freud et Nietzsche**. Paris: PUF, 1980.

_____. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

AULAGNIER, P. **La violence de l'interprétation : du pictogramme à l'énoncé**. Paris : PUF, 1999.

AZIZA-SHUSTER, E. **Le médecin de soi-même**. Paris : PUF, 1972.

BINSWANGER, L. **Discours, parcours et Freud** : Analyse existencielle, psychiatrie clinique et psychanalyse. Paris : Gallimard, 1970.

_____. **Le rêve et l'existence**. Introdução e notas de Michel Foucault. S. l.: Desclée de Brouwer, 1954.

BIRMAN, J. Sujeito e estilo em psicanálise: sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano. In: MOURA, A. H. (org.) **As pulsões**. São Paulo: Editora Escuta/EDUC, 1995.

_____. **Freud e a interpretação psicanalítica**: a construção da psicanálise. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

BOMPARD, André. **Réalité psychique, réalité exterieur et science**. Bourg-la-Reine : Express-Tirages, élément 1/ fascicule 1, 1978.

BOURGEY, L. **Observation et expérience chez les médecins de la collection hippocratique**. Paris : Vrin, 1953.

CANGUILHEM, G. **Écrits sur la médecine**. Collection Champ Freudien, Paris : Seuil, 2002.

CARDOSO, I. A narrativa silenciada. In: CARDOSO, I. [Org.] **Utopia e mal-estar na cultura: perspectivas psicanalíticas**, São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

CASSIRER, E. **Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

CERTEAU, M. **A escritura da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, J.-P. Réalité intérieure/réalité extérieure. In : MIJOLLA, Alain de [org]. **Dictionnaire international de la psychanalyse**. vol. 2, Paris : Calmann-lévy, 2002.

CHOUVIER, Bernard. **Symbolisation et processus de création**. Dunod : Paris, 1998.

DARWIN, C. **The origin of species**. Great Britain: Wordsworth Editions Limited, 1998.

DECKER, H. S. O caso freudiano de Dora, a prova crucial do conceito psicanalítico de transferência. In: ROTH, M. S. **Freud : conflito e cultura**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2000.

DELEUZE, G. As estratégias ou o não-estratificado: o pensamento do lado de fora (poder), in: DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Pensamento nômade, in: **Nietzsche hoje?** (colóquio de Cerisy). São Paulo: Brasiliense, 1985.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**, São Paulo: Perspectiva, 1995.

DOREY, R. **El inconciente y la ciencia**. Buenos Aires : Amorrortu editores, 1993.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits I**. Paris: Gallimard, 2001.

FULLINWIDER, S. P. **Towards a rogue reality : Kant to Freud, and beyond**, New York: Peter Lang, 1998.

GÖDDE, Günter. **Traditionslinien des „Unbewuβten“**: Schopenhauer, Nietzsche, Freud. Tübingen: Diskord, 1999.

GOETHE, J. W. **Doutrina das cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

_____. **Escritos sobre arte**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

GOMBRICH, E. H. **Meditações sobre um cavalinho de pau e outros ensaios sobre a teoria da arte**. São Paulo: Edusp, 1999.

GREEN, A. **La folie privée**: psychanalyse des cas-limites. Paris : Gallimard, 1990.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **Deutsches Wörterbuch**. Disponível em: < http://germazope.uni-trier.de:8080/Projekte/WBB2009/DWB/wbgui_py?lemid= >.

GROSRICHARD, A. **Structure du sérail**: La fiction du despotisme asiatique dans l'occident classique. Champ freudien, Paris : Seuil, 1979.

GUARDIA, J. M. **Histoire de la médecine**. Paris : Octave Doin, 1884.

GUILLAUMIN, Jean. **Psyché**. Etudes psychanalytiques sur la réalité psychique. Paris : PUF, 1983.

HANNS, L. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HIPPOCRATE. **Sur le rire et la folie**. Paris : Editions Rivages, 1989.

ISAACS, S. Nature et fonction du phantasme. In: KLEIN, M [et al.] **Développements de la psychanalyse**. Paris: PUF, 1966.

KAISER-EL-SAFTI, Margret. **Der Nachdenker**: Die Entstehung der Metapsychologie Freuds in ihrer Abhangigkeit von Schopenhauer und Nietzsche. Bonn: Bouvier, 1987.

KANT, I. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Anthropologie du point de vue pragmatique**. Tradução e prefácio de M. Foucault, Paris : Vrin, 2008.

KING, R. Memory and Phantasy. In: **MLN**, vol. 98, nº 5, Comparative Literature, 1983.

LACAN, J. **O seminário**: livro 7 - a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J.-B. **Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme**. Paris : Hachette Littératures, 1985.

_____. **Vocabulaire de la psychanalyse**. Paris : PUF, 1967.

LE RIDER, J. (et al.), **Em torno de *O mal-estar na cultura***. São Paulo: Escuta, 2002.

LEBRUN, G. **Kant e o fim da metafísica**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A filosofia e sua história**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. **Passeios ao léu**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Sobre Kant**. São Paulo : Iluminuras, 2001.

LITTRÉ, É. **Dictionnaire de la langue française**. Disponível em : <http://francois.gannaz.free.fr/Littre/accueil.php>.

MANNONI, M. **La théorie comme fiction**: Freud, Groddeck, Winnicott, Lacan. Paris: Seuil, 1979.

_____. **Travail de la métaphore** : identification/inteprétation. Paris, Denoël, 1984.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MARX, K. **A ideologia alemã**. Lisboa: Editora Presença, 1980.

MEMMI, G. **Freud et la creation litteraire**. Paris : L'Harmattan, 1996.

MEZAN, R. Freud e a psicanálise: "um trabalho de civilização". In: ALMEIDA, J.; BADER, W. [Orgs.] **Pensamento alemão no século XX**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MICHAELIS, H. **Novo diccionario da lingua portuguezza e allemã**. V. 2, Leipzig: F. A. Brockhaus, 1934.

MONZANI, L. R. **Freud**: o movimento de um pensamento. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989.

NASIO, J.-D. **A fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

_____. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

NITZSCHKE, B. **Die reale Innenwelt** : Anmerkungen zur psychischen Realität bei Freud und Schopenhauer, München: Kindler Verlag, 1978.

PRADO Jr., B. Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud. In: PRADO Jr., B. **Filosofia da psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

PROKHORIS, S. **La cuisine de la sorcière**. Paris : Aubier, 1988.

RAIKOVIC, P. **O sono dogmático de Freud**: Kant, Schopenhauer, Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

RAVOUX, J.-P. **De Schopenhauer a Freud**. L'inconscient en question. Paris : Beuchesne, 2007.

_____. **Schopenhauer, repenser l'histoire et l'inconscient**. Nantes : Pleins Feux, 2006.

REY-DEBOVE, J. ; REY, A. (org.) **Le nouveau petit Robert** : Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Dictionnaires Le Roberts, 2003.

RICOEUR, P. **De l'interpretation**: essai sur Freud. Paris : Éditions du Seuil, 1965.

_____. **Écrits et conférences I**. Paris : Seuil, 2008.

ROUSSEAU, J.-J. Discurso sobre a desigualdade. In: **Os pensadores**, São Paulo: Abril Cultural, 1970.

SAFOUAN, M. De la structure en psychanalyse, contribution à une théorie du manque. In : **Qu'est-ce que le structuralisme?** Paris : Seuil, 1968.

SCHELLING, F. W. J. **Filosofia da arte**. São Paulo: Edusp, 2001.

SCHOPENHAUER, A. **Sobre a visão e as cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

_____. **O mundo como vontade e representação**. Porto: Rés-Editora, s.d.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos**. Tradução e prefácio de Marilene Carone, São Paulo: Paz e Terra, 2006.

SIMANKE, R. T. (org.) **Freud na filosofia brasileira**. São Paulo: Escuta, 2005.

SOUZA, P. C. (org.) **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

STAROBINSKI, J. **Acta psychosomatica**. Basle : Geigy, 1960.

_____. Démocrite parle : l'utopie mélancolique de Robert Burton. In: NORA, P. ; GAUCHET, M. (orgs.) **Le débat:** histoire, politique et société. Paris: Gallimard, nº 29, mars 1984.

TORRES FILHO, R. R. **Ensaios de filosofia ilustrada**. São Paulo, Iluminuras, 2004.

_____. **O espírito e a letra**. São Paulo: Ática, 1975.

WALLACE, E. R. **Freud and anthropology**. New York: International Universities Press, 1983.

ZENTNER, Marcel. **Die Flucht ins Vergessen**. Die Anfänge der Psychoanalyse Freuds bei Schopenhauer. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1995.